

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Regina Marques de Souza Oliveira

Identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles:
recortes entre São Paulo e Paris

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Regina Marques de Souza Oliveira

Identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles:
recortes entre São Paulo e Paris

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Tese apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção
do título de Doutor em Psicologia Social
pela Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, sob a orientação do Professor
Doutor Antonio da Costa Ciampa.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

“Ao amor e à amizade: únicas coisas importantes na vida”
“Aos que já se foram e aos que ainda virão: o meu presente”
“À Deus, por sua infinita bondade”.

HOMENAGEM

“Aos quatro elementos da vida”

À Oxalá (Ar)
Pai generoso,
Cuja luz me concebeu no mundo

À Iemanjá (Água)
Que no mar de seu ventre
Une filhos de todos os continentes

À Iansã (Fogo)
Que realiza, no plano humano,
Com a força dos ventos e das tempestades
As exigências do Orum¹

À Oxossi e Ogum (Terra)
Guerreiros irmãos que avançam
Na provisão e conquista por bem estar
E desenvolvimento para toda a humanidade

¹ O outro plano do universo, o mundo dos deuses, o correspondente na cultura greco-romana ao Olimpo.

AGRADECIMENTOS

À Antonio e à Maria (meus pais): por me conceberem. Estrelas que brilharão sempre.

Ao Vitor Augusto: rapazinho forte, inteligente e sensível que desponta.

Para as meninas Dandarinha e Camila: pérolas da vida.

À Reinaldo José de Oliveira: pela dedicação e companheirismo. Força de realização em meus dias; amor maduro em tranqüilidade, enfrentamento e esperança. E também pelo trabalho profissional de sociólogo, compartilhando idéias e aprendizados, bem como na confecção dos mapas através da pesquisa das fontes de dados.

À Claudia Marques e Adriana Marques, do Colégio Odila Azevedo (irmãs de sangue e de destino). Provas da árdua e difícil vitória sobre o jugo da hegemonia branca e masculina. Vitória construída sem pausa e sem descanso. Exemplos raros de tenacidade, força, valor humano e competência profissional da diáspora negra feminina; tecendo elos de amor à vida e proteção às crianças no ensinamento da igualdade e justiça. Meu reconhecimento e reforço de esperança no amor, na fé e enfrentamento da vida.

À amizade de Paulo e Vanderlei.

À Izabel Cristina, minha tia.

Ao Benedito (vovô): que também enfrenta, aos noventa e quatro anos, sua sina.

Ao Francelino (vovô): suave presença em amor à "Lourdinha".

Aos moradores do Icarai. Em especial aos jovens da Associação de Moradores da Vila Brasilândia, através de Pâmela, Denise, Cida, Rosa, Tamires e Ailton.

À Hildebrando Almeida Cerqueira: simplicidade, "bahianidade" e inteligência que garantiu meus acessos a um outro mundo. Solidariedade e amizade que eu até então desconhecia. Meu irmão na França que me protegeu afetiva e espiritualmente. Minha dedicação eterna. Encontros marcados do destino, sem o qual minha vida em grande qualidade perderia.

À filósofa hatiana, amiga irmã em Paris: Rosemie Leonard. Pela incansável presença e extrema generosidade. Elevada competência em transformar minha fala difícil em um francês elegante, pelo amor de não querer ver a face de uma irmã da diáspora maculada; pela ironia e deboche dos "elevados" ambientes acadêmicos. Ela me deu e emprestou o domínio pontual da linguagem e a versatilidade para cumprir com os protocolos dos novos contextos.

À memória da Professora Doutora Márcia Regina da Costa, competência refletida em leveza de caráter humano. Que sua luz ainda brilhe iluminando muitas passagens...

À Professora Doutora Miriam Debieux Rosa, aquela que primeiro, com atenção e desprendimento, forneceu indicações de parcerias intelectuais desde o mestrado. Meu respeito pela capacidade intelectual em organizar, com calma, as arestas da qualificação, bem como outros apoios efetivos anteriores ao processo formal do doutorado.

À Professora Doutora Maria Salete Joaquim, que tornou a qualificação um encontro frutífero e forneceu prudência em reavaliações objetivas.

À Professora Doutora Maria Cristina Vicentin pelo parecer favorável à bolsa no exterior.

À Marième Coudy (do Senegal), estudante de Direito do Homem na Sorbonne Panthéon, que cedeu a extensão prestimosa de seus contatos pessoais por ocasião do Colóquio Internacional que apresentou o tema da tese em Paris.

À François Dupaire, pela continência emocional de militante negro coordenador do IDN (Institute Diaspore Noire), que forneceu segurança no enfrentamento ao público estrangeiro, reafirmando minha abalada competência às vésperas do Colóquio.

À Koffi Enakousta, doutor em matemática (do Togo), que me apresentou Rosemie Leonard. E a Monsieur Rosthand Nago (do Gabão), que me apresentou Koffi; veredas de acesso à vitória da diáspora.

À Fanta Kaba -engenheira agrônoma francesa e representante do MIR (Movimento Internacional das Reparações), que por solicitação de Hildebrando Cerqueira operacionalizou a correção de meus textos de organização administrativa do Colóquio, outra irmã da diáspora.

À Sandra Callegares, responsável pela biblioteca da Embaixada do Brasil na França, também formada em psicologia e ex-aluna da PUC/SP. Pessoa que depositou confiança inquestionável no sucesso do evento por nós organizado e pelas tardes charmosas de domingo em sua casa em Saint Remy les Chevreuse.

À Inês Cavalcanti, poetisa brasileira atuante no foyer dos africanos do Mali. Pela espontaneidade e apoio no dia-dia.

Ao jovem poeta da Mauritânia: Ibrahim Diallo, por sua juventude, coragem e por me ajudar a "por a mão na terra".

À Bruno Bonté (meu "exchange") Claire e Phillipe Bonté (seus pais), que me proporcionaram convivência amistosa no interior de uma família francesa.

À artista plástica Iderlinda Maria de Jesus, pela exposição das telas que tornaram a Casa do Brasil na França, nos dias do Colóquio, ainda mais bonita.

À Marizari, senegalesa, que no clima frio dos pesquisadores brasileiros na Casa do Brasil na França, aqueceu minha solidão no formalismo dos "amigos" daquela casa. Me envolvendo com o calor de seu sorriso e sua fala. Me presenteando com um xale africano, que gestualmente aplacou meu frio. Me dando a noção de que a consistência da diáspora é mais forte que a ironia dos filhos da nação.

À brasileira do nordeste, Dina Tinoco e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Respeito e início de amizade.

À Pap N'diaye, historiador e Maître de Conference da EHESS, pela entrevista concedida.

À Valerie Thiembald, pela ajuda na reformulação escrita dos seminários de sociologia do conflito da EHESS.

À Chrystelle Delhôme, coordenadora do Ateliê de Gennevilliers. Pela tranquilidade de que tudo ia dar certo, quando me faltou um fio de esperança.

À Madame Elisabeth Lage, minha Professora orientadora na França. Coordenadora do Laboratório de Psicologia Social da EHESS, que tendo me estendido a mão no escuro, não me abandonou em um só momento. Me conduzindo até o final com a dignidade e solidariedade mitológica dos franceses. Neste caso, o mito é a mais pura transfiguração da verdade.

À Michel Wieviorka, por me receber no restrito e seletivo grupo de pesquisadores do CADIS e à Jocelyne Ohana, por colaborar.

À Professora Maura Pardini Bicudo Vêras, reitora da PUC/SP, por escrever a carta de apresentação do Colóquio Identité et Subjectivité: regards transnationaux sur la jeunesse em Paris.

À Renné Zicman, das Relações Internacionais da PUC/SP, pelo apoio no Brasil aos documentos enviados pela reitora com a tradução do francês exímio.

À Kris Algranell (do Círculo Franz Fanon) e Gisele Cultier, senhoras francesas da Martinica. Contemporâneas e amigas de infância de Aimé Césaire, pelo carisma, apoio maduro e ao mesmo tempo jovial. Pela apresentação de alguns locais de efervescência negra africana em Paris, assim como o rico ambiente da editora e livraria Presence Africaine. Pelos presentes de conhecimentos, livros, perfumes e divulgação de meus trabalhos em Paris.

À Paul Heutching, jornalista da rádio Frequence Paris Plurielle e apresentador do programa Tam Tam Magazine, pelo convite, por duas vezes, para entrevista ao vivo na rádio com a divulgação do colóquio em rede nacional.

À Daniela Issa, brasileira, italiana, americana, libanesa. Amiga firme, forte, branca. De "Oxum", nascida em São Paulo. "Caída do céu" em minha vida, como providência divina, para me salvar, mais uma vez pelas mãos de meus amigos, de minhas dificuldades objetivas. Força dos

orixás em nossas vidas. E também por traduzir nas cinco línguas dos países participantes do Colóquio o texto de abertura do evento.

À Edane Aciolle, presença suave e também forte, que amiga dos meus amigos, forneceu seus trabalhos de arte mídia e competente secretariado executivo do Colóquio.

Dádivas que não se pagam e me ensinam a estender ao outro, qualquer outro, o exercício de minha humanidade, como forma de pagar minhas dívidas não financeiras.

Ao Professor Catedrático em Economia pela Sorbonne Paris Panthéon em 2007, Joãnfilio Rodolpho Teixeira da Universidade de Brasília e sua esposa Selma. Pela indicações sobre procedimentos importantes em meus trabalhos na coordenação do Colóquio Internacional.

A Henrique Caetano Nardi, Professor Doutor da UFRGS, que em estágio pós-doutoral em Paris, aceitou participar e apoiar o evento.

À Professora Doutora Fulvia Rosemberg, que durante episódios do doutorado no Brasil forneceu elementos de sensibilidade pessoal.

À Iara e Leda, na Alemanha e Itália, pela transmissão da experiência com os filhos. Jovens adolescentes da diáspora brasileira nascidos no exterior.

À Manuela e Tiago, doutorandos historiadores da Unicamp e Universidade Federal Fluminense, pelo apoio no discernimento prático da vida na École (EHES).

À Ibrahim, do Colégio Franco Britânico, pela ajuda em minhas mudanças de casas na Cidade Internacional Universitária de Paris.

À Mione Sales Hugon, colega em Paris e Michel Galy, editor da revista "Culture et Conflits" por alguns encontros de conhecimento.

À Rosa Manchesski, jornalista e colega da PUC/SP. Entusiasta, alegre e decidida no acolhimento ao meu trabalho.

Ao Senhor Reitor Candido Garcia da Universidade Paranaense, por favorecer meu afastamento docente em condições adequadas para minhas atividades do doutorado.

A minha analista Maria Beatriz Simões Rouco, por toda ajuda desde sempre.

A Pascal Zarea, psicóloga da Cité Universitaire, que me acompanhou por um breve período em que me abati emocionalmente no exterior.

Aos anônimos funcionários da Biblioteca e restaurante da Cité U. Competências e sorrisos importantes que garantem nossa sobrevivência no dia-dia.

Finalmente o mais importante: o Professor Doutor Antonio da Costa Ciampa -o alicerce, sem o qual nenhuma dessas vivências e conquistas teriam sido possíveis.

À todos os que negaram apoios durante o doutorado. Também estes contribuíram para meus esforços em buscar melhores desenvolvimentos.

Na França encontrei o mais importante de minha vida e que começava a temer no Brasil pela não existência: o amor gratuito e a solidariedade.

Sempre voltaremos à Paris, a nossa casa imaginária. E um dia nos reuniremos no Orum; juntos e solidários com todos os povos.

Paris é de Oxum porque é banhada de ponta a ponta pelo Senna. E cuja catedral Notre Dame recebe por imagem Nossa Senhora da Glória -que no sincretismo católico é também Oxum.

Por ser de Oxum é também de Iemanjá -mãe de todo pensamento, da intelectualidade e da cultura.

Paris, e o Brasil, são de todos nós. E eu não poderia estar em lugar mais confortável em uma única casa.

Ao governo brasileiro agradeço pelos recursos despendidos através da bolsa CAPES no Brasil e também pela bolsa CAPES no exterior pelo Programa Colégio Doutoral Franco Brasileiro.

Resumo

Trata-se de estudo da psicologia social que aborda os processos de construção de identidade do jovem negro e mestiço nas periferias das metrópoles -São Paulo prioritariamente e Paris como recorte transnacional e não comparativo.

Partindo de quatro aportes conceituais: ciências sociais, psicologia social materialista histórica, psicanálise e geografia humana, procurou-se compreender identidade e processos subjetivos de jovens negros e não brancos no trânsito das metrópoles globalizadas.

Identidades individuais e coletivas que emergem na violência e desigualdade das cidades transnacionais do capitalismo. A metodologia utilizada parte de entrevistas abertas, grupos de conversas com jovens, observação etnográfica aliada à análise de elementos autobiográficos.

Conclui-se, no estudo, que a identidade do jovem negro na periferia da metrópole, possui o registro -memória -consciente e inconsciente de seu passado histórico; interpretando o presente na dialética de uma nova linguagem -gramática -que se projeta para o futuro -vir a ser.

Nesta não alienação ao contexto, todos eles -no Brasil e na França -iniciam, no chão revolucionário da metrópole, a recusa de uma ordem capitalista hegemônica; a partir da tensão, do conflito, da angústia ou no escape de sua elaboração: a violência.

Eles observam o contexto. Ensaiam golpes de revolução: eles gestam, com a força de seu tempo lento, a própria escrita de um futuro breve em franca mutação.

Palavras chaves: juventude negra, identidade, processos subjetivos, metrópole-cidade, periferia, fronteiras, diáspora, globalização, violência.

Abstract

It is a study on Social Psychology about the processes of construction of the identity of the black youngsters who live in the suburbs of the great cities, i.e., São Paulo and Paris under transnational non-comparative approach from four basis, which are Social Sciences, Material Historical Social Psychology, Human Geography. We try to understand the identity and the subjective processes of black and non-white youngsters through their transit in the globalized metropolis, their individual and collective identity rise from the violence and inequality in the transnational cities of the Capitalism. The used methodology part of opened interviews, groups of colloquies with young, allied field comment to the analysis of biographical elements. It is concluded, in this study, that the identity of the black youngster in the suburb of the metropolis has its register – the memory, which is both conscious and unconscious of his historical past. This identity has its Present interpreted by the Dialectics of a new language – the Grammatics – and is also projected towards the future – the come to be. Under such alienation to their context, all of them – in Brazil as well as in France – begin, on the revolutionary ground of the metropolis, the refusing to the hegemonic capitalistic order, that is, under the conflict, anguish or escaping from its elaboration, which is the violence. They observe the context. They try steps towards the revolution. They prepare to born, under the strength of their low own time, their own writing for a near future of real changes.

Key words: black youth, identity, subjective processes, metropolis-city, suburb, diáspora, globalisation, violence.

Résumé

Il s'agit d'étude de la psychologie sociale sur les processus de construction d'identité du jeune noir et le métis dans les périphéries de métropoles -São Paulo prioritairement et de Paris comme métropole transnationale et non comparateur. En partant de quatre références conceptuelles : sciences sociales, psychologie sociale matérialiste historique, psychanalyse et géographie humaine, se cherche à comprendre identité et processus subjectifs de jeunes noirs et non blancs dans le transit de métropoles globalisées. Identités individuelles et collectives qui émergent dans la violence et l'inégalité des villes transnationales du capitalisme. La méthodologie utilisée partie d'entrevues ouvertes, groupes de conversations avec des jeunes, observation per l'ethographe allié à l'analyse d'éléments biographiques.

Il se conclut, dans l'étude, que l'identité du jeune noir dans la périphérie de métropole, possède le registre -mémoire -conscient et inconscient de son passé historique ; en interprétant présent dans la dialectique d'une nouvelle langue -grammaticale -que se projette pour l'avenir. Dans celle-ci non aliénation au contexte, tous ils -au Brésil et dans la France initient, dans le sol révolutionnaire de la métropole, le refus d'un ordre capitaliste hégémonique; à partir de la tension, du conflit, de l'angoisse ou dans l'évasion de son élaboration : la violence. Ils observent le contexte. Ils analysent des coups de révolution : ils gestam, avec la force de son temps lent, l'écriture même d'un avenir bref dans franche mutation.

Mots clés: jeunesse noire, identité, processus subjectifs, ville -métropole, périphérie, frontières, diaspora, globalisation, violence.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I	
1. HISTÓRIA E PSICOLOGIA	18
1.2. NOÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA SOCIAL DO NEGRO E IDENTIDADE NEGRA	18
1.3. PAUTAS INTERNACIONAIS, ORIGEM DOS ESTUDOS SOBRE O NEGRO NO BRASIL E A PSICOLOGIA SOCIAL	24
1.4. PSICOLOGIA SOCIAL E IDENTIDADE NEGRA	44
CAPÍTULO II	
2. PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA SOCIAL DO NEGRO E IDENTIDADE NA METRÓPOLE	54
CAPÍTULO III	
3.1. CIDADE E PRODUÇÕES SUBJETIVAS: OS ESTUDOS DA JUVENTUDE NA PERIFERIA DE SÃO PAULO-BRASIL	138
CAPÍTULO IV	
4. CARTOGRAFIAS E TERRITÓRIOS: RETRATOS DE IDENTIDADE	149
CAPÍTULO V	
5. EXPRESSÕES E CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE DA JUVENTUDE NEGRA DA PERIFERIA: NO BRASIL E NA FRANÇA	194
5.1. AS MOÇAS: DESENHOS E PALAVRAS NA CIDADE TIRADENTES E NA VILA BRASILÂNDIA	194
5.2. IMAGENS DE MOÇAS DA PERIFERIA: A VILA BRASILÂNDIA EM PARIS	210
5.3. AS MOÇAS DO LICEU PROFISSIONAL ERICK SATIEM EM PARIS	213
5.4. OS RAPAZES DO RAP, DA LITERATURA E DO COTIDIANO DO ÂNGELA	230
5.5. O 'FOYER' DOS IMIGRANTES AFRICANOS: OS JOVENS DO MALI EM PARIS	247
5.6. O ATÉLIE GENNEVILLIERS: PERIFERIA DE PARIS	261
EPÍLOGO	274
CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	297
ANEXOS	

APRESENTAÇÃO

No primeiro capítulo, procuramos abordar as relações entre a psicologia e a história da psicologia a partir da especificidade do trabalho e as razões que justificam os encontros conceituais e teóricos no âmbito da Psicologia Social da *"Escola de São Paulo"* e algumas referências da Psicologia Social e Sociologia Francesa a partir das referências de estudo da EHESS - Escola de Autos Estudos em Ciências Sociais (Laboratório de Psicologia Social e CADIS - Centro de Análise e Intervenção Sociológica), a qual referenda tanto os aprimoramentos da Psicologia Social brasileira, quanto à vanguarda sociológica das ciências sociais em termos internacionais. Sob esta perspectiva, vale considerar que o atual presidente da Sociedade Internacional de Sociologia é Michel Wieviorka, diretor do CADIS e quem também nos recebeu para participar das atividades do Centro.

Neste primeiro capítulo a identidade na metrópole é o resultado do que se considerou em termos de relações epistemológicas entre as opções de estudo organizadas em linhas genéricas: psicologia social, sociologia, psicanálise e geografia humana. Esta opção se fez em termos abrangentes, procurando mais dialogar entre as quatro possibilidades de estudos sobre a questão da identidade de jovens negros nas metrópoles do que circunscrevendo uma discussão especificamente clássica em termos metodológicos.

A partir de breve referência ingressamos nas considerações propriamente peculiares do trabalho, percorrendo os caminhos conceituais no Brasil que constituíram as bases amplas para o estudo do negro no país.

Iniciando pelas principais referências no cenário sociológico do estudo sobre o negro no Brasil, partimos para as formulações da psicologia social e a temática, encerrando o capítulo com as primeiras direções no cenário social e acadêmico que formalmente legitimam o escopo da psicologia social e identidade negra no Brasil.

No segundo capítulo realizamos considerações sobre os marcos iniciais da psicanálise e o psiquismo negro a partir dos autores de referência específicos da psicanálise e psiquismo negro no Brasil: Neusa Santos Souza, Jurandir Freire Costa e Izildinha Batista Nogueira. Discutimos de modo criativo as críticas em relação ao que até hoje se produziu na abordagem do tema, lançando mão de autores não conhecidos no cenário social - Souza e Miranda - e que a partir dos anos 2003 e 2004 respectivamente, esboçam novos olhares na psicanálise e psicologia social brasileira para pensar a questão.

A crítica se expande para além das produções inaugurais no cenário nacional da psicanálise e psicologia social abrindo incursões sobre as concepções pseudo científicas de legitimar um campo do conhecimento quando se abre mão do compromisso com a verdade social e humana de um determinado tempo histórico.

Sob esta ótica as produções visíveis em psicologia social, psicanálise e identidade negra é antes fruto de um mecanismo arbitrário de relações de interesse e poder no cerne do fazer científico que propriamente uma ausência total de interesse e produções a respeito como se tem em geral concebido.

A identidade do jovem negro na metrópole é abordada sob a condição de pensar a metáfora da cidade; o enfrentamento e luta pela injustiça – cidadania. Refletindo sobre o percurso civilizatório do *Édipo* (na perspectiva psicanalítica) a partir de seu renascimento pelas mãos de Antígona, sua filha-irmã.

A mitologia grega é trazida como diálogo fluente estabelecendo ligações também com a cosmologia africana: Iansã na dimensão Africana pode ser vista como o mito de Antígona na tragédia grega.

Estes mitos são trazidos e reatualizados pela leitura da cidade metrópole: Iansã é a deusa das feiras e mercados; a mulher forte e independente que garante os alimentos aos seus filhos. A guerreira, humana invencível, que se torna deusa. Ela representa o resguardo das jovens identidades negras que se constroem na conexão com a diáspora; e sob esta perspectiva, Iansã é também a mitológica *Mãe África*. Nos mares do Atlântico ela é também o rio, a artéria condutora dos fluxos das águas para o mar, na transfiguração de suas mulheres-mães das águas, da luz, da identidade, da vida: Iansã, Yemanjá, Oxum, Ewá. O eixo de comunicação dos filhos cuja identidade é nascida na diáspora e reatualizada nos territórios emocionais e psíquicos dos novos lugares: as cidades, as metrópoles, as cidades-estados de nosso atual desenvolvimento.

Afrodite está para Oxum, enquanto Obá está também para Minerva. Significações do mundo ocidental que possuem correspondência específica, mas semelhante aos atributos do desenvolvimento humano civilizatório dos povos negros da longínqua tradição Africana.

O classicismo grego ou o “*milagre ocidental da civilização greco romana*” não veio de outra origem que não a própria e tão próxima África.

Não chegamos a explorar no capítulo estes conhecimentos que estão presentes nas obras de Cheik Anta Diop – em língua francesa - e Martin Bernal – em língua inglesa – pelo fato de tal abordagem requerer intensa dedicação de pesquisa bibliográfica a qual não tivemos condições de empreender quando de nossas atividades em França. E ficamos felizes por saber que tais conhecimentos começam a ser explorados no cenário europeu – França e mais abertamente em língua inglesa na Inglaterra e Estados Unidos, conforme indicações de estudiosos no assunto no cenário francês como por exemplo Elikia M’Bokolo, diretor de estudos do Centro de Estudos Africanos na EHESS.

Mesmo que não tenhamos tido a condição de explorar os novos estudos que vem se descortinando no cenário internacional, as relações que construímos no capítulo entre as imagens mitológicas da civilização grega e as imagens do mundo negro africano, pretenderam

trazer e contribuir com um diálogo novo em conhecimento quanto às possibilidades de pensar e conceber identidade, estruturação emocional e psíquica dos povos da diáspora, os quais a juventude negra das periferias das metrópoles é significativamente representativa.

Sob este olhar, Antígona é a jovem, a cuidadora consciente das necessidades de preservação da família, das ligações éticas e dos sacrifícios que devem ser empreendidos para a igualdade dos povos que habitam a metrópole. Ela é o protótipo da busca corajosa – pelo enfrentamento das injustiças – da cidadania.

Iansã e Antígona, mitos de um mesmo tempo. Mitos que falam sobre a identidade humana e suas relações com a vida nos espaços e lugares sociais, que em nosso tempo e local é a metrópole. Os muros, limites e fronteiras que ela nos apresenta, conforme o relato dos jovens negros e mestiços.

O lugar do desenvolvimento é a metrópole; é ela que olhos dos jovens ecoam, seduzidos pela festa de suas luzes e brilhos. Sob este sentido percorremos outros mitos como o do jovem Ulisses em sua viagem à Ítaca a fim de compor a trama identitária dos signos da juventude negra na metrópole e sua busca de caminhos.

No final deste capítulo, que consideramos irreverente, os signos da cosmologia e identidade negro-africana se apresentam através da música na transfiguração e recriação da diáspora do Atlântico no Brasil.

No capítulo terceiro, apresentamos formalmente algumas ligações específicas conceituais entre geografia humana, filosofia, sociologia e psicanálise.

Tenta-se neste capítulo, abordar de modo correlacional os conceitos de *'psicoesfera e tecnoesfera'*, *'mundo da vida e razão instrumental'*, intermediando considerações sobre sociologia do conflito, tensão social e noção de angústia em Freud: *'pulsão de vida e pulsão de morte'*.

Os conceitos são trazidos de modo breve e direto, sem perder na peculiar densidade a que estes conceitos estão submetidos em sua constituição.

A possível percepção de aparente complexidade deste capítulo é amenizada pelos capítulos subseqüentes, os quais representarão no plano empírico a trama dos conceitos.

Neste terceiro capítulo, os conceitos apresentam uma linguagem que se pretendeu mais fina sob a ótica da interpretação da autora dos conceitos que referendam a escrita do texto.

Neste capítulo eles procuram apresentar-se frontalmente, enquanto nos demais posteriores encontram-se embutidos na base das configurações que se apresentam.

Os capítulos quatro e cinco, como dissemos, são o corpo empírico do trabalho.

Eles representam as respostas emitidas pelos jovens negros e mestiços das metrópoles

estudadas: São Paulo e Paris.

A conexão entre as metrópoles se faz no bojo do teor da própria pesquisa nestes dois territórios de cidades mundiais globalizadas e os fluxos de identidades negras, mestiças e híbridas que transformam tais localidades.

O epílogo da tese aborda a temática emergente no cenário nacional e internacional sobre ações afirmativas. E reflete as possibilidades de como pensar o assunto no Brasil a partir das experiências e cenários de outras localidades, sem nos exirmos de considerar as especificidades do Brasil.

No epílogo consideramos que os jovens sujeitos da pesquisa são portadores de processos de construção de identidades que se realizam em consonância com seu tempo e história. Suas ações, pensamentos e reações ao sistema acabam por alterar sua posição social já emoldurada. Portanto, o tema das ações afirmativas não poderia deixar de ser abordado.

O resultado da pesquisa reflete que no mar da diáspora africana, identidades híbridas se constroem, se projetam.

No Brasil esta construção se dá sem o pragmatismo rígido da sociedade americana (EUA) – americanocentrismo – ou o eurocentrismo (no caso a França) que escapa de promover o conhecimento sério sobre a questão. Ainda assim no cenário europeu (França) as iniciativas de incursão séria no debate sobre o assunto começam a ser cada vez mais frutíferas, embora tenhamos observado grandes dificuldades no cenário acadêmico em considerar as produções já existentes; seja em França ou em cenários que melhor avançaram na discussão, como é o caso do Brasil e Estados Unidos. A aceitação da produção formal acadêmica pelo público de intelectuais franceses reside basicamente em autores europeus de origem inglesa. Mas eles estão avançando na condição da abordagem da temática sobre a mestiçagem e a condição da identidade negra no cenário do país.

Nas Américas, principalmente a brasileira, mais fortalecida e rica com os povos negros da diáspora e o indígena, há lições importantes para oferecer ao mundo.

Em linhas gerais, tanto no Brasil, como na França, novas identidades se anunciam; emancipações humanas pautadas no advento da solidariedade.

São ainda quase uma miragem ao longe, mas portam no plano concreto a luz das utopias sensíveis.

No mar da diáspora, na cidade metrópole, identidades híbridas se constroem, pautadas na ordem da comunicação e da linguagem.

O crescente empobrecimento da Europa e agora dos Estados Unidos, gera também para eles a experiência da escassez.

A experiência a que os países do Sul estão tão fortemente marcados.

Neste sentido, estas novas identidades negras, híbridas, mestiças, surgem como respostas à realização de um novo mundo, uma nova ordem possível; uma nova ordem que dê lugar ao sonho e às realizações humanas de todos os povos, a partir da emergência das juventudes.

Sendo assim, esperamos que a leitura, se não conseguir ser agradável, possa, ao menos, ser útil.

1 - HISTÓRIA E PSICOLOGIA

*“A nossa música não nos pertence mais.
Ela pertence a toda Humanidade. Cabe-nos,
agora, recuperar a palavra”.*

*Toni Morrison (primeira mulher negra a
receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1993¹)*

1.2. Noções para uma Psicologia Social do Negro e Identidade na Metrópole

Pensar o objeto científico escolhido para a tese implica fazer algumas considerações a respeito do percurso intelectual da pesquisa.

Apresentarei elementos que propiciarão a reflexão diferenciada do trabalho em consonância a pesquisa científica em psicologia social da "Escola de São Paulo", as contribuições da psicologia social francesa a partir dos encaminhamentos de Elisabeth Lage², bem como as recomendações atuais da escola sociológica francesa praticada pelos intelectuais e pesquisadores do Centro de Análise e Intervenção Sociológica da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (CADIS-EHESS) sob a direção de Michel Wieviorka.

A pesquisa em Identidade em psicologia avançou consideravelmente no Brasil e nas Américas como um todo a partir da superação das contradições existentes no positivismo enquanto método científico válido para analisar questões referentes à temática.

A "Escola de São Paulo" e as produções de intelectuais vinculadas à SIP - Sociedade Interamericana de Psicologia Social - ajudaram a fundar um novo contexto para as ciências psicológicas.

Considerando a pesquisa em bases materialistas históricas, a qual concebe o homem como um ser produzido historicamente e, portanto, essencialmente social abre-se espaço para pensar a pesquisa psicológica da objetividade empírica para o descortinamento da subjetividade enquanto processo histórico³.

A psicologia social brasileira foi capaz de romper com os paradigmas de influência

¹ “Our music no long belongs to us: it belongs to all manking, but it’s imperative to recuperate the word” – Toni Morrison (1st North American Black woman to receive the Nobel Prize in Literature 1993).

² Professora Diretora do Laboratório de Psicologia Social da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais - EHESS (França/Paris).

³ Lane, Silvia. in: Prefácio da obra de Antonio da Costa Ciampa - A história da Severina e a estória do Severino: um ensaio em psicologia social. São Paulo:Ed. Brasiliense, 2005, pg.10

norte americana e iniciar a construção de uma psicologia comprometida com a realidade das Américas, Sul e Central, a partir da aproximação do campo da pesquisa empírica. Procurando eleger em suas investigações aspectos voltados para a cultura, população, sociedade, interesses emergentes da realidade que nos apresentava a partir dos anos 60.

A reflexão rigorosa sobre o método de pesquisa em ciências sociais - o paradigma durkheimiano - serviu de apoio para ultrapassar o positivismo fortemente presente no cenário acadêmico das ciências como um todo incluindo a psicologia.

A partir disto, novas bases epistemológicas foram iniciadas a partir do objeto empírico e da fidelidade do pesquisador ao seu trabalho de campo. Com um olhar renovado pela capacidade de pensar uma psicologia que responda às necessidades de nosso próprio contexto de vida, tornou-se possível articular a relação ciência psicológica e transformação da realidade social brasileira.

Há quase quarenta anos a psicologia social brasileira ganhou independência de pensamento e forte respeitabilidade nas Américas (Sul, Central e Norte⁴) e para a construção deste novo modelo epistemológico para a psicologia houve aproximação das bases filosóficas marxistas, da escola francesa de psicologia social através dos estudos de representação social, escola filosófica de Frankfurt, a filosofia e psicanálise francesa a partir do século XX. O diálogo com intelectuais e pensadores das Américas foram também importantes para o redimensionamento desta emergente psicologia com uma expressiva vocação para a transformação da realidade social.

Nas ciências sociais, campo eletivo de diálogo da psicologia social, a efervescência de transformações paradigmáticas ocorre ao final do século XIX: a primeira idade de ouro da sociologia, quando se colocou em cena uma extensão de partidos, sindicatos, associações e a educação de massa atingiu seus esforços⁵.

As transformações do final daquele século produz uma ciência social e uma filosofia que não se contentam mais em refletir suas questões nas academias científicas e nos cafés do mundo europeu. Particularmente na França, os intelectuais ganham as ruas e há um comprometimento político dos mesmos com as mudanças sociais da época.

Os anos sessenta e o pós-guerra trouxeram grandes marcos para as ciências sociais no mundo como a Primavera de Praga e o movimento comunista.

Os intelectuais eram atores sociais de transformação política e social do contexto de vida da época e nesta ocasião a sociologia vivia o reflexo de sua época de ouro.

⁴ Com menor inserção na América do Norte, particularmente os Estados Unidos, mas com muita respeitabilidade no México e Chile conforme repercussões no encontro da SIP em 2005 em Buenos Aires.

⁵ Le premier âge d'or, de la sociologie a été la fin du XIXe siècle, quand semettait en place un tissu de partis, de syndicats, d'associations, ou que l'éducation de masse prenait son essor. (Interview avec Michel Wieviorka-Julien Ténédos, Paris, 2006, première partie, p. 18).

Um método que inovou a pesquisa em ciências humanas na França foi elaborado por Alain Touraine.

Em 1976, Alain Touraine coloca em prática através da ajuda de seus colaboradores⁶, seu método de intervenção sociológica.

A intervenção sociológica consiste em escutar os atores sociais que são estudados em posição de analisar sua própria ação, a fim de procurar as significações mais importantes que estão em jogo, em cena (WIEVIORKA, 2006:19).

Tal método consiste em considerar o campo empírico (o "*terrain*") como a localização principal da pesquisa e fazer das observações do material capaz, por excelência, de abrir perspectivas de elaborações conceituais e teóricas.

A partir deste método em ciências sociais é possível uma fidelidade maior a experiência mesma da pesquisa e das significações implicadas aos atores sociais⁷.

O que isto tem de novo no exercício do pesquisador e da pesquisa?

É preciso considerar que após anos de tradição em produção conceitual e teórica, a pesquisa em ciências sociais torna-se instrumento altamente reflexivo e muitas vezes apartada da realidade mesma, com produções intelectuais que privilegiam a mera observação descompromissada de um entendimento da realidade incapaz de articular a relação sociedade, produção científica e intervenção social.

As alterações nas ciências sociais ao final do século XIX, trouxeram o alicerce para as ciências sociais desenvolverem-se e participarem ativamente das transformações sociais em todo mundo, tendo a década de sessenta, no pós-guerra, as expressões sociais mais fortes do cotidiano do mundo.

No campo estritamente acadêmico, tais referências de trabalhos e ações ocorriam principalmente nas Universidades do mundo europeu e em especial na França.

Esta mudança no eixo de considerações sobre o fazer em ciências sociais se apresentou com força e vivacidade naquela época e várias perspectivas para pensar o trabalho intelectual e o campo da ação social foram iniciadas.

Em um período⁸ em que o mundo vivia o apogeu dos regimes políticos totalitários

⁶ François Dubet, Zsuzsa Hegedus e Michel Wieviorka - sociólogos

⁷ Seminário de Sociologia do Conflito por Michel Wieviorka em 16.06.2007 - EHESS - Paris/França.

⁸ O período considerado é a década de 1960, que é o reflexo mais evidente da trajetória do desenvolvimento das ciências sociais no campo teórico epistemológico, a partir do final do século XIX. A década de sessenta vai apresentar a consciência viva de manifestações diversas contra os regimes totalitários. Manifestações que emergem da relação acadêmica e alianças com movimentos sociais diversos das mulheres, estudantes, operários, sindicatos...etc. Por outro lado, os governos totalitários, simpáticos às ideologias nazistas e fascistas, trarão as grandes repressões a qualquer tipo de oposição a sua ditadura. Para falar do contexto das Américas, isto é

imponha-se para os pensadores, intelectuais e pessoas da época a forte contestação e um fazer comprometido com a realidade brutal de cerceamento do homem, das liberdades e direitos humanos.

A psicologia, através da filosofia e da psicanálise, terá o acréscimo das construções teóricas da época e será capaz de ampliar a partir destas possibilidades, as suas proposições conceituais, humanas e filosóficas.

Datam desta época a efervescência dos escritos de Sartre, Lacan, a vanguarda da Teoria Crítica de Frankfurt, a emergência do Marxismo no mundo Europeu.

A França é cenário inaugural das ciências sociológicas e ainda hoje é referência dos mais altos estudos em ciências sociais referendando vários campos de pensamento no mundo Europeu e Americano.

É neste ambiente mundial que se dão as primeiras considerações significativas da psicologia brasileira.

Sob a direção de Silvia Lane surge a "*Escola de São Paulo*" cujo objetivo principal é refletir uma psicologia capaz de representar a realidade social brasileira e produzir transformações no campo social.

A "*Escola de São Paulo*" propõe o rompimento com a influência norte-americana a partir da mudança de eixo das produções científicas do pós-guerra que teve como fenômeno a migração para os Estados Unidos de grande parte dos intelectuais de formação europeia que continuaram a produzir referências de estudos a partir do cenário norte americano⁹.

Enquanto no contexto das ciências sociais há um caldeirão de transformações conceituais, políticas, culturais nos modos de fazer e pensar as ciências. Na psicologia se esboça, nas Américas de língua hispânica e portuguesa, a mesma gama de transformações sobre a reflexão do sujeito social e o fazer ciência.

Se o método de intervenção sociológica de Alain Torraine contribui para a continuidade da transformação dos métodos em ciências sociais, bem como favorece o intercâmbio e as trocas entre os mais diferentes tipos de pesquisadores, estudantes e pessoas vinculadas ao exercício de uma ciências sociais atuante¹⁰ o cenário onde se esboça a transformação dos métodos de pesquisa em psicologia social também não é diferente.

Para São Paulo, especificamente na Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP dirigem-se grande parte de pesquisadores e estudantes de psicologia de todo o Brasil a fim de

particularmente visível neste período no Brasil, no Chile e Argentina.

⁹ Estas considerações se fazem a partir da leitura de Robert FARR. *As raízes da psicologia social moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

¹⁰ Conforme notas esclarecidas no Livro *Entretien avec Michel Wieviorka*, Ed:Aux Lieux D'etre, Paris, 2006, por Daniel Tenedos.

compreender as novas proposições de uma psicologia comprometida com a transformação da realidade social.

Esta nova direção para a psicologia brasileira implica pensar não somente a psicologia brasileira, mas a sua inter-relação com as demais ciências incluindo a dimensão e perspectivas de compreensão do mundo atual.

Estabeleceu-se uma opção clara em pensar uma psicologia social a partir de "*seu quintal*" e "*para além de seu quintal*". Procurando construir perspectivas epistemológicas com o apoio de outros campos disciplinares como a filosofia e ciências sociais como aportes para enfrentamento desta opção teórico-metodológica.

No que nos compete no cerne da discussão deste trabalho, quando iniciei informando sobre o percurso intelectual da pesquisa para a seleção do objeto designei apresentar as relações próximas e distantes que circundam os apoios teóricos primordiais observando que toda seleção temática implica, no processo científico, articulá-la ao conjunto geral de suas filiações.

Feita a apresentação genérica das filiações que se impõe neste percurso farei a observação restrita da filiação metodológica mais emergente, a qual é fruto das articulações previamente acima apresentadas.

Lançado o desafio do desenvolvimento epistemológico da psicologia da "*Escola de São Paulo*" surge uma obra em psicologia social que através de bases materialistas históricas procura precisar a questão da identidade como fundamental para a Psicologia Social. Tal obra¹¹ analisa Identidade enquanto processo dialético a partir da interação social, implicando necessariamente atividade e consciência.

A vultuosidade da obra não cessa de demonstrar a emergência desta questão para a psicologia, pois várias pesquisas que não trabalham diretamente com identidade, no seu processo de análise, fazem emergir a questão da identidade com algo presente e fundamental para compreensão do indivíduo¹².

Além disto, na perspectiva pluridisciplinar, vários tem sido os usos da perspectiva do estudo de Identidade sob a visão materialista histórica, como no serviço social, na enfermagem, na educação, na medicina, geografia, dentre outros bem como no próprio campo das ciências sociais.

O caráter da obra apresenta para a psicologia brasileira o tema que será nos próximos vinte anos imprescindível para os trabalhos em psicologia social e ciências humanas.

¹¹ A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio em Psicologia Social de Antonio da Costa Ciampa, São Paulo: Brasiliense, 2005.

¹² Silvia LANE, in: Prefácio do Livro " A estória do Severino e a história da Severina", São Paulo:Brasiliense, 2005, pg.10.

Destarte o inegável élan simbólico da obra para a psicologia brasileira e para o contexto específico da psicologia social não deixa de contribuir após vinte anos com as temáticas mais emergentes do início deste novo século.

A originalidade da obra permite ascender à psicologia a capacidade de inserir-se nas discussões mais atuais sobre as transformações correntes no cenário mundial.

Para além do universo brasileiro, as discussões sobre identidade tem sido emergentes em todo cenário internacional.

A retomada de ideologias segregacionistas, xenofobistas em relação a negros, árabes, muçulmanos, indígenas, judeus e populações migrantes, colocam em pauta inúmeras questões sobre identidade.

Os processos migratórios cada vez mais crescentes na história da civilização humana, o deslocamento de corpos, hábitos e culturas, promovem um hibridismo de fluxos e fixos que instam compreender o movimento de mulheres, crianças e homens, como construções identitárias em um local, espaço e território.

A expressão juvenil, no cenário nacional e internacional, nesta era de imensas desigualdades, provoca-nos a perscrutar quais os efeitos destas modulações do mundo na formação dos sujeitos.

Falar de identidade hoje é compartilhar do debate emergente que se faz sobre as questões humanas, sobre o papel das ciências, dos campos interdisciplinares do conhecimento e dos intelectuais que podem ajudar na transformação dos problemas e crises em debates e em relações conflituais, fazendo aparecer os sujeitos, os atores, as relações. É ser capaz de construir uma ciência que por um lado seja capaz de saber compreender os dramas e as esperanças dos dominados, dos excluídos, dos perdedores; daqueles que se esforçam na luta contra a opressão, a manipulação das necessidades, o menosprezo ou a exploração. E por outro lado se mostrar sensível aos esforços daqueles que transformam os protestos em esperanças nos modos das instituições, das organizações, dos partidos¹³.

É nesta intermediação precisa do caminho intelectual da pesquisa, entre Psicologia Social, Ciências Sociais, Psicanálise e Geografia Humana que se elege o objeto de estudo sobre identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles; elegendo São Paulo prioritariamente para campo empírico destas reflexões e Paris, que de passagem nos empresta o olhar transnacional sobre a temática.

¹³ Michel WIEVIORKA, in: Interview avec Michel Wiewiorka. Primeira Parte. Paris: Ed. Aux Lieux D'être, 2006, p. 18.

1.3 - Pautas Internacionais, origem dos estudos sobre o negro no Brasil e a Psicologia Social

Ao eleger este objeto de estudo é preciso percorrer os escritos da literatura sobre o negro no Brasil, a fim de dimensionar quais são os avanços históricos no processo de produção científica e quais as parcerias importantes para novos direcionamentos na pesquisa psicológica.

A psicologia não tem apresentado riqueza de produção significativa para compor as bases importantes da pesquisa sobre o negro em um país cuja população afro-descendente chega a ser de 60 milhões (MUNANGA, 2000).

Para Munanga há um silêncio inexplicável na produção psicológica brasileira. Fato lamentável, pois deixa lacunas expressivas para melhor aprimorar as discussões sobre identidade e psiquismo da população negra no Brasil.

Sete anos após esta afirmação de Munanga, alguns novos trabalhos vem surgindo para compor o cenário de produção psicológica brasileira, mas o volume é ainda inexpressivo se comparado aos campos da sociologia, história e educação.

Ademais, a psicologia social, em razão de sua peculiaridade de formação e interesse, acaba por fazer face e diálogo constante com outros campos disciplinares. Principalmente a história, a educação, ciências sociais, filosofia entre outros.

Neste sentido, estabelecer uma diferenciação sobre qual o campo específico de produção da ciência psicológica torna-se ainda mais complexo, pois há produções no campo da psicologia social que abordam a questão a partir da educação, da história e sociologia.

De qualquer modo, ainda que as produções nas ciências psicológicas venham avançando, principalmente no que diz respeito à psicologia social, as produções eminentes da psicologia enquanto ciência do psíquico é ainda escassa e incipiente no debate sobre o tema do negro no Brasil. Muito do que vem sendo produzido circunda a interface com campos disciplinares já mencionados. No entanto, isto não desqualifica a produção psicológica brasileira, mas coloca-a aquém das expectativas e necessidades de se discutir a questão a partir de categorias especificamente emocionais e psíquicas.

É preciso centralizar a cena desta consideração que é em medida extrema as pretensões deste trabalho, a partir da juventude negra que habita a periferia de São Paulo.

Destarte, para além das intenções precisas desta escolha, é preciso considerar que

também no cenário internacional europeu, as questões são significativas se considerarmos os autores ingleses como Paul Gilroy e Stuart Hall que podem ser considerados ícones importantes para refletir sobre tais incursões. No entanto, a França, a exceção de Fanom na década de sessenta, permanece ainda muito incipiente o nível das produções sobre psicologia e identidade negra.

Hoje o continente europeu se vê as voltas com os fluxos migratórios de populações africanas, latinas e européias do leste que buscam melhores oportunidades de vida e trabalho.

Este fenômeno mundial, presente também nos Estados Unidos, nos obriga a refletir política e filosoficamente sobre a questão; pois o processo de mundialização abre fronteiras para intercâmbios entre culturas e miscigenações no sentido étnico e cultural.

A França, em especial, em função de seus interesses políticos durante a Primeira Guerra Mundial (NDIAYE, 2006) arregimentou exércitos de populações negras para defesa de seu território bem como posteriormente para serem utilizados como mão de obra barata no desenvolvimento de sua indústria, hoje se vê as voltas com a questão negra, arábica e muçulmana que tradicionalmente fazem parte do cenário europeu francês.

A despeito das tradições políticas de bem estar social acessíveis a todos, hoje na França esboça-se um claro racismo e xenofobia em relação às populações não brancas e imigrantes que são violadas em seus direitos no país de forte tradição de respeito aos direitos do homem, onde surgiu o iluminismo.

Parece que a situação de desconforto mundial em relação aos domínios do capitalismo através de uma política liberalista se fazem sentir inclusive em países de grande desenvolvimento social e cultural.

As transformações do cenário mundial para uma política francamente aberta aos mercados e ao lucro restringe as condições de porvir do humano. Este, o humano, é um mero adorno nas tomadas de decisão dos países que desconsideram as necessidades emergentes de suas populações.

A partir disto, vemos em França o crescente número de *homeless* - moradores de rua - o grande desemprego juvenil e a restrição das condições de dar conta da seguridade social que sempre promoveu aos franceses a qualidade de vida de um grande país de primeiro mundo.

Mas como o capitalismo devora aqueles que se propõe a manter a direção opcional pelos sujeitos humanos, a França vê as bases da República Francesa - a grande revolução do espírito das luzes - questionar o seu lugar de supremacia frente um mundo insano cuja direção

principal é o desaparecimento dos sujeitos em função da máquina de produção capitalista - tecnocrática e segregacionista.

Em termos mundiais, é cada vez mais difícil garantir condições de igualdade, liberdade e fraternidade, pois tais pilares da República Francesa, que inspirou milhões de revoluções e ações libertárias pelos direitos humanos e sociais, estão hoje sendo questionados por sua população e seu governo atual eleito em 2007.

O questionamento se dá não no nível objetivo e completamente visível, mas no nível das intersubjetividades, no inter-relacionismo, nas atitudes e relações entre "nós" e os "outros".

Isto é perceptível no mercado de trabalho reservado ao jovem francês negro, árabe e muçulmano. Nas escolas dos bairros periféricos cujas dificuldades são inúmeras para o desenvolvimento pleno - *égalité* - das populações não brancas e em padrões distintos dos jovens e crianças que frequentam as escolas dos bairros territorialmente mais próximos da metrópole parisiense.

No campo escolar bem como no campo do trabalho a segregação sócio-espacial é visível pois dificilmente um jovem vindo de um bairro difícil terá condições de frequentar "*Les Grands Écoles Parisiennes*".

As grandes Escolas são destinadas aos filhos da população branca francesa, aos mais iguais na *République* e são os que poderão frequentá-la em razão do acesso as boas escolas durante os períodos da infância e adolescência, mesmo sendo a escola prioritariamente pública. Isto acontece porque existem as Zonas de Educação Prioritária, onde o aprendizado é difícil, as condições dos professores e estudantes precárias e a segregação sócio-espacial é fator determinante no acesso a certos níveis de aprendizagens.

Assim sendo, os intelectuais e pensadores franceses são necessariamente pertencentes a uma elite branca, que tem condições de residir nas melhores espacialidades de Paris, onde - evidentemente - estão situados os melhores *lycées* - *liceus públicos*.

No mesmo sentido as vagas do mercado de trabalho também são destinadas às populações de seus bairros e adjacências. Conforme o relato de um parisiense negro de origem africana e advogado é possível perceber tal situação:

" Bem, quando você diz da questão dos "quartiers difficiles" eu posso imaginar o que você poderia estudar...Mas eu penso que a situação é verdadeiramente muito difícil, embora, como você viu, não existe uma aparência de dificuldade nestes bairros periféricos. Quando você vai a Montreuil não parece que as coisas são realmente difíceis. É preciso conversar com

as pessoas do bairro. Elas poderão ajudar e eu posso apresentar alguns conhecidos. A aparência é de que tudo está bem. Mas não está. As pessoas tem grandes dificuldades. Aqui a situação é difícil porque nós temos a força da République que prevê igualdade entre todos os homens. Mas na verdade as coisas não são assim. Se você é advogado como eu e é bem qualificado mas mora na periferia, jamais você defenderá causas caras em um emprego bem remunerado. Porque aqui, se você mora em Champs Elyseés , onde estão os grandes escritórios de advocacia, você pode trabalhar por lá e ter um bom salário e viver bem. Logo, seus filhos, sua família também estará bem; seus filhos estudarão nas melhores escolas de Paris porque aqui não existe educação privada. A República garante direitos "iguais" de escolaridade para todos...

Mas se você mora em Montreuil, mesmo tendo uma boa educação, mesmo tendo estudado em boas escolas e sendo advogado, você jamais vai ser contratado por um escritório de advocacia em Champs Elyseés, onde estão os melhores salários.

Então eu entendo quando você fala que a segregação é sócio-espacial. As crianças, igualmente, não terão a mesma educação das crianças que habitam Champs Elyseés. Então há muitos que mentem sobre seus endereços para conseguir melhores empregos e até conseguem uma melhor condição de vida. Mas é um círculo vicioso, porque o dinheiro vem, a condição melhor vem, mais seu filho, mesmo que você trabalhe em Champs Elyseés não poderá freqüentar a escola de lá. Logo, ele terá que se esforçar muito para chegar a poder freqüentar uma grande École francesa, porque sua base de formação será diferente... (Monsier Rostand, Nogogoh, 37, advogado pela Sorbonne-Pantheon, africano do Gabão - ex-colônia francesa, radicado em França).

Por tal razão, o famoso universalismo republicano, impede estudos e avaliações estatísticas sobre as populações negras no concenrente ao número da população negra que vive em França, categoria sócio-profissional, fatores de classe e gênero, local de habitação e local de nascimento (NDIAYE, 2006:48).

Somente agora nesta era de grande afirmação identitária em todo o mundo que os negros franceses começam a analisar cientificamente e a requerer participação na comunidade francesa em termos de igualdade às populações brancas.

Ao lado do racismo praticado contra os negros em França, há o problema da não aceitação dos árabes e muçulmanos.

A França vive hoje um impasse étnico, racial e cultural. Frente aos alicerces da República - igualdade, liberdade, fraternidade - os conflitos no campo do cotidiano da vida francesa se expandem. Negros, imigrantes e brancos do leste europeu e franceses, organizam-se e unem-se para a manutenção das referências da República com o diferencial de demarcar suas identidades.

Em Portugal, Itália e Espanha, as imigrações de africanos, vindos da Costa do Mediterrâneo são cada vez mais numerosas e frequentes.

Em um momento no mundo onde a disputa pela expansão de uma economia de mercado é feroz, as populações que migram são vistas como inconvenientes e o racismo e xenofobismo se acirram em relação a estas populações.

Neste cenário mundial de conflitos e alteridades a discussão sobre identidades se impõe com mais força e evidência.

No Brasil, país relativamente estável quanto à convivência com as diferenças, onde os níveis de tensão se inscrevem no campo intersubjetivo, o debate é progressivo. Mas reflexos de processos de mundialização não deixam de ser sentidos no cotidiano enquanto violências que se manifestam nos lugares onde são mais presentes as populações negras e mestiças.

Se historicamente o racismo se impõe nas sociedades a nível das diferenças culturais; hoje parece que o que determina o "lugar" das diferenças é a cultura do capital.

Embora não vivamos mais uma época de escassez material (SOUZA, 2003) a abundância de recursos necessários para uma vida digna e prazerosa são acessíveis a poucos.

Se a concentração de recursos materiais em uma só camada populacional era uma característica nas Américas, países africanos e Ásia, hoje, com o processo de mundialização, todo o mundo vive uma lógica de concentração de capital e privilégios para alguns e uma divisão escassa e perversa para muitos e quase todos. Isto inclui também, e necessariamente, os postos de trabalho e as formas de remuneração em todos os territórios do planeta, considerando principalmente Brasil e França, os campos observacionais das dimensões deste estudo¹⁴.

Isto implica considerar que quando as competições para garantir as necessidades dignas de existência são maiores, as violências físicas e subjetivas se acirram na direção das populações consideradas "diferentes".

O tema central do mundo hoje é a questão das diferenças e alteridades, os processos de Globalização, economia de mercados abertos, liberais, provocam as discussões no campo acadêmico, das mídias e relações sociais cotidianas.

¹⁴ O campo observacional da pesquisa é a Cidade de São Paulo (Brasil). No entanto, a dimensão de verificar as questões dos processos de mundialização a partir de uma experiência internacional, algumas análises do contexto francês serão trazidas.

Tudo isto nos permite situar o papel importante da pesquisa sobre identidade de jovens negros no cenário nacional e internacional.

A reflexão do local - Brasil - nos remete fazer considerações sobre o global - cenário internacional - aprofundando a reflexão sobre igualdade, alteridade, crises e conflitos, dramas humanos e esperanças dos atores sociais.

É importante dizer que as considerações sobre o global são necessárias, pois farão face às relações de influências - subordinação e autonomia - entre as perspectivas políticas, sociais, culturais e humanas da modernidade em relação ao Estado Nação Brasil. A perspectiva global é apenas uma parte complementar da pesquisa¹⁵, mas nem por isto deixa de ser um elemento discursivo importante quando pensamos as dimensões "*nós*" e "*outros*" ,"*iguais*" e "*diferentes*", "*nação*" e "*mundo*".

Conforme Paul Gilroy¹⁶, é importante tecer esperanças de solidariedade frente o movimento da diáspora no Atlântico Negro em todas as direções do mundo. E no caso do Brasil, a diáspora africana faz seu percurso contínuo de trans-re-criação/construção de identidade.

Sob a perspectiva da psicologia social sabemos que na singularidade - o local - encontramos a totalidade - plularidade/global.

Sendo assim, não nos custa refletir as dimensões do objeto a partir de todos os contornos possíveis.

Começaremos então, como convém ao reconhecimento do local, por demonstrar os marcos históricos que delimitam o tema do negro na literatura científica que por vias dos movimentos sociais adentram o campo do cotidiano dos brasileiros.

Esta opção de organização da pesquisa nos fornecerá a noção da complexidade do objeto proposto, eis que originários de rico campo científico acumulado a partir da segunda metade do século XIX. Além disto, distante de esgotar suas intermediações com os campos interdisciplinares a serem apresentados, esta é apenas a introdução de umas das facetas do objeto; a qual não tem a pretensão de estabelecer marcos cronológicos e históricos rígidos quanto ao percurso literário das produções científicas sobre o negro no Brasil.

Ao contrário de um apoio extremo a estas referências, o que se pretende são os avanços para considerações peculiares à questão, bem como abrir outras ainda pouco ventiladas na literatura científica brasileira e internacional - europeu.

¹⁵ Conforme se verá no decorrer do trabalho.

¹⁶ Colloque L'Atlantique Noir - Rencontre avec Paul Gilroy - Institut des Hautés Études de L'Amérique Latine - IHEAL - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III - França (en 01.06.2007).

A fim de considerar a complexidade de todas as implicações e discussões sobre a literatura sobre o negro e a mestiçagem no Brasil, traçarei um quadro abreviado¹⁷ das produções importantes que se têm realizado do final do século dezanove, quando se iniciaram os estudos no Brasil com contribuições internacionais até os dias de hoje início do século XXI.

Posteriormente, em capítulo específico, se elaborará um quadro referencial genérico sobre a temática apresentada no contexto europeu - no caso, a França nos dias de hoje.

Os estudos sobre o negro no Brasil iniciam-se por volta de 1845 quando o naturalista alemão Karl von Martius publica no *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* um ensaio no qual argumentava que, para se escrever a história do Brasil, era premente abordar as características das três raças que o compunham, quais sejam, dos brancos, índios e negros (MAIO, 2006:9).

Em 1900, Raimundo Nina Rodrigues, médico maranhense, preocupava-se com o fato da miscigenação e qual futuro poderia ser construído com um contingente tão grande de negros e mestiços.

Estas preocupações do Dr. Nina Rodrigues vão liderar os primeiros desenvolvimentos da antropologia no Brasil, os quais vão caracterizar-se em um evolucionismo que relaciona raça e cultura. As conclusões deste estudo não chegaram a se concretizar em razão da morte prematura do médico maranhense, mas é evidente a satisfação do mesmo em constatar que os africanos vindos ao Brasil não pertenciam a um estágio rudimentar de evolução e ao contrário, alguns grupos destacavam-se por sua capacidade de liderança e dotes intelectuais. Na verdade, todo o direcionamento de pesquisa do Dr. Nina Rodrigues tende a considerar o negro como inferior intelectualmente. Por esta direção justifica-se a sua surpresa e insatisfação ao constatar elementos contrários a esta inclinação.

Datam também logo na entrada do século XX, em 1911, os escritos de João Batista de Lacerda, antropólogo, físico e diretor do Museu Nacional no Rio de Janeiro que participou do I Congresso Internacional das Raças realizado em Londres como representante oficial do governo brasileiro argumentando em sua apresentação que o Brasil mestiço à época estava em processo de branqueamento. Para ilustrar sua proposta, Lacerda lançou mão do quadro - óleo sobre tela - de Brocos Y Gomes, pintor espanhol, intitulado "*Redenção de Can*", 1895, que

¹⁷ Este quadro é uma organização da leitura do texto *A Questão do Negro – velhos e novos desafios*, de Josildeth Gomes Consorte, in: Revista São Paulo em Perspectiva, 5 (1), p. 85-92, janeiro/março 1991. Procurou-se manter a mesma seqüência histórica utilizada pela autora e a mesma forma de abordar o tema, tendo sido realizadas breves leituras de autores como Gilberto Freire – *Casa grande e senzala* – e Arthur Ramos – *A criança problema* ; o que não modificou a apresentação geral do texto, em termos da construção do sentido e do pensamento da autora de referência. A reatualização da leitura através do diálogo com outros autores que também abordam a questão sob perspectiva semelhante foram acrescentados ao quadro, os quais figuram respectivamente em notas de citação específica quando mencionados.

para ele encapsulava a "esperança" de que a população brasileira viria a branquear em poucas gerações (MAIO, 2006:9).

Neste período ocorre o que Lourdes Martínez-Echazábal vai denominar "ideologema da mestiçagem" que é a consideração da grande recorrência da mestiçagem como uma das unidades básicas de análise e interpretação dos processos de identidade da América Latina. Tal terminologia refere-se ao sistema ideológico representado pelos discursos acerca da identidade cultural-nacional na América Latina e do racismo científico positivista do século XIX.

São típicos deste período a influência profunda do positivismo que teve nos tópicos "degeneração", "barbárie" e "enfermidade social" unidades básicas de análise em que a mestiçagem era o caminho inevitável - o *mal* necessário - para o "progresso" da nação.¹⁸

É importante lembrar que duas correntes neste período transitam pelos espaços da antropologia positivista:

1- O médico maranhense Nina Rodrigues é totalmente radical e direcionava à mestiçagem a causa de epidemias e loucura originárias da fraqueza biológica e do subdesenvolvimento psicológico inerente ao brasileiro nato - o mestiço¹⁹;

2- Outros, como Euclides da Cunha, Graça Aranha e Silvio Romero, verão na mestiçagem o triunfo da etnicidade branca no país considerada superior em termos gerais.

Os elementos de sustentação de tais teses, são, como vimos, inócuos e desprovidos de qualquer relevância reflexiva. O desconhecido é apropriado como estranho e deve subordinar-se ao previamente concebido.

Não se busca conhecer o inusitado, mas adequá-lo ao conforto do já sabido com alegorias absurdas²⁰ como se fossem novidades.

As especulações são tão frágeis e lança-se mão de obras de arte para a validação de discursos e ideologias.

Na década de 30, Arthur Ramos, também médico, sob a influência do culturalismo de Levy Bruhl, começou a dissociar raça e cultura e os estudos sobre mestiçagem deixaram de considerar a inferioridade intelectual do negro. Seu enfoque de estudo buscou, na educação, um instrumento de erradicação das superstições sobre o negro. No entanto, para uma sociedade que se pretendia branca, ocidental e cristã, a religiosidade negra foi vista por este autor como um elemento de representação coletiva de conteúdo arcaico e primitivo, devendo

¹⁸ Lourdes Martínez-ECHAZÁBAL. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual?. In: Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro:Ed. Fiocruz, 2006, pg. 108.

¹⁹ _____ Idem. pg.108

²⁰ Considero *alegorias absurdas* a maneira de utilizar obras de arte para atestação científica de idéias racistas utilizada por João Batista de Lacerda em 1911.

a educação atuar corretivamente na evolução destas condições comuns a qualquer grupo social atrasado em cultura, independente da questão antropológico-racial, porque tais conteúdos podem surgir em outras condições e em qualquer grupo étnico.

Podemos considerar que o debate provocado por Arthur Ramos foi importante para desmistificar a questão da inferioridade do negro africano quanto a sua capacidade intelectual, idéia iniciada por Nina Rodrigues; porém foi negado o seu papel e a sua contribuição positiva à formação cultural brasileira, pois enfocava a miscigenação como a necessidade de cumprir com os ideais da sociedade brasileira que, há época, pretendia-se branca, considerando a cultura do negro necessária de intervenção educacional, para a evolução de seus conteúdos "*primitivos e arcaicos*" através de uma revolução educacional.

O marco e distinção no processo de construção da literatura sobre o negro no Brasil neste período é a separação entre raça e cultura e novos estudos serão a partir daí organizados.

Estas considerações tem por base o texto de Josildeth Gomes Consorte conforme nota de rodapé explicativa no início destas considerações.

Embora Josildeth Consorte relacione os estudos de Ramos com as influências de Levy Bruhl, Lourdes Martínez-Echazábal faz uma perspicaz consideração na passagem dos estudos sobre o negro no Brasil da direção racialista discriminatória positivista para a perspectiva cultural. Ela contribui com a análise de Consorte ao referir que Arthur Ramos foi também profundamente influenciado por Nina Rodrigues, de quem foi aluno. A intenção do mesmo era reatualizar a obra de Rodrigues que para o cenário dos anos trinta era rejeitado face o caráter racialista de seus escritos.

Conforme Martínez-Echazábal, Ramos não alterou em significância os estudos sobre o negro no Brasil e para ela a passagem da direção racial para cultural foi mais um deslocamento retórico que conceitual.

Este é um ponto importante para pensar a ciência enquanto edifício teórico perpassado pelo discurso da argumentação retórica ao estilo dos sofistas a fim de garantir os seus 'alicerces' de verdade.

Martínez recoloca a questão a partir de uma consideração global no eixo das Américas.

Os movimentos dos anos vinte com o modernismo e antropofagismo no Brasil e os movimentos sociais nas Américas de língua espanhola - México e Cuba - que reiteram o valor da mestiçagem no processo de formação da identidade latino americana fazem com que os estudos sobre o negro no Brasil ganhem outras dimensões.

A idéia da mestiçagem cultural e transculturação iniciados em Cuba, são modelos interpretativos da cultura e da identidade latino-americana, cuja base e objetivo é postular a mestiçagem como 'cadinho de raças' de onde sairia uma cultura capaz de eliminar os conflitos

entre os opostos.

Em que pese tais considerações sobre o eixo da perspectiva racial para cultural Martinez é categórica:

(...) subjacente a todos estes modelos encontra-se a idéia de raça biológica travestida em etnicidade ou em classe social.(...) ; ponto de suma importância pois em todos estes ideologemas acontecem simultaneamente uma culturalização da raça e uma racialização da cultura (ECHAZÁBAL, 2006:112).²¹

As ponderações de Martinez são importantes a fim de captar as relações subjetivas e ideológicas do discurso que se faz sobre a literatura. Posteriormente, estas ponderações servirão de elementos para refletir a dimensão identitária do jovem negro participante da cultura e sujeito as intervenções e influencias deste discurso.

No entanto, neste momento, foi proposta a apresentação do quadro literário sobre a questão através de uma cronologia que nos permita observar a dimensão da complexidade do objeto. Razão pela qual prossigo as considerações.

Inspirado pelo culturalismo de Fraz Boas, Gilberto Freyre vai trazer em seus estudos a valorização da cultura do africano informando que a formação cultural do brasileiro apresenta um débito de reconhecimento à matriz africana, a qual faz parte da cultura brasileira por excelência, sendo a cultura negra a responsável pela peculiar forma de nos diferenciarmos dos portugueses.

Além disso, irá trazer elementos de valorização da cultura negra sobre a indígena e a portuguesa, informando que:

“A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo elementos por assim dizer da elite (...) e ainda: “a verdade é que importaram-se para o Brasil, da área mais penetrada pelo Islamismo, negros maometanos de cultura superior não só a dos indígenas como à da grande maioria dos colonos brancos – portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semianalfabetos na maior parte” (FREIRE, 1950:299)²².

Gilberto Freyre deixou clara a grande contribuição cultural do negro africano para o

²¹ Lourdes Martinez -ECHAZÁBAL. *O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: Deslocamento retórico ou mudança conceitual?* in: Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro:Fiocruz, 2006. p.112.

²² Gilberto FREYRE, “*Casa Grande e Senzala*”, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1950, p.299.

patrimônio cultural brasileiro, mas a forma idílica como tratou o assunto foi responsável pela fundação do mito da democracia racial que muitas vezes define o modo de se pensar a identidade do brasileiro.

Freyre informará que a miscigenação diminuiu a distância entre a casa grande e a senzala, e que tal fato é o responsável pela democratização social no Brasil.

A obra de Freyre é uma das mais ricas e importantes para a psicologia pensar a construção da identidade do afro-descendente e do brasileiro.

É papel para a psicologia social avançar na condição de atrelar os fatos históricos às condições sociais e elementos de formações emocional e psíquica do negro no Brasil, a fim de refletir sobre o engano da democratização social de nossa nacionalidade; para que a partir de uma ciência mais próxima da realidade, pelo seu exercício e aprimoramentos necessários, possamos encontrar melhores soluções para nossas vidas, de negros, mestiços e brancos.

A partir desta direção iniciada por Gilberto Freyre, muitos estudos vão desenvolver-se no Brasil enfocando a dimensão cultural do negro, com a análise de suas expressões culturais, principalmente na área da religiosidade, dominando a reflexão sobre a presença negra no Brasil por mais de vinte anos. Este foi um avanço muito importante realizado pelo culturalismo que tentando dissociar raça e cultura, conseguiu estabelecer bases sólidas para se pensar tais questões a partir de outras perspectivas.

Neste aspecto, a tentativa de dissociação é relevante pois que mesmo havendo uma culturalização da raça e uma racialização da cultura, conforme as palavras de Lourdes Martinez-Echazábal, outras direções para pensar a questão são inauguradas.

A década de 50 vai deslocar a tônica da reflexão cultural para a tônica das relações raciais com a inserção do negro nas sociedades de classe e nas barreiras de ascensão social.

Sob o patrocínio da Unesco, até o início da década de 60, importantes pesquisas serão realizadas. Sobre São Paulo irão escrever Florestan Fernandes, Roger Bastide e Oracy Nogueira. Sobre a Bahia, Thalles de Azevedo, Charles Wagley, Marvin Harris, Harry Hutchinson e Benjamin Zimmerman; sobre o Paraná, Otavio Ianni e sobre o Rio Grande do Sul, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros.

Estes escritos serão os responsáveis pelo desvelamento do preconceito e da discriminação expressos nas condições sociais dos negros no Brasil. A ênfase da discussão de eixo culturalista²³, torna-se, nesta época, de raça/classe.

Sobre este mesmo período, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães²⁴ analisa que os

²³ É preciso considerar esta passagem conceitual-teórica a partir das dimensões de Consorte e Martinez, pois, ainda que relativamente antagônicas, analisadas em conjunto, nos fornecem a precisão do cenário científico social da época.

²⁴ Referências do autor no livro Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo:Ed.34, 2005, pg.75.

trabalhos sobre a temática realizados pelos escritores acima citados, possuem influências diretas da escola de Chicago e nos sintetiza a cronologia geracional sobre os principais marcos conceituais do período (GUIMARÃES, 2005:75).

Ele faz a organização dos autores a partir de três gerações de correntes de pensamento no período. Para ele, Gilberto Freyre, Charles Wagley, Donald Pierson e Roger Bastide são os autores da primeira geração.

Florestan Fernandes, Costa Pinto, Thales de Azevedo, Oracy Nogueira, René Ribeiro, Guerreiro Ramos, Pierre van den Bergh e Marvin Harris serão colocados como autores da segunda geração.

Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni são os nomes representativos da terceira geração.

Para Guimarães, a formação diferenciada destes intelectuais em termos de escolas, diversidade social e histórica dos campos estudados, não trouxe dissonâncias tão marcantes nas conclusões dos trabalhos realizados. Ele organiza tais resultados da seguinte maneira:

Na Bahia, Recife e Norte do país conclui-se que o preconceito racial é fraco quando não inexistente no Brasil.

Em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul tem-se expressiva documentação das tensões raciais crescentes. Sendo o Brasil um país de forte preconceito.

Uma outra versão neste mesmo eixo é a de que há uma discordância ideológica entre paulistas e baianos e nordestinos, pois enquanto os paulistas apresentam a importância crescente da discriminação e do racismo, os baianos e nordestinos concluem sobre o mito da democracia racial.

É esclarecedora e pedagógica esta maneira de apresentar a temática, pois o aspecto cronológico do estudo sobre o negro no Brasil nos permite perceber a evolução da discussão no contexto intelectual do país e suas dimensões sociais. Isto nos fornece os alicerces relacionais no campo epistemológico da psicologia ao considerar as influências destes estudos sobre os processos e construção de identidade e psiquismo do jovem negro.

Além disto, o esclarecimento é lúcido quando possibilita ingressar nas nuances e tonalidades dos discursos científicos produzidos nas duas décadas que mais ofereceram recursos para a evolução do pensamento científico ao nível do debate e do diálogo intenso dentro do processo de construção científica de norte a sul do país.

Neste sentido um outro diagnóstico é passível de ser considerado sobre as "divergências" entre baianos- nordestinos e paulistas e não mutuamente excludentes:

"(...) por um lado, pleiteia-se, no plano empírico, uma diferença entre o Norte e o Sul

do Brasil, ou entre áreas tradicionais e áreas modernas do país, em termos de preconceito e de relações raciais; por outro, vê-se nas conclusões diferentes de 'paulistas' e 'baianos' a consequência de esquemas interpretativos e metodológicos distintos, ou seja, diferenças de escola." (GUIMARÃES. 2005:77)²⁵.

Resta assinalar então, que a diferença marcante entre paulistas e baianos-nordestinos não é significativa em linhas gerais de admissão de uma realidade hostil, segregacionista e fortemente racista no cenário nacional.

Esta unidade perceptiva nos permite avançar a partir da ciência as redes de considerações sobre a questão. E este é por fim o ganho mais vantajoso de todo cenário de discussão entre as metodologias de trabalho das escolas paulista e baiana representantes das pesquisas realizadas nas décadas de sessenta e setenta.

Na próxima década, será possível pensar o trinômio, raça, classe e cultura no bojo da discussão de uma série de movimentos sociais emergentes (feministas, homossexuais, prostitutas, saúde, carestia, etc). O movimento negro iniciará a discussão sobre a identidade negra.

Nesta época, o Grupo Negro da PUC/SP (1978-1988), formado por alunos da graduação e pós-graduação, terá uma atuação importante dentro e fora da universidade na denúncia quanto à dura realidade da discriminação e do preconceito que atingem os negros, tanto maiores quanto mais escura for a tez de sua pele, ajudando a desfazer o mito da democracia racial.

As décadas seguintes assistirão a uma movimentação social quanto à questão do negro, com considerações junto ao cenário político da Assembleia Constituinte, movimentos de religiosidade negra - Candomblé – que passam a requerer espaço de autonomia e preservação da cultura negra no Brasil.

É importante demonstrar o papel formador do Grupo Negro da PUC/SP que ao iniciar a discussão dentro e fora da universidade sobre questões relativas ao negro no Brasil produz uma série de intelectuais jovens com produções expressivas sobre o assunto.

Apenas para citar alguns e sem a intenção de negar ou menosprezar a importância de outros, visto que são cada vez mais crescentes, é o caso de Gevanilda Santos, que tendo iniciado a atuação como intelectual na PUC/SP, pioneira na fundação do Grupo, além de professora aposentada da Faculdade Alvares Penteado - FAAP, é hoje uma das lideranças e representantes do movimento negro capaz de articular relação intelectual acadêmica e movimentos sociais.

²⁵ Antonio Sérgio Alfredo GUIMARÃES. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo:Ed. 34, 2005, pg.77.

Neste mesmo período foi fundado na PUC/SP o IPEAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro Brasileiros, por Abdias do Nascimento, então professor na PUC.

No mesmo sentido Matilde Ribeiro, assistente social e mestre em Psicologia Social pela PUC/SP, foi ministra das relações raciais do governo brasileiro, até início de 2008, sendo contemporânea de Gevanilda Santos.

Outras lideranças e expressões intelectuais oriundas do Grupo Negro da PUC/SP são hoje professores universitários em instituições importantes do país como Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Dagoberto José Fonseca - Universidade Estadual da Bahia (UNEB) Lucilene Reginaldo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) Acácio Sidney de Almeida Santos, além de outras universidade públicas não tão expressivas no cenário nacional, mas com significativa importância na região sul do país como a Universidade Estadual de Londrina no Paraná (UEL) com Maria Nilza dos Santos.

Outros igualmente importantes tem dedicado-se a produção intelectual acadêmica e atuação em instituições não governamentais, fundações e outras universidades privadas, por exemplo, Edna Roland, Maria Aparecida Cida Bento, Hédio Silva, Maria Salete Joaquim, dentre outros.

Esta seleção de nomes não quer representar a ausência de outros que fazem parte da discussão acadêmica e social das questões sobre o negro no Brasil, mas quer pontuar o nível de expressividade a partir das décadas de oitenta e noventa no cenário brasileiro no que diz respeito às produções das ciências sociais oriundas da PUC/SP e no Estado de São Paulo, que ainda é o estado que tradicionalmente fornece as referências intelectuais para pensar a questão.

A intenção se revela também na necessidade de apresentar o quanto a produção sobre a temática é crescente nas ciências sociais em geral e outros campos disciplinares.

Nas disciplinas da educação a produção é igualmente crescente no cenário nacional.

Na década de 90 o leque de pesquisa sobre o negro é bastante amplo nas áreas como a ciências sociais, história, antropologia e educação.

Os temas e linhas de pesquisa referem-se ao capitalismo e à escravidão, formas de resistência, relação senhor-escravo, formas de associação e ajuda mútua, família, parentesco e compadrio, territorialidade e cidadania, movimento-negro, dinâmica populacional, mulher negra, análise do discurso, identidade, memória e imaginário.

A psicologia social brasileira, embora ainda restrita quanto a discussão do tema, é a área de referência psicológica que mais agrega assuntos sobre a questão.

A psicologia social brasileira, representada pelo Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP, exibirá, a partir da década de 90, uma produção pequena se considerarmos o

cenário acadêmico brasileiro da produção psicológica, mas bastante razoável e atuante se considerarmos a condição desta universidade em manter um diálogo vivo da academia com as questões sociais a partir da produção de dissertações e teses sobre Identidade, Movimento Negro, Adolescência e mestiçagem.

Especialmente no Núcleo de Estudos sobre Identidade Humana, a "*Escola de São Paulo*", apresentará partir de 1997 a 2006 o número mais expressivo de produções²⁶.

No entanto, ainda que mais expressivo dentro do cenário nacional e também dentro do próprio campo da psicologia social é necessário observar que o crescimento do debate sobre a temática na área "psi" é lento, pois que de 1997 à 2006 temos apenas sete trabalhos realizados sendo que apenas dois são teses de doutorado no núcleo de estudos sobre Identidade Humana. Sendo este o núcleo de estudo que mais acumula trabalhos na perspectiva dos estudos sobre o negro.

Em outros núcleos de Estudos ligados aos trabalhos da "*Escola de São Paulo*" como o núcleo de Psicologia Política e Movimentos Sociais em 23 anos foram realizados 5 trabalhos²⁷, de 1983 a 2006, sendo três as teses de doutorado. Igualmente, no núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade, foram catalogados no período de 1994 a 2006 apenas quatro²⁸ produções sendo apenas uma tese de doutorado, durante 12 anos.

Nos demais núcleos de estudo da vanguarda psicológica do Brasil, a "*Escola de São*

²⁶ Período referente a 1997 a 2004 - Eneida de Almeida dos Reis, Mulato negro-não negro e ou branco-não branco: um estudo psicossocial sobre identidade, 1997- Dissertação de Mestrado, Antonio Martins da Silva, Os movimentos negros e a busca do reconhecimento da identidade negra como movimento emancipatório, 2001- Dissertação de Mestrado - Maura Rosa de Paula Paz, Identidade Quilombola e políticas públicas, 2001- Dissertação de Mestrado, Antonio Honório Ferreira, Identidades Negras: contextos, alternativas e possibilidades emancipatórias, 2001- Dissertação de Mestrado, Silvana Cavichioli Gomes Almeida, Claras imagens do sofrimento negro: o sofrimento mental em Lima Barreto, 2003 - Tese de Doutorado, Regina Marques de Souza, Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões e contribuições da psicologia social e psicanálise, 2003- Dissertação de Mestrado, Elisabete Aparecida Pinto, Sexualidade da Mulher Negra, 2004 - Tese de Doutorado.

²⁷ Rafael Raffaeli - Reis Negros e brancos: festa do Congo em três comunidades negras (Dissertação de Mestrado, 1983), Maria Salete Joaquim - A liderança das Mães de Santo: dilemas e paradoxos na construção da identidade negra (Tese de Doutorado, 1996), Maria Palmira da Silva - O anti-racismo no Brasil como movimentos sociais: a originalidade psicossocial formando convicções coletivas (Tese de Doutorado, 2000), Maria Célia Malaquias - Pastoral Afro - Achiropita: identidades e práticas de um catolicismo afro-brasileiro (Dissertação de Mestrado-2003) e Pedro de Oliveira Filho - Estratégias do discurso racista: a justificação da desigualdade e a defesa de privilégios raciais em discursos de brancos (Tese de Doutorado, 2003)

²⁸ Eliane de Oliveira - Relações Raciais nas creches diretas do município de São Paulo (Dissertação de Mestrado, 1994), Chirley Bazilli - Discriminação contra personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea (Dissertação de Mestrado, 1999), Paulo Vinícius Baptista da Silva - Relações Raciais em livros didáticos de língua portuguesa (Tese de Doutorado), Edmar Jose da Rocha- Auto declaração de cor/ou raça entre alunos do ensino médio e fundamental em São Paulo (Dissertação de Mestrado, 2005)

Paulo", temos produções isoladas com uma²⁹ produção - dissertação de mestrado - no núcleo sobre Adolescentes, Concepções e Questões Emergentes em 8 anos de produções (1998 - 2006). Na mesma perspectiva ocorreu a produção de uma³⁰ dissertação de mestrado no Núcleo de Estudos de Exclusão/Inclusão Social em um período de 20 anos de pesquisas (1987-2007).

Nos demais núcleos de estudos da "*Escola de São Paulo*" não foram encontrados trabalhos referentes à temática do negro no Brasil.

Em levantamento realizado na Universidade de São Paulo (MIRANDA, 2004) observou-se no Instituto de Psicologia apenas três obras pertinentes ao assunto, fato que totaliza quatro obras na psicologia de uma das mais renomadas instituições de ensino superior do país.

Um pesquisador que contribui para as considerações sobre a psicologia e a temática negra é Ricardo Franklin Ferreira. Psicólogo de formação realizou seu mestrado e doutorado em psicologia escolar na Universidade de São Paulo, tendo publicado livro e artigos sobre identidade em afro-descendentes.

Vemos então que, infelizmente, Munanga continua tendo razão quando questionou que no conjunto da obra psicológica no Brasil ele não chegou a catalogar mais de 50 obras quando em entrevista à Antonio da Costa Ciampa, em 2000.

Sob esta condição, o antropólogo e Professor Doutor Kabengele Munanga, da Universidade de São Paulo, refere na Revista *Psicologia e Sociedade*, vol.12, n.º1/2, jan/dez 2000, que o Programa de Psicologia Social da PUC/SP é um dos poucos a abordar a temática com quantidade razoável de produções acadêmicas, superando, inclusive, a universidade em que trabalha.

Isto significa atestar que o contexto geral da psicologia brasileira é muito inexpressivo em relação ao assunto.

Sob o ponto de vista do que até agora se chegou a abordar sobre a problemática da questão da mestiçagem no Brasil, Munanga diz que o tema foi explorado nos modos como Freud usou para pensar a noção do desenvolvimento das questões inconscientes: apenas a ponta do iceberg foi tocada. Muito se tem a fazer a respeito do ponto de vista da produção científica, para se compreender a formação do povo brasileiro, sua relação com a cultura, formação de identidade e principalmente a capacidade da ciência em contribuir para o desenvolvimento humano – igualdade entre as pessoas e os povos, ampliação de condições que favoreçam a vida, a felicidade e a liberdade humana, condições "*já possíveis, tendo em*

²⁹ Maria José dos Santos - A sexualidade dos adolescentes negros, os significados atribuídos na escolha do parceiro afetivo (Dissertação de Mestrado, 1999)

³⁰ Matilde Ribeiro - Gênero e Raça no processo do orçamento participativo de Santo André 1997-1998 (Dissertação de Mestrado, 1999)

vista o desenvolvimento material de nossa sociedade". (CROCHIK, 2002:130)³¹

É preciso ponderar inclusive, que sendo a psicologia social uma ciência de caráter multifacetado, que dialoga com inúmeros campos de outros fazeres científicos, muitas das questões que são tratadas como objetos da psicologia estão intermediados por campos de estudos que avançaram um pouco mais na temática como é o caso das ciências sociais, educação e história.

A complexidade de todas as implicações e discussões sobre a o negro e a mestiçagem no Brasil deverá ser objeto de estudos específicos nos próximos anos (MUNANGA, 2002), em que a necessidade de aliar conceituações advindas da psicanálise em termos de entendimento sobre as construções mentais humanas e incidentes sobre as relações de preconceito, discriminação e formação da identidade, serão importantes para a psicologia reunir condições de pensar este objeto: o negro, o mestiço, o afro-brasileiro.

Na entrevista a Antonio da Costa Ciampa³², Munanga faz a citação de três autores que seriam os pioneiros da psicologia a estudar a questão sob a perspectiva da psicanálise. São eles: Neusa Santos Souza, Jurandir Freire Costa e Izildinha Batista Nogueira.

A constatação de Munanga enquanto respeitável estudioso das questões afro-brasileiras é importantíssima, pois conforme apresentado, a historiografia sobre o negro no Brasil inicia com as ciências sociais e antropologia em 1900, ingressando até a década de 70 onde se verá o diálogo com outras ciências e a ampliação do campo de estudo.

No entanto a psicologia, ainda que possa se fazer representar a partir das produções da "*Escola de São Paulo*", sua participação no cenário nacional é ainda muito tímida no que concerne à capacidade de contribuir eficazmente com seu objeto específico de trabalho que é a dimensão emocional e psíquica.

As articulações do fazer psicológico com outros campos disciplinares, como em geral se apresenta o hibridismo das ciências psicológicas sociais, são bem vindas, importantes e necessárias.

Porém resta uma lacuna extrema, cujo vazio precisa urgentemente ser transformado com obras relevantes, que é o espaço de consideração da dimensão emocional e de formação subjetiva das populações negras e mestiças no cenário brasileiro.

O silêncio da psicologia brasileira, atestado por Munanga, é particularmente interessante, pois que em países que viveram regimes escravistas e que possuem um passado ou uma história emergente de populações migrantes de origem negra e não branca os agentes da ciência procuraram produzir estudos capazes de considerar as relações étnicas raciais no

³¹ José Leon CROCHIK, A visibilidade discriminada. IN: Mirian Debiex Rosa, Raul Albino Pacheco Filho, Taeco Toma Carignato (orgs.). *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: Ed.YM, 2002, p.130.

³² Revista Psicologia e Sociedade da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO - jan.2000.

contexto do país.

Este é o caso dos Estados Unidos, do Canadá e da Inglaterra. O primeiro em função de seu passado escravista, o segundo em função de um grande contingente de imigrantes e o terceiro em função de seu pioneirismo no cenário mundial em relação a revolução industrial que culminou em leis proibitivas ao tráfico negreiro arregimentando esta população enquanto mão-de-obra barata para sua expansão capitalista industrial interna e externa.

A produção psicológica brasileira, ao contrário, parece não considerar as prerrogativas históricas de formação e acontecimentos da vida da população brasileira, preferindo dedicar-se a uma ciência alheia as emergências que se apresentam na historicidade da vida da população brasileira. Neste aspecto, Brasil e França apresentam grandes semelhanças.

É possível que tal comportamento represente as marcas de uma severa repressão em relação a impossibilidade de construir a noção de quem somos, como nos consideramos como brasileiros e pessoas participantes do mundo da cultura humana.

Nos identificamos com a dança, com a comida, a religiosidade negra e indígena, mas somos incapazes de nos considerarmos um só povo em iguais direitos e oportunidades.

Em uma vez, na década de 90, assistindo um telejornal que noticiava a vitória de um tenista brasileiro em um país europeu o mesmo começou a sambar. Feliz por sua vitória em comemoração, por um lapso o mesmo disse em riso bem espontâneo: "Dá a impressão que eu até sou brasileiro...". Foi um momento muito rápido e logo a fala do tenista mudou, pois percebeu que não se identificava com o seu país. Ele realmente viveu anos em um país estrangeiro realizando seus treinamentos e quando no Brasil, habitava uma região brasileira que por vezes não se considera brasileira, mas: alemã, italiana, européia.

A relação de dominação e subordinação a uma cultura de colonização parece ser a marca mais forte nas representações afetivas emocionais dos brasileiros. Somos de fato colonizados, incapazes de ascender a uma representação autônoma sobre nossas origens que não são apenas brancas, apenas indígenas e apenas negras. Somos, de fato, uma miscigenação, uma população híbrida não apenas na cor da pele, mas na maneira de expressões comportamentais e lingüísticas.

Destarte esta capacidade superior da população brasileira de enfrentamento da vida através de uma criatividade ímpar não é igualmente capaz de reconhecer as diferenças e igualdades que nos moldam.

Nós possuímos uma história singular, mas não agimos à maneira de reconhecer nossa alteridade. No mesmo sentido, quando negamos a alteridade, a possibilidade de igualdade é tornada nula.

É um contra senso e um paradoxo. Se a alteridade não deve ganhar a cena da igualdade e do universalismo, como nos aconselha Antonio Flávio Pierucci em seu livro *As ciladas da*

diferença, é importante saber que não se pode pensar em universalismos distantes do cotidiano das pessoas.

O universalismo precisa ganhar a dimensão da ética humana de saber que somos efetivamente iguais e, portanto necessitados de cumprir com as dívidas que nos incomodam, mas fingimos não nos importarmos.

Uma das dívidas a serem pagas é a do silêncio da psicologia.

Lembre-nos: se a década de 50 foi um marco revolucionário das ciências sociais, onde foi possível desfazer o mito da democracia racial iniciado por Freyre e abordar a questão sob uma perspectiva mais ampla, cabe à psicologia recuperar esta historicidade e considerar as pedras e marcas do psiquismo a partir de uma base solidamente edificada, a fim de não surgir ingênua e desarticulada das produções emergentes sobre a temática.

O caminho trilhado pelos cientistas sociais devem ser os patamares seguros de considerações para traçar novas linhas sobre a historicidade humana no percurso da dimensão emocional e afetiva – a psicologia.

Não cabe à psicologia o papel de boa moça casadeira incapaz de ser crítica e reflexiva sobre suas contribuições na transformação da realidade social do Brasil e do mundo, mas é imprescindível que o papel importante da emocionalidade e subjetividade ganhem a cena dos tempos atuais com respostas ou reflexões bem trilhadas capazes de dar ao humano direções mais precisas quanto a evolução da condição da vida das crianças, mulheres e homens.

A intenção de apresentar o percurso trilhado primeiramente pelas ciências sociais e antropologia para falar sobre a literatura do negro no Brasil foi a de considerar que não se pode construir uma ciência psicológica a partir de uma base que não compreenda os caminhos sinuosos deste processo de esclarecimento sobre preconceitos no cerne da ciência que é feita por homens.

Foi também o objetivo de apresentar a relação que estes conceitos vão perpassar as produções psicológicas que adentram o final da década de oitenta, anos noventa e início dos anos 2000.

Tais relações teórico metodológicas vão constituir uma psicologia viva, capaz de articular pensamento e ação, inserindo-se ainda que lentamente nas lacunas deixadas pela psicologia, filha de um elitismo clássico acostumado a uma alienação insana, ao estilo de Maria Antonieta que completamente alheia ao povo quando informada de que os mesmos tinham fome diz com descuido a frase: "*Eles que comam brioches...*"

Que não seja preciso à psicologia perder a cabeça para reconhecer que uma revolução é preciso; e que esta deve ser representativa de uma demanda ética das necessidades que emergem hoje no campo de todas as ciências preocupadas com o devir humano.

A questão da alteridade, diferença e igualdade é a *hora da vez* no cenário da Modernidade.

Os conflitos econômicos e políticos estão banhados em um caldo de cultura sobre diferenças étnicas e questões racializadas.

Em um período em que o mundo conheceu o horror das guerras e da penúria, a tecnologia molda os ataques velozes e violentos sobre as populações humanas, de modo sofisticado e pleno.

No cerne do homem-máquina, entre seres que se pretendem ciborgues, a negação das alteridades é um apelo ao não humano.

A uniformidade de todos com o desprestígio da singularidade é o terror que se impõem a todos, inclusive à ciência, que temerosa de sua capacidade lança um olhar apelativo para as ciências capazes de responder sobre as subjetividades: Qual o nosso devir no cerne de nosso coração humano?

Esse olhar e sorriso de Monalisa, que esconde um mistério e um segredo está a cargo do desvendamento das ciências psicológicas.

O estudo sobre o negro, em sua historicidade, nos caminhos que perpassa suas formações subjetivas nas pedras e marcas dos tempos da cidade são um dos fragmentos deste olhar, deste devir que questiona sobre identidade e nossa humanidade.

Os caminhos de formação de uma juventude atravessada por essas marcas, no cotidiano urbano das metrópoles que tecem subjetividades e identidades nos darão reflexões proíficas para uma ética de compromisso com a vida de todos.

Fica demonstrada assim a complexidade do objeto, que transita por diferentes contornos: sociologia, psicologia, psicanálise, geografia.

No decorrer do trabalho se apresentarão outras formas indicativas da paisagem que ilustra o fragmento.

Para finalizar, escolhemos as quatro primeiras obras publicadas no Brasil da psicologia social sobre o negro e identidade a partir do ano 2000 como representativas das tendências para o séc. XXI.

1.4. - Psicologia Social e Identidade negra

Em 2002 publicou-se o livro *Psicologia Social do Racismo*. Trata-se de pesquisa financiada pelo CNPq que reuniu pesquisadores para investigar as relações raciais no Brasil a partir da pesquisa psicológica.

Destacou-se nos estudos o conceito de ideologia do branqueamento o qual poderia ser entendido como o resultado da intensa miscigenação ocorrida entre negros e brancos desde o período colonial. Além disto, o branqueamento implica na compreensão de uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca para que o negro negasse seu corpo e a si mesmo a fim de se "integrar" - ser aceito e ter mobilidade social - na nova ordem social (Carone, 2002:14).

A pesquisa no campo conceitual privilegiou os estudos dos textos sociológicos e antropológicos com tradição sobre o tipo de abordagem, incluindo leituras de alguns expoentes da psicologia no âmbito nacional e internacional como Denise Jodelet e Franz Fanon na França, além dos clássicos como Freud, Sartre e Adorno, sem priorizar autor e abordagem específica.

Procura abrir, pela primeira vez, um quadro de apresentação que ultrapasse a dimensão puramente sociológica de suas duas fortes expressões: Gilberto Freyre e o grupo de pesquisa financiado pela Unesco na década de 50.

Pretende assim galgar as considerações psíquicas sobre os efeitos sociais do racismo na psicologia do negro brasileiro.

Em linhas gerais, podemos considerar que o estudo mostra incorrências semelhantes as que foram apresentadas por Santos Souza (1983), Costa (1986) e Nogueira (1998), como se verá a seguir na perspectiva específica da psicanálise.

Há que se ter em mente que Nogueira (1998) é uma das pesquisadoras que integram a perspectiva da pesquisa *Psicologia Social do Racismo* e embora apresente um novo texto, ele figura no nível das semelhanças conceituais de outrora que será considerado posteriormente por nós.

O estudo inova pela capacidade de atrelar os aspectos psico-emocionais às variáveis quantitativas de caráter eminentemente social, favorecendo a visualização dos dados possibilitando pesquisa psicológica atinada com a capacidade de discutir formação de identidade e as questões importantes da sociedade brasileira e a população negra como: mercado de trabalho, escola, renda.

Rosemberg, uma das autoras do livro, ao falar de identidades raciais e linha de cor, nos mostra o quanto a questão para o povo brasileiro negro é uma emergência problemática. As

pesquisadoras no Censo 1980 evidenciaram:

"clara preferência pela declaração das crianças menores de um ano como de cor branca: com efeito, aproximadamente 152.000 crianças menores de um ano declaradas brancas seriam filhos de mãe de outra cor. O contrário acontece para as crianças de cor preta e parda: existem aproximadamente 63.000 e 87.000 crianças cuja mãe tem cor preta ou parda e elas não a tem (Berquó et al., 1986, p.36.

Mesmo assim, alerta para o fato de uma condição da pesquisa realizada e classificada por pessoa branca em relação a um negro.

Neste sentido pondera: Quais seriam as orientações subjetivas para atribuição de cor à prole em um país marcado por desigualdades raciais?

A autora diz que a resposta a esta questão ainda não existe e que diante de tantas ambigüidades é preciso permanecer no aprimoramento de informações estatísticas oficiais a fim de estimular a produção de estudos e pesquisas sobre as dimensões psicossociais de identidade étnica do brasileiro.

Silva Bento nos apresenta a questão racial e identidade como uma questão ideológica. Como psicóloga social ela apresenta que em sociedades em que o pertencimento a um grupo racial é enfatizado, o desenvolvimento da identidade racial ocorrerá com qualquer pessoa e de diferentes maneiras.

Ela mostra que o racismo é um problema para negros e brancos e que há fontes de resistências em relação a questão, pois há forte tendência em se considerar a sociedade como desracializada.

Neste sentido, há sentimentos de confusão e ansiedade em negros e brancos e os negros evitam enfrentar a questão do racismo enquanto sustentáculo de um sistema de privilégios preferindo acreditar que o reconhecimento que recebem é baseado somente no seu mérito (Bento, 2002:157).

No âmbito de uma prática psicológica a conceitualização de Bento refere sobre a importância de se levar à consciência das pessoas - brancas e negras - sobre os aspectos condenáveis do racismo a fim de possibilitar ações anti-racistas e que conforme Paulo Freire é antiético não fazê-lo.

Ferreira (2000) ao falar de identidade do afro-descendente no livro *Afrodescendente: identidade em construção*, nos fornece estudos voltados para a psicologia a partir dos anos 70.

Ele utilizará como referência a literatura norte americana, as quais possuem um rico acervo nesta questão e julgará que as produções inaugurais surgiram com o fito de promover acesso de psicoterapeutas - supostamente brancos - para lidarem com o "cliente negro

problema" e ressaltam suas deficiências pessoais sem uma preocupação maior em pontuar qualidades da "personalidade negra". Além disto, são estudos voltados àqueles indivíduos com possibilidades de se submeterem a uma psicoterapia (Ferreira, 2000:62).

A partir desta literatura, norte americana são agregados três componentes de formação de identidade: pessoas, orientação do grupo de referência e identidade racial, os quais podem variar entre si e tendencialmente - dadas as condições de socialização da população brasileira - faz com que o afro descendente construa auto-imagem negativa de si para articular-se com a cultura branca-européia.

A partir deste início pela literatura da psicologia norte americana ele traça os caminhos de consideração da formulação da identidade do afro-descendente que através de estágios teria configurada uma identidade dinâmica a qual pode ser reconhecida como positivamente auto firmada a partir da consciência da importância das matrizes africanas no seu universo simbólico.

As relações dos escritos de Carone e Bento (2002) e Ferreira (2004) que aponto como importantes e inovadoras é a chamada de atenção para a reflexão sobre a construção da identidade da pessoa branca no âmbito das considerações históricas sobre o racismo contra o negro no Brasil e no mundo.

Ambos os autores referem, embora não aprofundem, sobre a importância da questão para a reconstrução da identidade histórica do processo de formação do povo brasileiro.

"Torna-se importante, paralela à luta por uma identidade afro-centrada, a luta pela construção de uma identidade brasileira, na qual o branco deixe de negar suas raízes culturais africanas e indígenas, assim como o negro brasileiro, suas raízes culturais européias e também indígenas. Portanto, esta é uma luta do brasileiro, seja ele negro ou branco, é uma luta do brasileiro que é, culturalmente, negro e índio e branco" (FERREIRA, 2000:176)³³.

No mesmo sentido há correspondências na fala da noção de identidade negra da psicologia social com a fala de autor clássico das ciências sociais.

Abdias do Nascimento, nos diz sobre a importância de construir uma ideologia capaz de orientar a atuação política no Brasil.

"Trata-se de uma proposta política para a Nação Brasileira, e não apenas para os

³³ Ricardo Franklin FERREIRA. *Afrodescendente - identidade em construção*. São Paulo: Educ/Fapesp/Pallas, 2000, pg.176.

negros: um Estado voltado para a convivência igualitária de todos os componentes de nossa população, preservando-se e respeitando-se as diversas identidades, bem como a pluralidade de matrizes culturais. A construção de uma verdadeira democracia passa, obrigatoriamente, pelo multiculturalismo e pela efetiva implantação de políticas compensatórias ou de ação afirmativa para possibilitar a construção de uma cidadania plena para todos os grupos discriminados"(NASCIMENTO, 2000:221)³⁴.

Na composição inicial das primeiras obras da psicologia social que abrirão o século 21, Joaquim (2001) trará a noção de identidade negra a partir do livro *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*.

Ela abordará a questão da identidade negra como uma questão política e traz a noção da religiosidade negra - o candomblé - como uma identidade étnica originária que gerou pátrias e nações. Neste sentido, a identidade do negro brasileiro é sobreposta por este modelo originário que se transforma no cotidiano em identidade afro-brasileira.

A especificação da vida religiosa com suas peculiaridades desenhará os caminhos por onde pode ser pensada a identidade negra, sendo a religião um dos acessos para compreender cosmovisões de mundo, noção de humanidade e relações humanas entre brancos e negros perpassadas pelo sentido comunitário e universalista da religião.

" A humanidade no candomblé, se traduz em gestos do cotidiano. A preocupação da mãe de santo é com a saúde de cada um, com problemas de trabalho, de situação financeira, com o bem estar dos membros do candomblé, por meio de rituais que renovam a força vital (JOAQUIM, 2001:160)³⁵.

Sob este aspecto o candomblé reflete um sentido de não divisão de nações e povos. Pois o sentido da vida e o cuidado concreto com ela, demonstra as condições básicas das necessidades humanas universais.

Nesta perspectiva há uma abertura para pensar a construção da identidade negra também a partir de um sentido cultural e político, pois é necessário um movimento pela justiça, em que se coloque o grupo étnico negro como elemento constitutivo da sociedade

³⁴ Abdias do NASCIMENTO e Elisa Larkin NASCIMENTE. *Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1977*. in: *Tirando as máscaras - ensaios sobre o racismo no Brasil*. Antonio Sergio Alfredo GUIMARÃES (Org). Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2000, pg.221-222.

³⁵ Maria Salete JOAQUIM. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da Identidade Negra*. São Paulo:Educ/Fapesp, 2001,p.160.

multirracial brasileira (Joaquim, 2001:176).

É trazido no contexto do livro a importância de organizar a resistência negra - o fortalecimento de sua identidade. Sendo que as reflexões sobre a religiosidade e o papel político de construção de identidade são elementos que podem se auto-complementar no contexto do país.

A temática que agrega construção de identidade negra e perspectiva religiosa é atualíssima, pois hoje vemos em todo o mundo o reflorescimento dos fenômenos religiosos determinando as identidades das pessoas desamparadas em desesperos psíquicos frente a um mundo priorizado pela aceleração da técnica em detrimento dos sujeitos e das relações humanas.

Quando Joaquim nos apresenta o papel das lideranças negras femininas, no cenário de formação da identidade negra, é importante atentar que tal linguagem pode expandir-se para pensar a relação do homem com a nova configuração do mundo. O papel das religiões nesta nova configuração e como o candomblé, enquanto religião negra contribui para a reformulação da dimensão humana ou o seu cerceamento.

São temas importantes que o livro de Salete Joaquim abre e que são imprescindíveis para aprofundar as discussões sobre homem e sociedade, suas visões de mundo, alteridades e hibridações em uma sociedade urbana e globalizada, cuja as fronteiras concretas e invisíveis fornecem cerceamentos sofisticados nos processos de construção das identidades humanas.

Em perspectiva de considerar as relações raciais a partir dos dilemas da mestiçagem Reis (2002) aponta no livro *Mulato: negro não-negro e/ou branco-não branco* os processos de formação de identidade a partir da noção de que identidade é processo de produção subjetiva e objetiva. Neste sentido o mestiço seria aquele cuja identidade ao tomar conhecimento do preconceito racial e dos estigmas a ele submetidos passa a se considerar não mais como mestiço, mas a se auto identificar-se como negro. Surge neste ponto uma outra dimensão de identidade que não é nem a dimensão objetiva - social - atribuída à ele - o estima a racialização - e nem a sua auto referência - negro - visto que sua apropriação subjetiva de identidade necessita ser reconhecida pelos outros.

Tem-se assim a noção de identidade enquanto processo, pois pode ser definida como relações entre indivíduos, em movimento constante conferindo-lhe a dimensão de metamorfose.

Metamorfose para a consideração do mestiço, estabelece um trânsito entre passado, presente e futuro, em que o sujeito reformula-se em relação a si mesmo e a sua história na relação com as pessoas.

Tal sentido de identidade atenta para a noção de que a metamorfose é inerente à condição humana, visto que não necessariamente ocorre a percepção do sujeito da relação

dialética entre indivíduo e sociedade - objetivo/subjetivo. Há, no processo de revelação e produção de identidade, situações em que o que ocorre são reposições de situações anteriores de modos de expressões de identidade. Nesta medida, não ocorrem episódios novos de interpretação dialética entre "eu" e "mundo" , que caso ocorresse, produziria processos de identidades autônomas - emancipadas.

Neste trinômio se analisa a construção da identidade do mestiço no livro de Reis, conjugando *identidade-metamorfose-emancipação* como elementos indissociáveis para compreender a relação sujeito e sociedade.

O fato novo que se revela nesta maneira de compreender identidade em psicologia social é a não subordinação do sujeito aos elementos determinantes da sociedade.

A análise psicológica sob este aspecto não subestima o peso e valor da análise social para compreender as noções subjetivas dos sujeitos, mas antes de considerá-la em primazia aponta para a condição que este sujeito - estigmatizado e racializado - possui para imprimir a transformação de si frente ao contexto.

A transformação - metamorfose - do sujeito implica a possibilidade de transformar o "bloco" social que o "sub-determina". Ao transformar a si mesmo, abre-se a possibilidade para a transformação da sociedade, visto que a sociedade é composta por sujeitos.

Reis utiliza para narrar a compreensão da identidade do mestiço (o negro que não é negro e o branco que não é branco) as múltiplas identificações que envolvem a produção desta identidade priorizando o movimento entre o singular e o universal que se expressa como particular por meio das predicções.

O trabalho é fruto da análise detida das concepções de identidade da psicologia social elaboradas por Antonio da Costa Ciampa, ícone representativo da nova maneira da psicologia brasileira conceber a noção de identidade a partir do final da década de 80.

Como já apresentamos no início deste trabalho, tal perspectiva se insere nos movimentos de transformação teórico-conceitual da psicologia social brasileira.

No trabalho de Reis, temos assim representado, um fragmento desta perspectiva e noção de produção de identidade focalizando a identidade do mestiço.

Finalmente, o que presentifica a conclusão do texto de Reis é a condição de conceber identidade como identidade humana pois ao mestiço está reservado a condição de '*ninguém*'.

Ao trabalhar da forma como trabalhou o conceito proposto pela psicologia social a partir de suas novas concepções paradigmáticas de observar e intervir na transformação da sociedade brasileira Eneida de Almeida dos Reis nos traz um relato sobre a perspectiva ética em considerar o sujeito humano - identidade humana - como a principal necessidade de validação social e individual para o sujeito negro-branco - mestiço.

Uma lição que a sociedade, aqui no Brasil e nos contextos internacionais, precisa ser capaz de realmente apreender.

Estas quatro obras representam o "início" de uma psicologia social formalmente reconhecida, visto que se constituem as primeiras publicações específicas da psicologia social.

Em nosso texto procurou-se visualizar aspectos breves de cada contribuição, observando que não se pretendeu atingir as minúcias de suas considerações.

Também ao apresentá-las, ainda que em estreita síntese, pudemos contribuir para uma demarcação cronológico-histórica sobre a produção formal do campo psicológico social.

Isto representa tristemente informar, conforme se observa na data de publicações das mesmas, que a psicologia social brasileira, somente foi capaz de vincular-se à questão emergente de nossa sociedade em fins de século XX e entrada do século XXI.

Considero que a efetivação destas obras compreendem uma verdadeira '*odisséia*' no sentido de que em contexto que rejeita tal perspectiva de análise - a dimensão do negro brasileiro - elas foram capazes de dar o '*ponta-pé inicial*' para o pronunciamento formal da psicologia sobre o assunto.

Desejamos que elas sejam frutíferas, e que outras que já surgiram nos ambientes acadêmicos possam ser referendadas para publicações na medida mesma de que o que sub representa a psicologia brasileira não é apenas a baixa produção em relação a questão, mas a '*má vontade*' ou o desprezo em efetivamente considerar que a psicologia tem importância ou '*algo a dizer*' sobre o negro brasileiro.

Neste sentido pode-se figurar uma dupla dificuldade, a qual são faces de uma mesma moeda, aos autores e intelectuais que se lançam a discutir a questão sob a perspectiva da psicologia:

1 - a dificuldade em reunir os assuntos já pesquisados, visto que não são visíveis em dimensão social intelectual formal e

2 - a dificuldade de ver reconhecido o empreendimento de seu trabalho.

Estas duas condições abrem-se para um julgamento político da produção científica e intelectual brasileira e também, principalmente para a psicologia.

Até que ponto o acesso dos pesquisadores brasileiros sobre o assunto, quando aceitos nos programas de psicologia "*stricto senso*", são realmente recebidos como colaboradores para a extensão do campo epistemológico desta ciência? Estaria ela no seu cerne histórico objetivo realmente vinculada a noção da importância da questão para a psicologia ou a recepção destes novos atores - autores - sociais representam tão somente uma "meia-opção" em considerar a questão e se "*livrar*" da "*meia-culpa*" que passa a ser informalmente lançada sobre o seu não pronunciamento sobre a temática?

Qual o tipo de '*ciência*' esta psicologia brasileira está disposta a efetivamente validar?

As publicações sobre o tema antes de serem uma questão de acesso ao mercado editorial é produto das referências que os campos teóricos disciplinares fazem no bojo da relação ciência e sociedade.

Permitimo-nos tecer a crítica de que esta circunstância talvez represente a "*necessidade*" dos institutos e programas de pesquisa formatarem-se em uma universidade de "resultados" aliando-se ao que é formalmente aceito pelo mercado tecnocientífico.

Pela tradição do "*desprezo*" histórico para com a relevância do tema, as universidades escamoteiam a impressão de romper com o "*status quo*" recebendo alguns estudiosos interessados no advento da questão. Na mesma medida, rompem com o compromisso efetivo de prosseguir com este entendimento, a fim de compactuarem com os "*logos*" financeiramente rentáveis socialmente para as escolhas políticas efetivas de seus discernimentos. Isto significa, promover a discussão no âmbito acadêmico fornecendo um formato de "*vanguarda*" e "*emancipação*".

Mas reiterar seriamente no debate social que é fruto das relações que se inserem no contexto da universidade, conferindo '*poderes*' e legitimidade aos sujeitos de suas falas o que foi supostamente debatido e produzido: "*Ah, isto já é uma outra questão*".

Penso que neste nível a psicologia banaliza a questão e apresenta suas duas faces para conceber a relação produção acadêmica, vinculações políticas e manutenção ou rompimento com dimensões históricas da realidade social.

Para nós, isto é o que parece representar o irrisório número de publicações em detrimento do ainda pequeno, mas crescente, número de pesquisas e pesquisadores que se debruçam e já se debruçaram sobre a questão.

Como nos diz Santos (1998:26):

"uma racionalidade burocrática e perversa ameaça invadir até mesmo aqueles recantos que não sabem viver sem espontaneidade, (...) sendo toda reação difícil, para alguns um verdadeiro suicídio, já que a carreira universitária não mais precisará ser uma carreira acadêmica".

Ele vai ainda mais fundo em suas reflexões, as quais tomamos de empréstimo e concordamos que na dimensão de nosso objeto esta perspectiva também está presente, pois além de considerarmos o jovem negro mestiço da periferia, consideramos também as populações periféricas da metrópole.

Enquanto a questão étnica racial é já preterida pela universidade e principalmente

como já dissemos, pela psicologia, que tenta escapar de sua vocação crítica, a questão da desigualdade social no território da metrópole tende a ser encarada como uma questão de fundo de pesquisa. Fundo no sentido monetário.

Pesquisadores podem dedicar-se a observar o fenômeno sob a perspectiva dos números, das tabelas estatísticas, as quais são importantes para nosso entendimento, mas elas não representam sozinhas, as condições de compreensão do contexto.

Para tanto, é preciso aproximar-se do dado, buscar com coragem cumprir a exigência da resposta de entendimento que é uma tarefa intelectual.

Ainda com o que Santos pode nos ajudar a pensar, a tarefa intelectual outrora era o exercício dos homens que dentro ou fora da universidade acreditavam nas idéias que formulavam e as formulavam como respostas às suas convicções.

Ele utiliza uma expressão de Sartre que dizia: os intelectuais casam-se com o seu tempo e não devem traí-lo.

Continua Santos (1998:27):

"Que fazer, quando, na própria Casa fundada para o culto da Verdade, a organização do cotidiano convida a deixar de lado o que é importante e fundamental?"

Esta é uma resposta que a psicologia social brasileira precisa formular *"verdadeiramente"* sobre o que ela vem fazendo na relação com a produção dos pesquisadores que se apresentam para discutir a questão em seus institutos e programas.

Como, *a posteriori*, estes escritos são considerados, reorganizados e agregados a novas produções inter-temática. Conjugando saberes e aprimorando conhecimentos.

Operando metamorfoses em seu processo dialético de compreensão e transformação da sociedade brasileira.

Embora esta seja uma dimensão de resposta institucional política, enquanto metamorfose que se insere em perspectiva dialética, a identidade dos pesquisadores sobre o tema são atributos importantes para a transformação desta ordem vigente.

Eles devem, como ainda nos propõem o geógrafo, nos descaminhos da vida urbana que psicólogos sociais também se inserem, recusar a pesquisa espamódica, abandonar a vida fácil e, afinal, enfrentar o entendimento do Mundo. E em todas as áreas do saber agir com heroísmo, se desejarmos poder continuar a perseguir a verdade.

Isto foi o que fizeram os representantes destas quatro primeiras obras publicadas em

psicologia sobre o negro mestiço brasileiro e sua identidade.

Isto é o que pretendemos no percurso deste trabalho. Embora tenhamos a condição de reconhecer que os heróis são antes os mais simples e desarmados dos mortais, que como "*quixotes*", correm o risco sempre eminente de precipitarem-se em delírios.

Talvez não tenhamos tido toda a lucidez para trilhar os contornos dos caminhos, na cidade imaginária da ciência e na cidade empírica das identidades urbanas dos jovens negros e mestiços.

As críticas servirão para referendar a identidade destes seres, que como eu, aspiram ser verdadeiros intelectuais, respeitosos e reverentes aos ensinamentos acadêmicos que possam promovê-los a melhores entendimentos.

O que se fez até agora foi apenas demarcar os caminhos literários historicamente já construídos e as intenções de contribuir mediante novas significações e sentidos a partir do tema de tese proposto.

Com o fim de contribuir para o percurso de uma psicologia capaz de pensar uma emocionalidade e subjetividade mais comprometida com categorias psíquicas de funcionamento mental e a identidade do jovem negro, se fará a apresentação dos conceitos das obras na perspectiva psicanalítica que marcam a construção deste pequeno e inicial edifício.

2- PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA SOCIAL DO NEGRO E IDENTIDADE NA METRÓPOLE

*“A gente é da vida, como a gente é da morte”
Dona Lita, mãe de Hildebrando*

A literatura psicanalítica disponível no Brasil sobre o tema é rara. Apenas a partir da década de oitenta, em 1983, com Neusa Santos Souza, é que a questão se apresenta.

Ela escreverá o livro *Tornar-se Negro* que até hoje figura como um clássico na literatura a respeito e enfocará principalmente o descaso e omissão com que a psicanálise tem tratado a temática. Como psicanalista, ela informará o custo emocional de sujeição, negação cultural e corporal do sujeito negro frente as vicissitudes de sua experiência de discriminação e preconceito.

No cenário nacional a autora não apresentará novas incursões, tendo outras produções no campo específico da psicanálise a partir de temáticas distintas da questão negra.

Em 1986 Jurandir Freire Costa nos trará a temática da violência em psicanálise e abordará o racismo como uma das formas de violência psíquica. Enfatizará a partir de um artigo as maneiras como a discriminação funda mecanismos de funcionamento mental capazes de marcar drasticamente o psiquismo da pessoa negra.

Neste livro, Freire publica também um artigo de Neusa Santos Souza, o qual é representativo de um resumo de seu trabalho e livro anterior *Tornar-se negro*.

Em *Violência e Psicanálise*, as relações entre psicanálise e racismo vão se inscrever mediante uma análise social e intra-psíquica em que a sociedade branca forja a mutilação do psiquismo negro ao nível de suas próprias noções de valores humanos socialmente aceitos.

Isto produz um custo alto à integração psíquica e emocional da pessoa negra que tenta minorar seu sofrimento psíquico através de uma dinâmica de funcionamento emocional peculiar. Neste sentido Costa afirma:

“ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa e sem repouso (...), visto sob o ângulo da dinâmica intrapsíquica, a violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro, que através da internalização compulsória e brutal de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades de seu corpo.(...). Cria-se um fosso que o sujeito negro tenta transpor, à custa de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu

equilíbrio psíquico".³⁶

Tanto em Costa como em Sousa, vemos a psicanálise empenhada em trazer as elucidações conceituais para pensar a constituição psíquica e emocional da pessoa negra.

Ambos apresentam uma certa concordância quanto a questão de que no plano emocional o sujeito de origem negra apresenta-se fragilizado em relação às suas formulações psico-emocionais.

A análise psicanalítica de ambos converge para a dimensão de que para dar conta dos prejuízos sofridos frente a condição de ser negro, a pessoa negra acaba por adotar e assimilar os ideais de identificação da cultura branca.

Conforme os autores, ao ver-se presa de um sistema de valores que a despreza e descaracteriza, a pessoa negra passa também a rejeitar-se a fim de tentar a todo custo, participar da cultura hegemônica que o cerca.

São compreensíveis e interessantes as idéias apresentadas pelos autores. Elas são apresentadas a partir de uma riqueza conceitual até então desconhecidas no âmbito psicanalítico para abordar a questão.

No entanto, na consideração geral sobre o efetivo que tratam, apartando a análise de seu refinamento psicanalítico, o que se produziu parece tratar não mais do que as literaturas não especializadas na área já trataram: a consideração de que a sociedade branca trata o negro como um ser desprezível e inferior, e que isto produz um forte sentimento de desvalorização e negação emocional do negro para consigo e sua cultura.

A diferença parece apresentar-se somente na dimensão disciplinar da linguagem que o campo de referência apresenta.

Ao pensar as elaborações psicanalíticas sobre a questão em tela podemos considerar que campos disciplinares distintos na ciência compõem o aparelho extenso que é a ciência.

Sua compartimentalização serve para expandir e especificar certos caracteres científicos e ao mesmo tempo em que isto é uma providência de expansão específica de uma temática é também uma restrição em relação ao diálogo com outros campos disciplinares científicos.

Sob esta noção é preciso considerar que a ciência em sua originalidade tem muito mais

³⁶ Jurandir Freire COSTA, *Violência e psicanálise* – Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986, p.104

a ver com uma totalidade do que com uma fragmentação ou compartimentalização rígida de conceitos em campos disciplinares distintos.

Por tal razão a capacidade de considerar aspectos das ciências sociais em um trabalho das ciências psicológicas se fez relevante. Na mesma direção, observar as relações da psicanálise, campo do conhecimento considerado por Munanga como importante na significação das dimensões emocionais do negro no Brasil, com as demais ciências, é condição importante para aprofundar as dimensões do objeto na perspectiva socio-cognitiva-emocional.

A despeito da ciência, a psicanálise é um campo do conhecimento e não propriamente um conhecimento científico; fato que a coloca em posição de melhor contribuir para o esclarecimento de questões que tocam a vida humana, pois não está sujeita aos cerceamentos de doutrinas científicas fortemente direcionadas e mais comprometidas com a ciência que com a vida.

A descoberta freudiana do inconsciente colocou em xeque a ilusão da modernidade de poder transformar todo saber em conhecimento. Embora nascida no berço da ciência, a psicanálise acabou demonstrando a impossibilidade de formular qualquer enunciado capaz de capturar um real sem que nada reste fora da redoma da linguagem. Para tal demonstração a psicanálise não se apóia na evidência da vastidão sem abrangência possível do real - o que a colocaria fora da ciência, exposta às especulações místicas - mas na condição própria do sujeito que produz esse enunciado. Um sujeito tal cujo enunciado é a matéria mesma que o constitui, na medida em que sua própria existência depende desse enunciado. Por isso seu funcionamento não poder ser outra coisa que a lógica do discurso que ao mesmo tempo habita e do qual está, ele próprio, feito. Uma lógica necessariamente paradoxal, já que é o sujeito mesmo quem produz a verdade que acredita descobrir³⁷.

Transitando por este paradoxo a psicanálise procura conjugar-se com a lógica da ciência sem perder de vista a condição de consideração do discurso, significado e linguagem do sujeito. Aquilo que funda a cultura humana.

Isto não quer dizer que a psicanálise, esteja isenta de suas cátedras ideológicas, onde é impossível acessar o papel de reflexão que para ser realmente novo e fresco, necessita renovar-se todos os dias.

³⁷ Alfredo JERUSALINSKY e Renato MEZAN. Longe da ortodoxia e do ecletismo. Revista Percurso - Debate 33. Instituto Sedes Sapientae s/d. São Paulo.

Talvez por isto tenham ocorrido os grandes e conhecidos impasses entre os psicanalistas e um de seus últimos representantes mais ilustres³⁸.

Freud também, na emergência de seus trabalhos, quando apresentou suas idéias sobre histeria foi tido com estranho e descompassado em seu tempo e em sua classe (a dos médicos).

Destarte, a psicanálise se envolveu a partir do próprio Freud, de uma linguagem peculiar, cheia de simbolismos e metáforas.

Freud, como grande erudito que era, fez uso especial de todo seu conhecimento para galgar a posição de compreensão e valorização de seus escritos e idéias.

Ainda na dimensão da linguagem psicanalítica a partir de Freud, o mesmo, como à época preconizava, era um estruturalista, o qual , pelo caráter inaugural de sua obra, não poderia deixar de organizar-se a fim de cumprir com sua historicidade no âmbito dos conhecimentos considerados científicos à época.

Ainda que Freud tenha conseguido prestígio e forte capacidade de fazer-se respeitável em diferentes ambientes no cenário mundial, a psicanálise restringiu-se aos ambientes não científicos e não acadêmicos por tradição.

É somente com Lacan, na França, que a psicanálise vai efetivamente ser estudada nas universidades e grandes *écoles*, como a ENS - École Normale Supérieure, Universidade Paris VII, Paris VIII , École Pratique en Sciences Sociales e EHESS - École de Hautes Etudes en Sciences Sociales.

No cenário inglês, Melanie Klein, será a grande representante da psicanálise infantil a qual possibilitará a difusão e prestígio da psicanálise na Inglaterra.

³⁸ Lacan foi conhecido por ser um psicanalista avesso as tradições escolásticas e por fundar e romper com todas as escolas de formação em psicanálise que inaugurou. Personalidade irreverente, ele marcou a psicanálise francesa do século XX trazendo rigor conceitual aos escritos psicanalíticos a partir de Freud ao mesmo tempo que inovou as formas de conceber a psicanálise no setting clínico e institucional. São célebres as suas idéias a partir de Elisabeth Roudinesco quando a mesma refere que na atualidade a psicanálise é muito mais próxima das pessoas de todas as classes. Especialmente na França, a partir de Lacan, vários são os psicanalistas que se engajam em fornecer atendimento a pessoas de diferentes níveis sociais e culturais. A estes psicanalistas de "tênis" e "calça jeans" - para utilizar as palavras da historiadora da Psicanálise Francesa e biógrafa de Lacan - é que Roudinesco presta sua homenagem em função dos grandes feitos que estes "simples mortais" realizam para o desenvolvimento da construção humana e seus processos de subjetivação (Video Cultura - Roda Viva com Elisabeth Roudinesco).

Sobre as cátedras na psicanálise, uma contradição de interesses vão sobrepor-se às condições de reflexão, embora devamos considerar que tal aspecto diz respeito às formas como cada "mestre" detinha um "certo poder" sobre aqueles que exerciam a psicanálise nos circuitos psicanalíticos atrelados a uma certa vaidade de "saber único e incontestável" tal qual uma disputa.

Nas palavras de Mezan podemos ver o quanto tal atitude é decorrente de uma historicidade processual do desenvolvimento de um campo do conhecimento com suas consequências e desdobramentos, cuja humanidade deve servir-se ao invés de manter posições herméticas e obsoletas.

As disputas pela razão do conhecimento entre psicanalistas cede lugar a uma astúcia argumentativa e perceptiva quanto à realidade social da época, século vinte, e as emergências de uma sociedade em constante transformação.

Alguns expoentes em especial, serão capazes de fazer uma releitura do mundo e da psicanálise. Darão à ela estatutos crescentes que não findam em um período específico, mas articula-se no bojo do cotidiano da vida dos sujeitos e sua transitoriedade/historicidade.

Em razão disso a condição de permanência da psicanálise sobreviveu ainda mais fortalecida, já que o debate e disputas internas a colocou em posição de quase desaparecer enquanto um destino funesto conforme Mezan.

(...) este "destino funesto" não se concretizou: creio que isto se deveu a uma série de fatores, dos quais o mais importante, a meu ver, foi a percepção – por parte de algumas das melhores cabeças do movimento freudiano – de que nenhum dos modelos tidos por absolutos podia dar conta da complexidade da vida psíquica, cobrir toda as suas nuances, ou explicar todos os seus transtornos. Na França e na Inglaterra, sobretudo, mentes atinadas como Winnicott, André Green, Joyce McDougall, Piera Aulagnier e outros começaram a romper as barreiras graníticas que separavam as escolas, propondo-se a circular entre elas e a constituir um pensamento próprio. A morte (Klein) ou a decrepitude (Lacan) dos líderes destas escolas também facilitou este trânsito. O resultado de todos estes processos foi a percepção de que em cada escola haviam elementos valiosos, de que se poderia discordar dos "adversários", mas que estes não eram estúpidos nem incoerentes. Além disso, o contínuo desfilar de novas formas de organização psicopatológica pelos divãs exigia a flexibilização e o aprofundamento dos modelos herdados: assim surgiram os bionianos, os neo-kleinianos, os "freudianos franceses", os discípulos de Kohut, etc., etc.³⁹

Pensando em nosso trabalho, a questão da juventude inspira utilizar este elemento de consideração, pois o jovem é aquele que em geral sofre "mutações" conforme seu tempo e

³⁹ Renato MEZAN e Alfredo JERUSALINSKY. Longe da ortodoxia e do ecletismo. Debate 33. Instituto Seder Sapientiae -Revista Percurso, São Paulo, s/d.

historicidade.

Se toda a humanidade transforma-se conforme as dimensões do tempo vivido, é o jovem que sofre os impactos diretos desta alteração do mundo.

As relações de amor, afeto, amizade, formas de relacionamento em geral, perspectivas de sonhos futuros, comportamentos, estarão se modulando de acordo com um contexto histórico cultural.

Isto é particularmente importante, pois se a psicanálise em vias de desaparecer foi capaz de perceber o quão imprescindível é considerar a existência humana em uma vastidão não cerceadora de razões totalitárias, reconheço que a capacidade de pensar a construção de identidade e aspectos psíquicos de jovens habitantes das periferias das grandes metrópoles mundiais, atrelando considerações sobre alteridade e diferença, que representa a pedra de toque de um mundo globalizado, é tarefa difícil, mas necessária quando discernimentos fragmentários ou totalitaristas perdem de vista a ordem do sujeito.

Isto é função para a psicologia, as ciências sociais e humanas em geral e a psicanálise.

Assim sendo, a partir da questão que nos levou a conversar sobre conhecimento e psicanálise, a partir dos escritos de Souza e Freire Costa, vejo que em outra linguagem Otavio Ianni tratou da questão da identidade e formação constitutiva a nível emocional do negro africano escravizado e seus descendentes, através de considerações sociológicas.

Embora Ianni, não tenha sido psicanalista e nem psicólogo, sua formação social e capacidade de tecer considerações a partir de aspectos sócio culturais da população negra e a historicidade do Brasil colonial, deu-lhe a capacidade de apresentar aspectos sobre a condição identitária dos negros brasileiros descendentes de africanos em seus escritos.

Ele dirá que a idéia que o branco faz do negro e do mulato influencia decisivamente a idéia que estes fazem de si mesmos. E as condições difíceis em termos econômicos, políticos e culturais os obriga a organizar sua inteligência da própria situação em conformidade com a ideologia do branco (IANNI, 2004).

Mas ele finaliza no texto sobre *negritude e cidadania (2004)* que:

(...) o negro e o mulato tiveram que esforçar-se bastante para começar a organizar a suas idéias e as suas atividades de forma independente do branco. Tem sido um dos aspectos mais notáveis – e dramático – a luta do negro e mulato para desvencilhar-se das ambigüidades encerradas na idéia da democracia racial, da igualdade de todos, etc. Para reconhecer e proclamar a desigualdade de condições

em que se acham, em face do branco, têm precisado realizar um trabalho especial, de desmascaramento da forma pela qual o branco os pensa. Para conquistar uma nova cidadania, o negro e o mulato estão começando a reconhecer e a denunciar a cidadania subalterna que lhes é “outorgada” pelo branco”(IANNI, 2004:133).

É claro que a dimensão de análise de Ianni não é próxima aos dizeres de Santos Souza e Freire Costa na caracterização profunda de uma linguagem estritamente psicanalítica. Mas em linhas gerais o sentido da questão é tocado em Ianni, por diversas vezes, em uma sensibilidade que lembra a de psicanalistas e psicólogos.

Em palestra nos trinta anos de fundação do Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, à mesa com Silvia Lane e Iray Carone, eleio Ianni demonstrou o quão sutil são as dimensões de formação identitária do povo brasileiro, digredindo sobre seus escritos e observações sobre nosso cotidiano de vida; o quanto que suas peculiaridades em ações banais do dia-dia, o brasileiro traz o ardor comportamental daquilo que Ianni denominou "*relação servo-senhor*" enquanto produto extensivo nos dia de hoje - à época 2001.

Destarte o tempo passado, hoje, pensar como se constrói a identidade de jovens que habitam as periferias das metrópoles, privilegiando uma discussão sobre alteridade, igualdade e diferença elegendo para tanto o estudo de jovens negros, é transitar por estas possibilidades de reflexões, psicológicas, psicanalíticas e sociológicas - sem totalizar na dimensão do poder de cerceamentos, mas sem perder o rigor do esforço difícil de conjugar epistemologias próximas e distantes.

Ainda sobre as ciências sociais na dimensão epistemológica do trabalho bem como no desenvolvimento das pesquisas sociais humanas é importante dizer que percebo que as ciências sociais e cientistas sociais estão sempre muito próximos de dizer as necessidades subjetivas e emocionais das pessoas frente as constatações sócio-econômica e cultural apresentadas. Mas lhes faltam o sentido sutil, a leveza de percepção do não-dito, a capacidade de '*atenção flutuante*'⁴⁰ imprescindível ao psicanalista na tentativa de coesão dos fragmentos

⁴⁰ método psicanalítico em que o analista procura não se deter em um aspecto específico da fala do sujeito, mas procura ouvir o discurso através de uma capacidade de estar presente na apresentação da paisagem emocional do sujeito . A capacidade de perceber a paisagem que é desenhada em ato pelo analisando - através da linguagem - se dá como se o analista fosse um companheiro oculto de viagem, que tenta perceber - pelas palavras do analisando - a qualidade da paisagem: seus odores, sua luminosidade, sua frequência sonora, enfim, seus movimentos. É a atenção que flutua entre os sentidos do que é falado e os sentidos do que circunda algo da ordem do desconhecido - daquilo que não pode ser dito porque reprimido, não sabido no plano da linguagem plena - eis que a linguagem é sempre uma estruturação de fragmentos, os quais se pretende comportar uma unidade. A atenção flutuante, antes de ser a tentativa de

da linguagem.

Por tal caráter, a sociologia, assim como todas as ciências que abordam questões humanas, hoje necessitam com muito mais força dos dizeres claros de psicólogos e psicanalistas e talvez por isto, pare sempre uma idéia mal formulada de que psicólogos e psicanalistas são capazes de ver além do realmente apresentado, como as ciganas e suas bolas de cristal; e ao mesmo tempo, como uma ciência respeitável, mas pouco válida nas tomadas de decisão dos direcionamentos do mundo humano, estando restrita aos universos da educação de crianças e jovens, instituições públicas como hospitais e órgãos governamentais e privados de apoio a populações em situação de risco. Mas raramente presente em órgãos políticos capazes de decidir sobre o destino de um país e sua população.

Otávio Ianni em seus diversos escritos sobre o negro brasileiro observa as formas como a subjetividade do africano vai transformando-se conforme as relações de desvalorização durante o período colonial e a abolição da escravatura. A abolição significou o desemprego em larga escala para a população negra, principalmente a masculina. As dimensões políticas e estruturais das condições do país no período abordado refletem uma análise capaz de ser posteriormente considerada em designações políticas no cenário nacional ao longo dos anos a partir de outras formas de dizeres das ciências sociais.

Nestas relações entre os reconhecimentos e considerações de alguns ditos de outros campos disciplinares, contribuições da psicanálise e os dizeres da psicologia, é evidente que as condições destas para abordar a emocionalidade de um grupo populacional são mais elaboradas e eficientes.

No entanto, ainda assim, as idéias de Freire Costa e Souza trataram de dizer que as violências sofridas pela população negra no Brasil são prejuízos psíquicos e emocionais terríveis enquanto que as elaborações de Otávio Ianni consideram que as formas de violência e desrespeito à população negra, geraram inúmeros desconfortos à constituição emocional dos negros brasileiros em relação a sua identidade e a própria identidade do brasileiro.

No que diz respeito à psicanálise, esta acaba por dizer de maneira mais rebuscada o que outras ciências já apontaram. E os fatos novos para pensar a questão se inscrevem no nível de uma linguagem restrita, acessível a psicanalistas e à alguns psicólogos.

Mesmo que seja deste modo, é importante lembrar que Neusa Souza e Freire Costa

organizar metodologicamente a fala do sujeito é a capacidade do analista em aceitar a aparente fragmentação e desestruturação do discurso, para, em contato com a demanda do sujeito, perceber qual a nuance de suas significações. Cabe também ao analista a humildade de reconhecer que jamais se apreenderá as significações plenas de uma linguagem emocional. Pode-se contudo, em face da grande devoção da fé aos sentidos humanos chegar muito próximo de algumas verdades.

foram os precursores na apresentação da temática e é inegável que as formulações que nos foram dadas são importantes reflexões para pensar a literatura psicanalítica sobre o negro e as intersecções com outros campos do conhecimento como se quer aqui realizar através do trinômio psicologia, psicanálise e sociologia/geografia urbana para pensar a questão da identidade de jovens negros moradores da periferia de São Paulo, uma grande metrópole capitalista.

Inclusive, deve-se a estes a capacidade de questionar de dentro da própria psicanálise, o silêncio que a mesma reserva à brasilidade negra e as suas incursões emocionais.

O que nos faz considerar que a psicanálise brasileira, assim como a psicologia, tem dificuldade de olhar para os acontecimentos peculiares e importantes da nossa sociedade e a questão identitária para uma camada populacional média e alta - que em geral comportam aqueles que exercem a psicanálise - traz uma dicotomia, na verdade uma cisão, que impossibilita considerar a ligação social entre todos os brasileiros - iguais e diferentes.

Souza e Freire Costa abriram esta pequena fresta que é já um grande feio, digno de felicitações e bravuras.

Mas vejamos, por enquanto, o que outros autores posteriores nos podem proporcionar a respeito.

Izildinha Batista Nogueira, inaugurará a discussão psicológica-psicanalítica em São Paulo, visto que Freire Costa e Santos Souza são do Rio de Janeiro.

Ela nos apresentará em *Significações do Corpo Negro (1998)* a noção de que o corpo negro é marcado, antes mesmo de seu nascimento, pelo desejo materno de embranquecimento.

A autora utiliza a psicanálise francesa lacaniana para dizer que não há saídas positivas para a constituição subjetiva e identitária do negro, pois que em razão de sua objetivação enquanto "*coisa*" a partir de sua historicidade de escravização, o mesmo vê-se impossibilitado em identificar-se consigo, com sua origem, com sua negritude.

Neste sentido, para Izildinha Nogueira, a mãe negra deseja para si um corpo branco, assim como também um bebê branco.

Através de Alfredo Jerusalinsky ela justifica tal alegação citando-o:

A criança existe psiquicamente na mãe muito antes de nascer, e ainda mais, muito

*antes de ser gerada*⁴¹.

Tal justificativa, entre outras que a autora elabora, não são passíveis de serem consideradas nesta dimensão. Eis que Jerusalinsky utiliza tal afirmação para falar, no livro de referência, a respeito de crianças que apresentam transtornos globais do desenvolvimento - autismo. Um tipo de patologia que transita entre questões de ordem eminentemente emocional, mas também neuro-psiquiátricas.

É certo, por outro lado, que a psicanálise vai também se ocupar de compreender as questões referentes às formulações emocionais "problemáticas", as quais impossibilitam ou prejudicam o desenvolvimento emocional do sujeito.

Mas os dizeres de Jerusalinsky, bem como as proposições de Lacan nos lançam a tentar compreender os mecanismos de funcionamento emocional de seres humanos com dificuldades em sua estruturação emocional.

Para Lacan, a constituição psíquica se dá através da relação fálica da mãe com o seu bebê.

Há nesta relação materna a noção de que para a mãe o bebê representa seu grande *falo*, seu poder, sua força, sua capacidade de estar bem consigo e sentir-se forte. O bebê fornece à mãe uma grande vaidade, um grande poder de sentir-se plena.

No entanto, para a saudável constituição da mente humana, é preciso que esta mãe e este bebê interrompam este lindo e eterno *idílio* para que ambos possam desenvolver-se como sujeitos humanos; e à criança tal necessidade é ainda mais urgente, pois sua aparição no mundo se fez recentemente.

Quando a *colagem* - captura do espelho da mãe pelo bebê - se faz de modo permanente e ininterrupto ocorre o que para a psicanálise lacaniana seria o correspondente da loucura.

A função paterna deve interromper o *idílio* entre mãe e criança a fim de dar ao pequeno ser a capacidade de buscar outros olhares e reconhecimentos a fim de constituir-se por outros meios e por si mesmo na busca da difícil autonomia humana e constituição identitária. Tarefa civilizatória de todos nós - cada um consigo.

Quando a relação de espelhamento fixa o olhar do bebê no olhar da mãe acontece o

⁴¹ Alfredo JERUSALINSKY in : Significações do Corpo Negro - Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, Departamento em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Ano 1998, pg.105.

instante da loucura.

Mãe e bebê como ausentes de um mundo mais amplo que é a inscrição na cultura e na sociedade.

O nome do pai seria então este sair de si, para encontrar um outro, que lhe possibilite encontrar a si mesmo.

O caráter do Édipo é justamente a condição de considerar o corte paterno na relação unívoca do bebê e da mãe. E tal consideração implica entender que o Édipo representa o percurso civilizatório do humano.

Assim como Ulisses a caminho de Ítaca tampa os ouvidos com cera a fim de não deixar-se flagrar pelo canto das sereias e naufragar em sua investida, o corte paterno na relação do ser com a mãe apresenta este nível de empreendimento.

As sereias de Ulisses representam o inconsciente, o prazer pleno, a possibilidade de permanecer na ordem daquilo que nos constituiu emergencialmente - a dependência do outro para a sobrevivência imediata do bebê, a necessidade de calor e afeto, o erotismo e as profundezas de nossas origens representado pelas águas dos oceanos onde habitam as sereias. Isto sem contar o papel feminino e sedutor das mesmas, que simbolicamente impediriam Ulisses de chegar a Ítaca, a grande cidade, onde será rei e senhor.

E o que é a cidade senão o lugar do desenvolvimento, da saída do claustro e do finito feudo que cerceia a liberdade de seus habitantes a partir de grandes muralhas, impedindo as trocas e intercâmbios entre pessoas e culturas diferenciadas, quando todos, por exemplo, no episódio das Cruzadas, deveriam ser sempre os mesmos?

Ulisses vai à Itaca. A cidade do desenvolvimento, que requer um rei para o prosseguimento de sua glória. Assim como Édipo, cujo nome significa pés inchados, é impedido de seguir, pelo desprezo do olhar de sua mãe Jocasta, seu próprio rumo.

A "caridade ou sarcasmo" do matador incumbido de aniquilar a criança o salvará da morte física. Mas a partir de então estará condenado a não andar com seu próprio olhar na construção de sua autonomia. Precisarão passar por grandes fardos. Seus pés, serão amarrados ao tronco de uma árvore, cujo sangue acumulado servirá de chamariz aos pássaros, que bicando-os, na inanição de seus dias, haverão de sucumbir-lhe a vida.

A sorte, ou a providência da vida que não segue seu rumo sem encontrar um unívoco sentido o libertará provisoriamente as amarras. Um casal de camponeses o livrará das chagas e ele crescerá provisoriamente; até que o destino, um dia, o obrigará a dar conta de seus

próprios passos na amargura e terror da existência.

Tendo sido-lhe negado o olhar estruturante da mãe e inserção paterna a partir do romance familiar freudiano ele terá que às duras penas traçar seu percurso de desenvolvimento.

À Édipo foi negada as benesses da cidade, da cidade do reino de Tebas, indo ter acesso à periferia dos acontecimentos. Tendo por morada e entorno inferiores ao que lhe era legítimo, excluído do direito de participar da pólis.

Se Ulisses tampa os ouvidos com cera para não deixar-se seduzir pela mônada do não desenvolvimento, Édipo não pode sequer ter alguma escolha. Ele será enredado pelo destino a estruturar seu corpo em seus difíceis passos. Eis que sua estrutura vem marcada por grandes ferimentos: a ausência do olhar devotado da mãe e as conseqüências de sua *morte-sobrevivência*.

Antígona, a filha que o acolhe após a grande tragédia, é quem lhe emprestará o semblante. Ela, como filha, feminina, lhe emprestará a doçura e devoção materna, a qual o resguardará da loucura, na ânsia de se ver liberto de seus crimes inconscientemente cometidos.

Ele poderá pelas mãos desta mãe-amiga-filha, estruturar seu corpo velho, sofrido e maltratado. Descer, pela primeira vez da árvore, enquanto galho de um tronco que não lhe pertencia, que não era seu corpo, mas que o aprisionava, como a herança da improbidade materna, e experimentar em solo duro, seus primeiros passos, com seus pés dilacerados. Esta não será para Édipo, assim como não é para nenhum de nós, uma tarefa fácil.

Finalmente, cego, enxergará o interior de si mesmo, sua identidade duramente construída pelas marcas de sua historicidade.

Poderá então declinar, na tranquilidade de sua morada não sem esforço construída, em paz, à terra, ao solo. À verdade de sua vida. Livre dos tormentos de outrora.

E é justamente por esta filha - Antígona - a única real herdeira de Jocasta e Édipo, que se funda o alicerce da justiça e também da solidariedade. É por suas mãos, e também por seu olhar, sensíveis e firmes, fortes e impassíveis, que Édipo poderá, finalmente, descansar em paz.

A tragédia grega que nomeia o Édipo para Freud dá o sentido da complexidade do humano, da estruturação da linguagem que é afeto e emocionalidade, mas também percurso, ousadia, historicidade e participação social no desenvolvimento da civilização.

Mas por Antígona podemos ver que se falta o olhar estruturante da mãe, como faltou à Édipo o olhar estruturante de Jocasta, a tragédia se instala.

Mas não há dor que não se possa suportar, quando pelo encontro com um olhar que seja humano.

Esta é sempre a esperança do processo civilizatório. Esta é sempre a esperança da existência. Uma janela aberta, um porvir de acontecimentos.

Antígona também tem uma trágica morte. Mas não por inconsciência de seus gestos, mas justamente por enfrentar às atrocidades que acometem a vida e sustentar em seu princípio de justiça, a integridade do humano acima de qualquer lei menor à esta possibilidade.

Uma posição política, fundamentada na ética humana, mantém o gesto de Antígona, que morre, ciente de suas escolhas e atos.

No mesmo sentido, no mundo globalizado, o trânsito migratório das pessoas, é intenso.

Um percurso de homens, jovens desejanter, querem ascender às cidades, aos grandes reinos do capitalismo, a fim de construir sua identidade neste movimento histórico, de um caminho de mão única, inequivocamente condenado ao fatalismo da barbárie.

Todos, tal qual Édipo insano, ansioso por participar do reino da cidade, pratica o crime do martírio paterno.

O descumprimento da lei que não se inscreveu de respeitar os códigos humanos da espécie do processo civilizatório.

Neste movimento migratório, atrelado ao laço social perverso da moeda do capital inumano os governos e sociedades globais sacrificam a lei. Não a inscrevem na letra humana.

E toda maldição da Esfinge que pousou sobre a cidade de Tebas, parece pairar no advento destes tempos humanos, nas portas do século XXI.

Se não bastassem as ameaças, a fomes, as doenças e as guerras, pairam "*as pestes*" dos cataclismas naturais que desafiam a tecnologia humana da Indonésia à New Orleans, dentre outras que nos são por vezes anunciadas.

E sobre o porvir dos jovens e das crianças.

Nas economias abertas dos grandes mercados há uma mensagem mais ou menos

explícita que induz as populações a acreditarem que há necessidade de maior preparo para a participação nos lucros astronômicos do processo capitalista.

As populações jovens são as mais vulneráveis a este apelo, que com certo desespero, aderem aos arautos das superficialidades. Acreditando que um grande preparo em anos cada vez mais precoces, estarão a salvos de qualquer barbárie.

Mas isto é um engano, porque mesmo os que possuem algumas condições de superar as contradições capitalistas de preparo pessoal, acabam muitas vezes fora do mercado de trabalho, em posições desvantajosas para um futuro qualitativo em termos sócio-cultural-humano.

Cada vez mais se trabalha mais para ganhar-se menos. E os jovens de classes sociais médias e abastadas começam a sentir que eles também correm o risco de não manterem as condições de desenvolvimento adquiridas por seus pais e avós em outras épocas. E esta não é uma condição apenas do cenário brasileiro. Ela atinge a todos os espaços do globo terrestre.

Diante disto, crescem os números de jovens nas pós-graduações, nos cursos de especialização, aprimoramento e todos os tipos de cursos e investimentos para melhorar as condições de competir em um mercado de trabalho que tem a cada dia a supressão dos postos de trabalho em função do grande desenvolvimento técnico-científico que nossa época preconiza.

Se à estes estão reservados menos do que puderam galgar seus pais e avós, por outro lado, há aqueles que não possuem "reservas" alguma em termos de historicidade.

Neste contingente estão os jovens das periferias, das favelas, dos *guethos* e *banlieues*.

Historicamente, estes jovens possuem como herança as dificuldades de seus pais e avós que, desassistidos de quase tudo, são filhos dos que enquanto mão de obra barata ergueram as grandes metrópoles do capital.

Nos dias de hoje, esta juventude, ainda encarna a não posseção de seu trabalho e sua dignidade.

Se no cenário brasileiro são conhecidos os grandes fluxos migratórios das regiões menos desenvolvidas do país para as grandes metrópoles do sudeste como São Paulo, em épocas atrás; na cena internacional isto é também um fenômeno intenso que aproxima populações carentes de desenvolvimento e trabalho, para países que oferecem melhores condições de vida à sua população.

Neste sentido, se os Estados Unidos são conhecidos pela defesa austera e cruel de suas fronteiras no firme propósito de evitar migrações indesejadas de mexicanos, latinos e qualquer outro, a Europa cada vez mais se vê as voltas com a imigração africana – minorias étnicas e não brancas - negros e magrebinos que atravessam o Mediterrâneo em busca de melhores condições de vida.

Este mesmo fenômeno se apresenta com os europeus do leste - brancos empobrecidos com a queda política do comunismo. Menos discriminados que os africanos em termos étnicos visíveis são discriminados enquanto portadores de uma "*pré-identidade*" de ladrões, saqueadores e bandidos.

Estas populações juvenis estão a buscar, em seus deslocamentos, um espaço para si, para sua alteridade e igualdade nas tomadas de decisão e do poder dos centros frenéticos das grandes metrópoles: local do dinheiro, da cultura, da transformação e desenvolvimento que todos aspiram.

As cidades são as aspirações dos jovens, pois representam o crescimento, o desenvolvimento, a autonomia e a maturidade.

Discutir cidade, pólo, centro, periferia e localidades nos implica em discutir as dimensões destes apontamentos.

Se no local pretendemos discernir sobre as dimensões da identidade jovem na periferia com o seu contingente maioritário da população negra, não podemos perder de vista que este local faz parte de um contexto mais amplo, no qual insere a discussão histórica de um tempo: século 21.

Se criticamos a psicologia por restringir-se ao seu universo *minimun* e traçamos as direções sociológicas conceituais que fundam a discussão sobre o objeto de pesquisa em termos étnicos raciais no Brasil, não poderíamos também deixar de discutir ainda que de maneira vernácula, sobre as apresentações da situação no contexto mais generalizado.

Atenta ao método de escrita freudiano que pretendia apreender o humano em sua dimensão temporal e histórica, além dos preceitos de uma psicologia social crítica, a qual rompe com uma concepção de homem fragmentado, para posicioná-lo nas direções de uma totalidade dialética-materialista e sócio-histórica, é que me permito tecer considerações generalistas na discussão conceitual do trabalho como um todo. Discussões que serão apresentadas ao futuro, no decorrer da escrita em seus capítulos subsequentes, ao mesmo tempo em que apresento minhas reflexões sobre o percurso histórico das bases teóricas que comportam o campo das ciências psicológicas e psicanalíticas.

Sendo assim, considero que o fato social tem a força das representações dos mitos e das metáforas, pois favorecem a compreensão de fenômenos complexos na ordem das considerações do homem, na cultura e na sociedade.

Se os jovens migram, em buscas de autonomia e riqueza, é preciso atentar-se que este é o cerne da condição humana: superar os limites de sua condição imediata nas significações mesmas da espécie.

Neste sentido, o trânsito, o deslocamento, é típico de um psiquismo saudável e criativo. Em perspectiva do que se aspira enquanto humano.

Então todos os jovens do globo, estão em busca daquilo que todos os homens em estágio de desenvolvimentos procuraram: autonomia, realização de sonhos, liberdades.

Mas ao contrário do que talvez se imaginasse os cerceamentos hoje parecem tão fortes quanto no passado.

Embora as cidades não possuam muralhas de pedra, como os antigos feudos bem como as muralhas da China ou o muro de Berlim, que as separem de localidades menos desenvolvidas, há fronteiras estritas onde se impedem o trânsito e a passagem.

A sofisticação do controle parece ter assumido a ordem da vontade de alguns sobre todos, mas com a anuência da grande maioria; que seduzida pela promessa da facilidade de um futuro garantido sem a presença dos *totalmente despossuídos*, admitem regimes políticos que contrariam a aliança humana do desenvolvimento social a partir do Édipo.

Tal anuência da não superação do Édipo, marca um período de franca ilegalidade nas relações sociais mesmas e instaura o advento da barbárie revestida com a face de uma senhora distinta e benfazeja.

Para tornar explícita tal situação tomo, por exemplo, a atuação do ministério da integração nacional em França.

Após quatro meses de governo, destarte inúmeras críticas quanto a inadequação da criação do novo ministério, o governo francês decretou através do Ministério da Identidade e Integração Nacional a expulsão de 25.000 *sans papiers* do território francês.

A sofisticação do controle se dá através do fato de que no mês de agosto, a capital Paris, está completamente em férias.

A identidade francesa, acostumada às reivindicações e a contestar atos governamentais

que vão contra a ordem dos ideais da República Francesa, não pode expressar-se em sua integridade.

Destarte, os modos de resistência a um sistema de valor que aniquila as condições de vida humana, o capitalismo tal qual nos apresenta, a França sempre procurou opor-se às tais condições de uma ou outra forma, de maneira diplomática, mas também enfática, fatos que marcaram a oposição aos Estados Unidos em relação à invasão ao Iraque.

O esvaziamento da cidade, da urbe, da *polis* - lugar onde os gregos decidiam os destinos políticos dos cidadãos na organização da vida social da cidade - favorece a dispersão do levante, da contrariedade e da organização política.

Esta atenção estratégica ao comportamento e vida social francesa - *as vacances*⁴² - parecem ter sido metonimicamente arquitetado para favorecer os avanços da barbárie.

Sem manifestações de rua, sem interdições estudantis, sem levantes ao modo do outono de 2005 ou crítica intelectual respeitável, o silêncio favorece as incursões da barbárie sob o consentimento dos que estão presentes - ou ausentes, para utilizar as dimensões e significações do Édipo no percurso do esclarecimento do desenvolvimento humano civilizatório.

O silêncio das *vacances* - justifica um Édipo que se deixa ainda prender pelos pés.

Imobilizado, ele não precisará dar conta imediata de sua autonomia e responsabilidade. Mas haverá de se haver algum dia com as atrocidades que lhe acometerão a vida quando se deixa governar pelos passos de reis ou rainhas insanos e tiranas.

Neste sentido, se à Édipo surgiu Antígona que preservou os fundamentos do princípio e percurso civilizatório, há aqueles em Paris, que rompem os silêncios das auroras.

Associações e ongs em defesa de imigrantes e *sans papiers*, por exemplo, *Education San Frontière* realizam pequenas passeatas contra o ato ministerial.

A sofisticação da coerção sob a aparência de liberdade inscreve-se também pelo fato de no Ministério da Justiça a responsável pela pasta é justamente delegada pela primeira vez a uma mulher de origem africana do Maghreb, filha de pai marroquino e mãe algeriana, Rachida Dati. Ela, apesar de sua origem paterna e materna reitera, aparentemente sem conflito, as decisões do Ministério da Integração e Identidade Nacional.

⁴² férias.

No mesmo sentido, a secretária das Relações Exteriores, Rama Yade, é de origem africana, jovem senegalesa e negra que diante das afrontas entre população negra SDF - sem domicílio fixo - e polícia compareceu ao local para verificar a situação das pessoas sem, no entanto, realizar qualquer intervenção favorável para esta população⁴³. Ela é também a filha caçula de Leopold Senghor, o primeiro presidente do Senegal, estudante brilhante em Paris, poeta e escritor negro que recebeu toda sua formação no contexto francês. Rama Yade, tendo nascido em França, é francesa e também estudou ciências políticas na mais conceituada Escola Parisiense na área - a *Science PO*.

Mas sua formação e descendência é um alibi para encobrir, por parte do atual governo, a negação do fato histórico por excelência.

Enquanto ministra não branca e secretária negra não são capazes de interpretar os apelos da população marginalizada em França, resta a impressão e a manipulação da mídia, na confusão de uma imagem que se apresenta adequada quanto a postura dos líderes.

Uma sofisticação do repúdio, adotando a própria estética recusada para manter os trâmites do poder com a estética de uma mudança de cena que na essência representa a mesma forma.

Mas mesmo que as sereias, na trajetória de Ulisses, queiram tirar-lhe a consciência e fazê-lo entregar-se ao canto a fim de roubar-lhe a vida, as moças não brancas que representam a *mesmice* são talvez tão *brancas* quanto Condolezza Rice - Secretária de Estado dos Estados Unidos.

Paul Gilroy nos diz⁴⁴ que o sofrimento é uma qualidade que possibilita às pessoas refletirem sobre seus gestos e ações. Aqueles que tiveram um passado de sofrimento vivido por seus ancestrais talvez tenham mais capacidade de sensibilizarem-se como o sofrimento alheio e assumirem posturas mais dignas e humanizáveis. No entanto, isto não é uma regra imutável. Algumas pessoas negras podem ser tão frias, manipuladoras e egoístas como o protótipo do branco dominador. Assim como o branco, historicamente menos sujeito a barbárie, também pode desenvolver o sentido do sofrimento de um povo.

A luta deve ser pela humanidade e não pela adoção de incursões binárias: preto,

⁴³ Noticiário Televisivo France 2 - 20 horas - Setembro, 2007.

⁴⁴ Colóquio "Atlântico Negro"- Encontro com Paul Gilroy - IHEAL - Instituto de Autos Estudos da América Latina - Paris -01 de julho de 2007.

branco, direita, esquerda, sim ou não. Embora no campo da ética uma única direção é a mais viável: a capacidade de considerar a igualdade entre todos os seres humanos sob a face da terra.

Neste sentido é que mesmo com o país em férias e as pessoas distantes, alguns atentos e associações se organizaram para combater a frieza e maldade que se instalou na surdina ao cair da noite, no escurecer da tarde, no sono dos que descansam.

Embora as *vacances* impeçam resultados qualitativos de expressões de Antígonas, elas se manifestam a despeito do silêncio e consentimento da maioria.

Escutar a lei paterna de preservação da primeira sociedade - a atitude de Antígona em relação à sua família - é preservar o princípio de igualdade entre os homens iguais e diferentes.

É não escapar de comprometer-se com o destino humano de nutrir o caminho da justiça e serenidade.

As custas de seu sacrifício físico, pessoal e único. Na discrição pela ausência de sua visibilidade, que o tirano, cruel em sua insanidade, insiste em fingir que tal moça não existe, cerceando-a entre muralhas, a fim de que seja extirpada da urbe e esquecida como nada. Símbolo para aqueles que ousarem romper com a comunhão dos bárbaros.

Mas ainda que assim seja, as Antígonas continuam a existir e a aparecer.

Continuam a emprestar seus olhos e semblantes aos filhos desassistidos de bondade.

Continuam a tecer seus passos no sustento justo de seus filhos. Ainda que recebam como prêmio o desprezo e a injúria. A maldição e o escárnio.

Antígonas são, muitas mães e mulheres negras, que na emergência de sustentar seus filhos lhes encaminham em diferentes passos.

Édipo jovem quer decifrar o enigma da esfinge, e conquistar o reino; a cidade.

Ulisses jovem, o guerreiro, quer igualmente chegar à Ítaca, a grande ilha, à grande cidade.

Antígona jovem, mulher, filha-mãe, ciente das atrocidades rompe com as prerrogativas do governante do reino da cidade, do acesso ao justo para todos os homens.

Se todos estes personagens simbolizam a necessidade de uma expansão e ruptura que os levem a desenvolvimentos melhores, é Antígona, jovem, mulher-mãe que será condenada em sua virgindade, a ter sobre seu corpo as mais pesadas muralhas da cidade, exclusão do reino, sob o decreto de Creonte.

Suas aspirações serão negadas, mas sua morte dissemina a fraqueza do tirano, instalando a dúvida sobre sua legitimidade.

Poderíamos então pensar sobre as tragédias que acometem os jovens negros, nos tráficos de drogas, nos morros cariocas e favelas paulistas e de quase toda grande cidade brasileira.

Quando são "caçados" pela polícia, quando nas rebeliões prisionais atiram fogo em colchões ou organizam ataques à cidade ateando fogo aos ônibus, impedindo a circulação das pessoas, o que querem nos dizer?

No outono de 2005 a França viveu a revolta dos jovens das periferias.

Embora a noção de *banlieues* seja muito diferente da noção de favela no Brasil, podemos considerar que nas *banlieues* parisienses estão o contingente maior de negros, mestiços e minorias não-brancas.

Pensamos estar visível no texto as noções sobre as diferenças entre o contexto francês e brasileiro, mas a título de reflexão sobre a temática de nosso tema - identidade, juventude negra, cidade - o que querem estes jovens em seus contextos e manifestações no Brasil e na França?

Quais rupturas na perspectiva edípica, para utilizar a linguagem psicanalítica, os mesmos necessitam fazer para construir/constituir a sua identidade-subjetividade e, para aliar tal discussão ao contexto emergente da psicologia social, qual a força de influência sócio-histórica que organiza esta geografia mental - pensando em cartografias psíquicas - e urbana - pensando os territórios e espaços da cidade e suas formas de uso e ocupação pela população o qual é inerente o domínio político?

Temos aqui uma incursão sobre a movimentação juvenil, pela metáfora dos jovens da mitologia grega - suas aspirações, triunfos e infortúnios - assim como a localização de uma dinâmica psicológica, sociológica, psicanalítica para expandir nossas questões.

Então novamente: o que é a cidade, o que é o percurso civilizatório do Édipo nomeado por Freud senão a saída de um universo circunscrito dos conhecimentos próximos, seguros, prazerosos e tranquilos que não propõem maiores desafios senão a mesmice dos dias sempre

tênuas?

A superação do Édipo propõe mais:

Propõe o desafio da cidade, da vida para o exterior de mim mesmo, uma saída criativa para descobrir o entorno, misturar-me na emergência da vida, do inusitado, para por a prova os alicerces de mim mesmo, a fim de que para vendo o novo possa crescer em possibilidades.

A juventude aspira a isto: crescer, emancipar-se, romper territórios e espaços circunscritos, tal qual Édipo e Ulisses.

Tal qual Antígona. A jovem mulher que a despeito de um simbolismo frágil se impõe com força no enfrentamento sozinha, sem exércitos, da ética pela humanidade a partir de uma posição política.

A juventude negra, dos territórios das metrópoles do capitalismo, quer participar e pertencer à cidade, em todas as possibilidades que ela emana em desenvolvimento.

Sua constituição identitária e processos de constituição psíquica, da juventude que habita a periferia, se dá também no caminho para Ítaca e no poder do desvendamento do segredo da esfinge para conquistar a cidade de Tebas.

Constrói-se ainda, na tonalidade de poder ascender às posições políticas de Antígona; na imparcialidade de seus gestos.

Poderão eles, os jovens negros moradores das periferias atravessarem as pontes que separam os territórios da cidade e constituir o seu percurso humano civilizatório em face as prerrogativas do capitalismo paradoxalmente avesso às incursões humanas e contrários as necessidades juvenis?

Assumirão a conquista deste percurso como Ulisses ou sucumbirão na ausência de uma Antígona aos terrores ainda maiores de Édipo?

Serão conscientes como Ulisses a romper com a finitude de um estado, ainda que prazeroso - o canto das sereias e pôr-se a caminho na aventura inusitada de pertencimento a si mesmo ou estarão fadados, tal como Édipo a inscreverem-se cegamente em face a rejeição do mundo, ausentes de um olhar materno, que no processo civilizatório é a ausência plena de Antígona?

Nossa pesquisa está a refletir sobre os alicerces simbólicos de estruturação emocional humana e questiona-se sobre a perspectiva fatalista em visão psicanalista sobre a significação

das formulações psíquicas dos sujeitos negros.

Lembremo-nos que assim como a conquista da cidade significa superar a infância em seus circuitos familiares, é a presença de um terceiro na relação familiar doméstica, na visão psicanalítica, que possibilitará a saída para a sociedade, para o mundo.

Na estruturação psicótica esta liberação não ocorre. A ausência do corte paterno impede a inscrição da letra humana. E a criança humana - está fadada a um aprisionamento de si. Incapaz de desenvolver uma linguagem que a permita gradualmente inscrever-se nos símbolos da cultura humana.

Deixemos então agora as metáforas de lado, as quais nos servem de pistas para decodificações posteriores e continuemos a resvalar na inquisição sobre a constituição da "psique negra" a partir de Nogueira.

Após este passeio digressivo na mitologia grega e nomeações freudianas, com algumas ilustrações de fatos sociais recentes no contexto internacional europeu, talvez seja mais instigante rastrear que comparar os processos de significação da criança negra com processos de constituição subjetiva de crianças seriamente prejudicadas em seu desenvolvimento global, tendo em vista que a criança autista possui como tipificação o alheamento ao outro, a dificuldade de comunicação, o centramento em si mesma.

Sob este aspecto, em meu entender, a autora não só exagerou como também correu o risco, que a meu ver se efetivou, em trazer para a criança negra a marca de um "ser estranho", diferente, anormal. Condição que nos espaços sociais, desde a consideração do negro africano como "coisa" para justificar sua utilização como escravo, já é presente em todas as relações culturais.

Diz ela:

*Partindo das proposições lacanianas, e entendendo "falo" como o que representa o poder (a plenitude, a felicidade), e ao transpor essas proposições para a situação da mãe negra cuja "falta" se expressa enquanto desejo de ser "branca", portanto, do desejo desse poder que ela não detém, que lhe falta, vemos que a criança negra sofreria na relação original sua **primeira avaria**, pois o que a constitui como sujeito nesse momento original - o desejo da mãe - já estaria impregnado de um significado que é negado no discurso da própria mãe. Assim, não dispondo de qualquer possibilidade de disfarce da diferença que o constitui, o negro passa por um processo identificatório forjado no desejo do que seria ser "branco"; projeta,*

*portanto, o branco que nunca será por condição biológica*⁴⁵(NOGUEIRA, 1998:44).

Se a intenção da autora era denunciar e esclarecer as dificuldades de significação e formulação da psique em crianças negras, a partir de uma literatura que trata prioritariamente do autismo, ela acaba por manter a mesma posição de desconforto quanto às considerações que em geral se constroem sobre a população negra e as crianças de origem negra.

Muito se tem visto nas escolas públicas e privadas, conforme jornais e revistas da grande imprensa, bem como literaturas científicas no campo da educação que felizmente tem avançado mais que a psicologia nas considerações sobre a criança negra, o quanto estas são secularmente ridicularizadas em sua capacidade de aprendizagem e desenvolvimento.

Parece-me que a direção da autora acaba por estigmatizar ainda mais a condição do desenvolvimento emocional das pessoas de origem e etnia negra. Mesmo que esta não tenha sido a sua intenção e compreendo que suas intenções são justamente o contrário.

São merecedoras de consideração o fato de que o trabalho procura abrir a discussão sobre como se formulam os significados psíquicos da pessoa negra em sua estruturação emocional. Assunto tão complexo e mal formulado tendo em vista o já citado "*desinteresse científico*" em esclarecer tal dimensão ao nível específico do campo de estudo da psicologia e psicanálise.

Mas deixa a sensação de que a fatalidade do racismo e da discriminação sob a psique da pessoa negra tornam-se insuperáveis em termos da vida cotidiana do indivíduo, visto que

“(...) nem a consciência da condição de negro nem o engajamento em relação às lutas políticas contra a discriminação racial são suficientes para modificar a condição do negro, na medida em que os sentidos do racismo, inscritos na psique, permanecem não elaborados” (NOGUEIRA, 1998:VIII)⁴⁶.

Não seria possível a presença de Antígona na reconstituição de Édipo, a partir de um rosto humano que o ressignifique?

Afinal, não são os outros sociais também tão importantes para a constituição subjetiva do bebê visto que a mãe, na perspectiva simbólica - a partir de Winnicott - pode significar não necessariamente a mãe física e biológica, mas todo o cólo social que comporta o bebê?

⁴⁵ Izildinha Batista NOGUEIRA. Significações do corpo negro. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - Universidade de São Paulo, 1998.

⁴⁶ Idem, ibidem, p.VIII.

Desde as dimensões sociais de políticas públicas bem como a extensão familiar, padrinhos, tios, avós, vizinhos?

Afinal, não são mesmo as mulheres negras as portadoras do grande mito da maternidade, capazes de dedicar amor incondicional aos filhos, sendo as personalidades presentes no imaginário constitutivo de muitos como a calorosa e afetiva mãe preta?

E as mulheres dos terreiros de candomblé, mulheres negras, não são bem elas as mães de santo, procuradas e estimadas por todos seus filhos não carnais e de sangue negros e brancos, que a todos acolhe ofertando-lhes a frente para ascensão de pedidos em orações de proteção aos orixás?

Afinal, que mãe é esta negra, apresentada por Nogueira, incapaz de amar o seu filho que desdiz as evidências de tantas pesquisas sobre mulheres negras na área da antropologia, capazes de gerar e criar filhos com a competência e solidariedade de uma grande família extensiva, que dá às suas crianças, lindas crianças negras, tanta coragem para enfrentarem a vida, frente as dificuldades e injustiças, com a mais eficiente alegria?⁴⁷

Afinal, não são eles, os negros, as crianças negras, nós negros, o povo cujo patrimônio maior é a felicidade e alegria?

De onde vem esta força, esta firmeza identitária e psíquica capaz de se refazer diante de atrocidades seculares e espoliações e ainda se fazer representar em todos os países do globo com uma ou outra personalidade importantíssima, a despeito de sua origem evidentemente não privilegiada no cenário mundial?

Não viria daí, deste ventre materno negro, deste rosto que oferece um olhar de brandura e coragem às alegres e festivas crianças negras, quase nunca depressivas na infância e em muito menor proporção anorexas na puberdade?

Sabendo que depressão infantil e anorexia, são sintomas típicos de uma sociedade desamorosa com seus filhos em idade de constituição identitária necessitados do afeto paterno e materno incondicional.

Então, conforme estudos da antropologia africana, não são elas, as mulheres negras as responsáveis pela criação de todos os infantes visto que na cultura negra não há a distinção da família nuclear burguesa a qual a psicanálise desde sempre faz referência para sustentar seus

⁴⁷ No desdobramento metodológico do trabalho se faz a apresentação das premissas empíricas que fundamentam tal assertiva no nível mesmo desta produção.

apontamentos?

E então? qual é mesmo o nome do continente que simbolicamente é designado a Grande Mãe da Humanidade?

E no Brasil? Porque razão nosso imaginário escolheu justamente por mãe santíssima e padroeira uma "Cida"- Aparecida negra?! Será que ela em sua divindade escolheria atender as preces apenas de seus filhos de semblantes claros?

Perdoem os leitores as curvas do caminho e um pouco de humor e ironia talvez destemperada. Mas um pouco de indisciplina nos ajudam a compartilhar idéias correntes que nos escapam e nos permitem identificar nossos estatutos de verdade.

Pequenos lapsos no cotidiano do brasileiro, que iludido pelo discurso ideológico alheio, por uma suposta inferioridade não européia, o encobre de descobrir ser próprio rosto negro.

E esta não é uma questão dos negros. É uma questão dos brasileiros. É uma questão também dos "brancos".

A resposta a todas estas questões precisa ser imperativa:

Não. As mães e mulheres negras merecem um hino e a reverência de toda a humanidade. Elas são Antígonas.

E esta afirmação não representa uma opinião pessoalizada, mas argumento que é fruto do trabalho de pesquisa e observação da relação entre mães negras e suas crianças (SOUZA, 2003:165).

As mães negras sustentam ao sabor dos tempos suas duras realidades, transformando-as no limite de seus esforços tenazes, criando com doçura suas pequenas crianças negras e brancas, se assim não puderem furtar-se.

Temos visto: Não. Elas não desejam crianças brancas ao nível "inconsciente". Talvez algumas talvez até as queiram, afinal existem particularismos sejam as pessoas brancas ou negras. Mas penso que elas desejam sim, maiores e melhores condições de cuidados, para si e suas famílias⁴⁸. Tal qual o percurso estruturante civilizatório da desprezada e invisível

⁴⁸ Sob este aspecto ver trabalho de Souza, 2003 - Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões e contribuições da psicologia social e psicanálise - Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - PUC/SP, cap. 4.

Antígona.

Afinal, são quase sempre elas que dão conta, muitas vezes sozinhas, de suas lindas e pequenas crianças negras, alegres e festivas: elas, as crianças, e elas, suas mães.

Pensar nas digressões de Édipo, Ulisses e Antígona nos servem agora para perceber que palavras fixadas nas pedras devem ser lidas com muita leveza, a ponto de ser capaz de perceber o que a intenção daquele que cunhou o texto pretendeu esboçar a partir do entorno histórico, social, cultural de uma época, de um período.

Neste sentido, o fatalismo perpetrado pelo trabalho de Nogueira talvez se justifique pelo fato da mesma talvez querer chamar a atenção dos movimentos sociais negros que quase sempre procuram elaborar a noção de identidade negra através de uma auto-afirmação positiva, fato originado através da luta pelos movimentos civis nos Estados Unidos na década de 60.

É um alerta importante, pois os movimentos negros tendem a radicalizar a questão estética, no sentido da exterioridade corporal, a fim de valorizar a dimensão "positiva" e valorosa do "ser negro". Mas esta dimensão da consciência, nem sempre dá conta, como aponta a autora no relato de caso n.03 que compõe a tese, da evolução e equilíbrio emocional da pessoa negra exposta cotidianamente a situações de desmoralização social quanto suas capacidades gerais, idoneidade e beleza.

Destarte, corroborando com a intenção da autora, vale dizer que algumas linhas do movimento negro atuam sob uma única prerrogativa de discussão, a qual se insere apenas no nível macro-social das desigualdades, das injustiças e do discurso direto de combate a discriminação. Tais linhas acreditam que o fortalecimento da identidade negra se dá apenas no nível imediato das formulações conscientes e objetivas da igualdade de direitos e oportunidades.

Embora esta linha de combate seja necessária e emergente, parece-me que o sentido deve tratar de considerar a dimensão extensa do trabalho humano e social dos movimentos negros.

Pois muitas vezes, a partir da década de 60, dedicou-se somente aos aspectos mais emergentes das necessidades objetivas deste grupo populacional.

Isto é imprescindível e importante e me faz lembrar que em conversa com uma africana da Costa do Marfim sobre a capacidade dos negros africanos falarem mais de 66 línguas em seu país, eu mencionei a ela sobre a riqueza desta capacidade e desta população, a qual a mesma informou que esta condição é algo muito comum em todos os países da África

negra. E que todos em geral se compreendem e mesmo pertencendo a idiomas diferentes todos são capazes de estabelecerem diálogos entre si e aprender com facilidade outras línguas.

A língua do colonizador - o francês - é a língua oficial nas escolas e nas redes de TV e rádios, mas há vários canais de TV e rádios que emitem noticiários e programação nos outros idiomas falados pela população do país.

Diante disto eu questioneei: é muito importante que estes idiomas sejam sistematicamente organizados, porque é incrível a capacidade desta população. A versatilidade, o entrosamento a capacidade de compreensão.

Disse-lhe que esta não era uma simples coincidência e perguntei se haviam trabalhos científicos ou pessoas que se dedicavam a organizar as línguas africanas, apresentá-las ao universo acadêmico enquanto formas de expressão do rico patrimônio da cultura e capacidade negra africana no que ela me respondeu:

"As pessoas em África, são tão preocupadas em ter o que comer que este tipo de trabalho e discussão pouco é desenvolvido. As universidades e institutos de pesquisa acabam por privilegiar temas e questões que possam favorecer o desenvolvimento da vida imediata".

Sem comparar África e Brasil, mas dando a dimensão do valor da condição objetiva, que por vezes impede que outros olhares importantes sejam assegurados, a ação direta dos movimentos negros passa por direções que são importantes em determinados momentos.

Possivelmente devemos nos apressar em agregar outros valores às posições políticas a fim de assegurar conquistas sólidas e definitivas.

No caso do Brasil, utilizei o exemplo de minha colega da Costa do Marfim apenas para considerar a importância do movimento negro em destacar questões emergentes da população negra e que por vezes deixa lacunas na ordem da perspectiva do desenvolvimento emocional, papel que cabe em grande medida aos pesquisadores implicados com as questões da população brasileira.

Sob este caráter a tese de Nogueira contribui para tais reflexões, embora a maneira como apresenta o tema, deixando para fazer tal conexão apenas no último capítulo da tese e de maneira que eu diria muito concisa, prejudique o assentamento da obra no que diz respeito a possuir força quanto a relação psicanálise-historicidade. As considerações para a psicanálise, para a arte e a cultura contemporânea sobre o que vem a ser um "*corpo*" não são abordadas pela autora. Aspecto que mereceria ingresso e aprofundamento quanto a não generalização de questões subjetivas e processos de constituição psíquica como se fez na

obra, os quais estariam a altura da plena capacidade da autora visto que sua formação vem de uma localidade onde ela, a psicanálise, é mais emergente: a França.

Considerando o caráter conceitual da obra, além de utilizar os conceitos lacanianos da função de espelhamento materno na condição de formulação subjetiva da psique negra, a autora utiliza a perspectiva narrativa de Freud do Romance Familiar para explicar a base de formulação constitutiva do sujeito em geral.

Na utilização desta perspectiva freudiana ela sustentará que na constituição emocional do sujeito, no romance familiar, ocorre para a criança a necessidade de desprezar os pais verdadeiros e escolher para si, imaginariamente, os pais ideais mais valorizados em prestígio e condições financeiras. Ela cita Freud, em Totem e Tabu, a fim de considerar que toda criança quer se libertar dos pais reais e a criança negra estaria mais fragilizada em decorrência de um imaginário de falta de saber, de poder os quais constituem sentidos associados à brancura⁴⁹.

Em relação à estruturação familiar ela questiona que as crianças negras não possuem idéia de família, que tal idéia é vaga, pois não construíram a noção de pertencer a uma linhagem que, diferente do imigrante que fez uma escolha de buscar uma nova oportunidade, os negros foram estrategicamente animalizados pelo traficante que o colocava em condições de perda de identidade.

Isto pode ser verdadeiro e falso.

Falso porque a idéia familiar das crianças negras é diferente da noção de família nuclear, no modelo que o pensamento freudiano preconizou à época.

Sim, há uma perda da linhagem. Mas não há perda da ancestralidade, da transmissão transgeracional daqueles que ficaram em África com aqueles que foram trazidos para as Américas e dispersados nos "novos" territórios.

Esta ligação psíquica pode ser constatada nos trabalhos de Souza em 2003, onde se faz uma análise da relação de transmissão identitária ao nível inconsciente de elementos culturais e sociais em crianças negras e brancas em relação às suas histórias familiares com seus avós e tios⁵⁰.

⁴⁹ Izildinha Batista NOGUEIRA. Significações do Corpo Negro. Tese de Doutorado. Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - Universidade de São Paulo, 1998 - pg. 127.

⁵⁰ Especificamente ver casos clínicos denominados "Bambã", "Dorinha" e "Ilana" apresentados por Souza, 2003 (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social "Sobre crianças no espaço híbrido da

A diáspora é o deslocamento que funda uma identidade, uma linhagem e uma linguagem, comunicação, afetiva-emocional, inconsciente/consciente.

Posso não ter a minha árvore genealógica completa, mas minhas referências se inscrevem no bojo de meu pertencimento identitário territorial, físico-localidade geográfica - como também em meu pertencimento lingüístico-cultural, daquilo que foi construído pelos recursos da memória - qualidade do ego em processo de construção identitária da psique - conjugando a comunicação e transmissão da *heritage* - herança - imaginariamente e simbolicamente construída e sempre reatualizada por um grupo populacional - a dimensão lingüística e criativa: a cultura.

Isto é significativo na produção cultural que surge a partir do pertencimento à diáspora como o samba, o soul, o jazz, o blues. E mais recentemente, o rap, o hip-hop, o reggae, o dance hall, zook e rnb⁵¹.

Estas obras e patrimônios humanos são representativas do que se pode fazer quando seu olhar ficou perdido na distância, de uma terra, território, do qual se foi extirpado. Mas a condição humana, justamente por ter sido bem plantada por uma amorosa mãe negra, reage na saudade, na face e olhar cuidadoso que se fixa na psique. Trazendo a possibilidade de simbolização infinita pela música, pela dança, pela religiosidade, pela versatilidade dos corpos, pela persistência e existência no mundo. Pelo deslocamento constante em busca de melhores condições de vida. Pelo incômodo, pelo embaraço, que a visão do negro causa nos cenários ditos "desenvolvidos" quando o mesmo requer à sua condição e possibilidade, seu espaço de participação no mundo globalizado⁵².

Finalmente parece haver contradições no discurso de Nogueira, pois durante todo o processo de construção do escrito, são fortes e ricas as denúncias sociais quanto a condição de desigualdade da população negra no cenário brasileiro, e que justamente tal condição é responsável pela elaboração de uma psique negra insuficientemente capaz de contemplar-se

esperança: contribuições da psicologia social e da psicanálise” - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁵¹ Estes três últimos estilos musicais dizem respeito a uma qualidade de som preferido pelos jovens negros nascidos em França, filhos de imigrantes africanos das colônias francesas, conforme se verá no transcorrer da escrita do trabalho quando da apresentação da juventude das periferias francesas.

⁵² Sob este aspecto me refiro às cada vez mais freqüentes imigrações de populações provenientes da Costa da África em países da Comunidade européia como Itália, Espanha e França. Também falo do quanto são tidos como inconvenientes muitos negros juntos frequentando espaços brancos. Dado representativo de entrevista com jovem negro, morador da Brasilândia, sobre episódio em Baile e Discoteca no bairro da Lapa em São Paulo, onde o mesmo relata que antes da constituição de 1988 os negros eram impedidos de entrar em discoteca daquele bairro.

em si, em sua negritude, já que por via do sofrimento social, a mãe negra não teria condições de amar-desejar sua criança negra visto que "a priori" por sofrimento social, transmite a rejeição social que sofre, ao seu filho desde o ventre, pois o quer, na visão da autora, inteiramente branco, pois valorizado pela cultura hegemônica.

Ela chega a discordar de Freire Costa no que diz respeito a ordem de localização do prejuízo psico-emocional na elaboração da psique negra.

Ela informa que enquanto Freire Costa trata a questão como uma *injunção*, a partir da experiência do racismo que desencadeia o processo de auto-destruição e negação de si; ela denomina tal processo como uma *sobreposição* informando que o fenômeno de auto-destruição inicia-se na lembrança arcaica do bebê em relação as suas estruturas narcísicos-imaginárias que já determinaram⁵³.

Ela aventa que a discriminação já se manifesta para o negro muito antes de qualquer experiência social de discriminação - a *injunção* de Freire Costa - e é com os efeitos desta, enquanto já inscritos na psique de seus pais negros, que a criança primeiramente se confronta⁵⁴ - a sua dita *sobreposição*.

A contradição reside no seguinte fato: se assim a psique negra é considerada, porque ao fim de seu trabalho ela justifica a chamada de atenção aos caracteres emocionais visto que suas preocupações se inserem na possível limitação e alcance da ação política que não tem consciência da presença do *mito da brancura* nos modos como a própria política se expressa⁵⁵?

A questão parece ser: Como superar a *não elaboração emocional* sem valer-se de argumentos políticos?

A atipicidade da psicanálise, conforme Jerusalinsky, reside justamente na capacidade de atrelar-se ao real - o qual pode ser considerado o tempo empírico, histórico - sem abrir mão das premissas da fala - singularidade - do sujeito.

A superação desta contradição deve considerar o objeto mesmo de referência para discorrer a análise da psique negra: a psicanálise.

⁵³ Idem, Ibidem. _____ p.105.

⁵⁴ Idem, Ibidem. _____ p.127.

⁵⁵ Idem, Ibidem. _____ p. 170.

Tal princípio - *real-singular* - não foi respeitado.

Se utilizarmos as premissas da psicologia social a partir de Ciampa (1987), que elabora as noções de identidade a partir de uma metáfora literária - *o poema de João Cabral de Melo Neto* - podemos perceber que há a lógica do poema que inscreve o personagem em uma historicidade múltipla, do que pode ser histórico de um povo, população, em termos genéricos, objetivos e universalistas.

E na mesma direção - *dialética* - desvendar os alicerces identitários que marcam a vida de um personagem implica em redimensioná-lo a partir do olhar único, singularizado, nos nuances mesmo de seu movimento na história, construindo e participando de sua historicidade. Singularizando e subjetivando a questão para contraditóriamente inscrevê-la na totalidade.

Este é um grande desafio epistemológico que tanto psicanálise e psicologia social, devem ser capazes de superar.

Sendo assim, a resposta a esta contradição não superada na obra de Nogueira, está na qualidade e ausência da psicologia em articular a análise histórica de seus ensinamentos.

Falta a capacidade de fazer uma análise mais aprofundada das premissas históricas que organizam a vida social ao nível de considerá-la.

Não na dimensão extrema a que os historiadores e cientistas sociais são exímios, mas ao nível de sua capacidade de expandir a historicidade à participação do sujeito no arcabouço emocional e psíquico.

Neste sentido a obra de Ciampa (2005) é esclarecedora, pois que ao analisar as condições sócio-históricas da vida de Severina, a personagem real da pesquisa, bem como a historicidade de Severino, encarnado no poema que sensível à luminosidade da existência, capta as condições extremas de uma dura realidade social, pode ilustrar todas as configurações possíveis frente a capacidade do sujeito encontrar um caminho de constituição que lhe seja próprio a partir do engajamento consigo em sua experiência.

Se o olhar do sociólogo foca as dimensões sociais a fim de procurar requerer medidas capazes de favorecer a vida pública a partir das ações dos homens, a psicologia e a psicanálise focam o sujeito, a singularidade a fim de perceber seu estado específico frente à coletividade.

Se ambas, psicologia e ciências sociais, tem um objeto de dedicação que se reporta ao homem e a sociedade, cada vez mais se torna imperativo que a sociologia seja capaz de observar as digressões do sujeito frente a sociedade e também é preciso, salutarmente, que a

psicologia fuja de sua inscrição relativista e permita-se observar o trânsito do sujeito na historicidade.

Nem céu, nem terra, nem relativismo inócuo.

A psicologia social da "*Escola de São Paulo*" firmou-se justamente pela capacidade de articular teoria e prática, saber e historicidade. Atrelada as condições mesmas que lhe eram específicas.

A realidade histórica não se fez como uma desculpa para abrir mão da singularidade do sujeito e enquadrá-lo nas premissas de uma sociedade que o quer capturado pela lógica da adaptação dos interesses sociais.

Ao contrário, a opção pelo social, faz-se na capacidade de destrinchar as redes de significação social frente as modulações subjetivas do sujeitos.

Subjetividade e objetividade são planos de uma mesma ocorrência, que se engajam na constituição histórica da humanidade.

Não há corpo sem psique, caso contrário é apenas carne; assim como a psíque sozinha é sonho, ontologia ou metafísica.

A correspondência do homem e do humano exige articulações mais refinadas e a conjunção deste refinamento comporta o trabalho de várias gerações de homens.

A tentativa de superação do dualismo cartesiano é uma tarefa que se impõem ainda hoje com muito mais força em razão do tecnicismo ao qual a ciência, a vida social e a singularidade humana estão cada vez mais aprisionadas em mecanismos sofisticados de controle e direcionamentos.

Assim, cada obra se inscreve no seu tempo específico e cada qual possui uma capacidade de permanência e validade ao longo da história.

Freud continua atualíssimo. Mas é porque o caráter generalista de sua obra, a capacidade de grande erudição e a ambição de tornar-se respeitável é que fez com que seus escritos pudessem ser cuidadosamente compilados e daí seu estilo inusitado para a época sofrer grandes contestações ao mesmo tempo que ganhava a simpatia de tantos outros.

A perenidade de sua obra residia no valor de considerar desde sempre as premissas sociais, sua preocupação com o cerne da vida humana, seu desenvolvimento em sociedade. Mas para isto, o caminho de investigação foram os sujeitos. As históricas socialmente

desprezadas e desqualificadas como frívolas e inconseqüentes.

Talvez a sensibilidade daqueles que se dedicam aos púrias esteja mesmo reservado um canal de reconhecimento.

As mulheres "loucas" deram a Freud a sua genialidade. Por outro lado, outros, fascinados pela argüição, desenvolveram novas premissas a partir de seus ensinamentos.

Então a obra de Nogueira é representativa por conter as incursões interessantes sobre a psique negra.

Há contradições na articulação conceitual que utiliza que reside entre psicanálise e sociologia.

O material empírico é de amostra restrita e não deixa maiores aberturas para considerações.

De qualquer modo é uma obra que se organiza num tempo de questionamento. Sendo corajosa no sentido de retornar o assunto em sua tese, após 12 anos de ausência de discussão do tema, visto que Santos Souza e Freire Costa produziram seus escritos em 1983 e 1986 respectivamente.

A solidão dos caminhos e articulações conceituais de Nogueira merecem o reconhecimento por reabrir a discussão desta temática tão alheia à dedicação dos pesquisadores da psicologia. E no mesmo sentido, as repercussões em sua análise acabam por fazer-se refletir na mesma historicidade científica - o clima desatento e descompromissado com a temática daqueles que "fazem" a psicologia e psicanálise.

Prova disto é que em quase todas as obras sobre o negro que tratam de aspectos psíquicos e psicológicos sua obra é citada. Daí a necessidade de dedicar uma extensão maior às considerações de seu trabalho e provocar reflexões mais argutas tanto em relação ao silêncio da psicologia que inevitavelmente inside sobre a qualidade da produção daqueles que estão vindo, visto que necessitam ampliar, muitas vezes sem interlocutores, suas dimensões de produção teórica-conceitual.

Acredito que tenha sido esta a condição de Nogueira visto que foram mais de uma década após os trabalhos de Santos Souza e Freire Costa para o surgimento de sua obra no campo psico-analítico.

Vale ser atento à lição:

A psicologia é uma ciência que deve fazer-se através da relação objetiva-subjetiva.

Não há ciência digna que possa produzir-se sem a intermediação da dialética e análise do social. Tampouco não há estatuto científico na supressão da singularidade humana pela premissa exclusiva do político, do público, do coletivo.

Assim, pensar em identidade é ainda uma questão importante e difícil para a psicologia, assim como para todas as ciências.

Esta categoria de análise comporta dimensão subjetiva e objetiva, emocional e social, particular e coletiva.

Onde se insere a ordem do sujeito na sua historicidade e produção individual e coletiva. No paradoxo e na dialética.

Ciampa nos lança um olhar infinito na primazia de pensar o homem enquanto sujeito em metamorfose.

Tal caráter possibilita o não cerceamento às dimensões de análise e permite a intersecção dialógica com outros campos conceituais e teóricos.

Ao percorrer o discurso dos jovens, como se verá, percebe-se que a relação presente, passado e futuro transitam um mesmo tempo: como "*cada novo esforço em descrever sua identidade revela que sua existência é a encarnação de um momento da História, fazendo com que seu tempo seja um tempo (...)*"⁵⁶ específico, singular.

No mesmo sentido, os estudiosos da memória, também observam que os discursos de seus entrevistados é cortado muitas vezes por lembranças de acontecimentos sociais de uma coletividade. Em *Memórias de Negros na Cidade de São Paulo (2000)*, Bernardo nos mostra o quanto a memória singular é captada e reatualizada a partir de acontecimentos coletivos.

Homem singular e homem coletivo são faces de uma mesma identidade, que enquanto processo não cessa de distinguir a ordem do humano que é a de constituir-se *na* e *em* sua historicidade. A dialética reside na dimensão dos tempos e a negação deste pensamento que parece ser o cerne da condição humana é a imposição do pensamento único que fragmenta e martiriza a vida.

Os trânsitos migratórios, a globalização, as sociedades tradicionais em vias de

⁵⁶ Antonio da Costa CIAMPA. A estória do Severino e a história da Severina - um ensaio em psicologia social. São Paulo:Brasiliense, 2005. pg.23.

transformações pelo advento do capital coloca o jovem, e todas mulheres, crianças e homens, em situação de mutação histórica.

Escutar as identidades num período em que a *mesmice* é o imperativo dos governos de todos os continentes é tarefa mister na sociedade globalizada, de aparente quebra de fronteiras, mas que na verdade se inscrevem com mais força o controle do trânsito dos sujeitos. O cerceamento das liberdades.

A sofisticação de barreiras não se dá apenas ao nível objetivo formal. Ela se inscreve na ordem das subjetividades, dos códigos virtuais, dos números e senhas criptografadas para controle e segurança dos sujeitos, ao mesmo tempo em que inibe relações de trocas e construções humanizadas que possam se inscrever pela curiosidade e pelo inesperado que é justamente o *lien* - o lugar, ligação - para o surgimento da linguagem - atributo humano.

A sofisticação do controle mantém o silêncio e a ausência do diálogo que é *linguagem*.

A captura da linguagem humana - ordem há bilhões de anos construída - pela curvatura à técnica - sofisticação da máquina. Criador submisso à criatura.

Não há código não respondível. Para todas as transações há uma operação marcada. Uma convenção programada, um argumento pré-concebido.

Assim é que na França com a opção radical da população em alterar o regime secularmente socialista para um governo francamente liberal, o mesmo lança um decreto, a pouco mais de cem dias de mandato presidencial, de expulsão de 25 mil "*sans papiers*", os quais, diga-se, foram convidados, no período de escassez de mão de obra para a construção civil e trabalhos braçais para fortalecer a economia francesa, os quais vieram sem família, instalados nos foyers⁵⁷ nacionais.

O decreto é assinado através do ministério da "integração e identidade nacional" o qual é e foi causa de polêmica pela grande maioria de estudiosos e intelectuais da vida social francesa frente a questão da pós-colonização.

Os "*sans papiers*" são, como não poderia deixar de ser, jovens negros e minorias não-

⁵⁷ habitações construídas pelo governo francês a fim de abrigar trabalhadores das ex-colônias francesas, os quais vinham sem suas famílias e existem até hoje como habitações precárias para africanos que chegaram como cidadãos de territórios franceses. A entrada livre sem exigência de documentação e a informalidade de seus trabalhos deixaram muitos deles sem documentos legais para habitar e requerer os direitos de cidadãos franceses passados os tempos em que foram utilizados como mão-de-obra explorada - um outro tipo de escravidão.

brancas, de ex-colônias francesas, os quais repetem as histórias de seus antepassados, na busca de melhores condições de vida, a partir da comunicação com o território que furtou de seus pais, a juventude e o melhor de seus trabalhos.

Tentando romper as fronteiras de um mundo dividido, incapaz de atentar-se para a perspectiva urgente de construir uma história humana mais igualitária.

Incapaz de reconhecer que as riquezas de hoje são frutos da escravização e martírio de muitos povos é, portanto mister organizá-las para produção de maior riqueza em novas escalas, capazes de atender às necessidades de todos sob a face do globo terrestre.

Assim é que o trânsito da juventude no espaço e no tempo - *historicidade* - busca romper com a reprodução da mesmice e manutenção do *status quo* a fim de ascender às cidades, ao novo, ao inusitado.

Os jovens, *os sans papiers*, minorias não brancas e jovens negros das periferias, no mundo e em São Paulo, são colocados à margem dos centros dos processos de desenvolvimentos.

Mas mesmo quando lhes é negado o olhar, estão a caminhar incessantemente da periferia para o centro, construindo e definindo sua identidade, percebendo que necessitam fazer e construir sua própria história para constituir-se a si mesmo.

"Percebe(m) que não deve(m) permanecer como substantivo ou como adjetivo; precisa(m) se fazer verbo, fazer-se ação"(CIAMPA, 2005:24)

É neste sentido que estamos a discutir sobre identidade e território, ao mesmo tempo em que refletimos sobre juventude negra, visto que a ação do jovem hoje comporta um espaço-tempo de uma historicidade.

Transformações estão a ocorrer, modificando as diretrizes calculadas de controle e cerceamento, através da atuação e papel dos pobres na produção do presente e do futuro:

A sociabilidade urbana pode escapar a seus intérpretes, nas universidades, nas faculdades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos atores ativos do drama, sobretudo quando, para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias. Há quem descreva o quadro material dessa batalha como se fosse um teatro, quando, por exemplo, se fala em estratégia de sobrevivência, mas na realidade esse palco, junto com seus atores, constitui a própria vida concreta da maioria das

populações”(SANTOS, 2001:132)⁵⁸.

Estes jovens atravessam o mar, os rios e as pontes das periferias que os afastam dos centros de desenvolvimento.

E eles transitam de um lugar a outro. Da periferia para o centro. Buscando um pouco de luz sobre seus corpos. Participar da cena.

Isto possibilita pensar e inserir a psicologia nos avanços da dimensão de estudo sobre identidade humana a partir da dialética inerente a este estudo e a capacidade de conjugar outros conhecimentos que permitam expandir as qualidades epistemológicas do objeto em psicologia, como por exemplo a geografia urbana, como esparsamente construímos neste texto.

Alguns avanços então tem sido construídos após Nogueira, os quais continuam a construir as relações específicas com a psicanálise e psicologia social, no que diz respeito a elaboração de uma "psico-sociologia" das relações raciais no Brasil.

Em pesquisa realizada por Souza em 2003⁵⁹, é apresentada a constituição psíquica e formação identitária de crianças negras e mestiças.

Os resultados apresentados revelam que crianças negras e crianças brancas estão sujeitas ao impacto do ambiente social a partir da inserção escolar, mas as mesmas são capazes de reagir às violências dos contextos, principalmente quando minimamente ancoradas por um par adulto, no caso o analista, ou o professor, educador, os pais. Ou ainda uma outra criança mais velha em uma relação de maternagem bem como de uma criança em sua idade próxima ou ainda inferior mas que nutrem mutuamente afeição.

A capacidade de reação da criança negra se dá na socialização de sua experiência cultural materna - visto que a mãe representa a inserção social da criança no seio da cultura humana - a qual se torna extensível na relação social e experiência de vida precoce da criança, a qual pode ser amparada por seus pares, adultos ou infantes, negros ou/e brancos.

Neste sentido, foram apresentadas vivências maternas sobre o sentido da maternidade,

⁵⁸ Milton SANTOS. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.132.

⁵⁹ Regina Marques de SOUZA. Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões e contribuições da psicologia social e psicanálise, Dissertação de Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

a significação de si frente a criança - o bebê - e as repercussões destes sentidos frente a constituição emocional do bebê.

Neste aspecto as mães participantes da pesquisa eram mães de crianças negras. Eram mães negras e uma delas, embora fenotipicamente branca, assumiu um sentido e interioridade negra a fim de dar conta das implicações e necessidades emocionais precoces de seu lindo e desejado bebê negro.

É interessante acompanhar o relato:

“J. e eu deixamos tudo em aberto, cor, sexo, era um ser humano. Ela devia ter sentido que na barriga da mãe dela devia ser saudável. Ela desde que está comigo, não teve problemas maiores de doença, a não ser febre do dente, resfriado. A gente pensa que a mãe se cuidou na gestação. Sei lá. Nos exames não haviam sinais de droga nem bebida alcoólica.

Querida te falar uma coisa que não sei se entra aí. Eu gosto muito e tenho um lado espiritual forte. Nos meses em que ela estava em casa (agosto e setembro) acordava chorando desesperadamente. Eu fazia chá e não adiantava nada. Pegávamos no colo ela se acalmava. Vimos que não tinha nada a ver com dor. Levamos na federação espírita e depois disso nunca mais ela teve isto. Fui e sou muito ligada com a minha mãe. Com alguns meses...antes de dormir... eu pedi: “Mãe, vem ver a B.(nome da criança). Nesta noite eu percebi o seguinte: Eu acordei com a B. no colo, e eu tive a percepção de uma mulher jovem, bonita, negra, estar com ela. No meu sonho era a mãe dela. Sabe quando você percebe a mãe dando amor, carinho, sei lá se era sonho ou não... O J (marido) acordou e me viu com a B. no colo. Ele ficou bravo comigo...Não faça mais isso porque eu senti que nós não estávamos sozinhos. Foi um lance curioso. Eu tenho isso na cabeça. Eu penso que a mãe tinha muito amor por ela...Eu tenho isso...Ela é super saudável, super gordinha, come muito bem. Na escolinha todos gostam de dar comida pra ela porque ela come tudo. Agora ela dorme bem. Dormia bem, acordava na madrugada chorando desesperadamente. Hoje lembra, mas não com este choro”. (38 anos, descendente de espanhóis, branca, professora de história)” (SOUZA, 2003:189)⁶⁰.

Este relato apresenta uma importância e significação especial, pois nos possibilita perceber que a transmissão geracional - proposta de investigação do trabalho - sobre o psiquismo da criança negra, da história de seus antepassados, das maneiras como são semeadas as formas culturais dos relacionamentos e afetos, trazem para a criança uma rede de significações importantes que lhe asseguram, muito precocemente, a capacidade de *estar* no mundo para vir a fazer parte da cultura humana.

Ainda que não haja a linhagem, como tratou Nogueira a respeito da criança negra que

⁶⁰ Regina Marques de Souza. Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: contribuições e reflexões da psicologia social e da psicanálise. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - PUC/SP, 2003, pg.189.

estaria, desde sempre, em prejuízo frente a sua constituição psíquica e identitária, fica claro que o psiquismo da mãe negra exerce sim influência sobre a constituição emocional do bebê - ser humano. Mas, ao contrário do que afirma Nogueira, o mesmo vem marcado por uma herança simbólica que não cansa de se inscrever de diferentes maneiras na vida humana através das manifestações sócio-culturais da população negra em todo o território mundial.

Sob este aspecto, precisamos mesmo observar fundamentalmente o papel da historicidade sobre os modos de considerar as emoções, afetos e psiquismo humano, visto que sob a influência de um tempo específico, não pode nos confundir em traçar premissas deterministas sobre fenômenos complexos que exigem articulações conceituais teórico-metodológicas que estão se construindo.

A cena que ilustra a discussão nos pode posicionar a idéia de que a história de pertencimento e vínculo incondicional a uma mãe negra, amorosa e bela é que salvaguarda o bebê de suas dores e desconfortos emocionais.

Não se trata aqui de dizer sobre o fragmento emocional materno como alusão a um estado de discernimento pouco valorizado no campo científico em razão do conteúdo religioso expresso.

Antes disso é preciso escutar que a necessidade de identificação materna com sua própria mãe, a própria capacidade de regredir à situação emocional infantil e *rememorar* os modos de cuidados recebidos em idade precoce, é que dá às mães - no caso da mãe do bebezinho negro exemplificado - a capacidade de ancorar e sustentar o seu bebê.

A ligação da mãe (branca) à sua mãe real faz com que a mesma queira reproduzir tal vínculo de historicidade com o seu bebê (negro).

Na tentativa de transmissão da história (sua singularidade de mãe branca) ela, mãe (branca) percebe que seu bebê (negro) necessita de uma historicidade que lhe seja própria (autônoma).

A fim de dar conta desta percepção sutil da necessidade do bebê e sabendo-se em historicidade distinta às origens mesma de seu bebê (negro) é que esta mãe (branca) pode fazer o elo de ligação da criança - bebê negro - com sua mãe originária.

O *sonho* significou uma alteração psíquica capaz de fazer o movimento da diáspora - deslocamento - do psiquismo materno na direção do seu bebê a ponto de apropriá-lo na cultura mesma que o fundou. Sem separá-lo, ao mesmo tempo, de uma nova cultura que se inscreve no momento presente, atual. A qual dá conta de um novo ser, totalmente inédito em seu porvir em esperança de civilidade.

É nesta alteridade que a psique pode começar a figurar-se própria, entre igual e diferente na sensibilidade de apropriar-se da história a fim de reatualizá-la com criatividade.

Neste sentido, todas as mães da pesquisa de Souza (2003), negras e brancas, foram capazes de atender.

A falha na inscrição paterna - o social simbólico - é que se apresenta defasado.

No sentido de que não há políticas capazes de resguardar a capacidade da mãe ancorar o bebê confortavelmente.

As mães negras principalmente, e as mães das camadas populares pobres, são as que maiores dificuldades têm para imprimir o traço de civilidade - transmissão cultural humana - que transforma um pequeno pedaço de carne em bebê humano.

Não porque sejam defasadas psiquicamente em sua auto-estima e concepção de si enquanto auto-negação, mas porque lhes falta a tranquilidade para carregar o bebê com um pouco mais de conforto, naquilo que a inscrição social deve atender.

Neste sentido vale considerar as noções de Winnicott: uma mãe nunca carrega sozinha seu bebê, e seu cólo, é de fato um cólo largo, que comporta o lugar social que uma sociedade reserva a seus filhos. Iguais e diferentes.

Isto significa considerar, necessariamente, os equipamentos sociais disponíveis de acesso às mães e seus bebês.

A função paterna e a inscrição da lei (re)construída por Lacan, bem como a noção de meio ambiente em Winnicott, são representativas destas qualidades culturais e sociais da letra psicanalítica.

Se foi Freud pensador da cultura, não poderiam seus sucessores deixar de tecer considerações sobre as condições de desenvolvimento psíquico e as incursões sociais.

A crítica à psicologia quanto ao silêncio de questões importantes que tocam a vida de mais de 60 milhões de brasileiros - a herança e presença da população negra - deve ser extensível ao trabalho de psicanalistas, que muitas vezes incapazes de atualizar a obra freudiana, não reconhecem em seus escritos a força dos questionamentos sócio-culturais, limitando-se a uma psicanálise de gabinete e de divãs frequentados por divas cada vez mais escassas em suas clínicas em razão de vivermos em uma sociedade utilitarista, efêmera que aspira resultados mágicos.

Nos estudos de caso apresentados são evidentes que a força psíquica da criança negra em sua formulação identitária se impõe a despeito da grande opressão que a mesma vivência em tenra infância⁶¹, das violências dos contextos culturais de inserção social escolar.

A percepção infantil, o psiquismo humano saudável, primeiramente questiona, desconfia, de segredos e impressões não reveladas à superfície.

A criança atenta, e também a criança negra, observa os movimentos de sua vida, na relação com seus pares e o sintoma se cria, na medida em que o curso comum de seus acontecimentos - verdades não ditas - são reiteradamente interditas.

Nos estudos de casos apresentados por Souza (2003), o psiquismo e construção de identidade na criança negra apresenta antes de uma fratura frente à violência do racismo e discriminação com o conseqüente desejo de um ego branco como afirma Costa, uma capacidade de desconfiar das "*mentiras*" que os contextos familiar e social tentam lhe impor enquanto protótipo de uma constituição emocional ao sabor do que se considera adequado e conveniente.

Nas crianças estudadas por Souza (2003), os sintomas psíquicos que as levaram ao consultório ou as ações escolares que provocaram reflexões sobre suas condições emocionais, psíquicas e identitárias, fica claro que a demanda de maior esclarecimento é da cultura - familiar e social comunitária - enquanto que à criança, ser a priori saudável psíquicamente⁶², quer validar suas impressões subjetivas a fim de organizar sua historicidade - objetividade frente suas próprias ações e criatividade no exercício da vida - identidade, participação social-individual.

⁶¹ O estudo comporta a análise de crianças do zero aos seis anos de idade em ambiente clínico de consultório psicanalítico bem como observação escolar em escola de educação infantil onde a pesquisadora exercia a função de psicóloga escolar responsável pelo atendimento aos pais e apoio técnico na equipe pedagógica e orientação a professores e educadoras. Além disto, a metodologia comporta entrevistas com pais, avós e bisavós, fato que possibilitou observar a herança de transmissão geracional a que as crianças negras participantes do estudo estão sujeitas.

⁶² o conceito de indivíduo saudável é noção introduzida por Winnicott em sua obra que considera que o indivíduo quer reagir ao meio ambiente de maneira não agressiva. A capacidade de percepção do ambiente cultural e a apresentação do mundo ao bebê pela mãe, fornece na alteridade da relação cultural mãe-bebê as condições deste ser fazer parte da comunidade humana com autonomia e criatividade. Esta vem sendo a leitura de alguns estudiosos da obra de Winnicott como no Brasil Gilberto Safra. No mesmo sentido, a teoria de Winnicott tem sido considerada nos meios acadêmicos e psicanalíticos como uma teoria do amadurecimento, que considera o homem como um ser psíquicamente alterado pela cultura, em intermediação com ela, o qual pode ao longo do tempo interpretar as suas condições de vida e existência como protagonista da cultura.

O desconforto paterno e materno que levou pais e crianças ao consultório, ou de professores e meio escolar que os encaminhou e solicitou avaliação, apesar de investirem em linguagens discerníveis de fragmentação da identidade infantil, através de preconceitos e falta de capacidade de enfrentar transformações que se fazem necessárias na ordem da renovação das experiências sociais e humanas é que tratam de dizer - em todos os signos e símbolos lingüísticos possíveis que disto possa decorrer - que o infante é fraturado, não perfeito, com algum problema. Não obstante, não percebem - pais, escola e professores - que a criança, mais que os adultos, sabe da linguagem que habita o seu ser, querendo apenas a confirmação de seus intentos, buscando-os, ao contrário do adulto, com a vivacidade de cães farejadores de sua caça. Sabendo, mais que os adultos, das intuições por onde seguem seus caminhos.

Impossibilitada de correr na direção de sua demanda, como grande herói em busca de si mesmo, ela vai às últimas conseqüências, importunando pais e professores em sua não "*adeqüabilidade*".

Se Freire Costa (1986) pode ter alguma razão quanto à violência do racismo, as crianças do estudo de Souza (2003) demonstram que preferem ser si mesmas, a despeito das linguagens incontroversas de seus pais e professores. Ainda que para isto paguem um preço considerável que é o preço do sintoma. O desejo de embranquecimento, dito por Costa, é antes, uma alusão a um desejo adulto, já formatado nos episódios da educação formal e na introjeção da cultura hegemônica.

Embora possa-se dizer que todo adulto foi um dia uma criança, é preciso ponderar que no processo de socialização ocorre o que se pode chamar de perda da alusão à infância, porque a criança, ser que se inaugura, está provido de sua marca de intuição de verdade.

O processo educativo é que o circunscreve com as marcas de um adulto.

Então, quanto mais capaz de precocemente se socializar nos modos que o ambiente o preceitua, mais próximo da mentalidade adulta.

Já a criança, por excelência, não está presa a estas exigências macabras da mente perversa dos adultos. Ela investiga, livre por si mesma, quais as incursões de seu contexto de verdade.

Neste sentido o louco é o mais sã de todos os homens, assim como a criança comporta uma sabedoria vasta em como gerenciar seus passos.

Quanto maior a capacidade de sair do cerne de si mesmo, mais rápido o processo de socialização. O que poderíamos dizer perversão.

Neste sentido considero, que embora a criança esteja sujeita a condição de socialização primária e secundária como escrevem Berger e Luckman no livro *A construção social da realidade*, vejo-as - as crianças negras e as crianças em geral - como portadoras de psiquismo e identidade formulada.

Assim como a escola inglesa⁶³ de psicanálise declara que as noções de construção egóica se dão desde os três primeiros meses de vida do bebê.

Em geral a neurociência - tanto em moda e sinônimo de boa ciência legítima - vem atestando há algum tempo que utilizamos bem menos da capacidade do nosso aparelho mental desde os primórdios da infância.

Vale considerar, para os *cerebelos* de plantão, que entende-se também por aparelho mental toda e qualquer manifestação emocional e psíquica, ao nível mesmo e inclusive, do que Freud e toda *corja* de loucos e insanos psicanalistas, ousaram afirmar.

Parece-nos então que a alusão de Freire Costa em relação a constituição de um ego branco para o sujeito negro, se dá no nível mesmo do psiquismo adulto. Sendo tal incursão intransponível para o caso do bebê negro e da criança de 0 a 6 anos, assim como mostram os estudos de caso de Souza, 2003, no cerne de construção de identidade e constituição psíquica infantil.

Assim como a cadeia genética de um DNA é irreproduzível de um ser vivo a outro atestando um milagre biológico inédito, próprio e personalístico, a condição saudável da criança negra, a priori, a salvaguarda da imprecisão dos adultos em seus desejos insanos.

No mesmo sentido, contrariando Nogueira (1998), elas, as crianças negras de Souza (2003), são capazes de perceber quem são. E gostarem de si, identificando-se consigo mesmas, tal qual são. Necessitando apenas de uma voz que possam escutar de si mesmas sem as contradições dos discursos e linguagem adultas que interceptam a compreensão da constituição de sua própria linguagem. Como uma onda sonora de rádio sob constante interferência.

A dificuldade do humano em seguir sua liberdade.

⁶³ Melanie Klein em seu livro *Inveja e Gratidão* escreve um artigo - última publicação em vida - denominado *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*. Neste artigo, além de traçar as noções claras sobre sua teoria de objeto desde os primórdios do nascimento até a base da formação do caráter que esta sedimentada na capacidade de experimentar gratidão, elabora tais noções sobre a constituição e mecanismo de funcionamento mental do bebê.

No espaço híbrido da esperança (Souza, 2003), resta a esperança de serem ouvidas.

No capítulo seis do trabalho - Vozes de Crianças - o campo empírico é capaz de refutar completamente Nogueira e em certo sentido Costa.

Na consideração da elaboração do psiquismo e identidade da criança negra, não se pode esboçar alusões a uma teorização clássica, seja em psicanálise, seja em psicologia social ou sociologia.

É preciso dar-se ao trabalho de observar o fenômeno, em sua movimentação extensa que requer outros níveis de aportes metodológicos.

Cuidando, é claro, para não cair no artificialismo do dado empírico ou da abstração qualitativa de teorizações extremas, pois como nos esclarece Iray Carone, o discurso científico é produção de uma retórica. E a metáfora, "*desprezível*" alegoria da poética, serve para em um movimento meticuloso de pinça, na capacidade genial dos artistas, decifrarem os substantivos e verbos de suas épocas. Na fidedigna capacidade visionária da verdade.

A função cognitiva da metáfora, a partir da teoria nominal apresentada na poética de Aristóteles (séc. IV a.C.) é a epífora do nome; o que equivale dizer que a linguagem poética é conhecimento pleno, que antecede a lógica aristotélica da retórica científica.

E ainda para Aristóteles, na teoria comparativa da metáfora em sua arte retórica, apregoa que esta, a retórica, é um recurso imagético a serviço do argumento. Onde se é possível convencer por argumentos retóricos uma causa indefensável, pois o poder do discurso possibilita qualquer defesa.

Neste sentido o recurso retórico não está preocupado com a verdade, mas a partir do recurso estilístico, convencer o destinatário da mensagem. Impactando-o e imobilizando-o, através da construção argumentativa.

As preocupações de Aristóteles se direcionam ainda em "salvar" a retórica da *eurística*⁶⁴ - sedução que desvia o 'espírito da verdade' - fato denotativo do caráter ético que deve ser *sine qua non* à ciência.

⁶⁴ A arte retórica enquanto argumentação apresentada como o pior tipo de retórica - a eurística, a qual seduz o pensamento escapando-o da direção da verdade. Os sofistas eram os grandes mestres que se ocupavam do ensinamento do discurso argumentativo retórico excessivo. Utilizavam a eurística, pois preparavam pessoas para a política na capacidade de persuasão - oratória que admite a dominação pela via do discurso.

Em relação à temática que nos propomos a conhecer- identidade de jovens negros nas periferias da(s) metrópole(s), conforme anunciado anteriormente a partir da análise do fenômeno com a interdisciplinariedade com a geografia urbana - resta a ousadia de propor novos caminhos epistemológicos para a ciência psicológica; considerando a complexidade e peso da dimensão da realidade. A fim de investigar, por diferentes direções, os nuances do fenômeno.

Pois o deslocamento semântico na *epífora - significação da palavra ausente ou deslocamento das palavras que tem significação - denota que* há mais coisas que palavras para atribuir significados. Assim, é necessário que as palavras assumam várias semânticas.

A relação epistemológica psicologia social (materialista histórica/identidade metamorfose) e psicanálise (Winnicott e Piera Aulagner) como fez Souza (2003), constituiu-se a partir de incursões metodológicas específicas. Lembrando, que para a psicologia social da "Escola de São Paulo", o método é em si construção conceitual-teórica.

Como se verá, no estudo de identidade de jovens negros em contextos urbanos, o método implica opções não clássicas. Amparadas na ética e necessidade de apreensão do fenômeno na proposição de considerar os modos como ele se apresenta.

Isto implica reconhecer que as maneiras de apresentar a temática, na incursão das considerações peculiares daqueles que iniciaram a abordar relativamente o fenômeno, é também constitutiva de uma epistemologia para a apreensão do fenômeno que ora se investiga.

Destarte, as significações das obras que aqui se apresentam enquanto leituras, podem ser consideradas metáforas para apreensão do objetivo científico - identidade de jovens negros na periferia das cidades.

Nesta abordagem, do que vimos apresentando, a metáfora não é mero ornamento, mas cria um novo conteúdo estendido e um novo sentido cujo efeito estilístico confere uma forma. Forma esta que é um importante denominador, pois a metáfora - estilo estético - é constitutiva da forma, que está de modo inerente ligada ao conteúdo.

O estilo (forma) de dizer as coisas, sinaliza a qualidade estética do humano que se apresenta.

Tal qualidade estética é sinônimo das grandes obras do espírito humano, as quais sempre haverão de trazer novas incursões e significados, pois que tal qual o humano, são infinitas em suas propriedades.

A mitologia grega e a cosmologia africana, não são apreensíveis imediatamente. A mitologia grega, mais acessível à civilização ocidental, tem sua infinidade de transfigurações para as mais distintas reatualizações.

A cosmologia africana, que dentre outros universos por nós não apropriados, tem no Egito, um grande símbolo de seu refinamento estético.

Em estudos contemporâneos, chega-se a compreensão que as premissas gregas tem origem na civilização egípcia.

Tal reconhecimento é ainda melindrado pelo corpo dos conhecimentos científicos visto que contraria a ordem hegemônica das direções do surgimento do período civilizatório da espécie humana.

Como aceitar o dado empírico e arqueológico de que sociedades ditas "primitivas" foram as bases fundadoras do mundo ocidental?

Decodificar as formas estilísticas de apresentação dos discursos seja na ciência ou na arte, implica em pensar, de modo inverso ao já conhecido, outros caminhos de objetos presentes no discurso humano, mas que tradicionalmente obliterados por retóricas sofistas impregnadas de eurísticas.

Neste desafio de fazer ciência, sem a retórica excessiva, mas também sem abdicar da forma - estilo estético - acredito que podemos encontrar palavras não ditas sobre fenômenos que não se "quer" - conforme nossas considerações sobre a temática do negro e a psicologia - investigar.

Aliando a justificativa da forma ao princípio epistemológico-metodológico do trabalho, convém instruir que uma das bases de consideração da trama *identidade* que funda uma categoria de estudo importante para a psicologia social crítica a partir de uma dimensão que está no cerne da tradição psicológica brasileira e da América Latina, é a inauguração da temática por Ciampa (2005), que além da leitura poética da obra de João Cabral de Melo Neto utiliza as referências de Habermas, para considerar os atributos importantes da linguagem - agir comunicativo - para a formação da identidade.

O uso da poética, embora pareça inusitado na obra de Ciampa, fato que para a psicologia social de ontem e de hoje o é - é um artifício importante na captura dos signos que não se inscrevem, da palavra e sentido não expresso, ao nível do que em Aristóteles a *poiesis* vem de *poien* que significa *fazer, transformar*.

Princípio ético clássico da ciência aristotélica.

Embora as construções de Ciampa estejam a completar vinte anos, as palavras de Silvia Lane não deixam de preconizar que pesquisas diversas no campo psicossocial

(...) fazem emergir a questão da identidade como algo presente e fundamental para a compreensão do indivíduo e como tal assumindo o caráter de uma categoria ontológica, tal como na concepção materialista histórica tem sido apresentada a Personalidade. É uma questão que pesquisas futuras deverão responder⁶⁵.

A capacidade visionária de Silvia não deve ser subestimada.

Capaz de fundar um novo modelo - uma nova forma e estilo - para a psicologia brasileira, coloca o Brasil à altura de discutir e participar dos contextos políticos de toda América Latina com uma *poiesis* renovada. Esperança para as *mesmices* - retórica da ciência - que não se comprometem com as transformações da realidade.

Esta intuição que a filosofia, prima-irmã da psicologia na antiguidade clássica de Sócrates e Platão, deu à Silvia⁶⁶, legitima modelos reflexivos metodológicos inaugurais, em que possivelmente se verá nesta obra em capítulo que apresenta as direções da pesquisa empírica.

Importante dizer, que se foram os gregos os estetas máximos da antiguidade que possibilitou heranças para o Renascimento e abertura do homem a sua tentativa de liberdade que o período feudal e a Baixa Idade Média o aprisionavam, vale dizer que a capacidade de articular leituras outras de uma estética não capturada pela retórica eurística pode ser a salvaguarda de superação dos axiomas que aprisionam as negações da psicologia em relação a questão do negro, bem como a recusa de traçar um percurso de objeto que seja legitimamente representativo do humano em sua significação estética.

Silvia, próxima do final de sua vida, lançava-se a compreender as significações da arte e da criatividade na compreensão da condição e psiquismo humano⁶⁷.

Obra aberta e inacabada, em função de sua morte e ao devir de outras gerações de pessoas que podem ser capazes de contribuir com as obras humanas.

Ciampa, através do poema de João Cabral de Melo Neto, rompe com a forma

⁶⁵ Silvia Tatiane Maurer Lane. in: Prefácio de A estória do Severino e a história da Severina - um ensaio em psicologia social de Antonio da Costa Ciampa. São Paulo: Brasiliense, 1987, pag. 11.

⁶⁶ Silvia Lane não era psicóloga. Tinha formação inicial em Filosofia.

⁶⁷ Bader SAWAIA. Silvia Lane - Coleção Pioneiros da Psicologia. São Paulo: Imago, 2000.

estilística de pensar a psicologia. Irreverente, com a anuência do mestre⁶⁸, outra geração compartilha os dizeres não ditos das pronúncias humanas de difícil apreensão. E mesmo após vinte anos da primeira edição da obra, ela continua atualíssima.

Como as línguas vivas, as obras humanas carecem de grande esforço audível, para reprodução perfeita da pronúncia linguística.

Mas ainda que apropriado no cerne mesmo da igual cultura, o som e a pronúncia tornam-se singularizados. Este fato - singularização - não impede de ser apreendido por outras pessoas - que na capacidade de escutar a pronúncia, são capazes de interagir em comunicação.

Esta é a razão pela qual o aprendizado de uma língua é algo que demanda longos anos de convivência na cultura e civilização de um povo. E nada há de mais potente que a vivência para apropriar o senso e o sentido das significações das palavras.

Ainda assim, para um estrangeiro, mesmo com a destreza da capacidade de compreender o vocábulo da língua, o sotaque, não o habilita a pertencer definitivamente a cultura na qual não foi gerado.

Já as crianças, no movimento de apreensão simbólica e lúdica dos diferentes tipos de linguagens, podem ser alfabetizadas em diferentes idiomas, quando lhes são dadas as oportunidades de conviver diretamente com a cultura. Neste aspecto, são mais passíveis de não apresentarem "sotaque", eis que capazes de transitar entre um e outro signo.

A referência a obra de Ciampa a partir de João Cabral de Melo Neto e as alusões a obra inacabada de Silvia Lane sobre as repercussões da arte na vida psíquica do humano, servem-nos para continuar a falar de epistemologia-metodologia na produção científica em psicologia.

Ao nos referirmos aos ensinamentos de Iray Carone sobre a função cognitiva da metáfora⁶⁹, ela resgata, dentre outros autores, as considerações aristotélicas.

Pensar em Aristóteles é pensar em construção e princípio científico. É ele quem funda e sustenta até hoje, princípios clássicos para as ciências mais modernas - incluindo a física e a informática.

⁶⁸ Silvia Lane foi a orientadora da tese de doutorado de Antonio da Costa Ciampa na PUC/SP em 1986.

⁶⁹ A Prof. Dra. Iray Carone ofereceu uma atividade programada aberta apenas para doutorandos no primeiro semestre de 2004 na PUC-SP denominada *A função cognitiva da metáfora*. Desta atividade além de anotações e leituras foram extraídas as referências que compõem o texto.

A preocupação de discernir sobre os autores que inauguram a discussão sobre o tema de tese que se inscreve não tem a intenção de escapar às necessidades de apreensão direta do objeto.

Se o percurso é sinuoso e poderia ser mais diretivo e fácil, a forma do estilo reduziria a própria conotação que o objeto em si prenuncia.

Na humildade de saber que uma obra não se constroi sem as mãos de diversas mulheres, crianças e homens, os quais estão sujeitos a sua historicidade, é que traçei este percurso longo de considerações primeiras.

Poderia reduzir o exercício teleológico?

Possivelmente sim. Mas correria o risco de construir uma retórica excessivamente preocupada em cumprir com os requisitos formais inteligíveis do campo clássico da ciência.

Mas uma vez tomado pela psicanálise e psicologia social paulista cujos os cernes históricos são pilares irremovíveis, não quis eu escapar, a minha maneira, desta dinastia histórica.

Pensar o negro na psicologia e na psicanálise implica igualmente considerá-lo na história.

A memória e suas significações não são elementos performáticos ou estéticos conforme alusão da função cognitiva da metáfora e o estilo retórico.

Elas são - a memória e a história - constitutivas do *griôt* - a tradição da história oral que embora desqualificada na tradição ocidental frente a cultura africana - resgata o sentido do cosmo e apropria seus membros de sua origem a partir da escuta de toda uma tradição que reatualiza expressões de novos intérpretes e interlocutores.

Seriam estas as razões dos negros serem tão exímios, mesmo após séculos de espoliação de tentativas de dizimação, ao exemplo do que aconteceu na Argentina, trovadores das mais belas canções de contagiantes alegrias ?

Quando pensamos em tambores pensamos em instrumentos simples, capazes de serem apropriados por qualquer um, sem necessidade de grande dedicação e erudição.

No Brasil, a ausência do traço e da letra histórica, oblitera inúmeros acessos de discernimentos verídicos. Esta ausência e displicência quanto a capacidade de escutar a narração do passado é também um argumento e forma retórica.

Na Europa, cujo séculos de organização sócio-cultural no estilo ocidental possibilitou maior habilidade em preservação histórica, temos locais novos de apresentação cultural que a despeito do desagrado da hegemonia - WASP - se impõem por sua incursão no cotidiano, nas formas de atualizar o mundo em sua crescente e massiva participação geral.

Nestes locais, percebemos, dentre tantos estilos - formas de dizer - que os tambores, ao contrário de serem objetos e instrumentos de fácil decodificação são sofisticados instrumentos de comunicação musical e linguística. Existindo uma infinidade de tipos de instrumentos, tipos de cordas, maneiras de segurar, maneiras de tocar, as quais simbolizam um refinamento estético - qualidade do humano - mais ou tanto quanto aprimorados quanto os instrumentos de uma orquestra clássica.

Isto atesta que os povos - ditos selvagens - no que diz respeito aos africanos possuem um estilo próprio de dizer sobre seu mundo - o nosso (meu e teu) mundo.

Sendo assim, o uso do discurso excessivo esteve ao ponto de se esgotar, procurando contextualizar, à maneira do *griôt* - a historicidade que deve marcar as gerações humanas em seus patrimônios pré-existentes.

Em se tratando da psicologia isto é necessário.

Contribuir com a construção de uma ciência não é participar dela através de fragmentos, embora seja a maneira que a todos é dado participar.

Mas há fragmentos que são essencialmente importantes para a elucidação de questões que compõem uma genealogia.

Embora exista um limite histórico de cada sujeito que escreve e se inscreve na participação do conjunto humano, vale o esforço de nossa condição estética de tentar nos superar.

Para as populações marginalizadas nos contextos gerais das configurações do mundo é importante reservar-lhes um lugar de reconhecimento.

Reconhecer é dar-se ao trabalho de apresentar de modo extenso as conseqüências históricas do pensamento psicológico sobre o negro que se inaugura e renuncia com os avatares lentos de uma má vontade generalizada em todos os contextos. Principalmente incluindo a psicologia brasileira quanto a referência ao assunto.

Isto diz respeito a não fugir do compromisso de clareza e apresentação pontual das premissas que fundam a pesquisa - a pesquisa sobre jovens negros e identidade nas

dimensões dos contextos urbanos das metrópoles.

É procurar elevar à categoria de pensamento, na alteração da forma, apresentando-se outros sentidos.

Nesta dimensão de propósitos e escuta, Miranda (2004) investigará as incursões do sofrimento psíquico e desestabilização narcísica no grupo étnico-racial negro a partir da leitura das modulações emocionais em adolescentes negras no Brasil - São Paulo - e Moçambique.

Ela apresentará o discurso das adolescentes negras sob o contexto de que a discriminação racial no Brasil, opera formulações emocionais identitárias que prejudicam os processos de subjetivação das meninas negras.

Considerando na análise aspectos sócio culturais de formação da sociedade brasileira, articulando-se com as dimensões pluralistas do contexto global de como o negro é considerado - inferior, desvalorizado - enquanto traço de menos valia na cultura branca hegemônica, ela apresentará importantes aspectos sobre a psicanálise e psicologia ao abordar a temática.

Ela apresenta que no plano simbólico o imaginário social permanece impregnado do estereótipo do negro escravo, subalterno e do branco senhor.

A análise é sensível, ao considerar relatos de mulheres sobre vivências infantis as quais revelam a reedição de uma carga emocional - uma dor - antiga, quando verbalizam experiências de violência racista direcionadas à sua pessoa.

Neste sentido, através de Gonçalves Filho, a autora considera que a violência da discriminação dirigida à população negra apresenta um estatuto de reificação que afeta esta população no impedimento à sua identificação nos grupos sociais em que procura(m) estar, buscando no outro referências à sua individuação⁷⁰.

A partir da psicanálise ela traz os espelhos sociais com o qual a sociedade se depara cotidianamente nas TVs, revistas, *out-door* os quais são símbolos e representações do olhar do "Outro".

Olhar que aprisiona o sujeito em um lugar de imobilidade e em um sentimento de não-

⁷⁰ Maria Aparecida MIRANDA. A Beleza negra na subjetividade das meninas "Um caminho para as Mariaszinhas": considerações psicanalíticas. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004, pg. 48.

existência, sem lugar.

A partir destas leituras psicanalíticas ela nos aponta que a discriminação racial não é algo individual, mas coletivo e que processos de construção de estigmas e esteriótipos sobre o negro conduzem a preconceitos com a naturalização da agressão, da exclusão, da violência, dificultando a construção de uma identidade racial⁷¹.

A novidade do trabalho está em considerar que para além e com as dimensões de análise da psicanálise pode-se tecer construções melhores sobre as questões identitárias da população negra, saindo do cerne do indivíduo na clínica psicanalítica da construção da subjetividade, para expandir a questão na dimensão mesma desta singularidade ao contexto histórico cultural perpetrado em nosso tempo.

*"Pensamos a identidade negra enquanto uma identidade política, construída num processo coletivo e permeada, como aponta Castells, por tensões e contradições na sua formulação. (...) agregada à identidade geral da população brasileira - alegre, sensual, cordial - há uma atribuição de identidade, de atributos dirigidos aos negros, que fixados, mais do que exóticos, são pejorativos e com pouca mobilidade, sem contradições, mais do que "apropriar-se de um sistema simbólico", paralisa e aliena o sujeito nesses atributos"*⁷².

O trabalho demonstra oscilações de posição quanto a questão da psicanálise do negro proposta por Freire Costa, incidindo em novas considerações sobre a temática, incluindo além das significações de ego e ideal de ego as contribuições de Miriam Debieux Rosa para pensar a noção de identidade a partir do estádio do espelho.

Miranda cita Rosa:

" O estádio do espelho é a teorização do que está em jogo no reconhecimento e júbilo da criança diante do espelho. Trata-se de um momento estruturante da constituição da realidade, que mostra a função da imagem. Indica a conquista da imagem do corpo, imagem totalizadora, do corpo esfacelado. Produz uma transformação no sujeito quando assume uma imagem. Manifesta-se a matriz simbólica em que o eu se precipita, antes que a linguagem lhe restitua no universal sua função de sujeito."(ROSA *apud* MIRANDA, 2004:55)

Atinge uma boa resolução analítica ao ponderar as idéias de Nogueira (1998) e apresenta seus estudos de campo para checar suas hipóteses.

⁷¹ _____ Idem. Ibidem, pg. 55.

⁷² _____ Idem. Ibidem, pg. 58.

Dialoga com o trabalho etnográfico de Nilma Lino Gomes (2006) que discernindo sob a perspectiva da antropologia social para percorrer os salões de étnicos freqüentados pela população negra em Belo Horizonte utiliza além das referências em antropologia e ciências sociais, aportes psicológicos e psicanalíticos para desenvolver a questão.

São inovadoras as dimensões de Gomes (2006) quando se propõe a pensar a subjetividade negra através dos "ícones" - cabelo e cor da pele - representativos da população negra principalmente na mulher negra.

Ela se propõe, assim como Miranda, a pensar como o conjunto de efeitos do racismo afetam a subjetividade negra.

(...) trata-se do desafio de articular a questão racial e a expressão estética, de tocar o mundo dos sentidos e das emoções na construção da identidade negra. Trata-se de pensar como negros e brancos se relacionam em nosso país, não só na esfera da racionalidade, mas das emoções⁷³.

Embora Gomes(2006) estruture as questões referentes à identidade negra a partir da visão da antropologia social, aproximações com reflexões da psicologia e psicanálise se fazem presentes no estudo.

Ela considera a partir de minucioso trabalho de campo que a relação de mulheres e homens negros que vão aos salões de beleza para "mudar" o visual crespo do cabelo não necessariamente negam a sua negritude ou não possuem posicionamento político frente a questão racial.

Este estado de coisas reflete o movimento da diáspora na apropriação de seu sentido negro. Ressignificando suas incursões identitárias frente ao contexto branco em busca de participação social e auto-afirmação.

A análise etnográfica de Gomes (2006) atesta que as representações do cabelo negro se dão em um universo complexo, ora contraditório e conflituoso, ora afirmativo e decidido.

Caráter que indiscutivelmente faz tocar de perto processos intrapsíquicos, expondo símbolos, representações e esteriótipos que alteram a imagem e auto-imagem do negro sobre si mesmo na demonstração viva de como se expressa a construção da identidade negra no Brasil.

A relação com os povos da diáspora, cuja população negra brasileira é decorrente

⁷³ Nilma Lino GOMES. Sem Perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 32.

assume a perspectiva de se pensar as dimensões da identidade negra no Brasil de maneira referente ao nosso próprio contexto.

Miranda (2004) quando estuda as significações do racismo na constituição subjetiva de meninas negras nos mostra dois campos empíricos distintos: Brasil - negros frutos da diáspora - e Moçambique - a noção da beleza negra na África.

Os territórios distintos da pesquisa revelam que a dimensão espacial e territorial alteram as formas de consideração sobre as condições subjetivas e de construção de identidade de meninas negras.

Lendo os estudos sobre as considerações de meninas moçambicanas e sua relação com o seu estado emocional frente às ideologias da hegemonia branca no mundo percebe-se a significativa diferença entre meninas negras brasileiras e meninas moçambicanas.

Embora Miranda (2004) não chegue a fazer considerações sobre as diferenças de sentidos emocionais entre meninas negras brasileiras e meninas negras moçambicanas, por justificar que não se trata de um estudo comparativo, chamam a atenção os conteúdos das respostas das meninas moçambicanas em relação a sua condição étnica e social.

Foi encontrado em 20% das respostas explícitos desagrados com a condição de cor da pele, cabelos, características morais e (in) capacidade intelectual ⁷⁴ nas falas das jovens moçambicanas.

A história de Moçambique, país africano, enquanto ex-colônia portuguesa, também obliterou mesmo em território africano, a capacidade de reconhecimento de si - em qualidade e origem - quanto ao valor do ser negro na apropriação de sua cultura.

Os conflitos de guerra e o pertencimento geográfico ao continente mais pobre e espoliado na história da humanidade, coloca-os sob o signo da precariedade, da falta de poder, da incapacidade para os enfrentamentos que o mundo - hegemonicamente branco - preconiza.

As observações que escuto dos relatos das africanas em relação às brasileiras são de conotação mais sofrível.

Não se trata aqui de dimensionar o nível de sofrimento de um ou outro povo, mas reconhecer o valor da apropriação histórica capaz de alterar atitudes mentais frente determinadas situações no que diz respeito à negritude.

⁷⁴ Maria Aparecida Miranda. A beleza negra na subjetividade das meninas - um caminho para as Mariaszinhas. Dissertação de Mestrado. USP. Departamento de Psicologia Clínica, 2004, pg. 112.

No meu entender, as meninas de Moçambique apresentam-se mais sofridas pelo fato dos relatos demonstrarem grande força quanto ao desconforto sentido em relação a sua condição negra.

Já no caso brasileiro, embora tal desconforto também se apresente ele sofre a alteração com o contexto de vida de elevação sócio-cultural do país.

Procurando observar os pontos sadios da questão identitária em jovens adolescentes negros observo que a cultura opera transformações importantes nas designações das considerações e formações subjetivas das pessoas. Isto é possível de ser afirmado quando vemos que mesmo diante do fato da discriminação e preconceito racial no Brasil, a população jovem tem capacidade de posicionar-se frente este absurdo e inscrever-se solicitando tomadas de providências em relação a este estado de coisas.

Enquanto as meninas moçambicanas não vem saída à sua condição de desvalor, frente uma cultura de dominação branca que procura controlar todos os sentidos humanos no mundo, as meninas da diáspora, brasileiras, são mais capazes de elaborar sua condição de vida e buscar saídas, dentro dos limites estritos de suas possibilidades, a autenticação de seu valor.

Isto é passível de ser observado nos relatos de caso onde meninas demonstram capacidade de interpretação do contexto econômico e social dos privilégios dos brancos sobre os negros no contexto brasileiro e sua capacidade de vislumbrar um projeto de vida mais interessante pra si mesma na perspectiva do confronto e do enfrentamento.

Neste sentido pensar em identidade é também considerar a noção de projeto como nos aponta a psicologia social na perspectiva identidade, metamorfose, emancipação.

As meninas do Brasil são capazes de atualizar experiências vividas por outras pessoas no contexto histórico e tomar para si atitudes capazes de reinventar seu contexto futuro⁷⁵.

*"Você viu a história daquela menina em Nova York que não pode estudar numa escola porque era negra? Quando eu crescer vou ser advogada para defender os benefícios das pessoas que sofreram discriminação...não quero ser uma advogada corrupta."*⁷⁶

Este é um entre outros relatos significativos que o estudo de Miranda (2004) apresenta

⁷⁵ Idem, Ibidem, p. 100.

⁷⁶ Idem. Ibidem. p. 100.

que podem nos fazer refletir sobre a capacidade de alteração dos sentidos subjetivos e identitários das meninas negras no Brasil, pois a historicidade da condição do negro e as medidas de contraposição dos intelectuais e movimento negro brasileiro acabam por mobilizar discursos no âmbito da vida privada e singular das pessoas.

No mesmo sentido, as meninas brasileiras diante da discriminação são capazes de requererem seus direitos de humanidade e igualdade a partir da queixa levada à família de situação vividas como discriminatórias.

Isto já é em si uma grande revolução. É claro que não devemos nos contentar com isto, mas ser capaz de aos 11 anos questionar o contexto em que se vive, buscando alterar as proposições do sistema, é sem dúvida um grau importante de evolução psico-social.

No mesmo sentido, as mães das meninas brasileiras no estudo que ora observamos estão em condições sócio-econômicas precárias, situando-se dentro dos não privilégios das camadas populares, sem acesso a uma série de direitos básicos à vida. No entanto, ainda assim, a reação das mães, quase iletradas, as "domésticas" historicamente reproduzindo a condição do negro no Brasil enquanto serviçal e portador de qualidades braçais de trabalho não intelectual, são capazes de escutar a fala das filhas - essas mães antigonas - e irem ao encontro do civilizatório humano na requerência por justiça a suas meninas.

"(...) eles ficam me chamando assim...de macaca. (...) me dá vontade de chorar, mas eu não choro...aí eu chego em casa e conto pra minha mãe...ela vai até a escola e fala com a diretora."⁷⁷

Esta fala representa que processos políticos desencadeiam ações importantes para as crianças no âmbito singular de sua subjetividade e nas relações familiares de enfrentamento do racismo.

Mãe e filha são capazes de interpretar, ao sentindo materialista-histórico, como a Severina da análise psicossocial em psicologia, seu lugar no mundo. Procurando construir um projeto para o seu futuro. Seu futuro de menina que exige respeito, sua presença de mãe que enfrenta e não abandona seus filhos.

No período adolescente, a garota do relato diz não querer ter filhos. Tem medo das condições materiais impostas as pessoas de sua classe.

Este movimento emocional eu interpreto como um conflito adolescente comum neste

⁷⁷ Idem. Ibedem. pg. 106

período de desenvolvimento.

O jovem anseia por independência, mas ao mesmo tempo, não consegue superar sua condição ainda de infante, dependente da proteção do adulto.

Talvez a fala da jovencinha em relação à maternidade implique a própria capacidade de observar o olhar materno em relação a si.

Ao sentir-se desqualificada pelo grupo social ela recorre a força materna que precisa ir de encontro a este campo de batalha - o enfrentamento da diferença, da negação da alteridade. Ela observa a mãe, que vai, tenazmente cumprir com esta necessidade.

Ela, pequena ainda, faz a sua parte, de enfrentar com força o contexto discriminatório, e engolir o choro, a fim de racionalizar ações futuras.

" (...) me dá vontade de chorar...mas eu não choro".

Esta capacidade de enfrentamento dá a esta jovem a dimensão da tensão e do conflito de superação do preconceito e discriminação no Brasil.

Uma violência brutal, e neste ponto estou completamente de acordo com Costa (1986), mas considero, sobretudo que o que mais se aspira é o exercício da igualdade. Da qualificação humana enquanto pertencente a este mundo.

Em uma perspectiva política da psicologia e da psicanálise, visto que parece-me impossível falar da questão do negro sem aderir a tal posicionamento, é imprescindível tirar os excessos de emocionalidades e prejuízos que descaracterizam e retiram a força do sentido do preconceito.

Enquanto alguns preferem discernir sobre o movimento de incorporação de sentidos hegemônicos na psique a fim de poder conviver com o ambiente que se apresenta, eu prefiro considerar a escuta de uma voz que clama por reconhecimento e se posiciona na capacidade de articular tal dimensão.

Não é mais possível subordinar-se ao elemento outro o papel de denominador de "mim", para que na decodificação do processo de alteração identitária eu possa algum dia reconhecer a mim mesmo.

No trabalho de Miranda, se quisermos, podemos escutar os relatos das meninas brasileiras como representativos de uma voz que se expressa com lucidez e força, mesmo quando as ações pós reflexão sobre igualdade de direitos e acessos, não as levam ao desejo

almejado.

Ainda que estejam limitadas pelo contexto imediato das instituições que em geral reproduzem as ordens vigentes - a hegemonia branca e a razão burguesa - há a tentativa de romper com esta circularidade.

Nisto, a própria pesquisa psicológica de Miranda - na relação entre pesquisador e pesquisado - rompe com a forma estética do dizer científico por excelência e acaba por gerir, ao início, percurso e fim da pesquisa o caráter contestador das vozes que parecem mudas. Eis que o argumento científico é a narração de uma saída não autorizada a fim de procurar cumprir com a realização de uma necessidade de identificação das meninas negras institucionalizadas.

No decorrer do caminho, vemos meninas africanas, igualmente "seduzidas" pelo olhar-escuta do analista-pesquisador capaz de oferecer o "*rapport*" necessário para a expressão dessas vozes.

Igualmente transferencialmente identificadas, como as brasileiras, com a analista-pesquisadora, a distância da diáspora pode ser aproximada e reapropriada.

A diferença entre brasileiras e moçambicanas é para além da cor da pele e da territorialidade, as condições sociais, econômicas e políticas do cenário brasileiro.

Conforme Miranda(2004), os relatos oferecidos pelas meninas moçambicanas condensam tanto as questões étnico-raciais quanto as relativas à pobreza, à miséria.

Para pensar a dimensão da formação de identidade a partir dos usos do espaço e território nas metrópoles, lembramos no contexto destas linhas que o território abriga noções políticas e usos desta ordenação política nas forma e usos do espaço.

Esta condição no leva necessariamente a considerar políticas, formas de gerir o espaço e o território, nos modos como a população vive e transformo o se meio, a sua localidade e espacialidade.

Lembremo-nos que ao falarmos dos percursos psíquicos de constituição subjetiva e identitária utilizamos considerações sobre a psicanálise aliando leituras sobre mitos e significações da cosmologia africana e mitologia grega a partir de Édipo, Ulisses - Odissey e Antígona.

Se bem formos capazes de nos recordar saberemos que o jovem, em seu processo de construção identitária, aspira o novo, o desenvolvimento, o mundo, a participação social.

Inscrever-se no mundo dos vivos, dos que fazem a história.

Isto quis Ulisses. Isto foi preciso à Édipo. Isto foi indiscutivelmente o caráter de Antígona.

As meninas moçambicanas, ao contrário das brasileiras são ainda mais precárias na dimensão de uso e ocupação política do espaço e território.

As condições de IDH no território - mapa geográfico - em que se encontra Moçambique é, conforme relatório da UNESCO, um dos 50 países menos desenvolvidos do mundo. Fato que as coloca, materialmente e historicamente em condições precárias de reagir ao contexto.

Não estou com esta perspectiva de análise esvaziando os sentidos emocionais e psíquicos dos dizeres importantes da psicanálise, mas sobretudo é importante considerar que quanto maiores as desigualdades ao nível objetivo, maiores serão as dificuldades de evolução das condições emocionais e sociais das pessoas.

Quando Winnicott escreve sobre a qualidade do cólo que uma mãe oferece ao seu bebê ele diz das condições ambientais que recebem os bebês.

Como homem e médico vivendo no tempo de guerra ele percebeu que tal cólo não era apenas o colo materno singular e individual, mas as trocas sociais e afetivas que o conjunto social podia ou não oferecer aos seus membros.

Para Loparick a perspectiva da mudança paradigmática no eixo de análise da psicologia de Winnicott - teoria do amadurecimento do indivíduo saudável - e a psicologia freudiana esta na alteração da consideração da "*criança na cama da mãe*" para a "*criança no cólo da mãe*"⁷⁸.

Em que pese esta dissociação linguística que pretende fixar uma mudança paradigmática eu compreendo as aspirações freudianas ao falar do complexo edípico a partir da consideração do ingresso do ser humano na sociedade da cultura humana.

Neste alusão, Freud e Winnicott compartilham das mesmas capacidades de extrair o sentido humano da psique de um território circunspecto e restrito para alçá-lo na dimensão infinita e imprevisível da promessa e capacidade humana.

Nos relatos das meninas de Moçambique, é justamente este cólo social, de uma África

⁷⁸ Colóquio Sobre Winnicott - Promovido pela COGEAE-PUC-SP em 2000 em São Paulo.

que agoniza, que lhes oblitera a capacidade de reação imediata como nas meninas brasileiras, que mesmo desprovidas de um cólo social generoso, acabam por produzir "milagres" na capacidade de aproveitar aquilo que sócio-psíquicamente lhes é oferecido.

De qualquer maneira, a capacidade humana criativa de ir de encontro às suas premissas e necessidades coloca as meninas moçambicanas na dimensão de "*sonhar acordada*" quanto ao seu projeto de vida futuro.

"(...)pediria para a tia Miranda não deixar de vir nos visitar...pediria amar nossa terra, que abençoasse nossa terra, dar alegria a nossa terra", que me educasse mais e conhecer outros países..." pediria um coração bonito..., para me educar. Para ensinar-me. Cuidar de mim", contar-me histórias..."⁷⁹

Vamos ouvir com atenção: "*pediria amar a nossa terra, abençoasse nossa terra...Cuidar de mim, contar histórias*".

A terra representa o território, a expressão humana de localização no mundo, no contexto social e da corporeidade.

Para o jovem, o adolescente, o corpo tem sentidos específicos, porque o coloca na posição de redefinir o seu papel e lugar no mundo, não mais dos infantes, mas no dos adultos produtivos. Que se responsabiliza por seus feitos na história.

Mas o corpo e território das meninas moçambicanas é marcado pela exploração e desvalor seculares. A tradição do *griôt* - narrador de histórias - resvala na tentativa de organizar algum caminho - rota , direção - que possibilite reunir o passado, o presente e vislumbrar o futuro, na capacidade de participar de sua construção.

A relação pesquisadora-pesquisado, por identificação projetiva, também lança um olhar de escuta a esses desejos adolescentes e humanos, na dimensão da interpretação do contexto.

Politicamente nosso país (Moçambique das meninas) precisa de mais asseio, cuidado ético de seus governantes.

Note-se que elas dizem: *Cuidar de nossa terra*. Fala que sugere o não abandono da intuição que têm de si. Na tentativa de (re) ver-se pertencente à sua cultura, livre para atuar nas dimensões mesmas de seu ser, habitando seu corpo sem mágoa ou dificuldades.

⁷⁹ Idem. Ibidem. p. 115.

Habitando seu espaço, seu país, sua humanidade.

Este aspecto saudável e contestador da psique das meninas moçambicanas favorece a condição de pensar sua identidade. De construí-la enquanto projeto que decifra as artimanhas sociais para inscrever-se tal qual si mesmas nas contradições da história, transformando-a, alterando-a.

Naquilo que propõe a psicologia social quando trata de identidade-metamorfose emancipação.

Superar a *mesmice* - a pobreza e desqualificação perpetrada pela colonização branca a fim de tornar imutável e hegemônico seu domínio sobre os povos - e alcançar a *mesmidade* - a capacidade de narrar sua própria história na compreensão dos trânsitos históricos dos interesses políticos e sociais de dominação e inscreverem-se em seus próprios caminhos, alterando as certezas dos dogmas falsamente preservados.

A pesquisa de Miranda, embora talvez não buscasse e nem imaginasse tal constelação, passa também a ser um instrumento político de poder para elas - as meninas moçambicanas - que foram ouvidas, escutadas com atenção e, porque não, "afeto". Capazes de fazê-las intuir, o que legitimamente já sabiam, que são dignas de melhores flores, amores, projetos.

Percorrendo as literaturas que ousaram pronunciar outras vozes no cenário da psicologia e da psicanálise sobre o negro, minha crítica vai para mim mesma na construção dos sentidos sobre identidade e psiquismo negro bem como para meus colaboradores e colegas de pensamentos e dizeres sobre o assunto:

É preciso superar a hegemonia branca da pesquisa. Da forma estética de dizer como no universo dos brancos.

A forma, como disse Carone a partir dos estudos de Aristóteles, é significativa do gesto. Da maneira de organizar a fala, o pensamento, a idéia.

Quando Ciampa apresentou a idéia e a forma de discutir identidade em psicologia social, abriu-se um caminho de possibilidades de desconstruir uma forma alheia a realidade histórica e social de nossa psicologia brasileira e da América Latina.

Hoje, tendo recebido por herança estas formas de desconstruções que se abriram, podemos observar realidades intocáveis, em certo sentido, na psicologia brasileira: a questão do negro.

Quando então poderemos ser arautos de nossas próprias verdades e encarnarmos o

espírito de Iansã com a lucidez de quem não teme a morte na contestação daqueles que exigem a curvatura às mentiras que sustentam os poderes tirânicos de uma classe?

Não encontro nos jovens de meu estudo, o que se verá no decorrer do trabalho, a desolação que todos os escritos sobre identidade e psiquismo negro tendem a ancorar.

Não escuto, nas vozes das meninas de Miranda (2004) o "*sentimento de sentir-se feio*", o "*sentimento de só conseguir aderir a ideais do outro que me oprime*", os "*ideais de embranquecimento*"⁸⁰.

O que escuto, e a forma de apresentação das palavras e do discurso nos possibilita outras incursões de esclarecimento, é a capacidade de intuir - por parte das meninas - o quanto são belas. O quanto são potentes em sua busca por verdade e por um corpo que seja seu - de fato - sem as armadilhas das tramas que tentam enredá-las na mentira de extraviar-se de si mesmas.

A identificação com a cor, origem e ascendência da analista-pesquisadora, só faz sentido, porque há - desde sempre - um sentido que emana. Um significado premente.

O analista, na transferência, só serve para ser aquilo que em si já é, no desejo do paciente.

E neste sentido, as meninas, em desejo, "*aspiram ser Miranda*" - o que significa habitar confortavelmente seu - o delas - corpo. Pois já são, desde sempre, negras em sua origem emocional de pretensão e vontade. Cujo desejo é obliterado por um dogma alheio ao seu discernimento de verdade que confunde a ordem dos sentidos que as inscrevem.

Não há do que "*curar-se*" porque não há "*doença*" .

A *forma* é outra.

O cerne do desejo é negro.

Há, no psiquismo das meninas e dos jovens negros, questionamento não esclarecido.

Há revolta - não contra *si mesmo* - mas contra um *outro*, que não se pode pensar - louco!

Porque - *este outro* - sempre se pensou perfeito. Jamais sequer suspeitando da

⁸⁰ Idem.Ibidem, p.142.

fragilidade de suas sentenças. Porque possui créditos, que em geral julga incontestáveis, em sua aparência linear e não fragmentada.

Mas sanidade é ser capaz de perceber a loucura!

Imediatamente, as meninas moçambicanas aderiram ao *"amor"* de Miranda.

Porque sabem, das atrocidades que historicamente as aprisionam.

Aspirando - num mínimo espaço de tempo objetivo - as visualizações de suas verdades - seus espelhos refletidos:

*"peço pra tia Miranda não deixar de vir nos visitar"*⁸¹

O que equivale a dizer no sentido do *griôt*:

"para que eu não me esqueça de quem sou"

*"peço pra tia Miranda me educar, ensinar-me, cuidar de mim, contar histórias"*⁸²

O que equivale a dizer no sentido da cosmologia da oralidade africana:

"trazendo pra mim a memória daquilo que sou, que tentam arrancar de mim (nós) todos os dias"

Nos golpes mais baixos de expropriação de um sujeito:

- tirar-lhe a fala
- obliterar-lhe a memória
- fazê-lo esquecer-se de sua história para jamais lembrar-se de sua fé: seus sonhos.

E o suprimento da história e da verdade é a obliteração de um povo.

Uma falta de acesso a seus sentidos.

Não que não existam. Eles existem. E são fortes como a permanência da oralidade

⁸¹ Idem.Ibidem. p.115.

⁸² Idem.Ibidem.p.115.

africana que atravessa os mares da diáspora.

Não há desejo de ser branco.

O que há é construção de um mito.

Mito da brancura do desejo de ser branco nos escritos psicológicos sobre o negro brasileiro.

Por uma ciência escrita e pensada por brancos.

E quando digo branco, não me refiro necessariamente a cor da pele e origem de quem escreve.

Mas considero que a forma do dito oblitera o sentido; o qual pode desenhar-se corrompido mesmo na tentativa de desmistificação da fala.

Uma reprodução modificada.

Uma estética e refinamento mal elaborado.

Que para a psicanálise e psicanalistas, seu principal instrumento de trabalho - a palavra - necessita ser apropriado.

Mesmo que na inerência da perversão na captura da escuta alheia. Mas ainda assim, é importante o exercício prudente do uso (forma) das palavras.

Se isto é válido para analistas, isto é válido também para pesquisadores. Principalmente aqueles que estão a construir um outro cerne para o sentido de ciência e verdades.

É interessante o teor de uma história:

“Há muito tempo atrás uma jornalista branca de olhos azuis foi visitar uma parte da África com pouco contato com população branca a fim de fazer algumas fotos e investigar a cultura. Ao retornar à Europa perguntaram-lhe:

Qual o impacto quando você chegou? Branca assim eles devem ter pensado que você era um anjo.

Ao que ela respondeu: Eles me perguntaram se eu conseguia enxergar bem, porque com olhos tão azuis, dava-lhes a impressão de que eu era cega.

Mulheres de alguns povoados, questionavam se eu era casada. Com a pele tão clara, possivelmente seria sempre rejeitada; pois em algumas culturas africanas tanto mais nobre e bela quanto mais escura for a cor da pele.

E muitas crianças chegaram a me questionar sobre minha idade, pois meus cabelos loiros davam-lhes a impressão de cabelos claros de um tipo de velhice diferente”⁸³.

A localização no plano geográfico altera e produz conhecimentos específicos. Distintos em cada realidade.

Pensar a questão da identidade de jovens negros habitantes da periferia é reconsiderar este espaço, esta cartografia, este plano geográfico que opera um sentido e um desejo.

Pensar em território é inscrever um lugar de pertencimento e qualidade do espaço no qual se habita. Na forma de participar da alteração-transformação de si e do contexto, da e na cidade-metrópole.

Observar qual o trânsito do psiquismo, da memória, do passado, do e no presente.

E dos sonhos para o futuro, no chão mesmo de suas marcas – o território e o espaço.

A psicanálise nos ajuda a observar mais de perto os rostos e semblantes dos meninos. Os sentidos específicos que afloram em suas identidades.

As meninas e meninos negros da periferia de São Paulo são descendentes da diáspora.

Possuem um rosto que em geral não se quer ver. Encobertos que estão pelas estatísticas frias de uma ciência - verdade quantitativa - que anuncia o crime, a violência, a maldade. E pouco se preocupa em tornar visível a representação dos dados.

Nos *guethos* americanos, nas *banlieues* parisienses, nas *favelas* e *morros* paulistanos e cariocas, mesmo que chacinas e massacres sempre aconteçam eles estão a resistir e a combater.

O que significam as revoltas dos meninos?

⁸³ Esta história é fruto de anotações em conversas com pessoas negras habitantes em França que se disponibilizaram a trazer um pouco de suas experiências a respeito do contexto francês de discriminação e as relações com o branco. Esta conversa foi realizada com Hildebrando Cerqueira, 50, professor de português, francês e inglês em Paris. (Diário de Campo, 30.08.2007).

Que cartografias são estas que se apresentam nas metrópoles das principais cidades do mundo?⁸⁴.

Porque há conflitos violentos entre juventude e estado?

As notícias quando impossíveis de serem desprezadas são trazidas ao público como uma juventude desvairada, fruto de uma indisciplina bárbara a qual necessita de coerção extrema.

Embora as imagens apresentem a cor negra e mestiça desta população jovem que se põe em cena, as representações das imagens não se apresentam.

O que se firma no imaginário das pessoas que assistem horrorizados os "*episódios de barbárie*" é a '*coerência*' de que só podiam ser "*os negros*" com aqueles "*meio misturados*".

Essa população considerada "incerta" e "indigna" de credibilidade em qualquer lugar do mundo; o imaginário das classes perigosas.

Mas o que as imagens não revelam é a análise dos participantes das cenas.

Porque são eles os condenados? Por que são eles os descontentes?

E a origem étnica e social dos mesmos quase sempre é relegada.

Tenho observado em recentes estudos no Brasil que tratam da questão da violência na cidade de São Paulo e outros que tratam da violência e produções subjetivas em adolescentes institucionalizados raras são as considerações sobre as origens étnicas da população que estudam.

É visível nas revoltas de outubro e novembro de 2005 na França a cor e a raça dos jovens em desacordo com as políticas do estado para com os moradores das periferias.

Igualmente, nos guetos americanos, sabe-se que a cor e origem de todos é sempre negra⁸⁵.

⁸⁴ Conforme Sevcenko São Paulo é a terceira maior cidade do mundo na virada do século XX. in: "São Paulo: não temos a menor idéia". Revista Carta Capital. São Paulo, 29 set:1999, pg.24-34.

⁸⁵ Em relação a isto é preciso considerar que há situações do processo histórico de populações marginalizadas que poderiam introduzir um certo relativismo a esta afirmação categórica - todos são negros. É certo que árabes, muçulmanos, ciganos, nordestinos em São Paulo, judeus, dentre outros, são alvos em um ou outro tempo histórico de xenofobias e discriminações intensas. No entanto, na atualidade,

No Brasil, nas favelas e periferias, a cor e a etnia dos moradores é negra.

Quando pensamos as configurações territoriais e espaciais do mundo após o colonialismo, não há como desconsiderar que a escravidão como fator recente - no Brasil apenas um pouco mais de cem anos e no mundo a cronologia de abolição do tráfico negreiro e escravidão datam um pouco anterior ao território brasileiro sem contudo apresentar avanços significativos em relação as condições de vida da população negra - salvo Estados Unidos e Inglaterra, cuja política de reconhecimento dos prejuízos coloniais do tráfico de escravos é direta em relação à organização de acesso ao mercado de trabalho, universidades e cargos públicos e privados pela população negra a qual a partir da luta pelos movimentos civis nos EUA conseguiu conquistar mudanças radicais benéficas para esta população, ainda que disto decorram constantes questionamentos, principalmente nos EUA - determina a historicidade e identidade negra no plano geográfico e das relações espaciais no contexto mundial.

Portanto, falar em identidade, juventude negra e territórios no Brasil, implica em considerar em certa medida o contexto mundial da apresentação cartográfica e política da geografia humana no mundo.

A Inglaterra apresenta-se como um país de economia liberal que a partir do estado de bem estar social garantido no pós-guerra preservou a condição de observar as desigualdades em relação à população negra no território inglês e providenciar medidas políticas de equidade social através do trabalho e escolarização. Esta condição de consideração se faz porque as incipientes revoltas juvenis em bairros periféricos estão presentes em todas as grandes cidades e metrópoles do mundo capitalista onde existem em número expressivo a população negra.

Na Inglaterra não foi diferente. Mas a maneira política de gerir as medidas sociais trataram de considerar o conflito, através do acesso à saúde, educação, universidade, trabalho.

Durante o Colóquio Representar as minorias: visibilidade, reconhecimento e políticas de representações⁸⁶, Tariq Modood, sociólogo da Bristol University, apresenta o histórico de como os discursos de Martin Luther King influenciou não só as populações negras

é preciso considerar que as reações sociais em diferentes planos geográficos e territórios do planeta são cada vez mais fortes contra populações consideradas minorias não brancas, tendo em vista principalmente as produções científicas no cenário internacional conforme observamos através dos estudos e pesquisas do CADIS-EHESS, coordenado por Michel Wieviorka o qual é especialista em sociologia do conflito.

⁸⁶ Colloque Représenter les minorités: visibilité, reconnaissance et politique des représentations - une analyse comparative internationale des régimes de visibilité dans le recensement et dans les médias. Lundi 19 mars 2007 - Teatre - Odeon - Paris. Promotion CADIS-EHESS et Inatheque.

descendentes de africanos na Inglaterra, como também populações vindas de outras partes que se agregaram a este discurso.

A relação com os movimentos negros e as reivindicações de igualdade racial e anti-discriminação (1960), a política do Black Power (1970), Blackness as a Racial Identity - negritude como identidade racial (1980) , e o Multiculturalismo (1990) produziram afirmações de identidades e marcação de diferenças que apresenta um racismo cultural que é muito forte nos EUA.

No cenário inglês, a repercussão destes movimentos é grande, mas há um outro tipo de configuração .

As identidades vem se firmando por outro tipo de tendência frente a mestiçagem através dos casamentos mistos, que faz surgir novas identidades.

A partir disto, no cenário inglês, o clima multicultural acaba por alterar o sentimento da própria identidade do país como um todo. E os atentados e acontecimentos pós 11 de setembro tem colocado em risco o difícil caminho para a igualdade.

Tariq Modood refere que é uma situação complexa pois os jovens em especial são extremamente sensíveis a esta situação, situação esta que pode contribuir para a formação de identidades fragmentadas.

Neste movimento de transformações identitárias, o sociólogo finaliza que há muito a avançar em relação a questão da minorias étnicas na Inglaterra, mas algumas lições importantes o multiculturalismo pôde lhes dar: que a identidade britânica desaparece em favor das questões étnicas; e o caminho de combate para a obtenção de uma integração nacional é garantir a igualdade através dos direitos cívicos⁸⁷.

No mesmo sentido, quando Tariq Modood nos apresenta o cenário inglês sobre mestiçagem e surgimento de novas identidades juvenis que se alteram em movimentos de transformação, diante dos níveis de tensão e conflitos, bem como nos níveis de compreensão e escuta das demandas sócio-políticas por parte das instituições, podemos considerar relevantes os dizeres de Ciampa (2002) sobre políticas de identidade e identidades políticas:

Diferentes estágios evolutivos das sociedades tendem a aumentar alternativas de opções identitárias individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que criam novas situações problemáticas decorrentes do aumento de intensidade de tensões sociais, sejam elas anteriores não resolvidas, sejam elas novas criadas pelas transformações sociais. Análises centradas em novas alternativas com frequência privilegiam noções de progresso e desenvolvimento, enquanto análises mais voltadas para tensões

⁸⁷ As referências sobre o contexto inglês e as identidades negras juvenis foram refletidas a partir da mesa La construction socio-politique des catégories: minorités, discriminations et luttes pour la reconnaissance. No referido Colóquio - 19.03.07. O título de seu trabalho é Multiculturalism, Difference, Multy and Equality.

sociais não resolvidas costumam enfatizar conceitos de opressão e exploração.⁸⁸

Ao discutir a questão e fazer a opção pelo multiculturalismo mesmo com as imperfeições que ele apresenta, pois o que se quer é considerar valores comuns e não estabelecer valores de distinção entre as pessoas, como afirma Modood, vemos que o contexto britânico procura abrir alternativas, através do multiculturalismo, para privilegiar noções de progresso e desenvolvimento como analisa Ciampa.

A correspondência brasileira também se inscreve no debate internacional quando se considera que refletir sobre identidade negra é também pensar o que chamaríamos de identidade branca. *Ou seja, não se pode ignorar as políticas de identidade também de setores dominantes ou elitizantes da sociedade.*⁸⁹

Neste sentido, a saída inglesa, refere-se a abdicar de uma *identidade britânica* para considerar a *metamorfose emancipação* da sociedade a partir de sua própria alteridade, a partir da curvatura aos direitos cívicos.

Isto implica considerar, conforme se verá nos relatos de algumas entrevistas, que a Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, apresentam melhores condições de preservar os direitos das populações não brancas no acesso ao trabalho, à qualidade de vida, saúde, educação, habitação.

Ainda no cenário europeu a recusa da França em aderir integralmente a legislação da constituição da comunidade europeia a coloca em situação delicada no contexto territorial.

A partir de Jacques Chirac as tradições da República - liberdade, igualdade, fraternidade - são colocadas em cheque diante dos fluxos migratórios, primeiramente incentivados a partir da organização de *foyers* (moradias) para trabalhadores africanos e posteriormente após a expansão capitalista relegada a sua condição de cidadãos franceses, com uma convivência '*passiva*' com esta população agora indesejada.

Os deslocamentos populacionais em território europeu a partir dos países da parte oeste da Europa (Portugal, Espanha, França, Itália) próximos ao Mediterrâneo e Estreito de Gibraltar, trazem novos posicionamentos para o plano político cartográfico do mundo. Se Inglaterra, Alemanha e Suíça, justamente por sua posição geográfica no plano cartográfico mundial conseguem se "livrar" das migrações de africanos indesejáveis, eles mesmo assim conseguem chegar por outros meios.

No entanto, além da posição do território no plano cartográfico, políticas estritas quanto a 'defesa' da comunidade europeia os favorecem na tomada de medidas violentas -

⁸⁸ Antonio da Costa CIAMPA. Políticas de Identidade e Identidades Políticas.in: Uma Psicologia que se Interroga - ensaios - de Dunker, C.I.L. e Passos, M.C. São Paulo, Edicon:2002 (p.133/144).

⁸⁹ Idem.Ibidem. p.133/144.

legitimadas - pela defesa das fronteiras e territorialidades.

A condição de globalização enquanto expansão capitalista e deslocamento de populações no mundo em fluxos de mercado é uma ilusão. A defesa de fronteiras hoje pode ser considerada semelhante às muralhas intransponíveis dos feudos que mesmo com os excedentes - que dá origem aos burgos e posteriormente as cidades - não podem gerir uma política de igualdade entre senhores e servos.

Sabemos que no Brasil e nas Américas não houve feudalismo. Mas ao falar de produção de identidade e processos subjetivos a partir da consideração geográfica - pois tratamos de cidade e periferia - é preciso reconhecer que o tráfico negreiro foi uma opção de poder mercantilista decorrente das mudanças na economia no mundo.

O feudalismo foi uma forma de organização social e política de uma época, que prenuncia outros desdobramentos com o nascimento das cidades a partir dos burgos, que dando origem a classe burguesa financiará a expedição para descobertas de "novos mundos"; o que culminará com o tráfico negreiro.

Se o argumento da globalização e o neoliberalismo é o argumento para expansão de mercados a custa da espoliação de populações humanas sem nenhum nível de consideração de sua preservação de sujeito humano limitado no tempo de uma vida na história - espoliação legitimada pois cada vez mais o mundo do trabalho elimina as leis de proteção e preservação dos direitos sociais do trabalhador em todo o mundo, tal espoliação 'voluntária' ao bel prazer e interesse dos pequenos grupos detentores de riquezas fecha o cerco - as fronteiras e as muralhas - para a 'partilha' das riquezas produzidas pelos "servos" - hoje de outras qualidades e de diferentes origens.

Mas neste sentido, o que representam as "émeutes" -revoltas juvenis na França e a rebelião dos meninos no Brasil?

Porque falar em cenários políticos e cartografias para considerar identidade negra, juventude e periferia e o que os movimentos das revoltas dos meninos tem a ver com nosso objeto?

Significa que eles - os meninos negros, as populações mestiças e híbridas - continuarão a chegar sempre; seja porque descontentes com os modos do uso do espaço geográfico que também lhes pertence. Seja porque o habitaram, o construíram, o transformaram através do trabalho e produção de vida, de expressões, de riquezas materiais e culturais.

A geografia política do mapa cartográfico do território deve reconhecê-los nas dimensões de apropriação dos espaços.

Se a política delimita fronteiras e muros, eles são os constitutivos dos espaços.

Se as legislações sacralizam o território, eles, os jovens, pervertem as possibilidades da história.

Se os querem invisíveis, eles se mostram. Porque não lhes resta outra alternativa, além de ir ao encontro de suas necessidades.

Sendo assim, se os burgueses, chegaram a conquistar e derrubar a ordem vigente dos poderes feudais e conquistar a monarquia e financiar as ciências com suas maneiras 'ílicas' de alterar a ordem dos territórios do planeta; as revoltas juvenis, prioritariamente negra, também não cessarão de buscar uma representação de domínio e participação na cena do desenvolvimento da metrópole – lugar de expansão e crescimento.

Se a convivência de todos em relação ao não reconhecimento dos direitos ao usufruto das riquezas produzidas pelas populações discriminadas e utilizadas como meros instrumentos capitalistas - na produção do trabalho que mantêm-se por séculos na maior parte dos contextos geográficos do mundo, a intranquilidade de Antígona emerge - clama através dos conflitos e tensões constantes em todo o mundo.

As revoltas dos meninos representa e significa isto: o retorno do que foi reprimido no processo preciso de manutenção do caminho civilizatório.

A igualdade humana e a evolução de todos que se constrói, tal como a identidade através de um conflito dialético. Na interpretação do contexto histórico e na articulação das tensões.

A força da Antígona - Iansã - que estremece faz com que a sociedade que quer impedir o fluxo metamorfoseante da história, fique atônita, tentando dissimular a perda dos espaços. A perda das fronteiras rigorosamente demarcadas. A perda da "pureza santa" no hibridismo crescente das populações mundiais.

O fato é que eles - a juventude negra em sua construção de identidade no processo histórico de hoje - são os ainda martirizados. Assim como seus antepassados e 'freres', 'manos', 'brothers', 'irmãos' da África e da diáspora negra.

Felizmente, assim como a nobreza feudal em milênios submeteu-se à inculta rale de mercadores burgueses, esta disposição capitalista engendrada pelo enriquecimento ilícito da burguesia terá algum dia seu declínio.

Se os burgueses alteraram a ordem das configurações geográficas de poder e dos espaços sociais habitados em todo o mundo - os africanos e populações mestiças buscam em seus movimentos, deslocamentos e revoltas, alterar a história do passado que os martirizou.

A análise das dimensões globais da história nos possibilita observar o mesmo em relação ao trânsito dos meninos e jovens negros na periferia.

Por tal razão é preciso conhecer o que buscam, o que querem, o que desejam e como o

fazem em suas movimentações históricas. Compreendendo a dialética e os processos de intersubjetividade que refletem suas construções de identidade.

A questão ética mais preocupante nas transfigurações do poder, que breve ou tarde será alterado, é quanto a capacidade de preservar o hibridismo e a igualdade das populações do mundo, em uma condição marcadamente humana, não abdicando um centímetro das condições fundamentais do processo civilizatório.

Se no processo de alteração histórica há a assunção de comandos e poderes a partir de reproduções antigas de submissão de outros iguais como diferentes, a fim de justificar conveniências e explorações, como os jovens, em sua busca identitária, estando nas periferias das metrópoles, podem requerer igualdade sem utilizar os mesmos argumentos historicamente estigmatizantes?

Quando discutimos juventude negra, identidade e periferia, estamos diante de conceitos e tramas complexas presentes nos cenários urbanos de todo o mundo.

Esta marca destes tempos implica em ampliar a consideração sobre o negro e para os que estão inscritos como minorias não-brancas.

Não significa que alteramos o objeto de discussão, mas o objeto é em si fluído e apresenta várias faces e complexidades.

Neste sentido, procurando articular um limite de inscrição e compreensão para a proposta de estudo, considero que quando articulo juventude negra aos movimentos sociais juvenis nas metrópoles urbanas do mundo e posiciono-os sobre qual a função destes movimentos na ordem de construção das identidades negras, estou procurando discorrer sobre a densidade do objeto que se apresenta, e por tal razão, desde o início, apresentei-o em relação a outras temáticas, diluindo-o em relações distintas a fim de provocar outra forma, outras sintaxes.

Nesta conjugação a reflexão pertinente é saber que os jovens negros e minorias não brancas constroem-se a partir da história e do contexto, em um movimento híbrido que os alteram e provocam alteração na ordem das identidades do globo.

Isto é particularmente muito bom, pois como diz Santos (2001):

É dessa forma que, na convivência com a necessidade e com o outro, se elabora uma política, a política dos de baixo, constituída a partir das suas visões do mundo e dos lugares. Trata-se de uma política de novo tipo, que nada tem a ver com a política institucional. (...) A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo. (...) falta-lhes o próprio sistema do mundo, do país e do lugar. Mas a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte e o seu florescimento em atitudes de

inconformidade e, talvez, rebeldia.⁹⁰

Santos disse isto antes que as "émeutes" (movimentos de revoltas juvenis) no território francês em Paris se tornassem visíveis em todo o mundo. Sua capacidade intuitiva, conjugado ao senso altamente intelectual possibilitou visualizar acontecimentos. No mesmo sentido, no Brasil, a guerra dos meninos só deu uma pequena amostra do que elas podem ser em São Paulo e também no Rio. E já ouvimos falar de movimentos no Sul em regiões do interior de alguns estados brasileiros.

A fim de evitar a catástrofe, assim como o martírio não escolhido por Édipo, devêssemos nos esforçar ao máximo para ouvirmos o que estes seres tem a nos dizer. Porque ainda são jovens, em ambição de desenvolvimento.

Porque se apresentam assim, tão inquietos e desalmados?

Yann Moulier Boutang em seu livro *A revolta das banlieues ou os habitantes nus da república*, nos diz que as ações dos jovens no outono de 2005 em Paris pode ser comparado à Primavera de maio de 1968, onde os jovens buscaram com radicalidade o nascimento de uma nova ordem, negando o cotidiano do racismo, do estado desastroso de discriminação ao emprego, à habitação, sem contar outras discriminações culturais que também causam mal.

Eles queimam escolas, creches e ônibus. O que representa isto? Qual o nível de compreensão deste discurso?

Longe de parecer um ressentimento injustificado eles significam a exclusão total da escola, dos aparelhos e equipamentos sociais do estado.

O fracasso escolar, a impossibilidade de ascender socialmente através da escola que não os emancipa, mas ao contrário, serve para humilhá-los, eliminá-los, uma discriminação a mais.

Queimar os aparelhos institucionais é dizer sobre um desprezo e ressentimento de fazer com eles (o Estado) o que reiteradamente fazem simbolicamente com eles (os jovens, crianças, populações discriminadas).⁹¹

No plano da geografia humana e sociologia urbana isto é entendido como manifestação social em razão da segregação sócio-espacial e racial que a cidade desigual inserida no contexto da mundialização perversa favorece.

⁹⁰ Milton SANTOS. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro:Record, 2001 - pg.133.

⁹¹ Yann Molier BOUTANG. La révolte des banlieues ou les habits nus de la république. Paris: Editions Amsterdam:2005, p. 39-40. O estopim das 'émeutiers' foi a morte de dois garotos negros queimados nos transformadores da empresa de energia elétrica francesa privatizada - EDF, sem a atenção e providências de esclarecimento por parte da justiça.

Villaça (1986) nos diz que no contexto brasileiro o especulador imobiliário lucra com a espoliação do pobre da periferia. Ela tem a função, dentre, outras, na cidade capitalista, de engordar o bolso dos mercenários.

As juventudes humanas no mundo precisam ser ouvidas, antes que o percurso civilizatório humano se perca em disjunções sociais completas.

As revoltas das juventudes brasileiras também buscam suas contestações ao contexto, pois revelam que a sociedade moderna cria uma grande massa de populações sobrantes que não conseguem participar do desenvolvimento econômico desta sociedade em uma dicotomia e fratura social que se revela na ordem cartográfica dos usos dos espaços na cidade:

Os núcleos periféricos (...) estão mais próximos dos espaços fechados e seguros da elite próspera da cidade. Essa dicotomia entre mundos diferentes demonstra a configuração espacial da segregação, da desigualdade e da marginalização atual, restituindo, também as diferenças étnicas e sociais na formação social brasileira.

Os condomínios fechados, onde mora a classe média alta, têm segurança privada e impõem um sistema de fortificação à cidade. Favelas próximas ao bairro do Morumbi tornam visíveis as preocupações com o retorno das classes perigosas. São símbolos territoriais que anunciam as marcas dos lugares, dividindo moradores.⁹²

Falar de identidade negra e juventude na periferia nos fez percorrer considerações locais e globais.

Inserir pensamentos que sejam capazes de possibilitar reflexões atuais sobre como o movimento do local é representativo de um movimento maior no contexto do mundo.

A formação de identidade enquanto processo materialista histórico, também não se realiza fora de contexto.

O contexto altera e interfere na formação de identidade e a identidade em construção na interpretação do contexto interfere na ordem dos fatos.

Espaço e território como categorias discursivas de produção de identidade em jovens negros favorece condições de pensar o movimento de transformação do planeta frente aos abalos sísmicos atualmente cada vez mais representados nos mais diferentes contextos.

Aproximar o local e o global para pensar identidade é e sempre foi necessário à psicologia, que busca discernir o humano em dimensão mais ampla e vasta, tal qual sua

⁹² Lourdes CARRIL. Quilombo, favela e periferia. A longa busca da cidadania. São Paulo:Fapesp/Annablume, 2006, pg.161.

complexidade emana.

Para Habermas, conforme meus entendimentos⁹³, as condições das modernas sociedades complexas alienou o homem na busca de felicidade a partir de um campo individualista em que se reforçam as opressões e exploração, uma vez que coloniza o mundo da vida, onde a eficiência é a única razão que importa frente ao desprezo a busca do sentido.

As palavras coercitivas e "facistóides" do então ministro do interior francês Sarkozy - "*On va nettoyer les cités au karcher*"⁹⁴ e em 30 de outubro de 2005 "*tolérance zero*", representam o que de mais de terrível tem contaminado como um vírus o nosso mundo.

“A ausência da capacidade de escutar uma linguagem que prime por um sentido, que preserve as qualidades e necessidades humanas. Abdicando completamente da exigência humana da linguagem, da comunicação. Da construção de uma sociedade para a vida, para o mundo, para uma coletividade”(Ciampa, 2002:133/144).

A ordem imperialista e individualista do submeta-se ao sistema e salve-se quem puder é para além dos Estados Unidos, a palavra de ordem em diferentes contextos mundiais.

Qual a esperança para os seres? Qual a esperança para a juventude que busca comunicar, a sua maneira, na reprodução do que lhe inscreve a identidade na tensão das violências a que estão expostos, a necessidade de outra ordem na negação de participar desta que aí está, embora utilizando a mesma linguagem violenta a que estão submetidos?

Por ora ficaremos, embora não nos contentamos, com as possibilidades que Habermas anuncia sobre o fato de que em sociedades complexas são difíceis as condições de convergência social que são a base do mundo da vida.

Neste sentido, a exemplo do multiculturalismo inglês, que apesar de imperfeito e com caminhos importantes a trilhar em desenvolvimentos melhores como nos preconizou Tariq Modood, é importante assumir um paradigma procedimentalista do direito, o qual permitirá ultrapassar a oposição entre modelos sociais do direito formal burguês e do Estado Social.

Garantindo-se uma outra perspectiva, assim como os jovens questionam e anunciam,

⁹³ Antonio da Costa CIAMPA. Políticas de identidade e identidades políticas, in: Uma Psicologia que se interroga - ensaios - São Paulo:Edicon, 2002 (pag. 133/144).

⁹⁴ "Nós vamos fazer uma limpeza da cidade sob pressão e pela força" -

de atender os chamados de mudança da realidade, a partir de ações políticas no trânsito de reconhecimentos identitários.

De uma autonomia juvenil que signifique ser si mesmo e mais digno, mas não na dimensão do individualismo, visto que os movimentos juvenis no que se refere as condições de uso e trânsito no espaço social da metrópole das grandes cidades, são expressões e configurações políticas de identidade.

Elas representam o movimento da necessidade da vida, da integração ao contexto mesmo, sem fragmentação em escalas.

O que na aparência pode ser julgado como o rompimento com uma ordem social, é uma atitude desesperada de querer pertencer, participar e atuar sobre este contexto.

Há na revolta o gesto de quem necessita inscrever sua letra - identidade - na transformação do contexto.

"Quero pertencer a este mundo do poder, e participar do diálogo dos grandes mas inscrevo-me nos signos e limites do que é possível proceder"

O que se quer, em verdade, é a liberdade e tranquilidade de estabelecer relações com os outros, participar politicamente da cidade, não como ouvintes submissos, mas como cidadãos de vontade (o campo empírico da pesquisa, a ser apresentado em próximos capítulos nos trará o sabor da consistência da afirmação da frase).

Um desafio que Édipo só pode cumprir com a ajuda de Antígona - na morte.

Um desafio que Severino em morte e vida - processo dialético descrito através de Severina de Ciampa - uma outra Iansã/Antígona - está por superar, através também dos meninos negros, mestiços e híbridos, em sua busca e paixão pela vida.

Repetindo as palavras de Cabral na voz e inscrição de Ciampa,

(...)e não há melhor resposta que o espetáculo da vida,
vê-la desfiar o seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco em nova flor explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;

mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.⁹⁵

Os "*indesejáveis*" chegarão. E estão chegando sempre enquanto houver vida.

Vida humana.

Colocando em choque (explosão) o preceito de negar qualquer identidade que não seja humana.

É o significado das revoltas e atos juvenis em todo o planeta. Das periferias, favelas, banlieues, ghettos de todo o mundo.

Se em 1966, quando o texto de João Cabral de Melo Neto e música de Chico Buarque de Holanda foi prêmio de público e de melhor peça no Festival Estudantil de Nancy na França, podemos nos reportar a que momento histórico o mundo vivia naquele contexto.

1966 prenuncia os movimentos de 1968 que darão ao mundo uma outra configuração geral.

O texto de João Cabral tem repercussões importantes pois já se vivia o desagrado com a falta de condições plenas de vida para os oprimidos.

A juventude, muito sensível a estas configurações, vai escutar a obra de Cabral como um signo de necessidade de mudança, sobre a representação de que os "fracos" portam um poder de mudança, "explosão". Uma mensagem que congrega a revolução que já se constrói em 1966 para eclodir em todo mundo em 1968.

O ano de 68 foi marcado em todo mundo pelos movimentos das "emeutes" e revoltas juvenis que clamavam por justiça e liberdade.

No México houve massacre estudantil pelo governo em função de manifestações por democracia e justiça.

No Brasil, além dos crimes cometidos no decorrer da década de 60 e 70, há a instituição do AI-5, impedindo qualquer forma de manifestação contra o regime de governo.

⁹⁵ João Cabral de Melo NETO. Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974 - Sexta Edição, pg. 115-116. O texto ganhou modificações realizadas pelo autor nesta edição. Quando Ciampa apresenta o poema em sua obra - pg.37, o faz pela edição portuguesa - Portugal - de 1963.

Nos Estados Unidos, no Estado da Carolina do Sul, ocorre a morte de três estudantes negros que reivindicam direitos cívicos.

Além disto, os jovens americanos contestam a guerra do Vietnã e remetem a causa ao modo de vida americano (*american way of life*) como um poder que quer se impor à todos.

Em 04 de abril de 1968 Martin Luther King é assassinado a fim de fazer calar as necessidades de mudança na sociedade americana sobre os direitos civis que tem influências sobre todo o mundo.

Na Europa, na Itália, Alemanha, Polônia e Tchecoslováquia, ocorrem movimentos estudantis contestatórios em relação a crise econômica e política, exigindo dar visibilidade a precária situação geral da nação e as condições de vida da população.

Na França, estudantes, operários, intelectuais, professores realizam uma greve que paraliza o país e um livre debate se faz em todos os cantos entre as pessoas que exigem mudanças sociais e econômicas.

O texto de Cabral prenuncia acontecimentos e simbolismos que são da ordem do humano. Das condições sofridas de um povo. Ser que merece a qualidade da felicidade, da igualdade.

Superando as controvérsias das formas de organização política e institucional que impedem a vida em plenitude das mulheres, crianças e homens.

Que se esquece que para além da governança, o exercício da política deve respaldar-se no fundamento humano.

Neste sentido, as distâncias em ser capaz de ouvir a ordem exata da necessidade que funda a espécie - humana - os conflitos e tensões sempre hão de acontecer com uma ou outra intensidade.

A identificação do mundo com a mensagem do poeta - João Cabral - é representativa da metamorfose humana. No sentido de que estamos todos a caminho e busca de melhores planos. Sempre.

Hoje, no Brasil, pensando nossas periferias e sua juventude negra, mestiça, híbrida, eles também falam, assim como no mundo, a partir da quebra de paradigmas - recusando a morte a que estão encarcerados. Eles querem vida, para além de severina.

Nas configurações tensas em que se apresentam rejeitando uma sub-identidade.

Que rejeitam - esta identidade dúbia, meio humana, meio *cyborg*, com aparência civilizada mas corrompida pelo excesso de racionalidade WASP.

É a identidade imposta que rejeitam.

Até porque um Wasp - *cyborg* - não permite o acesso direto a seu território - teme-se

pela perda do domínio das fronteiras, da perda do poder supremo e inumano.

Em contrapartida, eles - os jovens - não se contentam em participar da trama como ouvintes passivos na determinação de seu lugar.

Eles querem - na mesma medida - participar da cena, sair da *vida-morte* que a historicidade lhes determina pra um *vida-viva* de inscrição de sua identidade - sua própria escrita - na historicidade.

Eis o que eles dizem.

E atacam no irracionalismo pleno do controle *wasp* - seus símbolos de poder e ordem.

Convocando o mundo a refletir sobre seus significados...

Felizmente, mais do que nunca, eles estão chegando.

Em todo o mundo, estão chegando.

'Os alquimistas estão chegando, estão chegando os alquimistas

os alquimistas estão chegando....

estão chegando os alquimistas....

A pedra filosofal da identidade humana - um caminho que o fantasma de Édipo tenta sempre trilhar no nascimento de cada criança.

Um caminho que necessita ser trilhado e pensado por outros paradigmas de verdades na negritude e hibridismo negro destes tempos⁹⁶.

Identidade humana que atravessa a história de mãos dadas com a utopia - e a alquimia é uma questão de fé; mais é certo, temos visto, o mundo de cabeça pra baixo, eles estão chegando!

Tudo isto só começou....

Quando eles - os jovens negros das periferias das metrópoles - mostram sua "*cara*" - *identidade* - colocando fogo em carros, escolas, ônibus; incendiando as instituições prisionais as quais estão muitas vezes encarcerados, atirando fogo aos colchões, o que eles queimam são os símbolos da eficiência. De uma ordem que não busca um sentido da vida mas uma eficiência de controle, de limite espacial e territorial para uns e outros. Cada qual em seu lugar. No irracionalismo de conter o movimento do sistema, que se altera na movimentação

⁹⁶ É como se dissessem: *não adianta negar e fingir, nós estamos aí. Aqui, nós estamos! Aceitem! Não adianta querer dizer-nos que o bom é querer ser branco e que no 'fundo inconsciente' é o que mais ainda 'desejamos', a fim de nos fazer perder tempo enquanto eles -wasp- avançam, fechando fronteiras, erigindo templos e altas muralhas de verdade. Basta!*

de outros corpos - não brancos, são negros, de outras cores e outros cheiros, outras formas, outras culturas.

Qual é a razão comunicativa que eles - os jovens - comunicam através de seus gestos atávicos após 68 ao final e início de um outro tempo?

Como se dão estas ações atravessadas por uma identidade que se constroí sob o signo da barbárie com processos de subjetivação complexa?

Embora Habermas possa nos dar algumas direções a partir da ultrapassagem da oposição entre os modelos sociais do direito formal burguês e do Estado social⁹⁷, o que nos leva a pensar em como articular políticas públicas, eis que território e identidade nos remete a considerar necessariamente a distribuição dos equipamentos sociais nos territórios da metrópole, pensando - comunicando-nos - nos dizeres e nas vozes dos meninos que 'se' clamam, para articular pensamento histórico e pensamento utópico, ficaremos por ora com a dimensão da fé:

'Eu tenho um santo padroeiro poderoso que é meu pai Ogum

Eu tenho.

Tenho outro santo que me ampara na descida que é meu pai Xangô

Caô!

E quem me ajuda no mar desta vida pra ir na corrida do ouro

É Oxum!

É Oxum!

Nas mandingas que gente não vê,

Mil coisas que a gente não crê,

Valei-me meu pai

Atotó

Obaluaiê!

Valei-me, meu pai

Atotó, Obaluaiê!

⁹⁷ Antonio da Costa CIAMPA. Políticas de identidade e identidades políticas. in: Uma psicologia que se interroga, Dunker, C.I.L. - Ensaios - São Paulo:Edicom, 2002 (pg. 133-144)

No decorrer do debate e da esperança utópica que se comunica, veremos o desenrolar desta história - interpretação do sonho e articulação com a realidade - nas ações específicas dos sujeitos da pesquisa.

Narrando a vida, em sua história, entre periferia, negritude e cidade: caminhos de construção de identidade, em metamorfoses e busca de sentidos.

3 - QUESTÕES TEÓRICAS: ALGUMAS PRELIMINARES

" Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim"

(Caetano Veloso, 1982)

Como pensar o objeto-tese circundado?

Alguns princípios conceituais da historicidade sobre o negro no Brasil e os estudos sociológicos foram apresentados.

Na perspectiva da psicologia social informou-se a nomenclatura dos recursos disponíveis em língua portuguesa no Brasil e especificamente em São Paulo para observar o campo de estudo sobre a questão.

A citação simples com algum nível de diálogo justificado pretendeu inserir a pesquisa dentro de perspectiva histórica da cronologia de estudo sobre o tema.

Tal opção apóia-se na premissa da precariedade da abordagem do assunto na seara psicológica, focalizando - para além da discussão aprofundada dos trabalhos já realizados - na organização empírica e quantitativa da produção brasileira⁹⁸.

Neste contexto e intenção de alerta situa-se a "*simples menção*" das obras psicológicas dedicadas à temática.

Cabe à psicologia refletir sobre este paradoxo a nível da nação e identidade brasileira e como esta coaduna-se na dimensão da validade e relevância de sua produção pra o contexto da nação.

No mesmo sentido, talvez se considere que foi dada maior expansão à considerações sociológicas em detrimento ao que "*embora restrito*" é já existente na produção teórica da literatura psicológica.

Em certo sentido, poderíamos considerar que sim. Que a visibilidade do conjunto de

⁹⁸ Não pretendemos desconsiderar outros trabalhos e privilegiar o cenário paulista por termos feito levantamento das produções no campo da psicologia e psicologia social de dois importantes núcleos de produção no contexto nacional: A PUC/SP e a Universidade de São Paulo. Em relação aos demais estados brasileiros consideramos que há produções relevantes sobre a temática do negro na Bahia e principalmente nos estados do sudeste como Rio de Janeiro e Minas Gerais. No entanto, no que diz respeito à produção psicológica específica ela se concentra prioritariamente no estado de São Paulo. Além disto em termos gerais, programas de estudos de outros estados do Brasil tem formado significativo corpo de seus representantes nestas duas escolas paulistas e outras do estado de São Paulo.

articulação conceitual a psicologia fica aquém das considerações sociológicas e historicidade da relação ciências psicológicas no Brasil e o contexto francês brevemente se traçou inicialmente no trabalho da tese.

Por outro lado, tal fatalidade respalda-se na seqüência do trabalho quando se considera em aspecto mais profundo, as relações com textos maduros e inaugurais sobre a questão no contexto da psicologia.

Preferimos observar detidamente as obras de Souza, Costa e Nogueira pelo caráter pioneiro de tais escritos. Referendando-os como possibilidades de visualizar as repercussões e contribuições que tais autores produziram em seus contextos imediatos de produção e a validade dos mesmos para os contextos atuais.

Infelizmente em psicologia do negro e mestiço brasileiro não temos ainda uma cronologia de produção capaz de nos representar em termos de visibilidade dos momentos específicos de qualidades, tipos, ênfases e entonações das produções psicológicas. Fato que seria desejável em termos dos avanços comparativos no campo sociológico e da educação dedicados à questão.

Incluímos a este caráter, há de se examinar que a maior parte das produções psicológicas mencionadas no quadro de produção da psicologia social brasileira configuram-se enquanto dissertações e teses as quais apenas algumas poucas das mencionadas foram publicadas.

Isto torna ainda mais grave a condição de pensar uma psicologia sobre identidade negra para o conjunto da população brasileira. Porque não há incentivos e interesses por publicações de livros que tratem sobre a questão? Porque os mesmos figuram nas prateleiras das bibliotecas onde foram defendidas sem a legitimação social de sua importância?

Porque no cenário da psicologia as mesmas figuras, os mesmos intelectuais e personalidades são requisitados sem aparente renovação do quadro de produção sobre a temática?

Embora possa parecer que tais menções são artifícios para abstrair a necessidade de conceituar teoricamente este trabalho, tais argumentos inserem-se na ordem da construção de uma epistemologia.

De uma epistemologia sobre a psicologia e o negro brasileiro.

A "*simples menção*" das obras procura refletir sobre este aspecto e o aprofundamento dos referidos autores pioneiros sobre a questão são os elementos chaves para compreender o trabalho o qual aponta também, ainda que de forma simples, um prenúncio conceitual.

Resta neste âmbito, a gentileza do leitor em aceitar este prenúncio como o início de

uma consideração epistemológica, a qual não será desdobrada em razão de não ser a epistemologia da psicologia sobre o negro brasileiro o objeto de nossos estudos. Muito embora, caso ela tivesse sido efetivada, constituiria-se em elemento base para estudos posteriores sobre o negro e a psicologia.

Baseada no reconhecimento do valor das obras dos pioneiros sobre o assunto - Souza, Costa e Nogueira - excluindo-se Arthur Ramos, o qual necessita de competente e séria investigação através da psicanálise e semiótica pela análise do discurso⁹⁹ - consideramos que parte da fundamentação teórica do trabalho investigado foi realizada.

No capítulo *Cidade e produções subjetivas: retratos da juventude na periferia de São Paulo*, trazemos aspectos de discernimento conceitual que extrapolam as premissas das considerações já realizadas pelos referidos autores sobre o assunto nas ciências sociais, antropologia, psicologia e psicanálise.

Como se verá apresentamos incursões próprias em considerar a temática.

Trata-se de capítulo breve e sintético mas que representa eixo que conecta a atividade reflexiva com o material empírico da tese que será deslindado nos capítulos subseqüentes.

⁹⁹ Embora a psicologia brasileira tenha enaltecido em 2002 a importância das obras de Arthur Ramos como a pioneira para a psicologia ingressar na discussão sobre a questão do negro no Brasil, com a criação do prêmio monográfico *Arthur Ramos: pluralidade étnica - um desafio à psicologia brasileira*, nós entendemos este fato como um grande equívoco. Diferentes correntes de pensamento sobre a temática negra apontam Arthur Ramos como uma espécie de "discípulo" de Nina Rodrigues, com quem estudou. Outros alertam para o período histórico da formulação de suas idéias no sentido de que ele vai observar a nova posição do país em relação à origem mestiça e negra do povo brasileiro a partir do modernismo, período que tornou emblemática a valorização do mestiço, do caboclo e do indígena no conjunto de formação da população brasileira. Arthur Ramos tratará a questão do negro na psicologia como necessidade de "educá-lo para uma sociedade branca", pois sua igualdade residia no fato de que quando as populações negras tivessem acesso à cultura e educação elas poderiam atingir os mesmos níveis de desenvolvimento da população branca. É preciso observar detidamente seu discurso pois na aparência de uma condição de promoção de igualdade e valorização da diversidade, há a coerção e imposição de uma cultura sobre outra. O negro, com Arthur Ramos, é destituído de cultura e relegado às suas contribuições para a formação cultural do povo brasileiro. Educado, como branco, ele poderia se tornar igual aos "iguais". Destituído de si mesmo, de sua identidade negra. Neste sentido, principalmente sua religiosidade - o candomblé - foi vista por Ramos como um dos entraves à sua "evolução educacional" pois o candomblé era visto como manifestação selvagem e tribal. Estes aspectos podem ser observados nas obras de Josildeth Gomes Consorte, *A questão do negro: velhos e novos desafios, 1991* e Lourdes Martínez-Echazabal, *O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual?* 2006.

3.1 - CIDADE E PRODUÇÕES SUBJETIVAS¹⁰⁰: OS SENTIDOS DA JUVENTUDE NA PERIFERIA DE SÃO PAULO- BRASIL*

*"O mesmo pé que dança o samba
se preciso vai à luta (...)
(...)Mão, violão, canção, espada
pelo campo e cidade
Desfilando vão cantando,
Liberdade!"
Paulo Sérgio Valle*

Para dizer sobre cidade e produção subjetivas: retratos da juventude na periferia de São Paulo organizamos a seguinte perspectiva que procura contemplar a direção conceitual da tese:

1 - Definição de terminologias utilizadas tais como: cidade, produção subjetiva e trabalho. Utilizo referências conceituais específicas da psicanálise, da psicologia social, da sociologia urbana e filosofia.

2 - Apresento breve dimensão analítica sobre trabalho e priorizo as considerações de "colonização do mundo da vida" e "razão instrumental" de Habermas - filósofo da terceira geração da escola de Frankfurt.

3 - Amplio a análise para discernir sobre as relações da filosofia de Habermas (conceitos da psicologia social da escola de São Paulo sobre identidade) para fazer relações conceituais entre filosofia e geografia na perspectiva da sociologia urbana. Neste diálogo incluo o pensamento do geógrafo Milton Santos e da filósofa Agnes Heller. Estes dois

¹⁰⁰ Entendemos que a subjetividade comporta também as condições objetivas da vida humana e suas condições de formação de identidade.* Este capítulo é uma versão modificada do texto apresentado e produzido originalmente em francês pela autora no Colóquio Internacitonal: Identité et Subjectivité: regards transnationaux sur la jeunesse, na Maison du Brésil, Cité Internationale Universitaire de Paris - CIUP, em 23e 24 de novembro de 2007.

pensadores vão nos ajudar a pensar os aspectos emocionais e subjetivos nos contextos urbanos juvenis.

Este é o eixo que permite a articulação geral do contexto da tese e apresenta as relações da juventude da periferia com o contexto urbano da cidade e outras juventudes e linguagens sob a ótica da cultura.

4 - A partir disto, trabalho dinamicamente com os conceitos e apresento as contradições do contexto urbano para efetivamente apresentar o esboço do retrato da juventude na periferia de São Paulo. Este aspecto se fará nos capítulos subseqüentes da tese, os quais apresentam o campo empírico do trabalho realizado com os jovens em meio urbano.

5 - O corpo da tese é em si um retrato da juventude na metrópole e para melhor visualização do retrato, apresento as opções metodológicas da pesquisa no Brasil nos bairros da Vila Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela.

Sem estabelecer comparações, os dados apresentados da pesquisa na *banlieue*¹⁰¹ francesa possuem a mesma conotação teórico-conceitual da pesquisa no Brasil. As

¹⁰¹ o termo *banlieue* em francês compreende as localizações geográficas que ficam fora da cidade de Paris. Em termos comparativos às cidades-metrópoles brasileiras seria o corresponde, no caso da cidade de São Paulo, aos municípios da Grande São Paulo, bem como os bairros distantes do centro da capital. A noção de *banlieue* é muito distinta da noção de periferia e habitação subnormal - favelização - no contexto brasileiro. Os equipamentos e redes sociais são relativamente mais presentes que no Brasil. No entanto, há muitos níveis de exclusão e desigualdade social nestes territórios periféricos à cidade de Paris, principalmente no que diz respeito ao acesso à cidade grande - a metrópole. Os jovens das *banlieues* tem acesso restrito ao cinema, teatro, grandes museus e vida cultural francesa de maneira geral. Eles definitivamente não estão no Louvre, no Champs Elisées, nos parques públicos centrais bem localizados. Há condições de ter acesso ao elevado desenvolvimento parisiense em termos gerais, assim como o jovem do Jardim Ângela terá condições eventuais de freqüentar esporadicamente alguns eventos culturais na Avenida Paulista e Ibirapuera, mas para isto terá de empreender algum esforço em termos de tempo, dinheiro para circular e liberdade para superar eventuais episódios de discriminação e racismo. As estações de trem (RER) e metrô que servem a população habitante da periferia de Paris são em geral mais precários que os que circulam na metrópole. E as estações centrais - gares - que realizam conexões deste público para o acesso às linhas que servem os bairros - quartiers - ricos e burgueses de Paris são vigiadas por policiais armados e em alguns períodos, quando as tensões e conflitos são mais pronunciados, pelo exército com fuzil ou metralhadoras em punho. Estas cenas são comuns na Gare du Nord, que é a estação que dá acesso da população das *banlieues* à todos os contornos de Paris. Alguns jovens e mulheres negras costumam passar a catraca do metrô com a permissão de pessoas que lhes "emprestam" o passe para que passem conjuntamente. Geralmente mulheres negras e jovens negros com idades aparentes entre 18 a 28 anos solicitam a permissão de pessoas da mesma condição de gênero, raça e idade, para usufruírem do passe do outro usuário. Pode ocorrer de homens brancos pobres solicitarem tal atitude para homens negros, mestiços, população árabe, bem como aos africanos "*brancos*" - os magrebinos. Por diversas vezes isto se passou com a pesquisadora. No mesmo sentido, a linha 13 do metrô parisiense que serve a Saint-Dennis, local onde ocorrerem os conflitos em 2005, a fiscalização contra os passageiros irregulares no transporte urbano - passageiros sem passe - é mais freqüente. Na Gare do Nord e em Chatelêt Le Halle - o antigo mercado parisiense, o burgo que deu origem à cidade - hoje transformado em centro de compras de grandes boutiques à livrarias (linha 4, rosa, do metrô) - a população negra e jovem é grande durante a semana e aos finais de

considerações aqui trabalhadas servem inclusive para pensar aquele contexto.

6 - Ao final deste breve capítulo dorsal, concluo o mesmo com os dizeres de dois importantes "griôts"¹⁰² de origem africanas: Milton Santos (do Brasil para o Mundo) e Elikia M'Bokolo (do contexto francês onde realizamos parte de nossos trabalhos).

Cidade para Freud é a metáfora do inconsciente. No texto o *Mal estar na civilização*, Freud pensa a dinâmica do psiquismo humano pela lógica da cidade.

Ele considerará em linhas gerais que a cidade é a configuração do passado que dá as estruturas do presente.

No entanto, o presente se reatualiza e lança-se para criar o futuro.

Se para Freud a mente humana pode ser comparada a uma cidade - Roma a cidade eterna - a cidade é neste sentido produtora de afetos e subjetividades humanas.

Os conceitos utilizados por Freud são por todos conhecidos: consciente, inconsciente. Este jogo de infundáveis estudos com diferentes dissertações.

Santos, para pensar territórios e espaços - a lógica da geografia das cidades - vai utilizar os conceitos de *tecnoesfera* e *psicoesfera*.

Eles significam que: cidades são sistemas abertos e complexos, ricos de instabilidades construídas pelos homens.

Diz Santos(1998, p.92):

"Para o homem comum, o Mundo, o mundo concreto, imediato, é a cidade, sobretudo a metrópole (...)"

A cidade-metrópole é muito veloz e ensina a todos: crianças, mulheres e homens a diferença e alteridade.

Na dimensão da *tecnoesfera* a natureza foi transformada em técnica e ciência na produção da vida.

Em simultâneo, há a *psicoesfera* que abriga os sonhos e intersubjetividades humanas.

semana principalmente. Esses espaços e territórios da cidade são territórios da diversidade e lembram em muito a região da 24 de maio no centro da capital paulista na década de 70 e 80 onde os jovens negros se reuniam para as compras no final de semana, para o "footing" e paqueras, para fazer o corte ou a trança nos salões de cabelereiros negros antes dos bailes do "chic show" e "black music". A juventude negra quer também participar e usufruir da vida da cidade-metrópole.

¹⁰² o *griôt* é o responsável nas sociedades africanas de atualizar a história. Contar os feitos e acontecimentos de um povo, uma geração. Ele é o instrumento vivo de transmissão cultural africana a partir da tradição oral.

Estabelece-se neste sentido uma relação de oposição e convergência: consciente, inconsciente, *tecnoesfera-psicoesfera*, passado e presente, margens para o futuro.

Isto significa dizer: Processos subjetivos e formações identitárias.

Neste sentido, os conceitos de identidade e produção subjetiva podem vir a partir de Habermas que apresenta a noção de "colonização do mundo da vida" e "razão instrumental".

O Mundo da vida é a ordem das necessidades humanas que gera tensões e conflitos.

Enquanto Razão instrumental pode ser vista como a manipulação do mundo da vida a partir da instrumentalização da vida humana.

Para Michel Wieviorka, conforme minha interpretação a partir da leitura da entrevista concedida a Julien Ténédos em 2006, tensões e conflitos são a base para a possibilidade de diálogo na superação da violência que significa o não diálogo.

O Mundo da Vida, nas cidades-metrópoles mundiais é cada vez mais colonizado pela razão instrumental ou meio técnico-científico.

Isto fragmenta e rompe com as perspectivas dos sujeitos. Gera a violência do não conflito.

Igualmente isto pode ser comparado a dimensão da angústia e a relação entre pulsão de morte e pulsão de vida. A ausência da angústia significa uma direção para a pulsão de morte.

Sendo assim, se há conflito: há possibilidade de estabelecimento de diálogo, de desenvolvimentos. Se há angústia: há possibilidade de deslocamento da libido, criando novas rotas e caminhos para a satisfação humana. Neste aspecto o movimento opera em favor da vida. Sob este aspecto, é preciso ser capaz de escutar/observar seus significados.

Finalmente, se há contradições na história, deve haver tentativa de interpretação do contexto, que em perspectiva dialética, é geradora de transformações: metamorfoses, que podem gerar processos de emancipação e autonomia em algum nível e sentido, mesmo que estrito.

Assim, a cidade produz dor e sofrimento, mas também enfrentamento e resistência. Pois o humano se refaz como um fênix.

Este pensamento apresenta a noção de que é preciso utilizar a linguagem - território e espaço de tensão e de conflito - para um agir comunicativo. Reflexão que epistemologicamente significa pensar-ser-agir.

Nesta direção Agnes Heller nos apresenta um novo paradigma:

"O de pensar as emoções, os sentimentos, as necessidades dos indivíduos na esfera do espaço vital" (Carone, 1994, p.12)

Carone retira Heller da definição comum de neomarxista para considerá-la como representante legítima da "*crise de paradigmas*" nas ciências humanas.

Assim, trabalho para Heller é intenção subjetiva para objetivação do objeto. Relação entre homem e natureza, emoção e razão.

Então pensamos: é a emoção que comanda a razão e não o contrário; pois a metáfora é símbolo da emoção a qual possui uma função cognitiva para organizar o porvir.

Na sociologia urbana, para pensar os territórios da metrópole consideramos que trabalho é produção subjetiva e não está necessariamente ligado à produção formal.

Trabalho é produção de criatividade e de superação de necessidades.

Na análise sobre trabalho, consideramos também a "*colonização da vida*" e "*razão instrumental*".

As produções subjetivas em contextos urbanos se dão pela via do trabalho. Formal ou informal - mundo objetivo.

A cidade, em sua geografia, desenha em seus contornos os lugares de repouso - habitação - e os lugares de ação - o trabalho - a cidade extensa.

Este contexto de inter-relação traz para o jovem a necessidade de interpretar e inserir-se no contexto.

Como sujeito novo, na dimensão do desenvolvimento psico-social ele tenta imprimir a sua marca e como jovem, contraria em si a ordem do sistema.

Sistema não passivo. Sistema retroativo.

Na relação com o sistema o jovem da periferia é obrigado a fazer a interpretação do contexto urbano com o seu contexto de vida.

Ela, a juventude da periferia, está distante dos interesses de um Estado que discrimina e segrega sua população.

Mas a experiência mesma da sociabilidade urbana é sistema ativo e complexo na interpretação do jovem da cidade-metrópole. Viver a experiência, no corpo e na carne - nas pedras da cidade - faz com que o jovem elabore os meios de sua contestação - produção social do espaço.

Nas palavras de Santos (2001 p.118):

"Uma tomada de consciência torna-se possível ali mesmo onde o fenômeno da escassez é mais sensível (...) as soluções não serão mais centradas no dinheiro, como agora, mas encontrará no próprio homem a base e o motor da construção de um novo mundo".

Pois:

"A sociabilidade urbana pode escapar aos seus intérpretes, nas universidades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos atores ativos do drama, sobretudo quando, para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias". (Santos, 2001, p.132)

Os jovens são hoje, em minha interpretação das palavras de Santos para o contexto das periferias e os retratos de sua juventude em São Paulo, mas também nas *banlieues* parisienses, os "donos do tempo", criando e recriando uma cultura com a cara de seu tempo e seu espaço. Em oposição àqueles que são institucionalmente, na razão instrumental da tecnosfera, os donos do espaço e também do tempo.

Em oposição a esta coercitiva autoridade eles fazem a política dos de *baixo*.

Ainda Santos (2001, p.132-133): *"A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo"*.

Esta política é uma linguagem de conflito e tensão, para ir de encontro a terminologia da sociologia. Mas é também uma linguagem da angústia, para ir de encontro à terminologia da psicanálise.

Então a psicologia social pode transitar entre a objetividade clássica das ciências sociais com a representação subjetiva dos conteúdos psicanalíticos capazes de explicar as singularidades dos sujeitos, sem retirar deles o caráter de participantes da vida social coletiva.

Neste aspecto, os conceitos da filosofia são avatares importantes para o prosseguimento crítico e prudente de nossas reflexões.

É justamente a filosofia que nos permite afirmar que tal contestação juvenil é uma linguagem de guerra. Linguagem que solicita novos rumos para a vida. Para o futuro.

Com a negação da colonização da vida.

Na retomada do sentido da vida humana no cerne da sociedade.

Também nesta direção é importante falar sobre uma outra juventude não habitante da periferia.

Ela também sofre a dimensão deste contexto da ausência do trabalho verdadeiro pois o que se apresenta está colonizado pelos meios técnicos instrumentais a partir da racionalização.

Por conta disto, a estética da periferia se apresenta nos contextos das cidades, criando modas, culturas e posturas que dizem sobre a força dos "fracos".

Os jovens dos contextos médios e altos da burguesia das metrópoles também se afirmam nesta estética das vestimentas, da música, dos cabelos, da postura na contradição dos tempos de hoje.

A contradição vem da ordem da linguagem, do confronto que requer outro movimento para a vida.

A sua não colonização.

A sua autonomia.

A sua liberdade.

A sua identidade híbrida, fluída, não cerceada por fronteiras rígidas.

Para compreender o termo *contradição* é preciso saber que ele implica necessariamente a lógica perfeita de um tempo novo que há tempos se constrói.

De um tempo novo que surge, que gesta e reina, começa a reinar, em todo o mundo por sua própria força.

Tempos de guerra, de enfrentamento e de mutações.

A palavra *contradição* conforme o sentido deste texto tenta expressar a lógica do inconsciente da cultura a partir dos pressupostos freudianos.

Considera também a dimensão passado, presente e futuro conforme a metáfora da construção e história da cidade de Roma - com o aparelho mental, que em termos de processos de construção subjetiva e produções identitárias possuem as marcas do passado escondidas no presente. Portadores - a cidade e a subjetividade humana - das estruturas de diálogo com o inédito.

O diálogo que se trava, quando não é capturado pela violência, é produtor de novas arquiteturas para o futuro.

Este é o retrato da juventude na periferia de São Paulo. Retrato imerso na produção subjetiva de construção de novas identidades.

A apresentação deste retrato da cidade-metrópole alerta para a necessidade de observar a cena social e apreensão do simbólico nesta movimentação de fronteiras e hibridismos culturais formador de identidades.

Nos alerta, para pensar como nos ensina Arjun Appadurai, as marcas da cultura, dos fluxos e diásporas que se expressam em nossos tempos transnacionais.

Utilizo a palavra diáspora para expressar as relações com a população jovem da periferia de São Paulo, que simbolicamente representa as populações fronteiriças, híbridas, mestiças, daqueles que vieram de longe, atravessaram o Atlântico ou outros mares, conforme

Paul Gilroy nos diz em *O Atlântico negro* e que hoje diversificam as cidades, metamorfoseando-as.

Esta dimensão de sentidos - sócio-psico-antropológica - é extensa e rica.

Este caráter epistemológico nos impede de apresentar qualquer conclusão reducionista que artificialize os sentidos do que ainda se constrói na emergência dos tempos. Ainda não houve maturidade para estabelecer um padrão de conceitualização sobre a questão. O percurso da juventude, nas pedras da cidade, é ainda um fermento. Está na infinitude de uma conclusão precoce.

A grande visibilidade do material empírico que se prossegue nos próximos capítulos do trabalho, imagens da cidade-metrópole de São Paulo, tem a intenção de dividir estes retratos na dimensão e interpretação de seus sujeitos: os jovens negros e mestiços da periferia.

Esta visibilidade será a tônica preponderante do trabalho, mas que se acomoda em seus sentidos conceituais especificamente aqui tratados de maneira sintética e elucidativa a fim de compreender as incursões que permeiam as dimensões do trabalho.

A construção teórica não se deu aqui de maneira exaustiva e prolixa.

No entanto, esta forma sintética de apresentação não retira a viabilidade de refletir sobre o contexto. Sob este aspecto procurou-se propositalmente dar maior abrangência aos elementos coletados no Brasil e na França como organizadores importantes para referendar estudos posteriores da própria autora ou de outros pesquisadores.

Acreditamos que o compartilhar das experiências da pesquisa a partir da voz de seus autores - os jovens - é o que de mais interessante pode haver na observação deste trabalho. Estas vozes, nos possibilitarão ao longo da historicidade no Brasil e no mundo, traçar noções cada vez mais aprimoradas sobre a questão humana, a desigualdade, suas formas de compreender os sujeitos representantes das populações historicamente desprezadas nos contextos mundiais como os negros, as mulheres e as crianças.

Para isto é preciso ser capaz de reproduzir com compromisso de fidedignidade suas vozes, pois o testemunho de suas vivências são articuladores de mobilizações de sentidos e produções sociais transformadoras.

Considerando que a população negra no cenário brasileiro e mundial representa um déficit de desenvolvimento generalizado após as incursões do tráfico negreiro e colonização européia no continente africano é válido trazer também o testemunho:

"Quando jovem em 1995, eu olhei firmemente nos olhos de meu professor Milton Almeida Santos que disse sobre o promissor futuro da África e da população negra durante o primeiro curso de História da África em São Paulo, promovido pela PUC/SP.

Eu pensei impressionada pelo aparente absurdo: como seu pensamento consegue visualizar isto?

O que lhe permite dizer, em um ambiente acadêmico e científico estas palavras tão fora de moda?

De onde vem esta autorização, esta coragem e esta força para dizer um contraponto deste?

Ele sorria e permanecia firme, sustentando meu olhar.

Hoje, 12 anos após, em contexto europeu e francês, onde ele foi também professor e homenageado inúmeras vezes, um outro *griot* da diáspora africana, Elikia M'Bokolo, nos diz durante o festival de Ilê de France no Auditório da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais - EHESS as mesmas palavras do visionário intelectual negro brasileiro Milton Santos:

"A África, ela vai bem. E ela marcha muito rapidamente para a vitória".

Como africano e professor em grau máximo no contexto francês sua simplicidade foi aclamada por todo o público presente ao teatro. A razão deste eco é em razão da Europa e prioritariamente a França, possuírem grande proximidade do contexto africano, seja em termos de sua população que transita em França a partir da relação com as ex-colônias, seja em razão dos atuais e contínuos conflitos que se sucedem no cotidiano francês de desigualdade, injustiças, preconceitos e racismos praticados contra a população africana das ex-colônias bem como contra os franceses nascidos de casamentos inter-raciais de negros de origem africana ou da diáspora (Martinica e Guiana, por exemplo) com a população branca francesa.

Os conflitos e violências étnico raciais que surpreenderam o mundo no outono de 2005 são uma constante no território francês.

O país dos direitos humanos, contraditoriamente, não possui ainda capacidade para viver em igualdade e fraternidade com os filhos franceses de pele mestiça e negra.

O mito da República - *Le mythe de la République* - é em França como o mito da democracia racial no Brasil.

A França mascara suas desigualdades em função de "acreditar-se" perfeita na defesa dos pilares da República francesa: liberdade, igualdade, fraternidade.

Mas a despeito do mito, os jovens e populações negras em França, habitam as periferias, uma restrita parcela freqüenta as grandes universidades como a Sorbonne Pantheon, EHESS e Science-PO.

Eles, talvez mais que no Brasil tendo em vista os níveis de desenvolvimento da comunidade européia, figuram nas fileiras enormes dos maus remunerados. Ocupam as

funções mais precárias de limpadores de prédios, porteiros, vigias, cozinheiros, trabalhadores da construção civil, serviços em geral. Quando atingem níveis expressivos de desenvolvimento em termos de formação acadêmica e preparo profissional são preteridos em empregos de altos postos e bons salários. As opções que lhes resta é ainda o "côlo" da diáspora ou seja: a migração, o deslocamento, a busca de oportunidades em outros países mais protegidos em termos de legislação específica para as populações negras e "diferentes" como os Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, e outros, quando não lhes resta melhores opções. O fato é que os negros lutam, armam os seus quilombos pelo mundo e sobrevivem ao genocídio racista (grifei). Construindo e reconstruindo suas identidades nas dinâmicas dos contextos. Imprimindo em seus passos as marcas identitárias de uma identidade negra.

Esta foi a opção de um de meus amigos destes contextos: Koffi Enakousta migrou para os Estados Unidos em outubro de 2007, enquanto Rosemie Leonard prepara-se após a defesa de seu doutorado em agosto de 2008, uma estadia profissional no Canadá. Antes disto a mesma circulou pelos mais importantes contextos acadêmicos franceses, promovendo conferências e estudos, mas não foi na França, apesar de seus contatos, que ela conseguiu colocação condizente com sua formação.

Neste clima xenofóbico que é presente no cenário global, os testemunhos da vida e possibilidades de enfrentamentos são os recortes importantes das identidades híbridas que se esboçam nos contextos.

Neste momento no Brasil eu sei que mesmo não sendo tão jovem eu represento também esta população negra e juvenil dos contextos periféricos.

Eu porto em minha juventude o espírito de um novo tempo, a exemplo dos que são capazes de se reapropriarem das palavras dos *griôts* Santos e M'Bokolo.

"A África será a surpresa do mundo, com sua cosmologia própria de enfrentamento da vida, no seu apego à vida comunitária e à ancestralidade" (Santos, 1995);

" A África há 30 anos atrás, jamais se imaginaria que este continente fosse capaz de fazer as revoluções que fez em tão pouco tempo, incluindo a isto além dos países menores que proclamaram suas independências, a África do Sul com Mandela" (M'Bokolo, 2007).

Na reprodução do apego à ancestralidade, o eco das palavras dos *griôts* em mim ecoam.

Eu porto nesta ênfase, um espírito de esperança e alegria.

Onde nós somos capazes de dizer as coisas por nós mesmos. Sem intermediários. e sem fraudes.

Os retratos da juventude na periferia de São Paulo são diversos. Mas sobretudo ele é o retrato de uma excelente boa nova:

A boa nova de uma juventude capaz de construir seu próprio futuro.

Com luta!

Com força!

Com sabedoria!

4 - CARTOGRAFIAS E TERRITÓRIOS: RETRATOS DE IDENTIDADE

“A cidade é, ao mesmo tempo, uma região e lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com o qual se confunde”
Santos, 1998.

“A cidade e antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia”
Rolnik,

*“Para sempre é sempre por um triz...
Diz se é perigoso a gente ser feliz...” (Milton Nascimento)*

Cartografias representam mapas. Contornos. Formas políticas de descrever um território sobre um espaço. Maneiras seculares de descrevê-lo e fazê-lo conhecer para a sociedade e a história. Neste sentido, o mundo, com suas divisões políticas, são representações de um corpo. Um corpo que se apresenta com atributos os quais são pela cartografia desenhados e expandidos em significados de propriedade e domínio para uma época e uma civilização.

Da mesma forma, podemos pensar em cartografias enquanto desenhos de territórios que existem em uma dimensão distinta da especificamente material, das linhas dos contornos objetivos que representam as necessidades de demarcação de propriedade e posse do território.

Tal dimensão de análise não exclui as marcas terrenas da posse. Ela é em paralelo, em conjunto e em simultaneidade às demarcações políticas, mas é também capaz de transcendê-la na dimensão dos sujeitos que ocupam e habitam o território.

Neste plano, há sentidos, emoções, formas culturais, significados que atravessam as modulações puramente materiais; e esta materialidade é preenchida com todos os atributos humanos da cultura dos homens. No calor e suor que exalam seus corpos no jogo frenético de uso e ocupação do território.

Assim, o território e o espaço são transformados pelos seres que o habitam.

Ele não existe à priori enquanto cartografia política. Esta é uma convenção administrativa e está na ordem dos poderes que se querem legitimar para governar. E, sobretudo, atropelam as prerrogativas humanas de pertencimento e desenho próprio e singular de pertencimento a uma terra. A uma territorialidade e espaço.

Na história da humanidade, todos os mapas políticos, são desenhados a fim de registrar conquistas, pertencimentos.

Não há preocupação com as populações que já desde sempre o reconhecem em seus contornos específicos e o tem desenhado em seu cotidiano de vida e existência. Estas populações são, historicamente, relegadas

As invasões do império romano nos territórios europeus trazem esta marca. A marca de que não é necessário respeitar os limites de um povo na dimensão de sua vida e modos culturais, mas ao contrário, é preciso registrar os domínios conquistados e circunscrevê-los em dimensões de poder e coerção.

Assim foi e é no processo histórico de um modo de civilização ocidental.

Mas para além destes domínios, para além destes planos intencionalmente traçados, há o domínio da vida fluída, da vida que se constrói no cotidiano das relações entre as pessoas e a cultura.

Há, para além da dimensão política, a dimensão da vida, que se insere em contornos próprios, bem delineados, que vão desenhando-se conforme as prerrogativas das necessidades dos seres.

Neste aspecto, as cartografias se desenham por ruas, vielas, becos, calçadas, praças, edifícios, os quais se expandem nos sentidos e significados da existência dos sujeitos.

Os caminhos cartográficos das pessoas, sinalizam suas relações, emoções, sofrimentos, alegrias. Ele é o registro de como estas emoções vão demarcando os espaços. Criando símbolos, registrando valores, políticas, pertencimentos.

Assim é que os negros moradores da cidade de São Paulo, no período pós-abolição, construíram e habitaram a cidade. Produziram suas riquezas.

Oliveira (2002) nos mostra como foi a produção da riqueza na cidade de São Paulo a partir da força de trabalho dos negros libertos. As habitações que residiam e a localização geográfica no plano cartográfico da cidade¹⁰³.

Eles estavam ali, próximos do marco zero da cidade, no sul da Sé. Onde possuíam

¹⁰³ Reinaldo José de OLIVEIRA. *A presença do negro na cidade: memória e território da Casa Verde em São Paulo, Dissertação de Mestrado - Programa de Ciências Sociais da PUC/SP, 2002.*

um cemitério para seus mortos, suas habitações próprias e proximidade do trabalho que realizavam.

Lá também realizavam suas festas e reuniões sociais.

Contudo, com o progresso e enriquecimento da cidade que construíram sua mão de obra - força de trabalho - nos arredores do marco zero, o poder público, observando o progresso construído desapropria seus pertences - os pertences dos negros forros e libertos e suas famílias - para alojá-los em espaço e território mais distante da boa localização da Sé. Localização que eles - os negros - edificaram e tornaram viva em suas trocas e comercialização do trabalho do dia-dia.

A região onde se encontravam, com toda a infra-estrutura que por si mesmos edificaram é hoje a Bolsa de Valores do Estado de São Paulo.

O símbolo da riqueza e fama de trabalho e negócios do povo paulista, foi antes, território de representação e trabalho da população negra. Trabalho encarnado no sangue e nas veias dos que sempre trabalharam no conjunto de edificação da cidade e só raramente valorizados. Trabalho encarnado no motor ativo e enérgico do progresso que vem de mãos talhadas, de pés rachados de tantos caminhos e rostos suados de todos os dias de sol na labuta.

Caráter inverso que pela mal estória reflete nos verbetes e menções de mal gosto que fazem parte do cotidiano brasileiro como "preguiçosos" e "vagabundos". Amantes da boa vida e de pouco trabalho. Apenas bons fazedores de samba, folia e libertinagem.

Em geral se omite que foi o negro africano e depois o africano brasileira o primeiro trabalhador a produzir riqueza para o Brasil.

O espaço habitado pela população negra foi valorizado a partir da construção do homem - as mulheres, crianças e homens negros - na habitação e uso do espaço urbano.

Só assim pode se tornar uma intenção de concentração financeira na mente "*branca*" dos que se aproveitam e usufruem do trabalho alheio como se fosse seu próprio, com a fundação da Bolsa de Valores.

Cobiçando o valor do trabalho e construção dos negros, mesmo sem jamais reconhecer este valor no seio da sociedade brasileira, era preciso expropriá-los dos bens que legitimamente conquistaram.

O "*poder público*"¹⁰⁴ organiza como "permuta" uma região inferior em dimensões e localização, impedindo a construção das habitações coletivas e do cemitério dos negros, pois

¹⁰⁴ Oliveira esclarece que o poder público se fez representar pelo poder legislativo, o qual promulgou lei que autorizava a desapropriação dos territórios dos negros da região do Sul da Sé, proximidades da Liberdade e a própria Sé, a fim de tornar a cidade mais moderna ao final do século XIX.

tratava-se de uma região próxima a um vale - era o Vale do Anhangabaú - uma região de várzea próxima às plantações de chá da cidade.

A região, por seu terreno impróprio para construção em vista de inundações freqüentes que favoreciam a cultura do chá, requereu maior capacidade dos negros organizarem suas insígnias territoriais na construção da nova igreja mesmo sem o cemitério e as habitações coletivas.

Esta área, objeto de "troca legal" da propriedade dos negros para outra região menor em metros quadrados e de terraplenagem difícil para construções à época, é atualmente a região do Largo do Paissandu, especificamente a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.¹⁰⁵

Na primeira desapropriação dos negros do Rosário, constitui-se em 17 de fevereiro de 1870 proposta pelo vereador tenente-coronel Antonio Pinto do Rego Freitas perante a Assembléia Legislativa nos seguintes termos:

"Primeira desapropriação de parte dos prédios no canto do pateo da Sé e Rua da Imperatriz, corte dos mesmos a sahir no pateo do Collegio para indireitar a mesma rua; assim como desapropriação e corte na travessa que da mesma rua e pateo do Rozário va sahir a Rua de Sam Bento. Rs.8:000\$000.

Esta desapropriação, que reduzia o patrimônio, abrangia os pequenos prédios e o terreno que servia de cemitério e pertencente à Irmandade da mesma santa, sendo que aqueles pequenos cômodos térreos, que confinavam com o referido cemitério, eram habitados por casais africanos, os quais, depois que conseguiram libertar-se do cativeiro, estabeleciam-se nos mesmos prédios em que residiam, "com quitandas, nas quais vendiam doces, geléias, frutas, legumes, hortaliças, batata doce, mandioca, pinhão e milho verde cozidos, pamonha (milho verde ralado e cozido da própria palha, também verde), piquira, peixe frito e cuscus de camarão de água doce" (Amaral, 1988:71).

Mais tarde, não satisfeitos com parte da propriedade da Irmandade, o poder público vai desapropriar todas as dependências da igreja através de decreto.

Primeiramente o prefeito Antonio Prado, vai oferecer por ofício à Irmandade a proposta de oferecer a planta da igreja a ser construída após a demolição da Igreja do

¹⁰⁵ Emanuel Araújo nos conta em seu artigo *Negras memórias-o imaginário luso-afro-brasleiro e a herança da escravidão*, Estudos Avançados, USP, 18 (50), 2004, p. 246, sobre a participação dos negros na construção da riqueza e obras importantes da cidade de São Paulo do séc.XIX. O testemunho de como a participação negra foi marcante na construção das pedras da cidade é também representada por THEBAS, o negro alforriado construtor responsável pela antiga Igreja da Sé de São Paulo e de muitas obras públicas naquele século e cujo nome esta inscrito e imortalizado na pedra de fundação do Mosteiro de São Bento.

Rosário e cessão à Câmara da área ocupada pela mesma, com exclusão do prédio que está a Brasserie¹⁰⁶.

Os pretos do Rosário, sempre resistentes, encaminharam ao prefeito um ofício em resposta o qual estipulava o valor a ser pago pelo poder público pela propriedade do Largo da Irmandade. Eles solicitavam que a planta da nova igreja no Paysandu fosse elaborada pela própria Irmandade, além de estipular o valor de 500:000\$000 (quinhentos contos de réis) para a remoção dos objetos sagrados; dos cadáveres que ali se acham enterrados, o aluguel da casa para guardar os objetos até que possam removê-los para a nova Igreja, a provisão da Santa Sé para a profanação do local, a cessão dos lucros certos dos cômodos alugados na importância de doze contos de réis (12:000\$000) anuais e a construção da nova Igreja e a entrega de quaisquer objetos que possa ser encontrado por ocasião da demolição da Igreja.

No ofício a Irmandade solicita a cessão da nesga do terreno que sobrar; pois haviam informações de que a Câmara iria cedê-los a terceiros com o fim de melhorar a estética da área a ser desocupada.

O valor de quinhentos contos de réis foi justificado no ofício escrito pela Irmandade em razão do Governo do Estado haver pago a quantia de 350:000\$000 (trezentos e cinquenta contos de réis) ao Bispado pela demolição da antiga Igreja do "Collegio", a qual ocupava uma área muito menor que a da Irmandade do Rosário e em local menos central da cidade.

O Prefeito Antonio Prado não aceitou o teor do ofício da Irmandade e recusou-se a garantir as cláusulas do "acordo" . A fim de encerrar o caso ele edita em 24 de dezembro de 1903 a Lei 698:

"Aprova o acordo feito pela Prefeitura com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

O Doutor ANTONIO DA SILVA PRADO, Prefeito do Município de São Paulo, faz saber que a Câmara, em sessão de 19 do corrente mês, decreto a lei seguinte:

Art. 1. - Fica aprovado o ato da Prefeitura, em virtude do qual entrou em acordo com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, desta Capital, para o fim de adquirir para a Câmara o edifício da sua igreja e as outras dependências mencionadas no dito acordo, mediante a indenização por parte da

¹⁰⁶ A Brasserie localizava-se no Largo do Rosário n. 05 (Praça Antonio Prado), no coração da cidade próximo a rua XV de novembro e São Bento. É importante informar que a Irmandade possuía cinco imóveis no Largo do Rosário , além da Igreja, do Cemitério e habitações para alguns negros. A Brasserie era um dos prédios alugados a dois irmãos imigrantes italianos: Fazzano e Fazzini. A qual viria a se tornar um prestigiado restaurante na cidade de São Paulo. Percebemos pelo teor do ofício do Prefeito Antonio Prado, convergência aos escritos de Bernardo (1998) e Oliveira (20002) quanto a ocupação dos territórios negros na cidade de São Paulo e as formas de segregação de caráter nitidamente de exclusão racial e limpeza étnica que se organizaram.

mesma Câmara da quantia de duzentos e cinquenta contos de réis (250:000\$000) e uma pequena área de terreno no Largo do Paissandu, exclusivamente destinada à construção por aquela Irmandade de uma nova igreja.

Art. 2.- Fica igualmente o Prefeito autorizado a despende a referida quantia de duzentos e cinquenta contos (250:000\$000), além da pequena área de terreno, com tal indenização, devendo correr a despesa pela verba "Desapropriações" do orçamento em vigor, e podendo para tal fim fazer as operações de crédito ou transposições de verba que forem necessárias.

Art. 3. - Revogam-se as disposições em contrário.

O Diretor da Secretaria Geral da Prefeitura a faça publicar. Prefeitura do Município de São Paulo, 24 de dezembro de 1903.

O PREFEITO Antonio Prado

O DIRETOR Álvaro Ramos.

Com apenas 50% do valor solicitado em pagamento à propriedade dos negros de São Paulo, o poder público decide por fim à presença do negro no melhor local da cidade. Esta atitude dos órgãos governamentais representam a tentativa de legitimar o poder sobre um território que não lhes pertence, que de nada se tornou forte a partir da concentração do trabalho, da vida em comunidade dos negros que habitavam a cidade.

A capacidade de produzir riqueza em território inóspito, desprovido de vantagens quaisquer sempre foram para o negro africano uma qualidade fortemente presente em suas características de lidar com a vida.

A vida e os modos de viver do africano, produz desenvolvimentos que refletem outra cosmologia, capaz de produzir bens onde antes apenas se vislumbrava precariedades.

Neste sentido, o território negro no coração da cidade provocou ódio racial nos brancos xenofobistas alinhados a uma política de branqueamento nacional.

Como poderiam aceitar no coração da riqueza da cidade dos barões do café, a circulação de população pobre compartilhando com certa vantagem os mesmos espaços e territórios da riqueza?

Se hoje observarmos como é produzido grande parte do Carnaval brasileiro podemos considerar que quem ganha lucros imensos com a ex "arte popular" são grandes empresários.

A festa do povo negro, é espetáculo caro e reservados gabinetes - camarotes - para as elites financeiras e formadoras de opinião do país.

Aos negros e mestiços cabe ceder lugar às estrelas fabricadas para a passarela do

samba em épocas esporádicas - as passistas negras e mestiças das comunidades são substituídas pelas artistas globais e outras que possuem 'visibilidade' na mídia.

Eles, os negros, sabem fazer a festa. Mas são os brancos que lucram altíssimo com os resultados desta festa.

A maior parte da comunidade do samba não tem provavelmente o dinheiro do ingresso para observar as outras escolas do desfile. Fato que retira do carnaval o papel de luta e resistência do negro brasileiro como um território e espaço específico de seu cotidiano. Neste sentido o "mundo da vida" foi interceptado pela "razão instrumental" a qual justifica tal instrumentalização em função das artimanhas do poder e do capital¹⁰⁷.

Com certeza o carnaval ainda representa uma forma de resistência negra. Pois durante o ano as escolas trabalham com seu contingente para organizar a festa e fazer a vida em comunidade.

No entanto, o sentido da festa de contraposição ao sistema de exclusão do negro no cenário da cidade, parece haver sido relativamente substituído pelo poder do dinheiro - que segrega pessoas e favorece alguns e pequenos grupos.

Neste sentido, podemos considerar o que Milton Santos chama de *psicoesfera*. Os aspectos da vida, o sentido da produção do homem sobre o espaço e o território com a sua energia humana, com seu trabalho, com a relação entre as pessoas que promovem calor e cultura no ambiente que habitam.

Os negros possuem esta forte qualidade: de conferir força e poder aos lugares que promove a vida, sua habitação, sua relação social.

Contrariamente, sempre são obrigados a ceder espaços de suas conquistas através de decisões arbitrárias pautadas na violência e na força.

O caráter legal apresenta aparência dialógica, comunicacional. No entanto, a partir da condição de segregação sócio espacial pautada em divisão racial tal aspecto transmuta-se em instrumento de coerção para impedir processos de desenvolvimento e comunicação social que se realizam no poder do fazer cotidiano da vida em comunidade das pessoas. Do poder transformador das populações e das coletividades.

Se antes a idéia de um universalismo poderia nos levar à idéia de que a segregação no espaço urbano da cidade é causa de diferenças sociais, de oportunidades e de classe, com o exemplo do caso da Igreja do Rosário fica evidente que a segregação nas cidades brasileiras, é de ordem étnico-racial.

A distinção se faz pela condição de ser negro ou ser *não branco*. O critério utilizado

¹⁰⁷ Posteriormente em capítulo específico estaremos elucidando as considerações sobre as posições teóricas adotadas no trabalho.

para respeitar a condição de tratamento, direito e deferência às pessoas em nosso país.

Com o surgimento da Lei Afonso Arinos de 13 de julho de 1951 as tentativas da população negra para alcançar a igualdade formal de tratamento nas relações sociais iniciaram-se na história do país.

Este marco possibilitou avanços na condição de relacionamento social entre brancos e negros no cotidiano das pessoas.

Mesmo assim, até a década de oitenta o número de registros sobre discriminação racial eram pequenos no contexto geral das queixas nas delegacias de polícias.

A Lei Afonso Arinos inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e de cor.

Esta lei afirma a identidade do Brasil como um país capaz de perceber as relações de desigualdade racial e reafirma o movimento negro como protagonista importante capaz de articular-se politicamente e transformar a cena social na perspectiva dialógica.

Este aspecto de desenvolvimento social precisa ser considerado como um requisito identitário de formulação social da população pertencente a um estado - nação.

A lei possibilita circunscrever a identidade de um povo, deferindo-lhe civilidade - direitos cívicos - que atestam a condição de elevação das condições de relacionamento entre as pessoas entre si e as instituições.

No mesmo sentido, a validade da lei requer refletir sobre as condições de discriminação e combate do preconceito a partir do conjunto social do território - estado/nação.

Por conta disto, em 1985 surge a lei Caó, que dá nova redação a Lei Afonso Arinos e inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça, cor, sexo, estado civil.

Tal progressão e aprimoramento legal serve para observar o quão importante foi a iniciativa do movimento negro na atuação social em relação a promulgação da Lei Afonso Arinos.

No entanto, é possível também observar que durante os quase quarenta anos da promulgação da Lei em sua versão original, as condições sociais efetivas da população negra pouco sofreram modificação pra melhor mesmo com a proteção legal.

O relato de um dos jovens participantes da pesquisa é importante:

"Olha, eu penso que essa história de preconceito é muito escondida na nossa sociedade. Eu mesmo tenho dois exemplos: Minha tia, ela tem 60 anos e é

analfabeta. Mas ela sabe quando alguém faz as coisas erradas, porque ela não é burra. Então todos os dias um cara da favela dizia quando ela saía pra trabalhar "hei sua nega fedida", "hei sua cor de tição...". Aí ela se irritou e foi na delegacia registrar queixa de racismo. Quando ela foi chamada no fórum na audiência com o Promotor ele perguntou o que estava acontecendo, que ele não tinha tempo pra resolver brigas de vizinhos, que a justiça tem mais trabalho sério a fazer e que este tipo de calúnia o seu Osvaldo não pode cometer pois não é direito. E perguntou à ele se ele estava disposto a mudar de atitude e pagar com uma cesta básica para uma instituição de caridade a calúnia que praticou contra minha tia. Ele claro disse que sim e minha tia reclamou, disse que não era certo, que ela sofria racismo, que ele a xingava de negra fedida todos os dias quando ela saía pra trabalhar. Mas o promotor falou pra ela ficar quieta, que a justiça estava sendo feita, que ela já tinha tido a oportunidade de falar e agora era a hora de resolver a questão e que se o "seu Osvaldo não melhorasse" era pra ela procurar a justiça de novo". (Denis, 21 anos, morador da Vila Brasilândia).

Pelo relato do jovem percebemos que o dispositivo legal, mesmo quando em ambiente jurídico de preservação de direitos é violado em função de aspectos de formulação de identidade do povo brasileiro.

A fim de compreender o relato soubemos em pesquisa com profissionais de direito que o procedimento que a tia do jovem foi submetida é referente ao procedimento de Termo Circunstanciado o qual possibilita a pessoas sem histórico criminal a ser beneficiada com a prerrogativa de pagar o delito com prestação de serviços à comunidade – no caso a entrega de uma cesta básica para uma entidade - sem sofrer registro de imputação criminal.

No caso, o erro legal consistiu não só do entendimento do Promotor de Justiça que desconsiderou em audiência de termo circunstanciado a fala da vítima (a tia do jovem) como a ausência inicial do registro de boletim de ocorrência na delegacia de polícia como crime de racismo e em nossa legislação atual, inafiançável.

Se assim a autoridade policial houvesse procedido, não haveria espaço para o Ministério Público (promotor de justiça) transformar a queixa em procedimento de audiência de termo circunstanciado e beneficiar o praticante do delito com a possibilidade de reverter seu ato contestável em pagamento social com uma cesta básica.

O preconceito e a discriminação foi praticado pelo vizinho ignorante da favela e não instruído que xinga a senhora negra de 60 anos que vai trabalhar e também pelo agente policial, cujo grau de escolaridade e função ultrapassam possivelmente a condição do morador vizinho da senhora negra da favela, bem como o próprio promotor de justiça, que acreditando, como *defensor da lei*, ter procedido com lisura quando desconsiderou a fala da

senhora negra sobre as acusações de racismo, transformou o crime em procedimento simplista de *briga de vizinho* como ele mesmo referiu.

No entanto, os mesmos agentes policiais não hesitam em perseguir os jovens negros e mestiços nas periferias em suas revistas em horários de pico quando os mesmos saem para trabalhar, bem como os promotores de justiça não hesitam em denunciá-los formalmente quando em situações mais ou menos não lícitas ainda que não totalmente factuais.

Fica evidente que a segregação se processa nas territorialidades da pobreza, onde nem mesmo as autoridades observam as leis e não são por isto questionadas, cobradas ou vigiadas. Estas circunstâncias cotidianas nos equipamentos públicos policiais e jurídicos não são assuntos nos noticiários da tv. Provavelmente seriam se tratasse de episódio que não promovesse a visibilidade negra de seus protagonistas na obtenção de seus direitos regulamentados socialmente.

A violação de direitos se deu na base das relações sociais - na favela, no território da não cidadania, da pobreza, da ausência do estado, da precariedade em educação e total exclusão. Poderíamos então considerar que as condições de acesso aos bens públicos - saúde, educação, lazer, cidadania - são em decorrência de uma exclusão social, perpetrada por uma condição de classe como inicialmente os sociólogos financiados pelo grupo da Unesco indicaram com o rompimento do mito da democracia racial difundido por Gilberto Freyre.

No entanto, pelo relato do jovem percebemos que o acesso à justiça, ao direito e à cidadania foi bloqueado não por uma situação de classe social. A justiça está ou deveria estar para promover a equalização das condições de diferenças. Para fazer imprimir a presença do estado onde o acesso à cidadania falhou. Mas a atitude do promotor de justiça, conforme o relato do jovem, demonstrou completo despreparo para o trato com a questão do racismo.

Sabemos que tais autoridades não são despreparadas instrumentalmente para o exercício do cargo que ocupam. Porque então o representante legal do estado omitiu-se em considerar o relato da senhora como crime de racismo e amenizou a condição do agressor como um mero caluniador como uma briga e entrevero de vizinhos?

Parece-me que a condição de considerar as relações racistas no Brasil são sempre desqualificadas e tende-se a colocar a questão na condição social - na perspectiva de classe- como no exemplo ocorreu: "briga de vizinho, coisa de gente de classe baixa, coisa de gente que não tem o que fazer (desocupada)...a 'justiça' possui tarefas mais importantes a resolver".

“Vejam, sob o ângulo ideológico, por que o negro, o mulato e o branco não são iguais na prática social.

(...)o princípio de igualdade universal, conforme está estabelecido na Constituição e leis, já é uma expressão da ideologia racial do branco. Ao estabelecer a igualdade de todos, e proibir quaisquer barreiras e ódios de raça, o branco que legisla e governa toma o dito pelo não dito. Se a lei diz que não há preconceito, que esta é uma democracia racial, fica, portanto, proibido falar em preconceito. Há preconceito de não ter preconceito. Discutir preconceito racial é suscitá-lo. Para cumprir o princípio da ideologia racial do branco – de que o Brasil é uma democracia racial – é necessário esquecer ou minimizar a realidade. Por isso é que os recenseamentos (feitos pelos brancos) conferem pouca atenção a dados sobre a cor das pessoas”(IANNI, 2004:131).

É por isso que em nosso trabalho, procuramos reunir dados, através das cartografias, que nos torne possível a autonomia da pesquisa psicológica sobre o negro no Brasil com a efetiva colaboração para a transformação da realidade social, pois em nosso país multirracial, na convivência de diferentes raças e etnias, é conveniente afirmar a igualdade de todos (IANNI, 2004). O retrato dos jovens nas periferias e seus relatos face à cartografia da periferia atestam as necessidades de legitimação social a partir do campo do conhecimento em psicologia. Levando-nos a produzir provas para melhor discernir sobre estes conflitos no cerne da sociedade brasileira. É preciso produzir dados sobre o assunto, analisá-los e discuti-los. A fim de reagir contra esta contra corrente pois,

Destruir ou não produzir dados é uma exigência da ideologia racial de predomínio do branco sobre o negro e o mulato” (IANNI,2004:131).

Contribuindo com o esclarecimento sobre o assunto, Florestan Fernandes, após quase trinta anos, deixou de defender que a superação do racismo no Brasil se faria a partir dos avanços de uma sociedade urbano-industrial - onde negros e brancos teriam melhores condições de vida em função dos avanços do capitalismo no acesso às riquezas.

Ele em 1989 vai considerar que os caminhos do Brasil não promoveram mudanças para a população negra e mestiça e que o problema racial precisa ser resolvido. E que a solução não é fácil pois a igualdade exigida pela situação dos negros e mestiços é ainda mais profunda do que a exigida pela diferença de classe¹⁰⁸.

Nesta perspectiva, a noção de cartografia tem relevância pois que território é este no qual a sociedade brasileira transita e que impede a transformação objetiva das relações sociais e humanas?

¹⁰⁸ Florestan FERNANDES. *Significado do protesto negro*. São Paulo:Cortez, 1989, p. 97.

A resposta a este questionamento parece vir da formulação de identidade do povo brasileiro, que pensa-se outro e rejeita a condição de si mesmo¹⁰⁹.

A discriminação da população negra no mercado de trabalho, um dos aspectos que a Lei Afonso Arinos pretendia combater, continuou dissimulada.

Os anúncios de emprego que antes da Lei figuravam como: *Emprega-se pessoas brancas* passaram a partir da promulgação da Lei a serem modificados como *Empregam-se pessoas de 'boa aparência'*.

Neste âmbito percebemos que os mecanismos sociais de segregação racial no território e cartografia do estado-nação Brasil é elevado para além do que os dados empíricos possam nos autenticar¹¹⁰. Acrescentado a isto, parece que na perspectiva emocional o brasileiro possui identidade cindida entre a vontade de uma raça *pura* e branca e a convivência '*pacífica*' com os negros e mestiços.

Mas esta condição de *passividade* demonstra uma singularidade no processo de estrutura de identidade do brasileiro, a qual demonstra que negros, mestiços e indígenas podem ser aceitos no uso e ocupação do território e dos espaços da cidade desde que não ponham em risco - *não violem* - as reservas de riqueza a quem elas estão desde sempre destinadas - as pessoas brancas¹¹¹.

O mercado de trabalho é um dos elementos para considerar a exclusão e

¹⁰⁹ Refiro-me ao fato das políticas de embranquecimento no país iniciadas com o incentivo à imigração européia. No cotidiano o brasileiro procura pertencer a uma categoria 'mais elevada' de pertencimento étnico, que o afaste da origem negra e indígena que fazem parte da condição de formação populacional de base do país. Negar a identidade da alteridade - negra e indígena - é uma condição para sentir-se internamente valorizado. O '*problema*' da identidade negra não é aspecto que possa ser considerado sem ponderar as formas de racismo que estão presentes na formulação de identidade do brasileiro. O problema identitário no Brasil atravessa esta condição e com os movimentos políticos da população negra, esta encontra-se hoje muito mais fortalecida no combate às diferenças e preconceito. Cabe à população brasileira em geral, de pele clara, ou brancos descendentes de europeus serem capazes de perceberem-se pertencentes a um país que é de todos - brancos, negros e indígenas. Em unidade de condições. Permanecer negando os territórios da igualdade sob a alegação de que as injustiças sociais no Brasil são uma questão genérica, é persistir na diferença de considerações sobre a igualdade de todos os brasileiros. No mesmo sentido a França atravessa a questão identitária. Os franceses filhos de africanos negros e da África do Norte - os magrebinos - não são considerados no cotidiano do país como *franceses*. O Brasil por conviver a mais tempo com o fato da mestiçagem avançou mais que a França na possibilidade de perceber e discutir a questão. Mas em ambos os contextos, parece inegável a necessidade de discutir a identidade do país e não somente da população negra, que no nosso caso (Brasil) está firmemente mais desenhada.

¹¹⁰ vide mapas e tabelas

¹¹¹ Consideramos nesta perspectiva a idéia de uma cultura mundial do norte para o sul. Posição geográfica no globo terrestre em que o norte é quem comanda as decisões e o protege seus interesses, enquanto o sul é visto por si e pelo norte como inferiores e subalternos em cultura e capacidade de discernimento geral. O correlativo ao significado *wasp* - *branco, anglo-saxão e protestante*.

discriminação racial. A partir disto toda a sorte de segregação estará presente na vida do indivíduo, que terá seu *lugar* no território conforme a sua condição racial.

No Brasil as relações sociais são altamente racializadas, mas a idéia de identidade que se apresenta no contexto genérico de convivência social é a de que nossa sociedade não possui um caráter fortemente segregacionista pela perspectiva racial.

O interessante, inclusive, é que a própria legislação foi esquecida durante décadas a fim de ganhar nova redação que incluísse demais práticas de discriminação e preconceito para além da discriminação racial.

O fato é importante porque revela uma identidade reclusa no mito da democracia, que mesmo tendo noção da impropriedade do mito, não possui condições de assumir postura condizente com a revelação da verdade.

A identidade do brasileiro figura assim entre a suspensão da verdade - a inconsistência e inconsciência de si - e a hipocrisia - o desejo/vontade de retorno do servilismo forçado de alguns no passado. Esta modalidade afetiva de identidade é reforçada pela condição de desenvolvimento liberal capitalista da sociedade global onde as distancias entre as pessoas são cada vez maiores em termos de condições sociais. O mundo dividido em pequenos grupos altamente poderosos e ricos e a maioria subordinada e desprezada.

Estas características de identidade na formação psíquica do povo brasileiro são denotativas de como se organizou o uso e ocupação do território e na proteção do direito a riqueza e a dignidade.

Ainda hoje a propriedade - do território (terra), imóvel, meio de produção e manutenção da vida - é o bem maior de referência de cidadania.

O trabalho garante as condições elementares para o acesso aos bens imprescindíveis para a vida. E o *lugar no território* garante a efetividade da cidadania.

O entrave à cidadania vem por tabela com o agravamento da situação social do mundo em termos das quebras de fronteiras e vulnerabilidade das garantias sociais com o processo de globalização e políticas liberais.

As formas de produção capitalistas hoje tem sido um fator a mais no prejuízo do desenvolvimento das populações negras e mestiças.

A circularidade e o trânsito das pessoas no espaço é uma condição que vai marcar o século XIX como fatores importantes para as políticas urbanas.

Sennet nos mostra que com a descoberta do papel da circulação do sangue no corpo humano por Willian Harvey, iniciou-se uma revolução científica que influenciou e coincidiu com o capitalismo moderno, contribuindo para uma grande transformação social denominada *individualismo*.

Ele nos mostra que a partir do capitalismo moderno as cidades sucumbiram à força maior da circulação.

No capitalismo moderno observou-se que a circulação de bens e dinheiro era mais lucrativa que a propriedade fixa e estável e no Brasil e em São Paulo isto também acontece.

Os negros foram expropriados de seu lugar para uma reurbanização moderna dos espaços da cidade. Na mesma medida em que deviam "ajeitar-se" com o quinhão que lhe foi oferecido em troca, justamente menor, a fim de impedir as aglomerações de pessoas, a fundação de fronteiras rígidas e territórios bem delineados, pois o processo de individualização - iniciado pelo capitalismo moderno a partir da descoberta de Harvey - necessita expandir-se para a mecanização do homem e o fluxo de mercadoria e dinheiro.

*“O movimento autônomo diminui a experiência sensorial, despertada por lugares ou pessoas que neles se encontrem. Qualquer forte conexão visceral com o meio ameaça tolher o indivíduo (...) para dispor de si mesmo, você não pode sentir muito. Hoje, como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidades cheias de espaços neutros, cidades que sucumbiram à força maior da circulação” (SENNET,2006:214).*¹¹²

Assim, as fronteiras - na medida em que falamos em cartografias - estão encharcadas de histórias subjetivas, produções de identidades que se organizam na vivência e construção da história.

Os espaços neutros são promovidos como a ordem estrutural do capitalismo moderno nas suas relações com o mercado, mas o *retorno do reprimido*¹¹³ ou do que é por excelência humano, se apresenta contrariando a ordem dos fatos.

As fronteiras cartográficas podem se instalar no plano frio dos mapas e ordens

¹¹² Richard Sennet. Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 2006, p.214.

¹¹³ utilizo a expressão *retorno no reprimido* a fim de considerar que as incursões mentais das necessidades humanas escapam a qualquer domesticação e cerceamento da vida. Da pulsão da vida na idéia inicialmente apresentada por Freud e tão largamente difundida por tantos outros em diferentes leituras. Neste sentido, os espaços e fronteiras mesmo quando diminuídas suas possibilidades de expressão adversa à tônica hegemônica das tramas do poder, acaba por criar *vozes - ações* que rompem com os paradigmas pré-determinados pela "ordem sistêmica" - para usar o sentido semelhante do que Habermas denominou a linguagem dos processos capitalistas e de mercado.

políticas governamentais com a força do capitalismo moderno. Mas antes, elas se apresentam com cores próprias, mecanismos específicos e singulares de posse do espaço e território. Formas capazes de deixar registros e traços na memória individual e coletiva de um grupo social e seus descendentes.

No âmbito da memória, devemos destacar que para a psicologia e principalmente para a psicanálise ela é de fundamental importância no plano de desenvolvimento dos sujeitos. É ela que regula as formas de ação e reação dos sujeitos com o meio, nas relações sociais e familiares, que se desenham para a vida futura das pessoas.

(...) os aspectos do cotidiano, os microcomportamentos, são fundamentais para a Psicologia Social.

(...) velhos, mulheres, negros, trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra.

A memória, é o intermediário informal da cultura, transmitindo valores, conteúdos, atitudes, enfim, constituintes da cultura (...) ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades¹¹⁴.

Então identidade é uma característica que se compõem dos registros da memória de um povo, seu lugar social, sua respeitabilidade perante a sociedade dos iguais ou seu desprezo e irrelevância.

Traumas vividos por gerações anteriores no trajeto emocional de uma família podem compor as formas de relações entre seus membros e impedir desenvolvimentos afetivos e sociais de diferentes maneiras.

Da mesma maneira, no plano coletivo das representações do negro no contexto brasileiro as crianças e jovens são marcados pelo lugar social de seus avôs, tios, parentes distantes. À maneira como foram recebidos e inseridos em um contexto.

Retomando um pouco de nossas considerações sobre as dimensões conceituais e teóricas sobre as produções psicológicas sobre o negro no contexto acadêmico da psicologia, sabemos que não somente o martírio da perversidade branca sobre a carne negra que dá as matrizes psíquicas e emocionais para esta população, mas também o patrimônio negro de força, luta e enfrentamento de sua condição, capaz de resistir ao contexto hostil e fazer melhores produções de sua história no Brasil e no mundo.

Podemos considerar que a cartografia apresenta um plano físico.

¹¹⁴ Ecléa BOSI. *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo:Ateliê Editoria, 2004, p.13 e 15.

Ela é a representação gráfica do território.

Demarca limites, fronteiras, circularidades, mas demarca também políticas, relações espaciais de contato, de proximidades e distâncias, além de incluir, quando mais completa e sofisticada os códigos culturais, os hábitos e costumes de uma região.

É ela o corpo, a pedra e a carne de uma dada região de uma geografia.

Uma geografia que transita o passado, o presente e o futuro; no sentido do "vir a ser" de Habermas na dimensão da utopia, ou na queda fantasmática de um Édipo que inconscientemente assassina sua origem - o parricídio.

Nesta geografia múltipla, a cartografia representa-se no espaço. E fornece a dimensão do território.

Mas território não é apenas o espaço frio das curvas e contornos do caminho.

Território é também o cheiro dos corpos, das flores, que compõem a paisagem da região.

Ele implica o aroma e sabor daquilo que foi plantado no lugar. No registro dos ritos que fornecem o advento do humano com suas reuniões familiares, sociais, amores, nascimentos de filhos, mortes, doenças, festas, ritos religiosos e superações de contextos - a crônica do cotidiano dos tempos.

Pensar em cartografia em uma tese de psicologia é situar o entendimento dos trâmites sociais e humanos sob um sistema de representação próximo, aceitável e utilizado para determinar o lugar dos corpos dos sujeitos.

A cartografia enquanto modalidade de reflexão e observação dos contextos dos jovens negros na cidade e sua movimentação pelo território está para a psicologia na mesma medida em que a "memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e à relações entre as coisas"¹¹⁵.

A cartografia pode ser neste sentido a rota, a representação e o fóssil da memória. A partir do fato de que são os lugares - os corpos materiais - que provocam a lembrança, a memória.

O território, a demarcação cartográfica, é analisado neste trabalho não apenas no sentido das considerações de Guatari em sua perspectiva de apreender os desejos dos corpos nas contradições dos tempos, os processos de subjetivação e identidades que se estruturam frente os movimentos das relações *capitalísticas*. Mas prioritariamente a partir de referências que nos introduzam em universo aparentemente mais simples em considerações conceituais.

¹¹⁵ Pierre NORA. *Les lieux de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1984, vol.I, p.XIX.

A aparência talvez simples do concreto geográfico não é necessariamente fácil e irrelevante. Ele abarca complexidades importantes, capazes de decodificar linguagens de pensamentos e proposições de ações. Assim sendo, optei por transitar pela questão a partir de um corpo que nos pertença¹¹⁶.

Os limites de demarcação de fronteiras se dão no plano objetivo da vida.

Governos e políticas reconhecem tal demarcação e se esforçam para respeitá-la ou corrompê-la quando em situação de guerra e justificação de tomada de poder.

As fronteiras sinalizam os eixos de direções a serem seguidos formalmente - pré-organizadas - mas também fornecem os signos para organização de estratégias que podem abalar, fragilizar ou destruí-las. Esta característica é presente porque as fronteiras são espaços híbridos que se organizam antes pela presença e atividades dos corpos nos lugares que constroem rotinas, cotidianos, hábitos, resistências, símbolos, rituais e costumes. Elas se moldam pela relação dos seres no espaço no compartilhamento das idéias, no esforço de entendimento coletivo para sustentar a unidade de uma língua, em que todos se reconheçam e possam se expressar em suas diferenças, igualdades e singularidades.

Neste sentido as fronteiras não são apenas mapas políticos. Na verdade elas estão para além destes marcos rígidos e formalizados.

Elas se coadunam na dimensão da relação das necessidades da vida. Nas fronteiras entre a falta e a provisão da falta, na superação dos limites, no intercâmbio entre lugares e pessoas. Extensão entre o sujeito e os demais seres que lhe são próximos - ao nível familiar e consanguíneo - mas também ao nível das experiências de trocas e proximidades físicas, territoriais.

¹¹⁶ Pensar em processos de subjetivação implica, a meu ver, considerar opções conceituais, teóricas e metodológicas que partem de uma semelhança (sintonia) de idéias e ideais no cerne mesmo das origens do que constitui uma obra. Quando observamos uma obra de arte, não é possível, ou pelo menos não deveria sê-lo, descolá-la de seu tempo de criação. Sua cronologia na história social - local e mundial - em que se encontra e as razões de sentir desta ou daquela maneira. Em processos de considerações subjetivas ou perspectivas de compreensões de identidades, é preciso ser fiel à lingüística, linguagens e significações que fazem com que o autor, ator, artista - homem que interpreta e sente o mundo - talha sua obra. É preciso perceber quais são as rupturas ou continuidades que se encerram e anunciam partindo inclusive de sua origem pessoal e singular.

Toda obra reflete seu criador e a maneira deste em seu peculiar processo de subjetivação e singularização frente ao tempo, à sociedade, ao mundo. A fim de intencional postura - política - que melhor me (nos) represente, prefiro partir de conceituações da ordem e origem do Brasil. E sobretudo, valorizar e apresentar aqueles que tanto lá como cá, estão à altura de serem considerados grandes mestres em todos os setores da vida social e intelectual brasileira e internacional. Por tal razão, a opção pela geografia brasileira. Capaz de pensar os contextos locais e mundiais. Com a riqueza conceitual e a genialidade de transcender o território mesmo da disciplina da geografia. Para lançar-se em dimensões outras inusitadas em diferentes campos disciplinares como o caso da psicologia. Em uma única consideração: dar à psicologia social brasileira o caráter transversal inerente à sua proposição a partir da alteração de sua forma na dimensão das obras e autores escolhidos para compor o seu discurso ou retórica..

As necessidades da vida são o que Habermas chamou "*mundo da vida*" em que os sujeitos estão ligados às pessoas por situações emocionais, afetivas, ideológicas, entre outras, as quais são representados pela família, comunidade, religião, língua, costumes. E são elas as demarcadoras das fronteiras no humano com sua história.

Então as fronteiras existem a princípio por uma lógica legitimada na experiência da vida das pessoas e seus meios comunitários.

Situações antagônicas ao "*mundo da vida*", originárias dos sistemas econômicos, no caso atual - o capitalismo - que gerencia e molda o mundo das pessoas conforme suas próprias exigências, é uma "pressão" permanente, incansável, sempre presente, embora muitas vezes de maneira invisível.

Este paradigma de oposição entre "*mundo da vida*" e "*ordem sistêmica*" (o capitalismo, o mundo do trabalho) podem nos ajudar a compreender as tensões decorrentes das relações entre os homens e as instituições, entre *iguais* e *diferentes*, entre *nós* e *outros*.

O que se representa efetivamente nas fronteiras políticas é a ordem sistêmica.

Por ocasião da divisão do continente africano por seus colonizadores, não se respeitou as divisas já demarcadas pela língua, hábitos e costumes de uma população.

Famílias inteiras de uma mesma comunidade e idioma foram divididas e separadas em países diferentes a partir da imposição da ordem sistêmica do mundo financeiro - capitalista.

Em contexto menor, como a cidade de São Paulo, a população negra foi isolada na baixada de São Paulo, em região pouco valorizada, a qual impedia a aglomeração de pessoas e as manifestações comuns aos negros na ocupação dos territórios da cidade.

Isto sem contar as perseguições às manifestações de culto religioso do Candomblé que também demarcavam seus territórios e contornos nas periferias paulistas.

Hoje uma "*outra*" - para não dizer a mesma com aparência diferente - cartografia se desenha, a qual nos permite considerar e compreender identidades que se esboçam nos territórios da periferia de São Paulo.

Elas representam a história da população negra na cidade de São Paulo.

Um contorno necessário sobre um corpo que apresenta marcas desconhecidas no plano da dimensão afetiva, emocional e de construção de identidade com todos os seus atributos subjetivos e objetivos.

Um contorno necessário, principalmente porque muitas tentativas de reconhecimento deste corpo vem cooptadas por linguagens que subestimam a qualidade e valor deste corpo.

Isto se refere ao fato de que a dimensão de compreensão dos processos de identidade

e subjetivação do povo brasileiro e da população negra no Brasil escapam a muitos estudiosos sobre a questão.

Identidade é assunto pertinente e incessante quanto às variáveis múltiplas de influências e significações no que diz respeito a relações que transcendem o próprio espaço-limite-fronteira Brasil.

Para nossa própria história e povo, há de se procurar compreender os meandros que nos situam a fim de buscar reconhecer nossa formação e origem bem como as percepções de sentir-se pertencente a esta dimensão.

Por outro lado, isto implica inclusive "tomar partido", "fazer pressão" para que a "unidade" do conjunto da população brasileira se represente nacionalmente enquanto tal.

A questão do empenho coletivo e da representação social é complexa, pois em nossa imensa igualdade somos sem dúvida um povo essencialmente antagônico nos quesitos economia e distribuição de bens sociais.

Por outro lado, uma forte regionalidade também é perceptível nas diferentes regiões do Brasil entre baianos, nordestinos, habitantes do sudeste, norte, sul e centro-oeste do país.

Mas ainda que tal diversidade se apresente, há uma unidade a partir da língua que nos compõem em um só povo.

Seria possível descrever de uma só maneira a "alma" do brasileiro?.

Como lidar com estes pressupostos de identidade e processos de subjetivação sem cair no idílio de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro ao considerarem a dimensão das três raças como "o caldeirão da harmonia e bem aventuras"?

George Andrews ao pesquisar negros e brancos em São Paulo fará um estudo a partir dos registros cunhados por Gilberto Freyre e Florestan Fernandes como os principais autores para apresentarem questões relativas a população negra brasileira e paulista em posições antagônicas.

Ele acaba por aproximar ambos autores quando informa que os afro-brasileiros tendem a achar que a desigualdade racial é fruto da discriminação atual, enquanto os euro-brasileiros, são mais propensos a explicar as diferenças sociais em termos da herança da escravidão.

Conforme Andrews, os euro-brasileiros estariam adotando um raciocínio que combina os argumentos de Freyre com Fernandes. Pois, embora Freyre tenha sido severamente criticado nos círculos acadêmicos, ainda desfruta de enorme aceitação entre os brancos das classes médias e altas, cujos membros continuam a pensar o Brasil como uma terra de relativa igualdade racial.

A aproximação dos autores diz respeito ao fato de que para Fernandes, em linhas

gerais, as desigualdades sociais entre negros e brancos seriam superadas quando o Brasil atingisse pleno desenvolvimento capitalista e a "revolução burguesa" apagaria pouco a pouco o "legado da 'raça branca', em que a identificação do povo brasileiro se faria por uma perspectiva de classe e não por uma perspectiva racial.

Para Freyre, o otimismo está no fato de anunciar o Brasil como uma nação em que a partir de uma progressiva democracia racial pela mestiçagem, o brasileiro seria simplesmente brasileiro, e os rumos progressivos da história trariam um Brasil totalmente igualitário em termos sociais e econômicos, pois o Brasil, democracia racial, não coloca obstáculos no caminho de seus cidadãos negros.¹¹⁷

A análise de Andrews parece recolocar o problema da identidade brasileira, de considerar como nos sentimos na qualidade de nação.

Ele aponta para o modelo norte americano, considerando que as perspectivas de igualdade e desenvolvimento entre negros e brancos estão longe de serem galgadas pelos modos como a sociedade brasileira lida com a questão em termos políticos.

Em meu entender Andrews parece portar a noção de que a questão da identidade brasileira deve ser entendida enquanto perspectiva política de desenvolvimento social.

Ao mesmo tempo em que a crítica deve ser feita para dar lugar a reflexão dos conflitos e tensões que se apresentam no cotidiano da vida social dos brasileiros e principalmente dos negros e mestiços em relação aos brancos de ascendência européia, é preciso observar, além dos pontos de tensão e tentativas de superação de conflitos no sentido de busca de soluções e melhores medidas humanas, nossas próprias formas e contornos para lidar com a questão. É importante não nos atermos a soluções e medidas de outros países e culturas que semelhantes a nós, já viveram e ainda vivem crises e tensões extremas frente a questão racial e processos de construção de identidade.

Neste sentido Florestan Fernandes após quarenta anos da apresentação da pesquisa inaugural com o grupo da Unesco (em parceria com Roger Bastide) afirma que suas previsões para o Brasil em termos da sua população negra e as relações de igualdade com a população branca ainda não se realizaram¹¹⁸, ele foi capaz de fazer a crítica às suas próprias idéias.

Sob este aspecto os Estados Unidos pode ser um importante interlocutor, mas devemos procurar reconhecer as dimensões singulares de nosso território de análise. De nossa própria cartografia de identidade.

Em outro contexto, a França é hoje um país que vive um grande conflito quanto a

¹¹⁷ George Reid ANDREWS. *Negros e brancos em São Paulo (1888 - 1988)*. São Paulo:Edusc, 1998, p.32-34.

¹¹⁸ Florestan FERNANDES. *Significado do protesto negro*. São Paulo:Educ, 1989, p. 9.

questão identitária na perspectiva racial.

As *emeutes* - revoltas juvenis nas periferias parisienses - são a prova de como ela, a França, é incapaz de lidar com seus problemas internos frente a questão étnico-racial sendo portanto capaz de omitir tal problemática dos olhos do mundo por tanto tempo.

A Alemanha, hoje talvez não vivencie plenamente tal conflito, mas as relações entre jovens europeus de origem negra com jovens europeus de origem unicamente européia é violenta, tensa e hostil em ambientes altamente protegidos por um dos estados de bem estar social considerado, pelos europeus, um dos mais eficientes e perfeitos da comunidade européia. Brigas e violências físicas infundadas acabam por acontecer nas escolas públicas alemãs de relações difíceis entre jovens negros e jovens brancos¹¹⁹.

A África do Sul, após Mandela e o "*fim*" do *apartheid* esboça um nível de segregação sócio-político e econômico alarmante em relação às condições de vida da população negra no que se refere à saúde, educação, acesso ao mercado de trabalho entre outros índices de desenvolvimento social¹²⁰.

Vislumbrando o ambiente internacional, pensa-se neste trabalho observar a cartografia da cidade de São Paulo a fim de perceber quais são os retratos presentes.

Se as estatísticas de uma geografia física podem parecer distantes da perspectiva psicológica é preciso considerar que a análise dos dados frente ao contexto tem a capacidade de alterar esta distância.

No capítulo sobre as perspectivas teóricas do trabalho, observamos que podemos discutir a questão a partir de diferentes meios e selecionar as opções que nos são adequadas mediante as condições éticas-estéticas e políticas que encerram.

Sendo assim, passarei a apresentar a cartografia mesma da cidade de São Paulo; e procurarei neste olhar, abordar as marcas identitárias e emocionais que são registradas neste percurso de território.

A ênfase será tentar discutir pelo plano estatístico e do dado empírico da geografia qual a lógica que passa a ser desenhada nesta relação exterior, interior, objetivo-subjetivo, indivíduo-sociedade.

¹¹⁹ Algumas pessoas com as quais convivi durante o período em que estive em França proporcionaram-me relatos sobre situações familiares em outras localidades da Europa frente a questão racial, a xenofobia e a violência. Alguns dias tive a oportunidade de conviver, observar e realizar entrevistas com jovens e seus pais na Alemanha - cidades de Bremen e Hannover . Em capítulo onde procurarei trazer as vozes dos sujeitos da pesquisa para as considerações da tese esboçarei alguns relatos de forma breve. Eis que o campo de realização da pesquisa são prioritariamente o Brasil, a população brasileira e em menor medida algumas reflexões sobre a problemática das *emeutes* - revoltas juvenis - em França enquanto símbolos de um fenômeno mundial.

¹²⁰ Reinaldo José de OLIVEIRA. *Segregação nos contextos internacionais: os casos da África do Sul, Estados Unidos e a Cidade de Paris - França*. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa: 2007, p. 51, in mimeo.

A cartografia da cidade desenha seus corpos físicos.

Os corpos por si apresentam memórias, marcas, registros que compõem identidades.

Identidades que se estruturam e se formam a partir do percurso histórico dos seres sobre o território na ocupação e uso do espaço.

Podemos verificar que o mapa da cidade de São Paulo representa a relação do território com os sujeitos. As formas de compreendê-lo e interpretá-lo frente a realidade.

A cartografia e o território representam o espelho que reflete a identidade.

É a partir deste olhar fixado no território, nas pedras da cidade, é que será possível compreender as elaborações de identidade dos habitantes da periferia.

Solo e corpo enquanto marcos emocionais inscritos na psique capazes de fazer compreender e talvez prever os caminhos de identidade e produção subjetiva.

Nos mapas a seguir veremos como o negro paulistano habitou a cidade após a abolição.

Conforme histórias de vida dos habitantes negros da cidade de São Paulo recolhidas por Bernardo no livro *Memória em branco e preto: olhares sobre São Paulo* bem como por Oliveira no estudo sobre *A produção social do espaço em territórios negros de São Paulo: o bairro da Barra Funda* e *A presença do negro na cidade: memória e território da Casa Verde em São Paulo* percebemos o quanto o negro esteve presente na produção e construção das riquezas da cidade.

Que ele habitou e alavancou o desenvolvimento da cidade. Como construtor do espaço e habitante do território ele circulou pela cidade e a fez crescer em trabalho, bens de consumo, circulação e dinheiro.

Nos relatos dos interlocutores de Bernardo percebe-se como a cidade foi sendo construída pela presença dos negros moradores em bairros próximos do centro da cidade como Bexiga, Casa Verde, Bom Retiro, Campos Elíseos, Ipiranga, Pinheiros.

*"Andaram a pé ou no cara-dura. Lembraram-se de fatos considerados pela nossa historiografia, de calamidades que atingiram a cidade, de episódios esportivos considerados importantes, bem como de crimes que abalaram São Paulo. Mas aquilo que os velhos negros lembraram com maior profundidade é mesmo da discriminação por eles sofrida nesta cidade."*¹²¹

Um de seus interlocutores, Sr. Antonio, diz:

"Tenho uma lembrança que gostaria de esquecer. Era 1918, esse ano o da peste

¹²¹ Terezinha BERNARDO. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Educ/Fapesp, 1998:109.

*chamada gripe espanhola. Foi igual a Aids, claro que matou mais nossa gente nós éramos pobres.*¹²²

Bernardo analisará a fala de Sr. Antonio como um registro da memória da miséria e das péssimas condições de vida embutidas na narrativa. Mas o que chamará mais a atenção da autora é a relação que o Sr. Antonio faz da gripe espanhola com a Aids.

Para ela, estes são registros profundos que revelam a forte memória em que Sr. Antonio enquanto negro, sentia que seu grupo era discriminado socialmente.

No mesmo sentido Oliveira nos traz o relato do Sr. Benedito (84 anos):

" Olha, todos eles foram para a periferia, sabe porque?Um grande número deles moravam nos porões, e muitas casas foram demolidas (...). Os aluguéis eram altíssimos, quem morava num porão, pra alugar uma casa tinha uma diferença grande. Então, quando a negada foi embora, quando começou a surgir mudança de padrão, mudança ou demolição do imóvel, ainda ficaram por aqui, muitos deles não tiveram condições de comprar um imóvel".

Oliveira¹²³ informa que o processo de desterritorialização ou desenraizamento da população negra das áreas valorizadas da cidade sofreu reflexos da emergência de uma sociedade urbano-industrial; tendo sido afetada principalmente na dimensão do trabalho e da habitação.

*"Antes daqui eu morei na Bela Vista. Lá naqueles cortiços...Aí foram derrubando, derrubando para construir, foram expulsando todo mundo, aí o meu marido veio procurar esta casa. Alugar. Aí o amigo falou: aqui não se aluga, se compra. Aí ele comprou isso aqui" (Dona Cacilda, 79 anos, moradora da Casa Verde)*¹²⁴.

Percebemos pelos relatos que os depoimentos são de pessoas habitantes da cidade de São Paulo a partir das primeiras décadas do século XX.

Estes relatos revelam como as marcas dos negros foram fortes no uso e demarcação do espaço e território paulista e como a força da segregação sócio-espacial promovida pela sociedade urbano-industrial, pré-requisito para o desenvolvimento do capitalismo, forneceu as bases de uma formação identitária de um grupo social.

Neste sentido é importante verificar o trânsito desta população pelas vias da metrópole.

¹²² _____, Idem. Ibidem. p.110.

¹²³ Reinaldo José de OLIVEIRA. *A presença do Negro na cidade: memória e território da Casa Verde em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais PUC/SP, 2002, p.90.

¹²⁴ _____, Idem.Ibidem. p.103.

Quais as direções que seguiram e quais os meios de agir e reagir a esta circularidade do capitalismo emergente do início do século passado.

É importante observar no mapa cartográfico, no desenho do plano físico, para onde esta população se deslocou. E porque não pôde habitar, trabalhar e viver nos lugares onde construiu riquezas e expandiu o desenvolvimento da cidade.

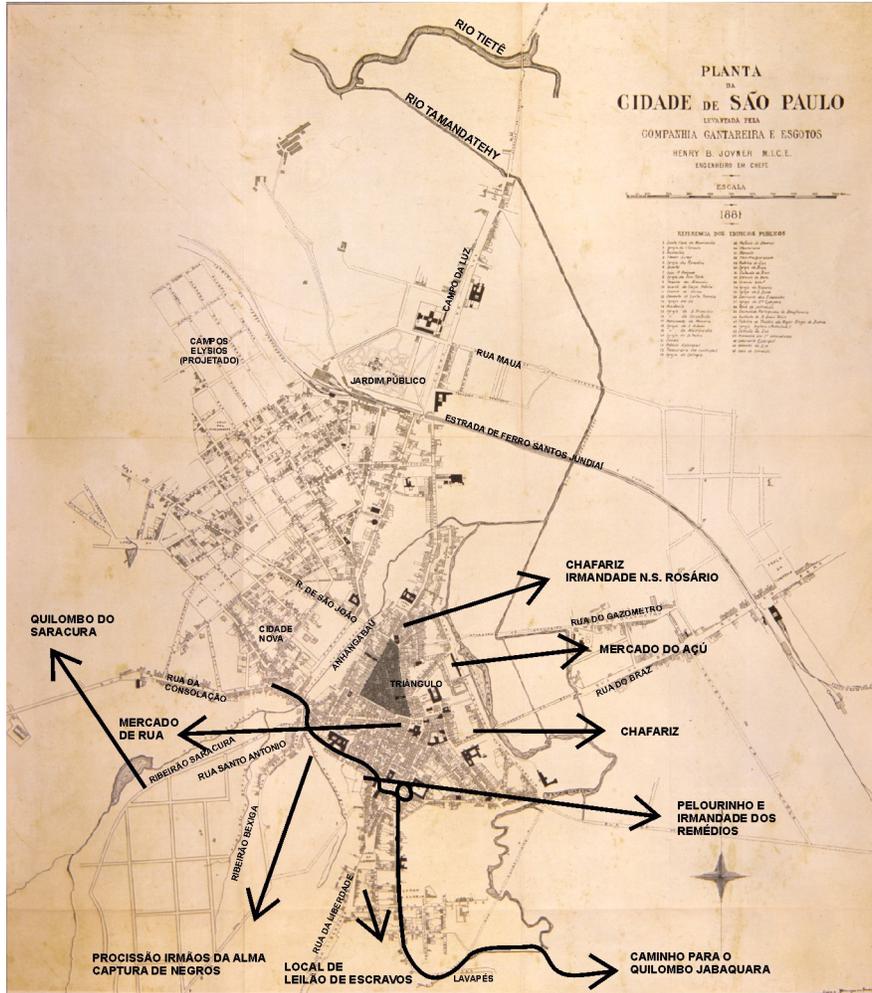
Percorrer brevemente estes trajetos é compreender a formulação emocional, social e de identidade do jovem negro brasileiro de São Paulo.

Ao observarmos o mapa, a cartografia e os territórios da população negra no início do século, veremos, como esta população que foi usada para a produção de riquezas na pré-história do capitalismo a partir do tráfico negreiro, continua a ser expropriada de sua força de trabalho e a ser negada sua participação humana enquanto sujeito pertencente ao universo comum dos mortais.

Isto nos permitirá pensar quais as heranças, os fósseis que transmitirão as insígnias identitárias para a população jovem da metrópole, que é fruto deste percurso histórico, destes marcos familiares, das relações de trabalho, das relações de violências frente ao espaço segregado no período pós-abolição e todas as características históricas e presentes que marcam o percurso da diáspora no mundo e neste contexto, na cidade de São Paulo.

Os três mapas a seguir nos revelam os lugares e territórios negros na cidade de São Paulo em 1881, 1924 e 1934.

Mapa nº 1 – Territorialidades Negras em São Paulo, 1881



Fonte: Raquel Rolnik, A Cidade e a Lei, 1997.

Fonte da Base Cartográfica: Arquivo Público da Light SP

Mapa nº 2 – Territorialidades Negras em São Paulo, 1924



Fonte: Raquel Rolnik, A Cidade e a Lei, 1997.

Fonte da Base Cartográfica: Arquivo Público da Light SP

atualidade, mas questionar o porquê do deslocamento, quais as repercussões deste deslocamento nos processos de construção de identidade dos sujeitos pertencentes ao mesmo grupo social negro em termos da atualidade, destacando para tanto as observações pertinentes à população jovem da metrópole.

Se seus antepassados habitaram as zonas de crescimento e desenvolvimento da metrópole, participando do processo de produção da riqueza a partir da venda da mão-de-obra do trabalho engajando-se para ser parte dos meios de produção dos bens imprescindíveis para o desenvolvimento da cidade, quais são as razões que hoje impedem seus descendentes de habitar os mesmos territórios e usufruir do patrimônio financeiro, econômico e social que seus antepassados construíram.

Isto nos leva diretamente a observar as formas de construção de identidade dos jovens negros, pois, como se vê na cartografia da cidade, os territórios negros são hoje os mais precários em termos de desenvolvimento social geral e excluídos do processo de produção capitalista e de consumo da cidade.

Podemos pensar que a identidade de jovens negros na periferia da metrópole, pois é onde eles se localizam em termos físicos, sociais, espaciais, sofre influência direta desta territorialidade e sobretudo na herança da diáspora africana que foi deslocada do continente africano como mercadoria para fluxo determinante do desenvolvimento capitalista e que em certo sentido continua, a partir das observações do campo da pesquisa, a ser reiteradamente excluída dos processos de participação das riquezas produzidas pelo acúmulo de capital.

Hoje são comuns as discussões sobre mercado de trabalho, condições de vida para as populações humanas, recessões e crises em todos os contextos do mundo, inclusive em países desenvolvidos e com economias estáveis como é o caso da Europa. E a pobreza vem chegando também nestes locais. Os europeus, desacostumados com a escassez há muito tempo, em termos de condições de vida digna, vêm-se as voltas com medidas drásticas para alterar a ordem das coisas.

Na França, a juventude, encontra-se constantemente em conflito com as autoridades para discutir questões de mercado de trabalho, remuneração, jornada de trabalho, formação universitária, manutenção da gratuidade do ensino superior, direitos trabalhistas e aposentadoria.

Milhões de franceses jovens são os que mais estão sendo assistidos pelos órgãos da assistência social e necessitam viver com a renda mínima francesa (RMI) a qual para alguns gira em torno de 530 a 580 euros.¹²⁵

¹²⁵ Estas informações dizem respeito a notícias veiculadas em rádios alternativas francesas e de conversas com brasileiros habitantes há mais de 30 anos em Paris que convivem com alguns jovens franceses. Também por ocasião de minhas atividades em Paris tive a oportunidade de freqüentar organizações sociais de apoio a

Isto tem elevado de forma significativa os números de jovens dependentes químicos e mendigos nas ruas parisienses.

Em março de 2007, saiu no jornal diário do metrô parisiense pequenas notas sobre depoimentos e desconfortos de jovens franceses que em "plenos 26 anos de idade continuam a habitar na casa dos pais".

Para uma sociedade como a francesa, onde a autonomia e independência são incentivadas desde a escola maternal, habitar a casa dos pais até os 26 anos é sinônimo de vergonha e humilhação social.

Isto chegou a ser pauta política de discussão para os candidatos que disputavam as eleições presidenciais.

Podemos também considerar, que os processos de empobrecimento da população mundial cria, modifica e transforma identidades. Mas é certo também, no caso do Brasil e no caso da França, que as dificuldades gerais frente a este processo de empobrecimento mundial fazem-se sentir prioritariamente, com maior rapidez e visibilidade nas camadas populares e minorias étnicas dos dois países.

Isto pode ser também válido para a realidade da Alemanha e Itália¹²⁶.

Assim sendo, se o processo capitalista e a mercantilização do mundo é um processo crescente que atinge a todos nas redes de instrumentalização da vida humana, é importante observar que em algumas territorialidades o processo de instrumentalização, exclusão e dificuldades é ainda mais terrível.

E tais diferenças devem ser observadas na medida mesma em que elas se produzem e se reproduzem pois este processo não se dá aleatoriamente, mas obedece uma lógica comum a todos os processos comuns e historicamente presentes nos modos de produção e dominação capitalista.

As diferenças sociais acentuam-se principalmente em relação às populações consideradas menos humanas que outras. Ou como no passado não tão distante, não humanas.

Os preconceitos e divisas étnico raciais são argumentos informais mas sempre presentes inclusive na atualidade para justificar dominações e manutenção de privilégios.

Neste sentido, qual a lógica de produção identitária dos jovens que habitam os territórios da pobreza, da marginalidade, da discriminação?

peessoas em necessidades que forneceram relatos informais sobre as condições de vida da população francesa em Paris na atualidade.

¹²⁶ Conforme relatos de sujeitos de pesquisa habitantes destas localidades.

Quais as produções de sentidos e as formas de agir e reagir a este contexto em escala local e mundial?

Como pensar inclusive, o advento da juventude no mundo que em todos os lugares encontra suas possibilidades de contestação cada vez mais estreitas e dogmatizadas?

Quais as possibilidades futuras para o Brasil, São Paulo e o mundo frente esta situação caótica e cada vez mais crescente?

Não poderemos responder a todas estas perguntas, mas observar o mapa da cidade de São Paulo e procurar compreender os tipos de identidades juvenis que se esboçam é um caminho para pensar medidas e políticas capazes de ir na contra-corrente desta situação alarmante em todo mundo.

Os mapas organizados representam os fluxos das populações negras na cidade de São Paulo.

Em 1881, a população negra habita o triângulo nascente da cidade de São Paulo. Seu espaço mais desenvolvido e emergente; de onde partem todos os eixos para a expansão do trajeto da cidade nas suas regiões norte, sul, oeste e leste em termos de adjacências.

Podemos observar inclusive a nomenclatura de alguns territórios que hoje mantém algum nível de semelhança com a nomenclatura da época. Além de perceber que algumas referências importantes no marco histórico da cidade não deixaram marcos aparentes como *Pelourinho* na direção da Irmandade dos Remédios, *Quilombo do Saracura* e *Quilombo do Jabaquara*.

O traçado da cidade, em seu início, já apresentava as tensões e conflitos decorrentes das condições de desenvolvimento urbano-industrial no mundo, iniciado na Inglaterra com repercussões em todo o globo.

A rua da Liberdade, hoje conhecida como um território da imigração japonesa, foi um importante eixo de ligação para os negros alforriados que conseguiam deixar as fazendas de café e que dirigiam-se à cidade de São Paulo.

Embora a historiografia oficial não demonstre, a cartografia delimita os espaços entre o local de leilão de escravos e a Rua da Liberdade, como localidades extensivas. E podemos imaginar que o local representava para os negros algum tipo de signo social em função de suas vidas e percursos na cidade.

No mesmo sentido os outros locais como *Pelourinho* e *Quilombo do Saracura* e *Jabaquara*.

Poderíamos perguntar porquê estes nomes e marcos não permaneceram na cidade de São Paulo, capital do desenvolvimento do país?

Em geral quando pensamos em quilombos pensamos sempre em regiões distantes do

centro industrial e comercial do país que é São Paulo. E se por acaso aventamos algum nível de possibilidade de quilombo em São Paulo é possivelmente em regiões litorâneas e longínquas do centro da capital.

Os relatos orais de alguns jovens participantes da Pastoral Negra de São Paulo revelam que a Igreja da Boa Morte, nas proximidades da Rua Tabatinguera e Rua do Carmo em São Paulo era onde se realizavam os cultos aos negros capturados em fuga, os quais tinham por castigo a sua execução. O local na cartografia denominado *Procissão Irmãos da Alma* é justamente a imediação da Igreja, onde os sacerdotes se encarregavam de "encomendar" uma "boa morte" ao 'escravo fujão'.

Igualmente podemos perceber que a Rua da *Liberdade* fica no centro da direção para os dois quilombos na cidade de São Paulo: um bem próximo a região central, o *Quilombo do Saracura* e outro mais distante na direção sul, o *Quilombo do Jabaquara*. (vide mapa)

Também por isto, podemos entender um pouco a origem do nome da Rua que foi até hoje preservado e ganhou inclusive o nome de um bairro.

São Paulo de 1881 do primeiro mapa é o território dos negros. De negros lutadores e desafiadores do sistema de produção de riquezas com a exploração humana tratada como animalésca.

A São Paulo de Luiz Gama que quando pequeno, menino, subiu a pé a Serra de Cubatão de Santos a São Paulo desbravando caminhos para uma condição melhor de existência.

O negro baiano, ex-sapateiro, filho de fidalgo português e mãe africana, tornou-se amado pelos clientes que defendia como advogado. Negros em busca de liberdade, em função da proibição de comercialização de escravos a partir de 1831 em território brasileiro, bem como por amigos brancos importantes que conquistou por seu valor pessoal e intelectual¹²⁷.

Era também a São Paulo de Teodoro Sampaio, que também baiano, filho de padre branco com mãe escrava, formou-se engenheiro e fundou a escola Politécnica de São Paulo dentre outras coisas.

Vemos no mapa os contornos da cidade, o local onde habitam os negros. Seus territórios.

No enterro de Luiz Gama podemos perceber as pedras da cidade expressas no texto:

¹²⁷ Elciene AVEZEDO. *Orfeu de Carapinha - a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas:Ed. Unicamp, 1999.

"Ao passar pela ladeira do Carmo, de cruz alçada e formando alas, a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios incorporou-se ao cortejo fúnebre. Todo o trajeto até o cemitério que ficava para os lados da Consolação - extremo oposto da cidade - foi feito a pé, para que o caixão fosse um pouco carregado por todos. Cerca de 3 mil pessoas - das aproximadamente 40 mil que habitavam a cidade de São Paulo e suas freguesias - acompanharam o féretro desde às 16 horas até as 19 horas, quando, enfim, o corpo foi sepultado."¹²⁸

O caminho do enterro mostra os territórios percorridos e vividos pelos negros - os quais podem ser observados no mapa. Negros simples, sapateiros, filhos de brancos com escravas, negros inteligentes, capazes de reivindicar seus espaços e povoar seu território trazendo riquezas simbólicas e objetivas como nos casos de Gama e Sampaio, não só para si como pessoas singulares, capazes de passar pela experiência da escravidão e construir caminhos, conquistando prestígio e reconhecimento, mas também de favorecer a identidade de seu grupo social discriminado e socialmente desvalorizado bem como imprimir as marcas necessárias de respeito para além de seu grupo social de origem.

Estes exemplos de identidades e processos de construções subjetivas, deram-se na cidade do início do século.

Nos mapas apresentados, vemos que com o passar dos anos os territórios negros vão se expandindo na mesma medida em que a cidade cresce.

População negra e cidade de São Paulo crescem juntas, em números, pela evolução do trabalho e das diferenças.

As marcas da presença negra na história da cidade, porque não se fazem representar na atualidade?

Quais as premissas de identidade que se quer esconder?

Podemos considerar que os registros da cartografia dos territórios negros na cidade de São Paulo representam que a maior cidade do país possui uma origem e história que deve também ao negro descendente de africanos muito de sua cultura, muito de sua capacidade de luta, inovação e enfrentamento.

Que este povo negro vindo de longe, muito antes dos imigrantes que aqui aportaram, já havia deixado sua marca de enfrentamento tenaz de adversidades, na capacidade certa de superá-los a partir do trabalho e da força do caráter.

¹²⁸ Elciene AZEVEDO. *O orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas:Ed. Unicamp, 1999:20.

Estes marcos de identidade nos servem para considerar que estas pedras marcam o percurso de uma história humana. Que se inicia nos passos dos antepassados da diáspora, que em seu deslocamento ontem involuntário, pelo Atlântico, continua a movimentar-se e a buscar seu reconhecimento de diferentes formas. Hoje no movimento dos jovens, que refletem seus espaços e territórios, está representada a mesma necessidade de romper com barreiras impostas da desigualdade.

No primeiro mapa - cartografia apresentada - vemos o famoso triângulo que representa a população negra e podemos observar através do texto de Maria Cristina Cortez Wissenbach a seguinte identidade:

" O pátio do Rosário era o território negro por excelência de São Paulo, não apenas pela igreja e práticas religiosas da irmandade, mas também porque em torno delas habitavam negros que viviam de vender quitandas pelas ruas da cidade. Trajeto de muitas das procissões, seus moradores também poderiam adornar suas míseras moradias quando da passagem delas. Diante disso, uma portaria de 1852, atendendo ao pedido de habitantes da cidade, alterou o trajeto dos desfiles religiosos, evitando-se a passagem "pelo estreito que vai desta rua (do Rosário) para o Largo São Bento". Nos inícios do século XX, como parte dos planos de reurbanização do triângulo histórico, determinou-se a desapropriação da Igreja e dos terrenos a ela contíguos, para a ampliação do antigo Largo do Rosário. A história do Rosário refletiu, assim, a presença e o tratamento dispensado às populações negras de São Paulo"¹²⁹.

O desenho da cidade nos mostra a presença dos negros na cidade. Conferindo uma identidade de sujeitos participantes da cena social e influenciando e determinando o cotidiano da cidade.

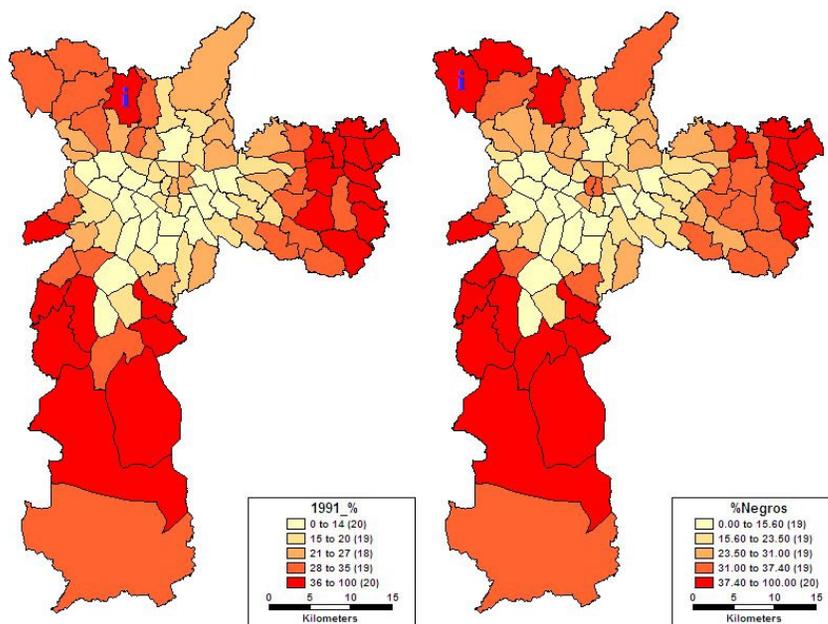
Na fala da historiadora, há a necessidade de estigmatizar a população negra habitante da cidade, para expurgá-la em local menos representativo, como convém ao "lugar de um negro".

Estes percursos históricos e sociais nos dizem sobre o 'lugar' reservado à juventude negra da cidade de São Paulo. É o mesmo lugar que pouco a pouco foi sendo empurrada a população negra da cidade.

Na cartografia n. 4, vemos o contingente da população negra na metrópole.

¹²⁹ Maria Cristina Cortez Wissenbach. *Sonhos africanos, vivências ladinas - escravos e forros em São Paulo (1850 -1880)*. São Paulo:Hucitech, 1998:206.

Mapa nº 4 – Distribuição da População Negra na cidade, 1991 e 2000.



Fonte: IBGE, 1991 e 2000.

Com o crescimento da cidade, o território e a cartografia da vila de São Paulo não é mais a mesma passados um século de vida na cidade.

A dispersão da população negra, pode ser observada no mapa como o resultado de políticas públicas que a despeito de uma ou outra justificativa sempre "pertinente", foi extinguindo o contingente negro dos centros produtores de riquezas da capital. Estar no centro é participar da riqueza, produzi-la e usufruí-la para si mesmo e para as próximas gerações.

Os negros do Largo do Rosário - atual Praça Antonio Prado - não puderam ser lembrados e reconhecidos nem na memória do lugar - espaço e território - que construíram e edificaram. O Largo do Rosário não existe nem mais no nome para quem visita o centro histórico da cidade. Não se faz menção do que a área que abriga hoje os símbolos da justiça de São Paulo¹³⁰ e os centros de decisão do Estado significou no passado. A história dos

¹³⁰ Nos arredores do Largo do Rosário está o Tribunal de Alçada Civil do Estado - prédio onde trabalham os

negros foi apagada das ruas da cidade. E para conhecê-la é preciso percorrer o trabalho do historiador e os relatos da população negra ainda vivente, a fim de reapresentá-los às gerações mais novas e observar as relações não alteradas no tratamento do poder público e social destinado à população negra brasileira ainda hoje. Retratos de identidade.

Ainda no mapa 4 observamos a distribuição da presença negra na metrópole conforme o censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas de 1991.

Percebemos, que mesmo com a resistência do negro na cidade, construindo-a, participando e realizando suas manifestações religiosas, culturais, políticas e sociais, a exemplo de Sampaio e Gama, dentre outros tantos desconhecidos por nós, mas que deixaram o registro de sua marca de identidade nos signos da cidade, foi difícil permanecer no espaço tratado como mercadoria - valor de troca - que os sistemas de poder imprimem nas relações sociais e de produção entre brancos e negros, cidadãos e não-cidadãos.

A terra como valor de troca, acaba por impedir que os negros permaneçam em seus territórios, pois a valorização imobiliária das zonas centrais da cidade vai promover a segregação em perspectiva darwinista e a população negra, mesmo lutando para permanecer, acabará por sucumbir aos altos impostos e aluguéis caros.

Podemos entender este darwinismo enquanto segregação sócio-espacial a partir de diferentes faces: racial, econômica e social.

O triângulo negro e seus territórios adjacentes foram se tornando brancos. Tentou-se apagar a história dos negros na formação e construção da cidade, mas como o retorno do reprimido eles voltam como o vento quente na areia do deserto. Espalhando areia sobre os olhos de todos, deixando a sensação de mal estar e desconforto como se fosse uma "invasão alheia a um território que não lhes pertence".

Como Iansã, a rainha dos ventos e senhora que comanda os ritos e mistérios da morte, representante de Antígona, eles voltam para restabelecer a ordem do antigo rito, inscrito nas pedras de fundação da cidade.

O centro, zonas próximas ao lugar da riqueza, de São Paulo e suas adjacências na cartografia física é branco. Em suas zonas valorizadas e territórios portadores dos melhores equipamentos sociais e políticas públicas de saúde, lazer, áreas verdes, educação. Os distritos onde não estão representadas as populações negras, principalmente nas áreas centrais são os que possuem os melhores e mais conservados equipamentos sociais com a forte presença do estado. Ao contrário, como podemos observar na tabela, os distritos estudados são os que possuem restritos equipamentos sociais em relação ao número de sua população.

desembargadores do Poder Judiciário - a mais alta instância de poder decisório estadual no âmbito jurídico, bem como o Palácio da Justiça - sede do secretário de estado da justiça paulista.

Tabela Nº 1 - Quadro Social, Econômico e Cultural da Cidade de São Paulo e distritos, 2000.

Dados Distrito/SP	SP	BRL	CTI	JDA
População	10.435.556	247.328	190.657	245.805
Pop. Masculina	4.972.632	48,4	48,0	49,0
Pop.Feminina	5.462.914	51,5	52	51,0
KM²	1.509	31,5	15	62,1
Média de Anos de Estudos do Chefe de família *	7,67	6,55	6,15	5,80
Taxa de Analfabetismo	4,88	5,83	5,78	7,42
Taxa de Evasão Escolar do Ensino Fundamental	1,13	0,76	1,39	1,37
CEIS diretos e indiretos (equipamentos)	79.140 (quant.vagas)	20	18	31
CEIS conveniados (equipamentos)	40.344 (quant.vagas)	13	1	32
Escolas Ens.Infantil (equipamentos)	280.730 (quant.vagas)	19	18	19
Esc.Ens.Fundamental	710.965 (quant.vagas)	19	17	22
Esc.Educ.Jovens e Adultos	12.181	1	0	0
Escolas Ens.Fund.Médio	15.080 (quant.vagas)	0	1	0
CEUs	44.395 (quant.vagas)	1	2	1
Hospitais	15	1	1	1
UBS	385	16	10	27
Número de Favelas	2.018	101	13	272
Pop.Favelada	1.160.5	51.882	5.873	126.559
Percentual da Pop.em Favelas	11,23	13,23	3,08	26,10
Taxa Cresc.Anual da População Favelada	2,97	3,68	11,76	6,35
Terminais Mun.de Ônibus	19	0	1	2
Corredores de Ônibus	1	8	0	1
Estações de Metrô	52	0	0	1

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2004.

*** Do item assinalado até a última categoria, os dados referem à divisão administrativa por Subprefeitura;**

SubPrefeitura de M'Boi Mirim = Jardim Ângela e Jardim São Luiz

SubPrefeitura de Cidade Tiradentes = Cidade Tiradentes

SubPrefeitura da Freguesia/Brasilândia = Distritos de Freguesia do Ó e Brasilândia

A observação da tabela nos mostra como são hoje os territórios pertencentes aos trabalhadores e população negra. São estes territórios do antigo triângulo que se expandiram e se afastaram dos núcleos de poder e riqueza da cidade.

Os territórios negros, em 1991, estão prioritariamente nos extremos da cidade (vide mapa da população negra).

É lá, nos extremos da cidade, onde não há quase equipamentos sociais de lazer, cultura, educação e saúde, em que eles se encontram.

Sua identidade se esboça na capacidade de participar da criação e construção da cidade. Mas no geral, são levados a serem considerados como inexistentes no plano dos reconhecimentos sociais.

No próximo mapa, do ano 2000, na cartografia há também a presença negra nos extremos da cidade. Mas a situação é gradativamente diferente que a situação de dez anos atrás.

Percebemos que a presença negra nos extremos periféricos da cidade diminuiu. Ela é ainda prioritária, mas é em menor proporção a estimativa observada na cartografia do censo de 1991.

Qual identidade negra se esboça em 2000? Seria a mesma que em 1991 ou estaria em metamorfose tal qual a dinâmica da transformação do espaço e território da cidade que se altera seguindo a lógica de um capitalismo monopolista?

Para onde terá ido ela? Caiu das bordas da cidade para fora da cidade, deixando de pertencer ao núcleo de desenvolvimento do país na capital paulista?

Bem, é verdade que ela não é ainda totalmente inexistente.

A pobreza que atinge a todos os menos preparados socialmente levou para as periferias também as populações brancas e pobres.

Então, a disputa pelo espaço se dá de forma silenciosa e perversa porque entre os pobres os negros são os mais pobres; conforme se observa na tabela abaixo, por nós organizada, de acordo com os índices do rendimento médio dos chefes de família por cor e

raça do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Fundação Seade – Sistema Estadual de Análise de Dados, ano 2000.

Tabela A

MSP/SubPrefeitura	Homens Brancos	Homens Negros	Mulheres Brancas	Mulheres Negras
MSP	1.919,20	690,54	1.092,23	425,47
Freguesia/Brasilândia	1.036,53	647,03	562,06	384,83
Cidade Tiradentes	622,07	522,81	405,55	380,65
M'Boi Mirim	821,11	585,99	448,31	337,92

No mesmo sentido, na tabela B, podemos observar os rendimentos médios dos chefes de família por raça e cor com até 24 anos de idade. Verificamos que as diferenças e segregação sócio-espacial para a população jovem negra são ainda mais perversas que para a população jovem branca em termos de condições materiais básicas de desenvolvimento.

Os índices são relativos aos distritos da subprefeitura da metrópole de São Paulo, sendo que a subprefeitura de M'Boi Mirim compreende os distritos de Jardim Ângela e Jardim São Luis e a subprefeitura da Freguesia compreende os distritos da Freguesia do Ó e Vila Brasilândia.

Tabela B

MSP/Subprefeituras	Branco – até 24 anos	Negro – até 24 anos
MSP	670,68	424,38
Freguesia/Brasilândia	544,92	401,03
Cidade Tiradentes	486,08	370,34
M'Boi Mirim	556,99	395,46

Nas tabelas vemos que as mulheres negras são o grupo socialmente mais empobrecido e vulnerável à discriminação, seguidas dos jovens negros e homens negros que atingem a média dos rendimentos por chefe de família inferior ao índice de rendimentos das mulheres brancas chefes de família nos três distritos estudados.

Os jovens negros, igualmente, apresentam condições de desenvolvimento básico geral sempre inferior aos jovens brancos habitantes no mesmo território da pobreza e exclusão.

Os jovens em geral possuem rendimentos inferiores à média da população total da metrópole de São Paulo, mas os jovens negros além deste específico corte de idade estão marcados pela historicidade de seu quadro social familiar. São filhos de mulheres negras ou

mestiças, ou ainda de casamentos inter-raciais, significando que possuem ascendência negra. Fato que os coloca em posição de menor inserção social e maiores dificuldades de conquista e ascensão financeiras. Fator ligado exclusivamente à dimensão étnico racial.

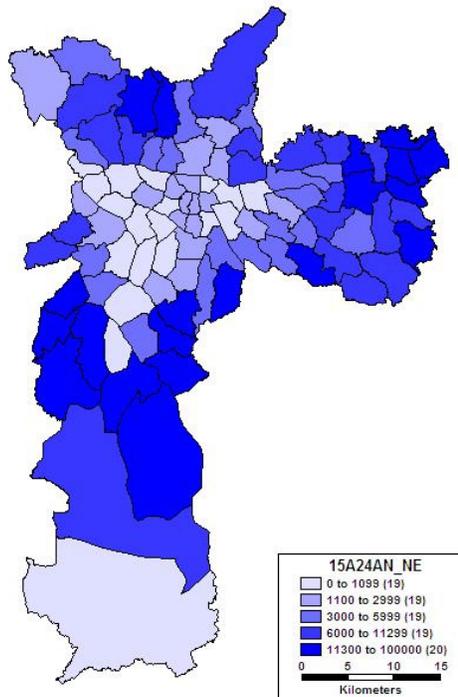
Os próximos mapas apresentam a cartografia da população jovem e negra da metrópole de São Paulo e da população jovem da metrópole.

O mapa da população jovem da metrópole é coincidente, em termos comparativos, à cartografia da distribuição da população negra nos territórios da metrópole (mapa n. 4).

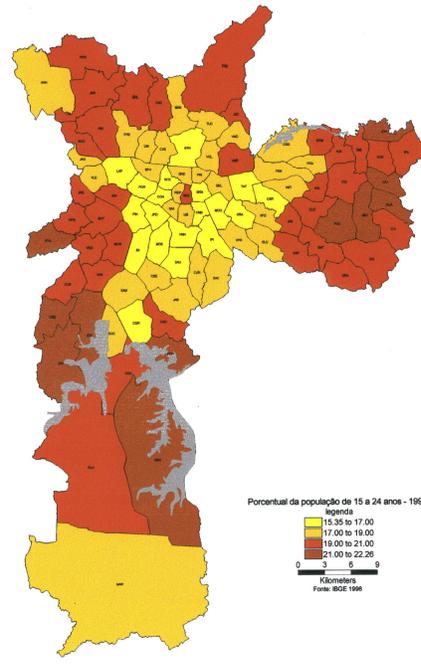
Observamos que a cartografia e os dados indicam que na constituição da identidade da metrópole, ela privilegia os brancos, os nascidos no centro da riqueza, expulsando os diferentes e segregando-os nos espaços longínquos a seus territórios – apropriação dos espaços sociais comuns e dos equipamentos públicos.

Mapa n.5, Juventude Negra – SP, 2000.

Mapa n.6, Juventude - SP, 1996.



Fonte: IBGE, 2000



Fonte: Mapa da EI, Aldaisa Sposati, 1996.

Esta semelhança entre a cartografia da população jovem na metrópole e a população negra, nada tem de simples coincidência aleatória. Ela representa a afirmação da identidade jovem negra, que se acomoda nos territórios para onde seus pais foram empurrados e expulsos na história dos deslocamentos da população da diáspora negra em São Paulo e no mundo. Os pais habitavam as zonas do trabalho, o centro da cidade, e passaram com o decorrer dos anos a habitar as periferias. As terras da não cidadania com a ausência e exclusão do mundo do trabalho com a falta de oportunidades.

O ciclo de pobreza, miséria e sofrimento é a herança social que a identidade nacional fornece aos seus filhos negros nascidos no solo – *território* - da diáspora africana.

Os mapas sobre juventudes nos ajudam a perceber que na cartografia das pedras que compõem a cidade-metrópole, a juventude na cidade está nos extremos periféricos, como o mapa de Sposati (1996) nos revela. Mas a periferia em sua juventude e identidade é majoritariamente negra, como revela o mapa n.05.

Ao habitar a periferia eles estão distantes dos benefícios das cidades, dos desenvolvimentos que os habitantes de territórios e espaços da riqueza usufruem como recursos privados, embora sejam públicos: as áreas verdes (parques), o transporte eficiente como o metrô, as boas linhas de ônibus, a proximidade de equipamentos de saúde, lazer, educação e centros comerciais, além de toda a infra estrutura de água, luz, asfalto e esgoto.

É esta identidade jovem e negra que se constrói na cartografia da metrópole. E ela é também psíquica, emocional, intermediando a relação com o espaço, a paisagem concreta do urbano, suas modificações e provisoriedade. Intermediando o diálogo subjetivo e objetivo que travam dentro de si para a compreensão da lógica da cidade e do espaço em que se encontram. Dos acessos que lhes são negados, das revoltas, lutas e enfrentamentos que encerram.

Estes dados são a cartografia e o retrato da identidade dos jovens negros na metrópole de São Paulo e eles fazem cair por terra a noção corrente na perspectiva social e muitas vezes científica, de que a pobreza no Brasil é o fator único de exclusão das populações brasileiras de acesso ao desenvolvimento.

Os dados demonstram que o componente étnico racial é fator decisivo nas posições de desenvolvimentos dos sujeitos negros e brancos.

Nesta cartografia identitária os dados possuem a condição de eliminar idéias ingênuas de que a solução para a desigualdade entre negros e brancos no Brasil é passível de ser solucionada pela intervenção social genérica na superação dos índices de pobreza de todo o país.

Para além disto, é preciso garantir o empoderamento dos jovens, a partir de recursos para que possam assumir uma cidadania ativa também na elaboração e no acompanhamento de políticas. É preciso questionar nas ações do governo, nos programas voltados para jovens, o lugar da educação, da autonomia, das linguagens juvenis, o direito dos jovens de ser sujeitos-atores de seus direitos. Defender ações afirmativas no atacado, sem deixar de defender, no varejo, as cotas para jovens pobres e negros; buscando ações para juventudes com alto grau de vulnerabilidade no sistema de classes, combinando políticas focalizadas de identidade com políticas universais, com qualidade de educação para todos os jovens no Brasil (CASTRO, 2004:299).

Sob este aspecto Silveira diz: *“é direito dos desiguais alcançarem a universalidade por meio de políticas afirmativas com enfoques identitários no plano de alterar desigualdades”* (2003:4).

Os relatos dos jovens negros, como nos demais capítulos se verá, revelam a correspondência com os dados cartográficos e as tabelas apresentadas.

A combinação dos dados (tabelas e cartografias) são fontes importantes de serem disponibilizadas para qualquer empreendimento social que deseje olhar de frente as mazelas

das condições sociais entre brancos e negros no país. A correspondência dos dados que apresentamos revelam, a partir da metrópole de São Paulo, as identidades negras e jovens do país.

A psicologia social precisa ser capaz de considerar índices objetivos para analisar questões psico-sociais que tratem da dimensão de construção de identidade.

Sob esta perspectiva, seus argumentos serão discerníveis não só para o público específico da psicologia, mas também para o conjunto social que questiona o papel da formulação de identidades dos grupos sub-representados nos cenários nacional e internacional – as ditas *minorias*.

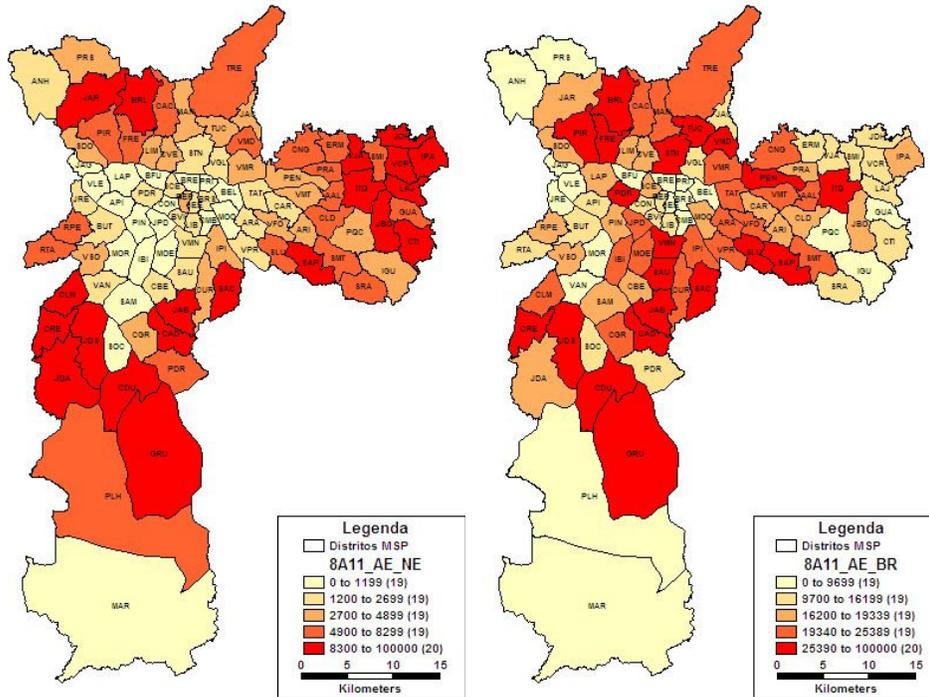
A geografia humana aliada à psicologia social, através das análises cartográficas, nos permite considerar que a face da identidade brasileira necessita observar seus contornos específicos, na capacidade de abstrair de si as verdades para o plano de sua perspectiva futura de transformação psico-social.

Neste retrato de identidade, uma outra importante cartografia se apresenta: a cartografia dos anos de estudos da população negra e da população branca na cidade-metrópole de São Paulo. Esta identidade cartográfica denuncia que nem o preparo dos oito a onze anos de estudo da população jovem e negra são capazes de diminuir ou superar a discriminação e segregação sócio-espacial entre negros e brancos na cidade de São Paulo.

Mapas de 8 a 11 anos de estudos: População Negra e População Branca

Mapa n.7 – Anos de Estudos Pop. Negra.

Mapa n.8 – Anos de Estudos Pop. Branca



Fonte de Dados: IBGE, 2000

As cartografias acima (7 e 8) denotam que a população branca cuja escolaridade compreende entre oito e onze anos de estudos se encontra localizada próxima ao centro de desenvolvimento da metrópole.

A população branca com escolaridade habita as áreas com acesso à circulação do capital, dos bons equipamentos públicos, sociais e culturais.

Já a população negra, mesmo conseguindo superar as dificuldades com o acesso à educação, ela continua segregada nos extremos periféricos da cidade.

Os negros, mesmo os com escolaridade compatível com as populações não totalmente vulneráveis socialmente, não conseguem livrar-se da condição de não cidadania a que estão submetidos secularmente em nosso país e contexto mundial.

A escolaridade elevada para um negro pode significar sofrer os mesmos impasses de dificuldades de aceitação no mercado de trabalho que um negro sem formação específica

sofre. Além disto, ele pode sofrer uma dupla discriminação quando sua escolaridade e condição social é maior que a da média da população de seu grupo social: a de ser rejeitado para ocupar posições que tradicionalmente são conferidas à pessoas brancas.

E este argumento se demonstra nos contornos cartográficos da cidade. Nos mapas acima representados, que dá mostras da distribuição da população negra e branca no referente à escolaridade na geografia da cidade e denuncia os crimes de desigualdades e desprezo a que a população jovem e negra está submetida.

Sobre o negro na classe média Ianni escreveu em 1975:

“Um diplomata negro serve preferencialmente na África. Um médico negro atende preferencialmente a negros e mulatos; ou brancos pobres. (...). Os negros que ingressam ou estão ingressando na classe média partem de condições econômicas e sociais geralmente difíceis. Eles vêm do proletariado, não são pessoas que possuem vínculos na classe média. (...). Ele próprio precisa realizar e elaborar socialmente esta experiência. Por outro lado, os brancos da classe média desenvolvem técnicas sociais altamente sofisticadas para barrar ou dificultar a ascensão social do mulato e do negro. Essa barreira tem dois aspectos notáveis. Um é a competição entre os profissionais de classe média: no escritório, loja, escola, profissão liberal, etc. Outro, a dificuldade para obter clientela branca, quando se trata de médico, engenheiro, advogado e outras profissões que podem ser desempenhadas por um profissional autônomo. Por esses motivos é que o acesso do negro e mulato à classe média é mais difícil que para o branco” (IANNI, 2004:129).

Nesta última cartografia quisemos representar a luta da população negra. Que procura galgar melhores condições de vida. No entanto, esta população é barrada no acesso aos bens comuns universais de direitos à cidadania. Pois mesmo quando preparados para ocupar posições socialmente mais valorizadas, eles esbarraram no fantasma da segregação étnico-racial.

As cartografias apresentam sem nenhuma dúvida os retratos das identidades negras que se inscrevem no solo da metrópole.

As marcas que ficam registradas na psique e na consciência dos jovens negros sobre os limites e as fronteiras que os impedem de participar da cena das decisões da cidade. De seu desenvolvimento pleno.

Mas ainda que assim seja, os jovens vem descortinando este jogo ilícito e mal formulado que se esconde nas redes de relacionamento político e social que exhibe uma face de incompreensão e desentendimento frente aos questionamentos e *revanche* da população jovem e negra.

Os jovens negros são cada vez mais capazes de compreender as tramas deste jogo de poder e dissimulação frente as desigualdades sociais perpetrado pela população branca, que tenta a todo custo apagar as pegadas da população negra no solo – *território* - da cidade.

Na cartografia da cidade tenta-se apagar as pegadas da população negra, como se nunca tivessem pertencido ao território da metrópole. A negação da identidade da cidade.

Em contrapartida, os jovens negros, assim como seus pais se movimentam e vão de um lugar a outro em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Da diáspora forçada, o caminho do percurso infundável continua ainda nos dias de hoje.

Hoje eles estão nos extremos da periferia. Mas se observa um deslocamento para fora da cidade-metrópole, continuando seu fluxo de afastamento (os mapas 4 e 5 demonstram tal perspectiva).

Mas porque afinal não conseguem se fixar no território como alguns brancos pobres?

Por que ocorre um nomadismo que os desloca sempre?

Suas identidades da diáspora são identidades em metamorfoses. Em constantes interpretações de suas condições de determinação histórica. Ao interpretarem o contexto, eles resistem, como identidades que se pretendem autônomas, buscar e construir novas metamorfoses que os levem à realização de suas necessidades, expectativas de vida, esperanças e sonhos.

Identidades que resistem aos determinismos sociais que em seus processos dialéticos, singulares e coletivos, marcham para conquistar a vitória de seus dias. Confirmando em suas identidades, a expressão humana universal de sua condição utópica - *vir a ser*.

Os reflexos desta força de constituição identitária a partir dos eixos sociais das pedras da cidade vão fazer-se sentir na herança emocional das novas gerações de negros e mestiços habitantes das metrópoles.

Em seus ombros pesam os alicerces desiguais das formas materiais históricas que configuram a cidade. Eles carregam essas pedras, são por elas determinados.

Mas eles comportam também a condição humana, *identidade -metamorfose* busca de *emancipação* nas transfigurações da diáspora, de suas identidades.

Identidades em construção, não definitivas e em infinito processo de recriação, forçando os caminhos de abertura para a, de todos os povos sonhada, autonomia - liberdade.

5 – EXPRESSÕES E CONSTRUÇÕES DA JUVENTUDE NEGRA DA PERIFERIA: NO BRASIL E NA FRANÇA

*É isso aí...Ah quem acredita em milagres...
(...) É isso aí...Um vendedor de flores:
ensinar seus filhos a escolher seus amores...
(Jorge Mário , 2006)*

*Século 21 revolução é assim: periferia resiste.
Atenção muita fé sem tirar ninguém...
(Negra Lee, nascida na Brasilândia)*

5.1. As Moças: desenhos e palavras na Cidade Tiradentes e na Vila Brasilândia

Os desenhos aqui trazidos representam as expressões de jovens negras habitantes na periferia de São Paulo no distrito da Vila Brasilândia.

Além dos desenhos, as jovens comentaram o significado dos mesmos, mediante atividade promovida em oficina psico-social sobre "o local onde moro".

A atividade incluiu realizar o desenho, ilustrar com cores através do giz de cera ou lápis de cor e após o grupo conversaria sobre as impressões do bairro representadas no papel

A finalidade da atividade era promover a reflexão sobre o jovem e seu universo social e comunitário e suas extensões com a vida no contexto geral.

Participaram desta atividade em torno de 8 jovens. Com idade entre 15 e 20 anos. Apenas 5 quiseram expressar suas idéias a partir da expressão gráfica, dentre os quais três dos desenhos foram os selecionadas por representarem a síntese das idéias e expressões abordadas durante o encontro.

Foram selecionados três desenhos, os quais representam a síntese das idéias trabalhadas no grupo. As falas dos participantes foram registradas a partir de breves anotações em caderno de campo, durante as atividades.

Desenho 1: G., feminino, 21 anos, negra, mãe solteira (filha de 1 mês), desempregada



Observamos que há várias indicações sobre as necessidades dos jovens moradores da favela. Há o chamado em ênfase maior requerendo oportunidades. Outras palavras e frases como “*admiti-se*”, “*precisa-se*”, “*venha participar*”, “*divulgaremos seu trabalho*”, compõem a cena do desenho.

No centro da folha há a indicação “*Jovens*” e existe uma divisão entre um pequeno mundo envolto em um semi-círculo e o mundo extenso que seria um universo maior.

A jovem optou por não colorir o desenho, informando que apenas a flor no semi-círculo merece um pouco de colorido.

Ela refere que a intenção gráfica representa a divisão e separação que ela vive entre viver na favela e a percepção do mundo "lá fora".

Segundo a mesma, os jovens da favela possuem talentos, são pessoas lutadoras, com potencial. Ela diz que a vida na favela não é fácil, mas que há muita gente boa e de "valor". Em sua opinião o jovem da favela vive em um mundo à parte. Alienado em seu universo. Ela diz que é importante se esforçar para sair deste mundo, desta condição de morador da favela, mas por outro lado, não há "oportunidades" para os jovens que residem na favela. Os caminhos são difíceis e precisaria haver maior apoio social para que os jovens talentosos da favela não desanimassem. Ela espera que algum dia as coisas melhorem e que os jovens da favela possam levar sua mensagem às pessoas que habitam a cidade. Mas esta condição para ela hoje é muito difícil, pois, conforme ela, há muito preconceito em relação às pessoas que moram na favela e as oportunidades são muito poucas.

No nosso entender, podemos considerar que a opção de não colorir o desenho representa o estado emocional da jovem em relação às suas esperanças de mudança da situação do jovem e a vivência no território da segregação.

As dificuldades maiores para esta população é o mercado de trabalho, e é justamente este aspecto que os dizeres do desenho da jovem mais aborda de forma indireta. Ela tem necessidade de participar socialmente da produção e desenvolvimento da cidade. O trabalho, lugar de emancipação humana, não está acessível ao jovem da periferia, que, conforme o desenho, fica confinado em seu pequeno mundo de contradições e sofrimentos.

Podemos considerar que a estrela e a lua seriam indicativas de que a vida da favela é uma noite contínua - no âmbito que isto possa favorecer - no sentido de que a noite significa a solidão, a ausência de caminhos, a falta de opções no plano imaginário do sujeito humano. No mesmo sentido, uma noite estrelada e com lua é também uma noite agradável, em que há um certo conforto e prazer em participar deste cenário. Neste aspecto pode-se compreender que a vida na favela apesar de difícil não é sentida como extremamente hostil. A hostilidade maior, pela análise do desenho, viria da falta de contingência externa. O meio ambiente acolhedor, o "mundo da vida" capaz de apresentar-se para a juventude de maneira não fragmentária e mais próxima, o que equivale dizer igualitária.

A expressão da flor é o emblema da condição de existir, a qual é vivida como uma grande esperança, que é em certo sentido frágil - pela noção que as flores e plantas insinuam e representam.

A flor pode estar sendo substituída pela figura humana, que no centro da folha, representa certa condição de força, de ação e de equilíbrio emocional.

Há o diálogo - reflexão/pensamento - do ser (flor) com as possibilidades em relação ao meio ambiente externo, do qual o jovem não participa mas é desejoso de lá estar em função dos ganhos objetivos que isto representa. O caráter de reflexão vem expressado pelo "balão"

com símbolos que não se distinguem, mas que parecem figurar como uma espécie de conversação consigo mesma e a tentativa de romper a esta "redoma" ou "território segregado" que é a favela.

Em última instância poderíamos aventar que a recém maternidade da jovem a posiciona em um esquema de regressão emocional comum às mães em seus primeiros meses de maternidade. A divisão falada e graficamente expressada pela jovem possui uma pequena saliência que aparenta ser um umbigo "saltado", típico de barriga de grávidas. Talvez a jovem esteja refletindo, a partir do nascimento de seu primeiro bebê e sua nova condição humana - a maternidade - em como romper com esta divisão. Em como ser capaz de nascer para este mundo dividido, segregado em que o jovem da periferia é frágil para compor sua autonomia de identidade e sem apoios - representado pelo mundo cinza e sem cor - da grande e injusta metrópole.

Mas o que há no interior de si mesma é algo de muito belo: a única figura colorida do desenho. A rosa, a flor. Graciosa e imponente. Frágil mas cheia de esperança.

Desenho 2: D., 22, negra, agente de saúde.

No desejo vemos vivacidade das cores, a forte marca dos traços sobre o papel.

A gravura demonstra em seu centro um muro, o qual está entre a vida na favela, a qual não apresenta muitos coloridos e a vida na cidade, com altos prédios e muito colorido.



No desenho vemos que a área dedicada à representação da favela é organizada a partir de construções de casas desalinhadas, construções aparentemente pequenas e simples, com telhados sobrepostos. A forma de representar a grafia da favela é monocromática: em preto e branco. Riscos sobre as casas como se representassem uma espécie de vento ou uma atitude de desgaste, de ausência de proteção ou promiscuidade. Também faz lembrar um temporal em dias de chuva.

A expressão gráfica dedicada a zona da cidade é alegre, colorida, com sol forte, prédios altos e coloridos. Há carros e a posição do desenho indica que a direção da cidade é uma direção de ascendência. Os carros sobem a rua. Os prédios são altos, o céu é azul e há contornos definidos nas habitações - prédios - e na rua.

No desenho da favela consta a inscrição "*alta estima*", "*discriminação*", "*família*", "*oportunidade*" e "*favela*".

No alto da folha no extremo da favela há o perfil de um rosto que chora. Este rosto apresenta um grande olho e o semblante da face parece expressar certa dureza e solidão.

No mesmo desenho vemos que na favela há faces, que expressam emoções: alegrias, tristezas, diversidade, juventude. As faces são de jovens e crianças, os quais parecem representar os moradores do local.

Percebemos pelo desenho que a força da crítica e percepção das diferenças, desigualdades e humilhações a que os jovens da favela estão expostos é grande na concepção emocional e de identidade da jovem.

Há o sofrimento evidente, o desconforto, o desagrado com a situação de habitar a periferia. Há um mínimo de esperança e conformismo quanto a dignidade de habitar a favela, a qual pode ser considerada pelos dois rostos com semblantes mais agradáveis.

No mais a vida na periferia de São Paulo, no extremo da favela, é triste, cheia de discriminação, a identidade dos jovens e seus habitantes é marcada por uma desestruturação familiar, a necessidade de fortalecer a auto-estima e as dificuldades cotidianas no enfrentamento da discriminação e da busca de oportunidades que quase não existem.

Esta consideração vem reiterada pelas palavras da jovem sobre seu desenho:

" Há um muro que separa a favela da cidade. Não é fácil romper este muro. Ele precisa ser rompido, mas os jovens tem muita...muita, é ...dificuldade. É difícil. Há discriminação e não há oportunidades. Por isto a favela é um lugar de sofrimento, de fome, de coisas difíceis. A vida não é fácil...."

É interessante que o desenho representa com autenticidade as idéias da jovem que percebemos pelo desenho que possui uma certa "fascinação" pela cidade pelo colorido que usa, pela perspectiva ascendente, pela organização do traçado, pela aparente ausência de problemas na cidade.

No desenho, temos a impressão de que a cidade é idealizada como perfeita, como o local da felicidade, do acesso, das luzes, do brilho (representado pelo sol) .

No universo desta jovem, no cotidiano de observação da mesma com outros jovens, adultos da associação e pesquisadora, houveram referências de querer morar no asfalto. Que a vida na favela não tem dignidade. Esta jovem em certo momento chegou a referir-se sobre o

casamento da irmã, que vai sair da favela depois do casamento. A irmã mais velha desta jovem faz faculdade de publicidade e propaganda e segundo a jovem a irmã mais nova irá prestar vestibular para odontologia.

No entanto, a jovem não refere sobre quais opções de estudo e direcionamentos de vida ela pretende em termos de escolha profissional, relacionamentos etc. Ela apenas refere não querer morar na favela. Que quando puder vai querer "*morar lá embaixo*".

A proximidade da pesquisadora com esta jovem não era grande. É possível que a jovem quisesse apresentar imagens com as quais realiza identificações como o casamento da irmã que vai sair da favela e a frequência a universidade. Não chegamos a questionar quais as condições da irmã mais nova realizar a vontade de cursar a faculdade de odontologia, mas acreditamos que para esta jovem do desenho, a cidade é a abertura de possibilidades melhores, de vida, de condições gerais, de felicidade.

Embora o desenho seja mais colorido que o da jovem anterior ele também apresenta a fadiga em perceber o universo imutável da favela e esta imutabilidade está simbolizada pela ausência de movimentos e o cinza monocromático no desenho. Na cidade há mobilidade, a qual é representada pelo fluxo dos carros, pela forte demarcação da presença da estrada que aponta para outras direções. Mas na favela o único movimento que há é o da permanência, da eterna tempestade, da mesmice, que encarcera a identidade dos sujeitos como estática e congelada. Da chuva fria em gotas grossas que inunda a cidade da periferia. No contorno do desenho da jovem vemos que a identidade na favela é de difícil construção, ela é pautada por uma forte discriminação não apenas representada pela questão de ser negro, mas pela questão de ser também favelado.¹³¹

O muro que divide os territórios da favela dos territórios da "*cidade-centro*" como denominado pela jovem em seu desenho representa um limite de fronteira entre as duas faces de um mesmo espaço urbano.

Numa era de globalizações crescentes o jovem constrói sua identidade a partir de referências imaginadas.

Neste sentido podemos utilizar aqui a noção de Stuart Hall que nos diz que as nações não são apenas entidades políticas soberanas, mas "*comunidades imaginadas*".

No caso da jovem da favela há a distinção totalizante entre a vida na "*cidade-centro*" e a vida da favela. A vida na "*cidade-centro*" é imaginada como perfeita.

Para Hall a noção de comunidades imaginadas é central não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem onde um certo "sujeito imaginado" está sempre em jogo. Onde começam e terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de

¹³¹ Stuart HALL. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, pg.26.

"casa"?

A jovem do desenho encontra-se dividida em sua identidade. Sua construção situa-se entre a realidade dura da existência que compartilha no interior da favela. Mas situa-se também no universo da cidade imaginada. Do acesso e participação do trabalho, na sua mobilidade.

Como jovem negra poderíamos também considerar que ela representa a dimensão de um sonho, de liberdade, de ver-se livre dos contornos opressores de uma cidade excluída - a favela - para viver uma cidade de sonho - '*cidade-centro*'.

Que cidade-centro é esta que a jovem esboça e menciona através do desenho? Seriam seus sentidos de construção de identidade e significados da vida do jovem da periferia nos novos contextos globais?

Como poderia dar-se o fluxo de sua criação- metamorfose-emancipação-autonomia - para representar-se na vida adulta participativa do contexto da cidade?

Quais fronteiras o muro no centro da folha significa na dimensão de possibilidade de construção de sua identidade?

A identidade da jovem parece dividida e em reflexão. Há a produção de uma cultura - *arte* - que a faz esboçar uma distância e proximidade da favela e da cidade. Dois territórios limites e fronteirços. Um lugar - '*casa*' - que ela parece procurar para si de maneira objetiva e subjetiva, em clima processual e ainda não definitivo. Mas com reflexão marcada, segura, como representam seus fortes traçados sobre o papel.

A jovem parece transitar o limite de construção de sua identidade. Ligando em uma linha ininterrupta passado, presente e futuro. Ela procura um significado de sua vida entre o território da exclusão e da fome com o território do poder e da oportunidade. Ela parece querer construir na realidade e imaginariamente um sentido de sua vida na história. Esta reflexão já é em si um gesto de transformação.

Desenho 3: O. 14, feminino, estudante.

O terceiro desenho parece nos trazer a imagem de menor rigidez na separação entre a periferia e a cidade.

Há um fluxo de extensão que sai da região periférica para um outro universo, que no desenho não se esboça explicitamente como a cidade, mas que podemos considerar que seja em razão da organização da atividade.



Há caminhos abertos e não há um muro ou uma fronteira que separe radicalmente como nos outros desenhos, a possibilidade de acesso à outro universo.

É interessante notar que o desenho é também rico em cores, como no anterior, mas apresenta mais diversidade cromática no contexto geral. Há cores em toda a dimensão do desenho. Há o sol quase centralizado e pouco coberto por nuvens. O contorno dos muros, que

significam barreiras se fazem, mas ele parece não ser um empecilho de difícil desconstrução. Eles podem ser transpassados, como no desenho parecem insinuar e podem ser ultrapassados com um certo espírito de ousadia, alegria, bom humor e criatividade.

Isto parece estar representado pelas notas musicais no canto esquerdo de um dos muros do desenho, ao lado do caminho que parece ser uma estrada, inclusive com as suas demarcações de sinais de regras de trânsito - as faixas amarelas ao centro no piche negro do asfalto.

A jovem parece perceber que há regras específicas para o acesso ao mundo que ultrapasse o universo da periferia, a partir do momento em que utiliza os detalhes para apresentar seus sentidos e significados de construção de identidade.

Poderíamos considerar que a jovem parece viver com relativa tranquilidade o universo periférico. Seus conflitos e preocupações são da ordem da sensualidade, sexualidade, as relações com o sexo oposto representada no desenho de três maneiras: a jovem sensual com curvas bem definidas no traçado do corpo, a boca vermelha, o casal de mãos dadas ao fundo e ao longo, os dois pipas que se cruzam no espaço lúdico da convivência entre dois seres - os meninos, ou jovens que empinam as pipas.

O desenho é marcado por passagens, por movimentos, por imagens que demonstram o hibridismo, a necessidade de versatilidade da vida na periferia-favela. Há no canto direito no extremo uma suave ponte, um caminho, o qual não se sabe de onde vem e nem para onde vai. Ela é uma ponte quase invisível no traçado do desenho e pode significar que é preciso construir e ter acessos a caminhos secretos que nos levem e nos tragam para direções diferentes. Estas passagens - a estrada na extremidade esquerda, a abertura do caminho ao centro, a pequena e quase invisível ponte, próxima a uma pequena e forte traçado de escada ao lado de uma casa azul com a janela aberta - apresentam uma bem delineada noção de vivacidade para com a vida e esperança.

A identidade desta jovem - adolescente - é permeada de significativos códigos de mobilidade, transição, deslocamento, acessos.

Ela não parece sofrer em demasia com o universo da periferia. Ela parece abstrair um certo prazer da vida nos contextos periféricos ao mesmo tempo em que apresenta estar muito inclinada a ligar-se estreitamente às formas objetivas de ascender a outros universos de oportunidades.

Isto se refere a observação da união do corpo da jovem do desenho com o prédio onde há a inscrição "*João Solimeo*". Este é o nome da escola onde a jovem estuda. Ela parece abstrair muitos sentidos deste ambiente como: amor, afeto, amizade, relacionamentos, possíveis conflitos, mas sobretudo experiências.

As figuras centrais do desenho são a jovem, bonita, sedutora e imponente frente às

demais figuras do desenho. E o colégio também aufere grande importância na condição de formação de produção de recursos para a construção identitária da jovem pois ela nomina o colégio, ela escreve o nome de sua escola. Ela faz uma relação de pertencimento com o lugar periferia, mas a sua vinculação mais precisa parece ser as possibilidades que a escola lhe oferece.

Pela mesma razão, a estrada com os signos que regulam o trânsito para fora da periferia tem como início e saída a contingência da escola. A jovem procura eleger o preparo social através do estudo e das relações humanas construídas no ambiente escolar como prioritárias para o acesso de sua vida a outros universos e oportunidades.

É o desenho que demonstra-se mais generoso em termos emocionais para consigo mesma pautado com certa alegria no movimento da vida.

Um aspecto importante que não pode ser desprezado é a presença de duas bocas no rosto da menina. Uma boca que ela pinta de vermelho e realiza o contorno e outra, quase apagada um pouco acima da outra.

Isto pode significar uma necessidade adicional de ser alimentada, nutrida. Necessidade de receber algo e carência afetiva emocional. Também não podemos nos esquecer que esta jovem possui quatorze anos. Ela está na faixa etária adolescente, realizando os processos de superação da infância para a transição do mundo adulto. Pode ser uma necessidade de emergência de independência, ao mesmo tempo em que necessita de apoios próximos que a fortaleçam em sua construção de maturidade pessoal e humana.

Os caminhos para esta jovem parecem ser claros: ela parece intuir que a maneira mais prática de ascender a outras perspectivas de vida e universos de existência é seguir a regra de preparação objetiva para o mundo do trabalho através da escola. Ela parece segura, na mesma medida em que não se insere completamente na estrada. Ela parece esperar por uma segurança emocional, um amadurecimento, um momento certo de *"pegar a estrada"*. Os olhos parecem esboçar uma certa preocupação com o futuro, mas este fato é também muito comum em jovens adolescentes.

De qualquer modo sua expressão de identidade é fluída, amistosa com a vida e com certa liberdade.

Síntese dos três desenhos

Os desenhos possibilitaram canal de comunicação com as jovens. Consideramos que isto foi importante, pois pudemos perceber as angustias que fazem parte de seus contornos de

identidade. E que ser jovem negro na periferia é construir-se e reconstruir-se na cisão com um ambiente que não nos acolhe pela não cidadania.

A angústia vem representada pela construção histórica dessas jovens pois nas três expressões de identidade observamos que há preservação da condição de valorização de si, da perspectiva de participar e representar-se no contexto.

Há uma identidade pautada por uma reflexão sobre a vida na situação de vulnerabilidade, risco e alteridade.

A noção de diferença e exclusão marca a identidade híbrida destes jovens. A experiência do sofrimento também é presente tanto no discurso oral como nos traçados dos desenhos.

Eles dialogam com a historicidade da vida na cidade, no deslocamento da periferia para a metrópole, na fixação do território, que significa também o congelamento de suas vidas em situações de desconforto e indignidade.

Eles também estão em certo sentido distantes da condição de perceber a trama da vida urbana como resultado de um processo de desenvolvimento perverso das formas de produção capitalista, que se iniciam na expansão marítima e territorial com as crescentes formas de globalização das relações políticas entre os povos e nações.

Populações inteiras são desterritorializadas de seu lugar de vida e produção cultural e social em suas localidades de origem. São transportadas como cargas para promover a ocupação de outros territórios, a fim de produzir riquezas a partir da especulação de seu trabalho.

As maneiras de produção capitalista se expandiram pelo mundo a partir do surgimento das cidades. As cidades representam a passagem de uma economia mundial pautada na auto-subsistência para um tipo de economia de excedentes com fins lucrativos. A expansão das cidades significa um processo de globalização ilimitada que se reproduz ao longo dos séculos.

O mercado como instituição milenar corresponde a necessidades reais, mas como instituição econômica originalmente a serviço do *mundo da vida*, passa a colonizá-lo pela estratégia da globalização.¹³²

Este fenômeno gerará diferentes formas de controles, barreiras, especulações e espoliações humanas.

A segregação urbana representada nos desenhos das jovens são representativas das formas históricas e usuais de conceber as relações de poder entre "nós" e os "outros". Entre iguais e diferentes.

¹³² Antonio da Costa CIAMPA. *Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*. Revista Interações, vol.3, n.6, jul/dez1998, pg.98.

Na história humana a diferença faz parte de quase todos os contextos. Mas antes, a justificativa indireta estava aliada a noção de uma sociedade de escassez em que outras populações eram escravizadas para sustentar o desenvolvimento de outras populações.

As jovens mais velhas retratam as contradições do contexto urbano de maneira mais explícita. A divisão entre "nós" e "outros" é evidente nos dois primeiros desenhos.

As condições de vida da população jovem da periferia retrata as mesmas relações de especulação capitalista e de globalização perversa.

As divisões sociais se acirram e os que outrora produziram as riquezas necessárias para a vida de todos são isolados em fronteiras rígidas, sem mobilidades, impedidos de terem acesso aos benefícios do dinheiro e do capital.

As periferias e as favelas são os novos guetos e quilombos onde a população negra se abriga para não se extinguir no genocídio insistido pelos que dominam a cena das especulações pelo lucro.

A jovem mais nova embora mais livre em termos de representação gráfica de suas noções e sentimentos de como constituir-se sujeito habitando territórios da desigualdade também retrata tensão e conflito frente as perspectivas futuras de sua história.

Se nos dois primeiros desenhos a força da desilusão e sofrimento são mais preementes na divisão social a que estão submetidos, no terceiro desenho há uma perspectiva forte de esperança e caminhos mas que se coaduna com um semblante de preocupação e medo.

A identidade destas jovens negras e mestiças são o protótipo das identidades dos demais jovens que habitam a periferia. Eles transitam na consciência das diferenças e alteridades, sabem que o discurso da igualdade e oportunidades iguais para todos em um país que se diz não racializado não é verdadeira.

Embora nenhum dos jovens tenha mencionado a questão étnico-racial como relevante fator de óbice ao desenvolvimento da população periférica eles retratam a consciência da segregação feroz a que estão submetidos e percebem que os caminhos e esforços para superação destas barreiras são realmente quase sobre-humanos.

A jovem do primeiro desenho é uma moça nascida e criada na favela. Seus pais são separados. Sua mãe é participante de movimentos sociais na favela, mas é uma senhora ¹³³simples que procura proporcionar afeto e alento às dificuldades vividas pelos filhos. A jovem já viveu episódios difíceis de superação de necessidades básicas como fome, falta de proteção material, frio. Sua casa não possui telhado nem janela. Ela é um misto de tábuas de madeiras com pedaços de tijolos e cimentos erguidos para figurar como quarto. A porta da

¹³³ Antonio da Costa CIAMPA. *Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*. Revista Interações, vol.3, n.6, jul/dez, 1998.pg.99

casa é uma porta de guarda-roupa de compensado. O teto não possui telhado e é coberto com telhas soltas que parecem que podem se deslocar a qualquer tempo com a chuva ou o vento. Na frente da casa, que é em uma vereda estreita onde só é possível transitar apenas uma pessoa por vez, água escura misturada à terra dá a impressão de um esgoto a céu aberto. A jovem atende a porta descalço e me recebe de camisola às 11 horas da manhã.

Parece-nos que as condições de vida desta população são semelhantes às condições de vida dos negros nas senzalas do período colonial.

A história de uma dificuldade inicial na vida, parece restringir a força e a capacidade de transgredir um contexto de desigualdade. Mas fortalece a experiência do sentido da realidade, das tramas dos jogos que se estabelecem na guerra da metrópole.

No mesmo sentido a segunda jovem. Ela demonstra embora com mais colorido a divisão social da vida dos habitantes da cidade e da periferia. Ela também possui uma história singular difícil, de separação de pais, dificuldades financeiras, precariedade de moradia.

Mas possui um pai presente, atencioso, líder comunitário. Talvez por isto ela seja mais capaz de imprimir cor ao desenho - dar um contorno de alegria e esperança à vida - ainda que deixe claramente registrado a forte noção de desigualdade e de sofrimento.

Vemos então que o papel da família para esta jovem, a presença do pai é importante para a condição de maior crítica social sem esgarçamento total de sua afetividade da construção de seus sentidos de identidade individual e coletiva.

A família, como matriz da subjetividade, constituía-se em seus primórdios, em comunidade de vida e também em comunidade de sentido. Hoje a comunidade de sentido encontra-se ameaçada e em crise gerando desagregação familiar e perdendo em geral a possibilidade de se manter como comunidade de vida.

Mas não podemos afirmar que a responsabilidade da família dos jovens frente às condições destes manterem seus processos de construção saudável de identidade conectada à crítica social ao mesmo tempo que não se desvinculem de suas possibilidades individuais e singulares de sentidos de desenvolvimento são as respostas para as transformações destes contextos e sujeitos.

Tecer análises mais detidas sobre a condição familiar como suporte de tentativa de superação da exclusão e enfrentamento da discriminação racial dos jovens em contextos periféricos é reduzir a análise da complexidade da questão e responsabilizar - que neste caso é culpabilizar - a família pela manutenção das condições de bem estar emocional - saúde mental - dos sujeitos.

A terceira jovem - a adolescente de 14 anos - viveu toda a sua infância e parte da pré-adolescência fora da cidade da favela. Ela na verdade habita a favela há pouco mais de um ano, por ocasião inclusive da separação de seus pais.

Poderíamos então dizer neste sentido que a jovem está um pouco mais preservada frente a esperança e o bom humor que apresenta no desenho em função de não possuir total familiaridade com o contexto da favela. Ela pode estar mais preservada das violências que precocemente se travaram nos espaços territoriais e emocionais das demais jovens.

Mas todas elas demonstram ter um nível significativo de esperança. Afinal nenhum povo pode viver sem esperança.

Podemos de forma analógica pensar a população jovem da periferia como pensou Stuart Hall a condição de formação de identidade da população do Caribe.

Para ele a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica, sendo a sociedade composta não de um , mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas.

"Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo - dizimados pelo trabalho pesado e a doença.

(...) Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas.

(...) A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial.

Mas a lógica colonial em funcionamento aqui é evidentemente uma "crioulização" ou do tipo "transcultural".

(...) É um processo de "zona de contato", um termo que invoca 'a co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas cujas trajetórias agora se cruzam'. Essa perspectiva é dialógica¹³⁴.

Sim, as expressões juvenis do contexto periférico dialogam com a diferença. Eles refletem sobre sua diversidade e alteridade.

Eles são filhos dos expropriados da terra. Arrancados de sua história. Eles pertencem e vem de diferentes origens. São em sua maioria negros e mestiços, mas comportam a diversidade das populações secularmente exploradas, massacradas, violentadas, subjugadas.

A questão urbana e a segregação espacial e racial é a manutenção desta condição de violência, de não lugar, de tentativa de genocídio.

¹³⁴ Stuart HAAL. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte:Ed.UFGM, 2003, pg.30-31.

Mas os jovens negros das periferias realizam diálogo importante com a comunidade. Como a população do Caribe, eles recriam seus universos. São portadores de novas saídas para as dificuldades vividas. Pela música, pela dança, pelo rap, hip-hop, ou "slam" na França.

É uma juventude híbrida porque se transfigura na mestiçagem do contexto, sem se esquecerem de que são 'quase todos pretos'.

Realmente não saberemos as condições efetivas do trânsito identitário de cada jovem negra. Mas sabemos que a força de suas expressões representam mensagens importantes que retratam suas identidades. Neste limite, conhecer estas configurações nos insta a aprimorar noções de políticas de igualdade e inserção social inclusive pela perspectiva de uma identidade e contexto racial.

5.2 - Imagens de moças da periferia: a Vila Brasilândia em Paris

Antonia é um filme produzido no Brasil que retrata a vida de quatro jovens negras da periferia de São Paulo no bairro da Vila Brasilândia.

No festival de cinema brasileiro na França em abril de 2007, em Paris, ele foi apresentado por Tata Amaral; sua produtora e foi aclamado pelo público como uma importante história da vida social brasileira.

É certo que para o público estrangeiro o Brasil parece figurar como um misto de exotismo e sensualidade, onde as condições de vida da população brasileira são sempre as piores possíveis em comparação à vida da população européia.

Verdadeiro e falso.

Hoje o Brasil embora aquém dos desejáveis níveis de desenvolvimento para o conjunto de sua população geral possui condições de superar em muito os contextos ditos desenvolvidos.

A capacidade do brasileiro em agilidade, criatividade, improvisação, necessidade de sobrevivência, deu ao nosso povo grandes diferenças intelectuais e qualidades culturais. E modos eficientes e objetivos de resolver problemas.

Acrescentado a isto a herança da população negra não deixa dúvidas nas formas admiráveis de ser e relacionar-se do povo brasileiro.

Uma amiga branca pesquisadora brasileira disse-me em Paris sobre a condição de percepção do contexto europeu e os modos de ser dos brasileiros:

'Eu estou cada vez mais convencida de que nossas maneiras de ser e de nos relacionarmos estão muito mais próximas dos africanos do que dos europeus imigrantes e portugueses. Eu não acreditei quando vi o tipo de festa de aniversário que minha amiga italiana - isto porque ela era italiana - preparou. Uma miséria de comida. Quando fiz minha festa fiz questão: vou fazer à maneira brasileira, com muita comida e alegria'.

Talvez por isto o filme Antonia agradou o público. Pela espontaneidade e simpatia.

Mas longe de fazer uma resenha do filme é relevante dizer que o contexto da vida das jovens negras demonstra o cotidiano duro e violento da favela e da periferia. A discriminação, a marginalidade.

A apresentação das meninas negras que tem um sonho é importante, pois dá visibilidade às vozes das meninas negras da periferia. As quais são capazes de produzir transformação em suas próprias vidas. O enredo parte de uma história original. Negra Lee é realmente nascida na Vila Brasilândia, possui uma mãe que é evangélica e tem uma pequena filha que com alegria acompanha a jovem mãe nos ensaios do grupo.

O aspecto da transmissão geracional é importante porque retrata que há saídas criativas para escapar do universo hostil da favela. A música, a cultura e a arte são algumas delas.

O nome Antonia é também verídico. Ele é originário da coincidência de que as quatro integrantes do grupo possuem avôs que se chamavam Antonio.

O que isto pode significar?

Eu penso que a reverência das moças negras aos pais mais velhos - os avós - é a mensagem da cosmologia africana presente no cotidiano dos negros e mestiços brasileiros.

O "griôt" é aquele que reconta e recria a história e promove a apropriação da vida social e coletiva fundando as identidades das pessoas. Ele é a biblioteca cultural na história oral da África.

Elas sonham em ser cantoras famosas. E elas cantam e fazem *hip-hop*. A criação da música jovem e negra que traz mensagens originais sobre a condição do jovem do mundo atual, a violência a que estão expostos do dinheiro, do capitalismo, da corrupção, da maldade, da desumanidade.

A trama central do filme é não estancar com a possibilidade de sonhar. O que significa dizer não estancar com a possibilidade de viver, acreditar e ter esperança na vida. Apropriando-se da vida de maneira criativa.

Esta é também a identidade dos jovens da periferia de São Paulo a qual é retratada no filme e ecoam também nos sonhos e esperanças das meninas negras e mestiças que

apresentamos.

Na ocasião conversei com a cineasta e perguntei-lhe se havia relação entre as vivências pessoais dela e a emoção ou "*aprendizado*" em relação a condição de fazer e filmar Antonia. Se o roteiro foi produzido anteriormente à filmagem ou se ele ganhou rosto no diálogo - condição dialógica do transculturalismo conforme refere Stuart Hall quando utiliza o termo "zona de contato" - com os personagens reais transformados em atores.

A cineasta foi breve em suas considerações, mas referiu que fez a homenagem do filme ao seu avô por saber que as mesmas - as quatro personagens reais da trama - deram o nome do grupo musical em homenagem a seus avós.

Disse ela: "Eu pensei quando finalizei o filme: eu nunca fiz nenhuma homenagem ao meu avô. Eu vou dedicar este filme à ele".

Bem, é importante demonstrar como no nível das ações não pensadas somos levados a realizar coisas que nos transfiguram no contato humano com os "outros" os "diferentes". O quanto que este contágio se opera no diálogo de uma nova ordem, com novos símbolos e reproduções de comportamentos.

A cineasta pode ser alguém com lentes sensíveis. Capaz de projetar e produzir linguagens.

Mas a linguagem das jovens negras e mestiças da periferia ecoaram linguagens de produções de identidades que discerniram caminhos para elas e para a necessidade de um outro tipo de sociedade no Brasil e na França.

5.3. A moças do "Liceu Profissional" Erick Satie (Paris - 14^{ème})

Conversamos, com o auxílio de um gravador e ficha de anotações básicas com onze jovens estudantes com idades entre 16 e 22 anos do Liceu Profissional "Erick Satie" localizado próximo ao Boulevard periférico de Paris. De um lado do bairro temos a periferia e do outro o município de Montrouge que é contíguo a Paris mas já é uma outra cidade.

Morar nesta região hoje em Paris é bastante caro, pois no passado por estar próximo à apenas uma quadra para terminar a cidade e ingressar na periferia era um bairro acessível de população negra e de imigrantes.

No entanto, com a presença de uma elite de estudantes do mundo em Paris na Cidade Universitária, onde há 48 casas de nacionalidades diferentes e é um patrimônio histórico da França, o bairro se tornou habitado por estudantes que saindo da universidade adotaram Paris para viver. No mesmo sentido artistas jovens também passaram a residir nas imediações. Agora com os investimentos em um novo desenho urbano há o tran way, uma espécie de bonde eletrônico que passa no boulevard principal do bairro bem como de outras bairros adjacentes. A especulação imobiliária aumentou. Os investimentos no bairro são crescentes. E a população negra e migrante está presente.

O liceu profissional representa um pouco isto. Ele é profissional porque habilita as classes populares a possuírem uma formação para imediato ingresso profissional. Os jovens que frequentam as universidades quando de classes populares frequentam as Universidades distantes dos principais centros da cidade. Eles estão na Universidade de Saint Denis, na grande periferia e em outras mais distantes e longes a pelo menos uma hora de metro e às vezes trem.

Elas chamaram a atenção por estarem andando em grupo, todas juntas e todas negras com apenas uma magrebina, em torno de umas doze ou treze jovens.

Eu morava no Boulevard Brune, o último boulevard de Paris que ingressa no município de Montrouge e é onde habitam muitos negros.

Elas estavam alegres e conversando na saída do colégio. Como minha estética é semelhante às delas aproximei-me como se fizesse parte do grupo. Acompanhei-as por algum tempo e uma delas sorriu pra mim, ocasião em que aproveitei para me apresentar e solicitar uma conversa em torno de 30 a 40 minutos com elas.

Na verdade elas não me deram muito ouvidos. Mas uma intermediária, a que me sorriu, gritou para o bando: - Hei garotas, ela quer falar com a gente! Foi quando fiz o convite e elas propuseram duas semanas após pois estavam em período de provas.

Informei quem era, o que fazia na França, qual o interesse de minha pesquisa e porque

a conversa com elas era importante.

Elas questionaram que 40 minutos era muito. Então disse que poderia ser menos. O tempo que elas estivessem disponíveis. Elas aceitaram. Furneci minhas referências por escrito: telefone, email, local de trabalho em Paris (o Laboratório de Psicologia Social da EHESS).

Nas duas semanas que antecederam ao encontro preocupei-me. Percebi que não havia possibilidade de conversa tranqüila. Elas foram gentis, mas eram agitadas e loucas para fazer qualquer outra coisa do que conversar sobre a formação de identidade de jovens negros na periferia de Paris com uma desconhecida que as aborda sem as conhecer.

No supermercado popular do Boulevard Brune, cheguei a encontrar por duas vezes uma das jovens que estava junto com a "galera". Nos cumprimentamos, mas percebi efetivamente elas não estariam disponíveis por mais de 20 ou 25 minutos. E assim pensando conversei com minha professora orientadora na França, Elisabeth Lage, sobre as possíveis formas de intervenção frente a situação. No mesmo período eu freqüentava as atividades e seminário sobre juventude de François Dubet, um reconhecido sociólogo no contexto francês que pesquisa e estuda juventude e sociedade, que recomendava diálogo franco com os entrevistados o que possibilitava maior possibilidade de atingir nível melhor de aproximação com os sujeitos.

Estas pequenas formulações que no contexto brasileiro podem significar pequenas banalidades foram importantes para inserir-me na capacidade de realizar conversa com as jovens de maneira mais adequada em um contexto totalmente desconhecido em linhas gerais.

Optei por realizar um roteiro mínimo para questões formais e conversar sobre música, livros, profissão, lazer e sonhos ou esperanças para o futuro do mundo.

Por imaginar em nosso contato inicial que elas poderiam ser rápidas demais e eu perder algumas pequenas informações relevantes organizei uma ficha de dados onde elas pudessem registrar a idade, origem dos pais e outras pequenas informações genéricas.

Este instrumento não representou a base de investigação isolada. Ele consistiu na dimensão das falas das jovens no grupo de 'entrevista coletiva' com as mesmas.

No dia agendado elas não compareceram à atividade, mas outras, incluindo algumas poucas do grupo inicial foram chegando gradativamente.

Coincidentemente todas eram garotas. Não escolhemos o sexo dos sujeitos para a conversação. Simplesmente elas caíram em minha frente, quase todas negras e jovens, em um dia de sol em que eu observava o bairro como na frase de Picasso: "Eu não procuro, eu encontro".

Das moças que participaram do encontro quatro eram filhas de africanos com franceses

e na mesma proporção (4) de apenas origem africana. Duas eram do Magreb (Tunísia) e todas as demais sujeitos singulares: uma filha de russa com africano, outra filha de magrebino com francesa e outra exclusivamente haitiana.

Os gostos musicais das mesmas variaram majoritariamente na perspectiva do rap, hip-hop e funk.

Aquelas que optaram dizer sobre o hip-hop e o rap, também incluíram referência a um estilo de música que mistura a música africana em seus ritmos quentes com a sonoridade árabe e do Caribe.

Em terceiro lugar elas demonstraram preferir a música norte americana {a francesa} e apenas duas garotas informaram preferir única e exclusivamente a música árabe.

Era o último dia de aula. O dia de exame final para o Bac. Um exame nacional que habilita o jovem a ingressar na universidade e obter um diploma, se aprovado, ao término do do equivalente ao último ano do ensino médio.

Em termos físicos elas apresentavam-se com jovens do mundo: jeans, sapatos baixos para caminhar, brincos, batons, tênis, livros e mochilas.

A mais jovem de 16 anos era a mais delicada e possuía uma corrente com o mapa da Ilha de Guadalupe. É comum uma certa rivalidade entre os negros africanos da África e os negros que descendem de pai ou mãe negra habitantes dos territórios franceses.

O historiador Maître de Conferência na EHESS, Pap N'diyae, em conversa concedida a esta pesquisadora em outubro de 2007, informou que os negros dos territórios franceses¹³⁵ eram os preferidos pela população branca para realizar os trabalhos médios no contexto francês. Um dos aspectos desta preferência era a cor da pele, que em geral era mais clara que a do africano (foncée). Ele informa que o colorisme em France, o qual podemos traduzir por mestiçagem teve e tem um impacto forte sobre as populações negras e jovens do contexto francês.

Em artigo que trata especificamente disto ele apresenta o relato de uma das jovens de 19 anos diz:

"Você precisa ver como eles (os negros de pele clara) nos olham por cima". Eles se sentem superiores".

Uma outra refere: *" Os rapazes negros preferem namorar as mais claras", enquanto que os rapazes negros (foncée) dizem que as meninas negras de pele clara (mestiças) não lhes dirigem o olhar".*

¹³⁵ Guyana, Martinica e Guadalupe.

O historiador refere que as jovens negras, em sua pesquisa ainda não publicada, ressentem-se quanto a condição do parceiro afetivo, pois referem preferir os homens negros, mas segundo elas, eles preferem as mulheres negras de pele clara ou as jovens brancas francesas. O problema extrapola da questão afetiva também à questão do mercado de trabalho. Os jovens franceses, tanto homens como mulheres, de pele mais escura referem que são menos aceitos que os jovens negros de pele mais clara nas funções bancárias por exemplo. Sendo-lhes reservadas as funções mais desprestigiadas ou nenhuma função.

Para ele estes jovens possuem uma forte percepção da hostilidade do contexto francês de discriminação às suas condições de serem negros ou mesmo mestiços.

Ele informa que estes jovens possuem uma consciência plena de que o problema está com a sociedade francesa, que eles não gostariam de mudar de cor ou não serem negros. Eles valorizam suas origens culturais mas gostariam de serem aceitos socialmente como são.

A fala e os dados de pesquisa do historiador corroboram com os relatos e opiniões das meninas do liceu:

Elas elegeram a questão do emprego e do trabalho, uma das preocupações centrais de suas vidas. Informando a grande crise do trabalho para os jovens na França, a discriminação no mercado de trabalho, a dificuldade com a formação.

A questão com a habitação também foi uma referência explícita: a habitação é um problema sério para as famílias negras francesas e também para todos. É uma série de dificuldades, é sempre preciso ter alguém importante para ajudar a alugar um casa, principalmente em Paris.

O tipo de literatura que elas referiram gostar não figuram um padrão específico. Elas não parecem ler muito, pois tinham dificuldade em lembrar qual o último livro que leram.

Uma não informou que tipo de leitura prefere ou que último livro leu, enquanto duas informaram não lembrar o último livro lido, mas disseram gostar de histórias verdadeiras.

Três das jovens informaram terem lido literatura clássica francesa como Guy de Monpassant e Gustave Flaubert. A terceira leu *La cause des enfants* de Françoise Dolto.

Duas referiram literaturas de autores desconhecidos, os quais elas mesmas não se recordam os nomes, mas que falam de romance e relacionamentos afetivos. Apenas uma referiu um livro americano traduzido para o francês enquanto duas apresentaram gostar de literaturas voltadas para questão feminina na África do Norte e nos países islâmicos com temáticas como casamento forçado e biografias como a de uma escritora nigeriana cujo título é: *Eu sou nascida no Harém*.

A opinião das jovens quanto a noção da República Francesa é majoritariamente uma república que distingue seus cidadãos. Mas não entraram no mérito da questão preferindo

encerrar a conversa.

Três responderam sobre o mesmo tema que as oportunidades na França são iguais e diferentes ao mesmo tempo. E esta condição depende por exemplo de fatores como possuir a nacionalidade francesa, discriminação sem especificar qual tipo de discriminação, e também da vontade do meio social.

Três jovens forneceram respostas combinadas de que a República Francesa oferece oportunidade para todos igualmente mas informam que haverá sempre discriminação. Outra diz que existe oportunidade igual, mas isto depende da nacionalidade francesa e outra simplesmente diz que sim há oportunidades para todos, mas elas não são iguais.

Neste item as jovens demonstraram certa liberdade para conversar sobre o contexto do trabalho na França.

Acreditamos que a formulação de respostas foi muito direta e sem muita condição de habilidade de estender a conversa. Ao final elas gostaram de participar da conversa. E era o último dia de provas e elas haviam levado balas, bolos, biscoito para fazer uma pequena festa.

Em relação ao tema central que explode e pipoca o país - a *mixité*, mestiçagem, sete garotas negras apresentam um comportamento positivo em relação à questão pois apontaram que são importantes as trocas culturais entre as pessoas. Apenas uma referiu jamais haver pensado sobre a questão, enquanto três informaram ser um problema de identidade entre negros e brancos na França.

As meninas negras parecem tranqüilas quanto a questão da mestiçagem e da relação de amizade e trocas sócio-culturais entre negros e brancos. Há uma identidade que não parece maculada na condição de compreender a si mesmo e interpretar as relações com o contexto. Neste sentido a França sempre foi capaz de conviver bem com as diferenças e de acolher em seu território diferentes povos. É sobretudo na escola francesa que eles se encontram, onde todos são obrigados a assimilar a cultura através do domínio perfeito da língua. Então as jovens respiram ainda esta tradição francesa, as violências não parecem tão presentes na perspectiva exterior do discurso das jovens.

No entanto quando elas pensam o futuro elas apresentam grande apreensão. Elas pensam como superar o desemprego com as seguintes interjeições: qual será o futuro para o negro no amanhã?, as diferenças sociais, a questão racial e a inserção profissional, o desprezo social dedicado aos jovens e principalmente aqueles considerados diferentes, como ganhar dinheiro e principalmente as incertezas dos caminhos. Elas falaram sobre estes temas e os escreveram.

Consideramos que há uma identidade jovem que discerne uma linguagem sobre a vida. Que procura refletir sobre a realidade e sobre a dialética na relação consigo mesmas. Elas estão em uma posição de *vir-a-ser* com condições de compreender o mundo.

Em termos de faixa etária elas realizam a construção de suas identidades em constante metamorfose. A globalização e os processos urbanos colocam a condição humana em contínua transformação. Elas demonstram refletir sobre a dialética do contexto em que vivem, suas realidades objetivas, sua determinação materialista histórica. Mas também inserem-se como sujeitos pensantes, reflexivos, capazes de interpretar a cultura de seus tempos e as contradições da cidade.

Observam que no trânsito de formação identitária na metrópole de Paris há espaços segregados. A moradia foi a questão mencionada como preocupante. O jovem francês representa sua autonomia e emancipação, qualidades ensejadas desde a escola maternal para a população francesa, a partir da separação física dos pais. Eles tradicionalmente deixam a casa dos pais por volta dos 18 anos. E a noção de família embora seja tradicional na sociedade francesa é vivida como extremamente formalizada com cada qual com seu próprio e peculiar espaço. Com o poder aquisitivo dos franceses em baixa esta condição mudou muito. E é motivo de sentimento de humilhação a permanência prolongada na casa dos pais.

Estas jovens não são apenas francesas. Elas possuem também em sua formação histórica, cultural, afetiva e emocional, a herança africana; cuja noção de família é extensiva não apenas aos laços consangüíneos, mas também aos que vão se agregando de outros espaços de solidariedade. Ainda assim, parece que a dimensão da habitação digna é um fator de estigma, pois famílias numerosas possuem mais dificuldades para encontrar boa condição de habitação e preços acessíveis.

Sob este aspecto poderíamos dizer que os processos de construção de identidade dos jovens negros em Paris está banhado na condição do estigma social por dois atributos sócio material histórico cultural: a herança da identidade negra de agregação familiar e família extensiva e ao mesmo tempo a necessidade de cumprir com as exigências da noção da emancipação do cidadão francês autônomo e independente.

Elas habitam as imediações do liceu mas atravessam Paris para habitar a contígua cidade de Montrouge, ou a *banlieue* no Boulevard periférico.

Elas estão construindo suas identidades jovens, no contexto inédito e borbulhante de Paris. Elas contribuem para pensar e repensar o contexto e deveriam ser ouvidas na dimensão da formulação de políticas públicas para a população francesa como um todo. Suas reflexões são atualíssimas e desejam participar amplamente da condição de desenvolvimento da cidade.

O urbano constrói identidades, circunda formulações psíquicas na metamorfose da vida na dialética e poética do espaço. Elas não demonstram ao nível da fala objetiva marcas de sofrimentos e grandes angústia frente às desigualdades. Elas parecem ser mais preservadas a nível da formação de identidade e a intertextualidade do estigma social que perpassam suas elaborações lingüísticas considerando a noção de razão instrumental e razão estratégica de Habermas. Estas noções podem ser traduzidas, entre outras maneiras de compreender o conceito, como as maneiras de elaborar uma comunicação com as instituições sociais. A

interpretação do sujeito frente ao seu universo de vida. Esta discussão e condição é dialética por excelência e ela se representa na forma de expressão destas jovens. Quando elas enumeram suas preocupações com a vida e o futuro elas o fazem a partir de um espaço, um lugar, uma localidade determinada, fisicamente e territorialmente. Elas apresentam um contorno e uma paisagem como diria Santos, uma psicoesfera e uma tecnoesfera. Este jogo dialógico é presente na elaboração de identidade das jovens negras francesas. Elas querem elaborar os instrumentos - *estratégias* - para participar da ordem da cidade ao mesmo tempo que querem inserir-se no contexto como sujeitos singulares e subjetivados.

A noção de identidade-metamorfose-emancipação de Antonio a Costa Ciampa também referenda esta dimensão psíquica de construção das identidades destes sujeitos negros e jovens na periferia.

As jovens francesas estão próximas no nível da comunicação com o mundo da vida das meninas jovens negras e mestiças da Brasilândia e Cidade Tiradentes em São Paulo. Elas tratam o mesmo tema, o do estigma, da diversidade, mas as meninas do liceu, próximo à periferia de Paris, demonstram possuir mais alegria ao tratar de suas aflições e ansiedades com o futuro.

Elas demonstram menor tensão afetivo emocional para elaborar a nível mental - visto que a linguagem é antes uma elaboração cognitiva - suas considerações sobre si mesmas e o espaço circundado da cidade.

Em contrapartida como vimos nos desenhos das moças negras brasileiras, elas parecem sofrer mais a condição da não-cidadania. Elas representam graficamente suas dificuldades de "*romper com o muro*", conforme se expressou no discurso oral e projetado graficamente na tela dos desenhos por todas elas. Sempre há um muro que as separa da cidade, da condição de acesso a vida emancipada que a cidade promete.

A condição urbana é por excelência o caminho para o desenvolvimento. A revolução no campo só se deu em relação a efervescência da cidade. Sob este sentido as sociedades modernas industrializadas estão sob forte tensão e confrontação dos requisitos citadinos para compor o mosaico das identidades dos sujeitos.

O acesso a cidadania que é termo derivado da cidade-desenvolvimento, é caminho para a autonomia e emancipação dos sujeitos.

A noção de formulação de identidade não escapa do materialismo dialético, mas ela pode escapar do determinismo histórico.

As jovens negras e mestiças da metrópole de São Paulo e as negras e não-branca da metrópole de Paris, fazem a síntese deste processo de romper com estas determinações.

Há entre as meninas-moças do contexto de Paris uma certa permanência com a lógica instrumental a partir de uma razão interesseira quando diz: As oportunidades são iguais ao

mesmo tempo que conjuga discriminação sempre existiu.

Ela, em sua juventude, assimila um nível discursivo e lingüístico da lógica perversa de distribuição do espaço - a segregação e desterritorialização dos sujeitos assim como aconteceu no triângulo histórico dos negros do Rosário de São Paulo.

Em Paris, no Boulevard Brunne e contingências do Boulevard Jourdan os *boulevards* periféricos de Paris e de acesso a outra cidade, é visível, percorrendo os perímetros urbanos destas localidades à pé, a presença de mais negros e não brancos nestas localidades próximas e contíguas a Paris.

No entanto também observa-se que empreendimentos imobiliários e comerciais de valorização destes perímetros, principalmente em seus núcleos como redes de congelados, agências bancárias, restaurantes, *boulangeries*, floriculturas, rede de novos supermercados, fomentam a chegada de novos moradores em geral brancos, solteiros, em idade aparente de 23 a 30 anos que moram sozinhos em novos *studios construídos*.

É uma população jovem, branca, empregada, que passa a freqüentar estas localidades antes prioritária para a população segregada - negra, mestiça, não-branca - a exemplo do que acontece historicamente na capital paulista.

O *train way 3* e as *velibs*, novos meios de transporte em Paris em circulação a partir de dezembro de 2006 o primeiro, e o segundo a partir de maio de 2007, trouxeram para esta localidade - espaço-território - maior valorização/especulação imobiliária.

Logo, a população com menor acesso a condição de desenvolvimento da metrópole - a cidade desigual - é empurrada para os fundos dos que necessitam sempre tornarem-se invisíveis no contexto de hegemonia racial plenamente observados nos contextos de Paris e São Paulo.

As meninas-moças francesas estão construindo em suas identidades a difícil síntese das respostas aos seus questionamentos, que são na verdade questionamentos referentes ao mundo globalizado, às sociedades metrópoles e aos contextos urbanos industrializados.

Elas se constroem, com menos angústias que as brasileiras, que também se *re-constroem* com as descontinuidades de suas cartografias e geografias: psíquicas de seu sujeito singular e físicas de seu corpo, ser no espaço.

A descontinuidade da periferia, os caminhos em trilhas, becos, veredas sem asfalto, esgoto, matas, o terreno desocupado que vira campo de futebol onde na noite se torna ponto de prostituição e droga, marca o percurso emocional e identitário das meninas negras brasileiras, mais que a das francesas.

O sofrimento e a dor do estigma e da exclusão é mais eficiente nas marcas de suas dignidades.

Elas são flores feridas, como uma mesmo acabou por desenhar, e no choro que outra fez brotar, que precisam de mais cuidado. Por isto se utilizou a linguagem dos desenhos para procurar tocar essas desconfianças - ou estigmas e preconceitos - da pesquisadora na relação com as moças-meninas da Brasilândia.

Desconfiei, como psicanalista, que a condição subjetiva emocional destas moças era delicada. Sim, como todo sujeito humana. Porém nelas mais expostas, na mesma medida das negligência a que foram e estão cotidianamente sujeitadas.

Neste contexto de atuação a psicanálise se insere enquanto importante na composição do método da pesquisa a fim de ponderar as formas de relações com os sujeitos, principalmente na dimensão ética e tentativa de não violência, como em geral a ciência e cientistas, são inclinados a fazer na arrogância do "*descortinamento da verdade*".

Eles supõem conhecer e inventar, '*a verdade*' sobre os sujeitos e a vida social.

Na perspectiva de considerar a psicanálise como importante enquanto método para conhecimento e desenvolvimento da ciência tendo em grande conta a noção de psicologia social, nos afastamos da consideração Habermesiana expressa no texto *La psicologia social de Alexander Mitscherlich (1982)*, o qual refere que a psicanálise só pode ser considerada sempre e tão somente em conexão com a terapia.

Sob este argumento vale também promover que Habermas é um filósofo da dialética, portanto, esta não chega a ser uma completa oposição, pois há convergências que podemos considerar em relação a questão metodológica por exemplo na frase:

"Ao entender a terapia como uma autoreflexão posta em marcha em termos intersubjetivos, abre-se o sentido emancipatório da psicanálise partindo do solo da própria experiência clínica". (Habermas, 1996:193)

Não iremos nas profundidades filosóficas que Habermas nos deixa na saudável tentação de nos levar a desenvolver.

Mas podemos considerar que a importância da psicanálise como método nas ciências psicológicas e sociais pode esclarecer no sentido pleno da noção de racionalidade orientada para o entendimento (*Vertändigungsrationaliät*) as condições sociais e subjetivas dos sujeitos no conjunto da sociedade.

Sob este aspecto ela é trazida por nós não como conexão inseparável da terapia, visto que a psicoterapia na psicanálise, implica a condição de tratamento, método específico para a dimensão especializada da clínica psicológica.

Não a desvinculamos da experiência empírica da clínica, mas trazemos o uso da psicanálise no método de composição da concepção da pesquisa. Método reflexivo na relação com o social.

Concordamos com Habermas que não é possível transpor as condições dos aportes

clínicos dos sujeitos na psicanálise para referendar explicações de fenômenos sociais, como ele chega a criticar no mesmo texto os psicanalistas como Erich Fromm e Wilhelm Reich.

Habermas para nós pode ter até uma certa razão. Mas não se pode negar que na atualidade, a psicologia social principalmente no Brasil, apresenta inovações de relações discursivas da psicologia com a sociedade, ocasião em que o método de pesquisa se alia à psicanálise não apenas o conjuga inseparavelmente da clínica.

Não podemos discordar completamente com o filósofo, porque isto implicaria abrir frentes mais significativas de discussões e compor criteriosamente as produções no cenário nacional e internacional da psicologia social aliada à psicanálise.

Isto é assunto e necessidade de construção epistemológica do próprio campo disciplinas da psicologia social. No mesmo sentido que dissemos sobre as produções psicológicas sobre o negro brasileiro a qual comporta o desenvolvimento de linhas específicas de caráter epistemológico.

É trabalho para décadas e séculos, que não superarão em breve o milenar alicerce da filosofia, como nos diz Habermas: *O horizonte da modernidade está se deslocando*, mas ele nos diz ao final de suas considerações sobre a guinada linguística do pensamento pós-metafísico que é a própria metafísica que se recompõe e se renova, nesta guinada.

A modernidade filosófica que tentou se "livrar" da metafísica, traz por seus novos e diversos instrumentos, a "*nova metafísica*".

Então a dialética é insuperável, assim como para Habermas a filosofia não se extingue, se renova e se supera, na aspiração da contraposição antitética.

Não ultrapassaremos, assim quero crer e espero, a milenar filosofia, mas podemos considerar por ora, neste limitado e circunscrito trabalho, que a psicanálise foi utilizada como método de pesquisa reflexiva e metodológica em conexão com a psicologia social.

No processo dialético da psicologia da identidade que formulamos, compreendemos que a psicanálise foi contributiva e não como terapia.

Nós nos opomos a Habermas, mas valorizamos sua noção de que a terapia é importante fonte de consideração para a psicologia social como referenda a respeito dos trabalhos de seu amigo e médico psicanalista, Alexander Mitscherlich por ocasião de um congresso que homenageava sua memória.

Realmente, se não tivéssemos a experiência na clínica psicanalítica teríamos a sensibilidade às possíveis formações emocionais destes sujeitos quando aleguei sobre minha desconfiança sobre as marcas emocionais das jovens negras habitantes da periferia de São Paulo?

Incluo a isto a consideração sobre o caráter simbólico - *transferencial* - do meu contato as jovens. Este caráter psicanalítico moldou a desconfiança da pesquisadora-psicoterapeuta que nos fez eleger o desenho como instrumento complementar neste trabalho.

É possível que se não possuíssimos tal experiência no campo clínico específico da psicanálise, talvez não desenvolveríamos esta habilidade metodológica para conhecer

melhor os contornos do objeto pesquisado.

Mas comportam, ao nosso ver, um certo exagero da parte do filósofo quando diz sobre o seu ceticismo em relação à psicanálise pelo fato de a mesma não apresentar um critério baseado em estatísticas dos chamados resultados 'positivos' da psicanálise.

Para isto ele utiliza como justificação de sua incredulidade a idéia do psicanalista Mitscherlich: *A transformação de doença em sofrimento, mas um sofrimento que eleva o status do homo sapiens, porque não extingue sua liberdade*".

Bem para psicanalistas esta frase sozinha não representa o conjunto da "positividade" da psicanálise, pois está completamente isolada na análise argumentativa que Habermas nos fornece em 1985, em entrevista concedida em uma revista internacional (*New Left Review*).

Mas ele também no mesmo texto na sequência acaba por fornecer o diálogo - a razão comunicativa - de validação da psicanálise com a seguinte ótica:

"Atualmente parece que a pesquisa psicanalítica está parada, não só na Alemanha, mas em escala mundial, e que os jovens inteligentes preferem outras disciplinas. Mas até que ponto isto é definitivo? Muitas disciplinas sobreviveram a períodos semelhantes de estagnação. Também a sociologia está atravessando tempos difíceis. Desde fins dos anos 60 eu próprio não me ocupei mais com a metapsicologia de Freud. Contudo, considero estimulantes e frutíferas as tentativas feitas a partir de vários ângulos, procurando reunir Freud e Piaget. De resto, continuo considerando plausível a minha interpretação de Freud nos termos da teoria da comunicação"(HABERMAS, 1985).

Deixando de lado a ironia de Habermas em relação à psicanálise - *'jovens inteligentes não escolhem a psicanálise'* - o que pode ser interpretado por um psicanalista como *ranzinzice* típica de pessoas que desconfiam de coisas que foram incapazes de compreender.

Conforme o próprio Habermas:

"Nunca compreendi o discurso terapêutico enquanto discurso ou argumentação em sentido estrito, por causa das assimetrias entre terapeuta e paciente nele inseridas. É claro que nele habita, por assim dizer, a finalidade de remover estas assimetrias"(HABERMAS, 1999).

Fica claro que Habermas não compreende inteiramente o constructo psicanalítico e não podemos, deste modo, esperar que considere-se favorável aos atributos da psicanálise como método e instrumento para pensar a sociedade.

Aliás, nem devemos esperar por isto. Pois a sua *ranzinzice* não ultrapassa a sua grande

inteligência, pois, acima, vimos que ele considera que há possibilidades de grandes avanços a partir da pesquisa psicanalítica caso ela seja retomada e que a mesma, a psicanálise, pode sobreviver, como muitas disciplinas, a grandes períodos de estagnação.

Sendo assim, a psicanálise foi método vinculado à psicologia social para compreender a formação de identidade das moças do Brasil e da França.

Retomando o assunto mais específico deste subcapítulo, as moças da periferia de São Paulo, foram abordadas na pesquisa procurando-se evitar a noção e ação - tratamento - de vitimização desta população, porque consideramos que embora sofram com as condições materiais que se impõem, elas também reagem a esta contraposição.

Mas ficou claro que o contexto da desigualdade extrema, como é o caso de São Paulo e do Brasil, é o núcleo formador de identidade mais sensível nos jovens negros e mestiços das periferias.

É sofrível, como mostram os desenhos e também o olhar, que inibe falar diretamente sobre o que se passa.

A metodologia entre os territórios do Brasil e da França foram diferentes. Neste aspecto não pretendeu-se uma *lógica científica* de predição e controle dos dados para formalmente e *impecavelmente* organizá-los para *apresentar* as *conclusões da "TESE"*.

A pesquisadora peca, e prefere pecar como as destemidas feiticeiras bruxas negras cujo o objetivo é conhecer a vida e seus fluxos, fixos e mistérios; os quais compõem o cotidiano importante dos sujeitos, a fim de ressignificá-los para produzir a continuidade da vida, em sua simplicidade, humanidade e dignidade.

A dialética da vida apresenta sua circularidade, na qual as meninas jovens apreendem de seus ancestrais.

A ancestralidade na cultura africana é imprescindível para compreender a lógica da vida para os sujeitos negros em segregação sócio-racial no contexto urbano.

Podemos dizer que estas moças negras, tanto as brasileiras como as francesas, reapresentam a cosmologia africana em suas jovens e atuais palavras.

Os sentidos da vida e da identidade das meninas negras de Paris e de São Paulo se intercruzam em uma cosmografia que pode ser traduzida pela fala de uma velha senhora mãe de santo no candomblé no Brasil :

"O meu sonho é criar os meus filhos, que já criei. Agora casar a minha filha, que é muito boa. Digna de ter um par. Então esse é o meu sonho"(JOAQUIM, 2001:44).

O que teria ela querido nos dizer com a dialética: "*criar meus filhos, que já criei*"?

Esta fala demonstra o profundo senso filosófico da cosmologia africana. Da condição de perceber-se com uma identidade que transcende o homem para colocá-lo no núcleo da espécie e atemporalmente, atravessando os tempos.

É dialético porque é cronológico específico ao mesmo tempo que se atualiza em outros contextos e épocas, priorizando o vínculo com o universal humano.

Nas palavras da socióloga e psicóloga social Dra. Maria Salette Joaquim:

"A humanidade, no candomblé, se traduz em gestos do cotidiano. A preocupação da mãe de santo é com a saúde de cada um, com problemas de trabalho, de situação financeira, com o bem estar dos membros do candomblé, por meio de rituais que renovam a força vital. Enfim, um cuidado com a vida" (Joaquim, 2001:160).

A cultura e cosmologia africana e a ancestralidade negra não se representam apenas pela religiosidade, mas ela é um dos aspectos que permitem manter o acesso ao que foi destruído por séculos de espoliação humana na manutenção da integridade e construção de identidade das populações negras.

Na França, as jovens negras também demonstram esperanças, são espirituosas, alegres, brincalhonas, acessíveis, risonhas, gentis, comunicativas.

Em linhas gerais as moças preocupam-se também com a possibilidade de serem mães, casarem e constituírem família, terem filhos. Neste aspecto destacou-se principalmente, na forma de expressar verbalmente a preocupação foi a magrebina. Ela disse: Ah, sim! Claro! eu quero ter filhos, ter marido, me casar. Ser mãe.

Ela foi a única não-branca (na linguagem dos europeus porque ela não é negra e é africana da Tunísia) a participar da conversa e preencher a ficha de dados. Ela também no primeiro contato com o grupo era a única não-negra. Ela pode ser descrita como sarrista e gozadora. Tem 19 anos e possui os cabelos longos e tingidos de caju escuro. Estéticas bem organizadas, veste roupas com combinações de cores contrastantes. Usa adornos na orelha, no braço e no pescoço.

No primeiro contato informei a razão de meus interesses em relação ao jovem de origem negra e mestiça. Ela ouviu meu convite às colegas, mas não impediu de que ela participasse da conversa e do preenchimento da folha. Se ela se sentiu participante é porque em algum sentido a questão tem ressonância sobre ela e este caráter de identidade é importante observar na formação do jovem pois que a identidade que se constrói no estigma

reformula-se em diferentes hibridismos de formulações de autonomia.

No preenchimento dos dados ela fez questão de distingüir-se das meninas africanas negras pois varias vezes fez questão de dizer que era da Tunísia, da África não negra, do Magrebe.

Ela foi e era muito próxima e aparentemente amiga das garotas negras, aliás bem negras. Mas na hora de apresentar sua identidade ela quis se destacar do grupo negro.

A população do Magrebe sempre foi próxima e solidária aos negros africanos. Eles convivem juntos nos mesmos bairros difíceis e escolas pobres. Nos pequenos comércios das quitandas. Mas agora em França a questão da pobreza atinge a todos. Mas ela atinge a todos desigualmente. E quando as condições de vida são mais difíceis, são as populações discriminadas as que são as mais relegadas em condições e capacidades.

Isto é importante refletir na maneira como os mecanismos sociais inibem os diferentes que compartilham ideais de igualdade a deixarem de se identificarem como sujeitos de uma mesma espécie em solidariedade. É como se o mundo estivesse balizado por um sistema de escala de colorações em que quanto mais sem cor (branco), maior o seu valor.

Esta jovem não branca era solidária e parecia querer pertencer ao contexto das amigas, aliás ela aparentava ser uma líder no primeiro dia quando falei com ela. Não foi a garota que me sorriu, mas foi a que quando parou de falar todas puderam me ouvir, ou seja, ela meio autorizou a escuta das outras.

Enfim, o tempo de contato e de conversa foi breve, procuramos apenas trazer os traços de jovens negras habitantes da periferia.

A conversa com as jovens intermediada pelas informações das fichas previamente preenchidas possibilitaram o acesso a alguns traços de identidade das jovens negras habitantes da periferia de Paris.

Em linhas gerais elas elegeram em primeiro lugar a saúde como uma das coisas mais importantes para a vida humana. Em segundo lugar elas informaram como importante o trabalho, a família e o amor, sem estabelecer uma gradação de ordem entre estas opções.

Em terceiro lugar como importante, a habitação, seguida de dinheiro, sucesso profissional, diploma e em último lugar a religião.

A amostra não é significativa. Ela é localizada e não pode pretender representar o conjunto social da juventude francesa moradora da periferia.

A fala das moças apenas ilustra nossas considerações sobre como pensar a condição de identidade de jovens negros em contextos urbanos habitantes da periferia.

Perguntadas sobre quais seriam os grandes questionamentos da juventude hoje elas escreveram e falaram:

- *Qual será o futuro pra nós? Como será o mundo de amanhã?*
- *Eu penso que a juventude está muito largada pela sociedade mas também é inúmeras vezes recusado o apoio às nossas diferenças.*
- *O problema das pessoas de cor e as dificuldades de se inscreverem na vida profissional*
- *Como obter um emprego estável, como ter dinheiro*

Ao elegerem estes temas como importantes para a juventude de hoje percebemos que elas procuram pensar na produção local de um entendimento progressivo do mundo e do lugar, elaborando por diferentes caminhos um novo *ethos* e novas crenças políticas. Elas parecem ser capazes de a partir das condições históricas do presente duvidar dos discursos dominantes que subjagam as necessidades reais das pessoas, colocando-as em posição de pensar outros caminhos para si e para o mundo, abrindo lugar para a esperança e a utopia.

Esta mudança de *ethos* podemos perceber não só nas construções de sentidos e linguagem que elas expressam sobre as "*grandes questões do mundo de hoje*"; a mudança está presente também nas escolhas que fizeram sobre as coisas mais importantes para a vida humana.

Elas elegeram a saúde, o trabalho, o amor e a família como os elementos mais importantes para a vida humana. E isto, para nós, demonstra que o novo *ethos* está presente na condição de enxergar as distinções e unidades na totalidade e que o processo da tomada de consciência não é homogêneo nem em localidades específicas e nem conforme as classes sociais. Mas o raciocínio crítico da história faz com que estas jovens sejam capazes de revalorizar o indivíduo, contribuindo para a renovação qualitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização.

Estas idéias não são nossas. Quando iniciamos falando de *ethos* argumentamos com os dados obtidos pela narração dos sujeitos as perspectivas da geografia humana na concepção de Santos (2001:168) sobre a possibilidade de um novo mundo.

Também esta nova concepção de mundo e de lugar alcançam a idéia de um homem-cidadão e as mesmas parecem discutir consigo mesmas as causas e os efeitos do dinamismo da verticalização do mundo, a globalização perversa que estamos vivendo, intuindo uma consciência da crise a qual todos estamos vivendo.

Esta consciência não se dá em blocos, no total do coletivo. Ela aparece aqui e lá amparada pela vida singular e localizada dos indivíduos. Mas quando as jovens anunciam suas verdades, elas rompem com a passividade ao sistema. Elas imprimem uma outra ordem e noção das coisas. Na transcrição abaixo, de algumas de suas mensagens para o mundo e aos

governantes dos países elas também deixam marcado que *"esse mundo novo anunciado não será uma construção de cima para baixo, como a que estamos hoje assistindo e deplorando, mas uma edificação cuja trajetória vai se dar de baixo para cima"*¹³⁶

Elas disseram:

- *suprimir as discriminações raciais no emprego;*
- *fazer da diferença uma força e uma riqueza;*
- *aceitar os outros com suas qualidades e seus defeitos;*
- *a paz e não a guerra. A guerra não trás boas coisas;*
- *os jovens são o futuro!;*
- *que os países ricos ajudem os pobres, que os estudantes encontrem acesso à habitação mais rapidamente;*
- *dar mais importância aos jovens e ao emprego e menos ao enchimento de seus próprios bolsos;*
- *a diversidade social se tornará mais evidente e real.*

Elas não só apenas teceram críticas e formalizaram pedidos - demandas - mas enunciaram caminhos - direções - para o mundo que desejam, aspiram.

Elas iniciam e ajudam a escrever, a partir da elaboração de suas próprias identidades, uma outra história: uma história que apenas começa...

¹³⁶ Milton SANTOS. *Por uma outra globalização - do pensamento único ao pensamento universal*. Rio de Janeiro:Ed. Record, 2001, p.170.



**Alunas do Liceu Erick Satie – 14^{ème} (Paris)
Acervo da Autora, 2007**



**Fachada do Liceu Profissional Erick Satie 14^{ème} (Paris)
Acervo da autora, 2007**

5.4. Os Rapazes do rap, da literatura e do cotidiano do Ângela: contrafações da periferia

"O ninho, como toda imagem de repouso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. Da imagem do ninho à imagem da casa simples. Da imagem do ninho à imagem da casa, ou vice-versa, as passagens só se podem fazer sob o signo da simplicidade"(Bachelard, 2003:110)

A casa para todos nós é o lugar de repouso e recomposição das horas de trabalho, do descanso justo dos seres humanos. Ela é o que se chama *lar* e é onde o humano se encontra consigo. Repõem-se da fadiga do ambiente externo para reencontrar-se consigo e com o mundo social.

Para os moços do *rap* em Paris, a casa - a habitação - local de singularização do território é uma preocupação constante.

Assim como as moças do *hip-hop* da Brasilândia cantam as dificuldades de morar em uma casa que pouco se parece com um ninho, os rapazes do rap trazem também em suas músicas contestatórias e questionadoras o tema sobre o morar, o viver, o habitar com dignidade.

Mokobé, francês de origem maliense escreve "*rapers*" sobre a condição de vida e habitação da população da periferia. Da população negra e mestiça francesa.

O rap é para ele uma linguagem de contestação e mobilização que após incêndios criminosos de 25 e 26 de agosto de 2005, que mataram jovens negros no 9. arrondissement e 3. arrondissement (bairros - distritos de Paris) é a única voz que reclama o questionamento sobre os jovens que morreram queimados: Mamadou, Awa, Fanta, Mara, Gagni, Habi, Maimouna, Ada, Médina, Fatou, Mangalé, Lassiné, Vamory, Madame Cissé, Nyamé, Mamadou, Madame Touré, vítimas do incêndio de um imóvel insalubre do Boulevard Vicent-Auriol.

Mokobé, juntamente com outros representantes do rap feito por jovens franceses de origem africana, questionam as autoridades francesas sobre qual o julgamento sobre os fatos?, onde está a resposta sobre as responsabilidades políticas e civis do governo francês em relação às famílias negras que habitam Paris em situação de vulnerabilidade social.

Desde 2005 os jovens negros e franceses da periferia e os *rappers* questionam os posicionamentos políticos de Nicolas Sarkozy, mas agora que ele está no poder eles dizem: Nós vamos demandar as contas. *'Agora que ele está lá, que ele foi eleito presidente da*

*República, nós julgaremos seus atos*¹³⁷

Eles exigem que seja aberto um inquérito sobre o incêndio que possui todas as evidências de um crime, mas que é tratado como uma destruição voluntária das condições difíceis de vida da população negra e pobre de Paris.

Juntamente com uma jovem garota que também canta rap, filha de mãe francesa e pai nascido em Chipre, ela representa o grupo *meninas da banlieue* e diz que as ligações que o rap faz com pessoas e origens diferentes ajudam a desmentir a idéia de que o rap é uma música comunitária no sentido de estar segregada do espaço social coletivo como uma expressão da identidade e juventude de uma época, de um tempo, com sua forma de protestar e lutar contra o sistema que os oprime.

Eles dizem: " *O importante é construir uma França moderna. Isto significa ser capaz de viver a mestiçagem, como nós a vemos nos concertos de rap.* Eu gostaria de poder comprar, prossegue Mokobé, minha baguette em um padeiro franco-francês, beber meu café no bar do português, comprar minha carne em um açougue algeriano e ler meu jornal em uma casa chinesa. As pessoas não tem problemas com a França, mas há uma idéia de certos governantes de "devolver" a população vinda de além mar, mesmo os que hoje são franceses filhos de imigrantes, em um barco a partir da costa da Espanha.

Eles acusam que um país como a França, as famílias numerosas vivem empilhadas em cômodos insalubres, minúsculos, com ratos, baratas. As agências e imobiliárias não alugam os apartamentos aos africanos e aos imigrantes em geral. O Estado fecha os olhos sobre esta realidade. Ficam de orelhas tampadas e olhos fechados. Não dizem nem fazem nada para impedir o odor dos corpos queimados.

O rap é o diálogo dos jovens atentos à realidade do mundo. E sua cólera representa um civismo que se inaugura como linguagem de transformação social que busca cidadania, reconhecimento de sua condição de sujeito na ocupação dos territórios e esclarecimento da metrópole como um todo: a metrópole de todos os povos, não só do rap dos negros das periferias, mas de todos, os que percebem a necessidade de uma outra formatação de mundo através do slogan: "*esta França, é também nossa*".¹³⁸

Stomy Bugsy, um outro cantor jovem de rap refere sobre o significados dos protestos musicais do rap : " *Se é assim que o governo resolve seus problemas, que ele não se espante em ver escarrada a sua face nos bairros sensíveis*".¹³⁹

¹³⁷ Mokobé, do grupo de rap 113, *Le Monde*, 27.05.2007 - Page trois - Musique. In: *La colère civique des rappers*, reportagem de Véronique Mortaigne.

¹³⁸ Idem. Ibidem. p.03.

¹³⁹ Idem. Ibidem.p.03

A crítica ao sistema e as maneiras de gerenciar a atenção do estado às condições de vida precária na periferia na cidade de São Paulo também tem este tom por parte do escritor Ferréz (2000) do Capão Redondo.

Como os cantores franceses, ele mostra a partir de sua experiência da diáspora e dos territórios segregados espacialmente e racialmente, na ausência de habitação - o ninho do repouso - sadia as desigualdades, o desprezo e as consequências das formas de exclusão a que a população da periferia está exposta.

No mesmo sentido transnacional a identidade do poeta do Capão Redondo, proximidades do Jardim Angela, traz as noções sobre o *ninho* - a casa, a habitação, a cidade, singular e imaginária do sujeito na ausência de uma coletividade (Estado legitimado) que possibilite o seu pertencimento à sociedade.

" É muito raro um favelado parar para ver as estrelas numa grande e farta cidade que só lhe entrega cada dia mais a miséria, mas que é a sua cidade. Uma metrópole definidora de destinos cruzados, inutilmente ligados pela humildade e carinho que os cercam.

Família é sintonia, dizem os poetas urbanos sobreviventes do inferno para aqueles de mentes tristes(...)

A pobreza aqui é passada de pai para filho, assim como a necessidade de se trabalhar dia e noite para comprar um pão, um saco de arroz, um saco de feijão.

(...) a porta do futuro está trancada pela mediocridade dos nossos governantes.

O calor foi mais uma vez roubado do corpo - ele foi morto (...)."¹⁴⁰

As palavras do poeta do Capão Redondo traz a mesma imagem do descaso do governo francês em relação à totalidade de sua população e até os indícios de evidente extermínio que comunga com a idéia dos corpos gelados *calor roubado* do poeta da periferia brasileira.

Poderíamos nos estender um pouco mais sobre a função e mensagem do livro, mas o mais importante é que ele é a grafia de uma mensagem e voz dos jovens para o seu contexto de vida e de seu tempo.

Vemos que os movimentos de transformação e construção de identidade são intensos e sincrônicos em diferentes regiões do mundo. Percebemos que em distâncias geográficas consideráveis fenômenos de identidade e posicionamentos políticos - identidades projetos e emancipação - se esboçam com a força de um motor que não cessa de buscar energias sempre

¹⁴⁰ FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000, p. 16-18.

esvaziadas pelas autoridades. Mas elas se renovam e criam como nos diz Paul Gilroy (2001) e Homi Bhabha (1998) uma forma assimétrica, uma lógica cultural inédita, capaz de trazer noções de um mundo que clama por solidariedade, por ações políticas construídas de maneira irrepresentáveis na perspectiva formal, mas que na "subcultura" e informalidade constroem trilhas que visam transformar seus espaços - territórios subjetivos e objetivos - da vida singular e coletiva da identidade que se constrói na dialética e paradoxo da metrópole capitalista.

Este aspecto também nos incita sempre Milton Santos em seus estudos. O geógrafo do espaço da cidadania que pensou a cidade e o espaço como a construção e o jogo dialético dos indivíduos e a sociedade.

Respectivamente, Bhabha diz:

" o que deve ser mapeado como um novo espaço internacional de realidades históricas descontínuas é, na verdade, o problema de significar as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural que estão inscritos no "entre-lugar", na dissolução temporal que tece o texto 'global' (...) a arquitetura do novo sujeito histórico emerge nos próprios limites da representação para permitir uma representação situacional por parte do indivíduo daquela totalidade mais vasta e irrepresentável, que é o conjunto das estruturas da sociedade como um todo" (Bhabha, 1998:298)

Enquanto Gilroy proclama sobre a diáspora negra e as expressões do Atlântico:

"Esta subcultura muitas vezes se mostra como a expressão intuitiva de alguma essência racial mas é, na verdade, uma aquisição histórica elementar produzida das vísceras de um corpo alternativo de expressão cultural e política que considera o mundo criticamente do ponto de vista de sua transformação emancipadora" (Gilroy, 2001:99)

Ambos os autores podem nos direcionar a compreender a conexão das palavras e produtos do rap francês, negro, branco, mestiço, imigrante com a voz do poeta brasileiro.

As falas parecem não representar uma ordem social explícita de caminhos, de modos formais de fazer política. Mas elas falam de processos de transformação, emancipação, de passagens e intervalos que por processos de diferenças culturais nos apresentam novas arquiteturas dos sujeitos e da sociedade do século XXI.

É o que há de comum na palavra de todos.

O jovem de 23 anos do Jardim Ângela, Rodrigo, nosso entrevistado, não é um *rapper*. Não é também um escritor. Ele é filho de uma mãe branca com um baiano negro. Migrante nordestino chegado a São Paulo aos 13 anos sozinho, em busca de um sonho de melhorar de vida e estudar, ele deixou a Bahia com o sonho de ser médico.

Sua voz de jovem negro, migrante, mestiço da periferia nos refere:

"Antes aqui era muito pior. Hoje não. Até que está bom. Tem até um pouco de calçamento. O posto de saúde aqui é precário, mas melhorou um pouco. Ainda não é bom. Mas pelo menos já tem um. Eu vejo assim uma diferença no atendimento. Quando é uma pessoa negra, não é possível perceber diretamente. Não é uma coisa frontal, escancarada. É uma coisa muito sutil. Algo que é preciso observar com muita sutileza. Há por exemplo uma certa morosidade, uma certa má vontade, às vezes falta de fornecer um medicamento.

Mas o que melhorou mesmo, que é uma coisa gratificante, é que depois do nosso trabalho de agentes de saúde, diminuí muito o número de gravidez na adolescência, os óbitos de crianças natimortos, abortos. Eu vejo que nosso trabalho de orientação a população traz algum resultado. Com as mulheres, vítimas de violência, nossa orientação ajuda".

Rodrigo nos conta seu engajamento político, de quem tinha o sonho de ser médico, mas se tornou agente de saúde. E também consegue questionar o sistema em que habita, vive, mora, transforma, trabalha e comunica.

Comunica através de sua ação profissional, não por acaso, o advento de uma nova percepção de mundo.

Ele interpreta a realidade difícil, da Bahia e o deslocamento para São Paulo. Ele é translocal, desterritorializado. Mas é também pelo território imaginário que ele traça os seus e os caminhos dos outros jovens adolescentes.

O seu caminho um caminho de autonomia, de reflexão e dialética frente ao trabalho, daquele que adapta o sonho para viver a realidade e também transformá-la.

No mesmo sentido os jovens rappers da França. Eles questionam o governo. Eles não são favoráveis à política que se impõe, mas eles reagem. Fazem música, discutem, conscientizam.

O moço do Jardim Ângela veio da Bahia. Se desterritorializou. Mas continuou a busca por sua autonomia, emancipação individual e coletiva no sentido de uma singularização que inclui a sociabilização pela via da sociabilidade. Ele conversa com o meio, orienta as pessoas,

vem para São Paulo para estudar.

Na vaidade de menino jovem ele refere: " *Comida assim nunca faltou, foi uma infância difícil. Muito difícil. Mas comida nunca faltou. Agora, faltou assim roupa. A gente tinha que usar sempre a mesma roupa. Minha mãe era evangélica e nós tínhamos que ir com a mesma roupa na igreja*'.

Pode parecer um detalhe fútil, mas a questão da roupa, da infância difícil, demonstra a necessidade de expressão no mundo, da presença, da visibilidade. Da representação de si.

Ele parte da Bahia porque à ele estava reservado o futuro de fome na lavoura e a ausência total de estudos. Ele não segue a sua vontade de ser médico. Mas galga um espaço para ser agente de saúde. Mora no Ângela e preocupa-se com a vida de si e das pessoas a sua volta, além de refletir sobre o contexto.

Como Bachelard (2003:110) nos disse acima,

"da imagem do ninho à imagem da casa, ou vice-versa, as passagens só se podem fazer sob o signo da simplicidade"

Rodrigo destoa das condições de elaboração das músicas e dos ditos poéticos literários de Ferréz e da juventude negra e *rapper* da França.

Mas a simplicidade de sua fala, de sua vida, sua história, o coloca na mesma dimensão do transnacionalismo da diáspora, do hibridismo, do pós-colonialismo, da identidade e sua construção no contexto do século XXI.

Todos estão unidos em uma só luta, com uma linguagem gramatical que transcende os mares, que rompe com os territórios fixos mas os amplia na singularidade da totalidade, que os inscreve nos espaços da globalização, da linguagem e signo jovem, de quem imprime o seu gesto e canta o seu enredo em conexão com as ações de seus irmãos. O sentido da solidariedade da diáspora negra de Gilroy (2001).

Nestas identidades que se esboçam, reconhecemos signos de juventudes que se constroem em uma lógica nova.

Eles representam um episódio e história inédita. E todos, no Brasil e França estão em movimento, deslocando-se nos territórios da diáspora, interpretando o contexto.

O rap, a literatura, o trabalho, são maneiras de expressar a vida e as formas de construção de identidade destes sujeitos.

A análise metodológica destes personagens foi trazida aqui com a intenção de observar os contornos identitários de jovens negros que ganharam expressões nacionais e em seus contextos: São Paulo e Paris.

Ferréz, no contexto brasileiro fala do extremo da Zona Sul, o Capão do Redondo. Próximo ao Ângela onde o jovem baiano, com o sonho de ser médico veio para São Paulo e nos dá parte de suas insígnias e transforma e gratifica-se com o seu contexto.

Eles representam formas de identidade. Caminhos em fermentação e processos. E de novo Bachelard (2003:42 e 146) nos empresta a poesia de uns outros: "*A flor está sempre na semente*" e "*sou o espaço onde estou*".

O território e o espaço se ampliam na dimensão dos sujeitos. Na dimensão dos jovens negros das periferias das metrópoles.

Todos são nascidos na periferia: Ferréz do Capão, próximo do Ângela, Rodrigo nascido na Bahia, migrante, aspirante de médico, agente de saúde, habitante do Ângela em São Paulo, Mokobé, francês-africano e seus amigos híbridos de França e do Atlântico que clamam por cidadania de todos pela linguagem do *rap*.

Um outro poeta *rapper* francês africano escreveu sua autobiografia, Abd al Malik, conta sua história de vida. A vida difícil dos imigrantes africanos e dos jovens, crianças negras francesas seus filhos em França. A miséria da periferia, as relações de amizade e trocas solidárias em que sua mãe abrigada a todos que precisassem de um teto e um pouco de comida, suas amizades, sua professora, seu processo de escolarização e início à vida do crime e finalmente sua paixão pela leitura dos livros de Malcon X e de Luther King que lhe salvaram a vida e o colocaram em um outro engajamento para sua vida e para o mundo através de seu rap mais ouvido pelos jovens negros das periferias na França e também por mestiços e brancos.

Ele diz que o rap não é algo para se vender, embora existam os que se vendem na lógica do mercado, pois o rap é composto pelos seres humanos e então ele está sujeito também a estas situações humanas. Mas antes disto, ele nos diz alguma coisa de nossa época, de nós mesmos, e é um reflexo da sociedade.

" Para mim o artista por excelência é Sócrates: ele evolui na Cidade, ele interroga, ele questiona mas não dá as respostas. Considerando uma versão do que Sócrates nos diz poderíamos dizer 'Isto talvez não seja isto'. Este é o mais belo exemplo da democracia que pode existir. E o rap deverá possuir plenamente tal tipo de questionamento.(...)"

(...) Com o tempo, são as canções que ficarão, e não o fato de que eu sou negro, muçulmano, que eu venho de um bairro difícil na periferia, que eu sou francês e que

eu amo o meu país.

Neste momento a França se questiona sobre sua identidade e sua representação (...). Nesta situação eu reflito que isto não se trata de uma questão breve, rápida, de fáceis respostas, é uma questão profunda que a estética do rap como ato mais subversivo que ele deve ser é capaz de dialogar com esta realidade"¹⁴¹

A lição que podemos abstrair da breve fala de nosso sujeito brasileiro Rodrigo, jovem negro mestiço do Jardim Ângela traz o mesmo teor do jovem poeta francês do rap. Ambos realizam a interpretação do contexto e buscam atuar sobre ele de maneira transformadora.

Um como agente de saúde, na orientação e atenção a seus pares - as meninas adolescentes grávida, as jovens mulheres que sofrem violência doméstica e o nascimento de crianças mortas.

Ele queria ser médico e escapou de sua sina de agricultor miserável e sem estudo.

O outro escapou da marginalidade, através também dos livros e da fascinação à dois grandes personagens - *outros griôts* - da história negra no mundo da diáspora.

Ferréz também em seu livro nos traz grandes mensagens, sobre a vida, a morte, e as formas de enfrentamento. Seu livro é também uma mensagem.

Jovens negros, mestiços, não brancos, constroem a lógica de seus passos lentos. Que persistem em construir lá e aqui, através de um transnacionalismo suas identidades pautadas pela socialização das metrópoles de seus dias.

Como dissemos, Abd al Malik se impressionou com a vida de Malcon X e com os líderes que questionaram as condições de vida dos negros nos Estados Unidos na década de sessenta. Ele nos dirá sobre a influência das ações de Malcom X em sua vida, conforme relato autobiográfico:

"No seu retorno dos Estados Unidos, ele proporá um plano diante das Nações Unidas contra a América por causa de sua política de racismo violenta e segregacionista. Ele proporá igualmente se unir à Martin Luther King e a todos os líderes de boa vontade, negros e brancos, que desejem lutar por igualdade de direitos cívicos. Mas o domingo de 21 de fevereiro de 1965, quando de um encontro no Harlem, ele foi brutalmente assassinado com dezesseis balas de revólver. Ele tinha a idade de trinta e nove anos.

Eu estava fascinado por este destino, eu me impregnei desta última mensagem de um homem que teve que superar o estágio do ressentimento para ascender a uma

¹⁴¹ Entrevista com Abd al Malik - *Le rap façon Socrate. Texte : Thomaz Séron : L'oeil - Jornal City guide, p.22, 15.03.2007.*

luta universal.

(...) A partir disto eu comecei a avaliar os pontos de ações dos meus atos, a partir de um verdadeiro exílio voluntário de leitura e introspecção e meu coração sentia-se prisioneiro e vibrante ao apelo de Malcom X. Eu passei a necessitar de outras coisas para viver. E foi neste contexto que surgiu o rap em minha vida e com meus primos passei a participar do grupo musical Novos Poetas Africanos (NAP)"¹⁴² (grifei).

Esta mensagem de Abd al Malik nos traz algo importante: que no imaginário jovem, nos processos de identificação e construção de identidade, as expressões coletivas e sociais são importantes instrumentos de transformação.

No caso dos rapazes dos contextos citados (Jardim Ângela, Capão Redondo, Paris), tal identificação e formulação de identidades pessoais pautam-se em aspectos de solidariedade coletiva no qual os mesmos constroem as lutas - ações - para o desenvolvimento de sua própria existência aliados ao contexto social. Seja através da música, da literatura ou da vida no trabalho do cotidiano de um posto de saúde.

Expressões de identidade de jovens negros em contextos sociais globalizados e das periferias da metrópole.

¹⁴² Abd al MALIK. *Abd al Malik - Qu" Allah bénisse la France!* Paris:Albin Michel, 2004, p. 60.



Periferia do Jardim Ângela, 2006 - Acervo da autora

Outras considerações

Em uma sociedade globalizada de maneira perversa que fornece mensagens ambíguas não há a coerência de uma Lei, de um interdito.

Tudo é possível no mundo do capital. Toda regra e toda Lei é volátil e o escrúpulo é apenas um detalhe que pode ser desprezado caso a exigência do gozo e poder pleno do dinheiro requeira.

O jovem decifra este significante da cultura e também se insere na requerência desta mesma ordem: o gozo pleno, onde eles não podem ser sujeitos de si mesmos participantes e construtores da sociedade; limitados que estão pela não decifração da história a que pertencem.

Imagens são também desenhos, enquanto a música é a representação de demandas de desejos que ajudam a construir a trama das identidades e processos subjetivos dos sujeitos.

Neste sentido, os jovens incapazes de ler os signos lingüísticos que se apresentam nesta era são os que suprimem a angústia e o conflito de não "*poder ser*" e lançam-se para a ação idealizada pela cultura mercantil capitalista liberal perversa, do gozo inconseqüente de seus dias.

Nas palavras de N'diaye (2007) sobre os jovens negros nas periferias de Paris em 2005: "*eles estão desesperados. Eles não conhecem suas histórias e partem para cumprir com a ausência de interesse em suas autonomias e participação social*"¹⁴³

Neste caso não há reflexão, não há saída para se auto-referir-se. Eles expressam a condição imposta da cultura que aprisiona seu desejo.

Os jovens do Icará e Cidade Tiradentes e Jardim Ângela ao contrário dos jovens do outono de 2005 na periferia de Paris, vivem o conflito, a angústia, a difícil e árdua função de constituírem-se sujeitos e "*livrarem-se*" dos determinismos, gozos e ideais da cultura que os aprisiona.

Os jovens criam "*marcas daquilo que não foi representado ou foi encoberto por uma visão imaginária e definitiva, que veda ao sujeito se interrogar*" (Rosa, 2002:210).

Eles tentam imprimir sentidos aos fatos de suas vidas, e é *junto da falta de sentido e pela exigência de preenchimento dessa falta que se forma o pressentimento daquilo que será a história de cada um*" (Rosa, 2002:210).

¹⁴³ Entrevista concedida em 04.10.2007 em Paris. Pap N'diaye é historiador e *Maître de Conference* da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais -EHESS (Paris-França). Ele é um dos intelectuais que mais vem discutindo a questão dos jovens negros, identidade negra e mestiçagem ou "*colorismo*" no contexto francês.

Os jovens negros da periferia estão sujeitos às condições de ausência de cidadania. que retira deles o convívio necessário das relações simbólicas da vida em sociedade.

Privados pelas condições dos espaços sem cidadãos - as periferias - são obrigados a realizar precocemente a interpretação da história, que muitas vezes lhes escapa. A história individual, dado os fragmentos descontínuos de suas vidas e de seus familiares, e a história coletiva, a qual é encarcerada como trama intocável que dita suas Leis sem a presença ou participação dos sujeitos.

Sob este aspecto, os jovens das periferias necessitam de apoios sociais comunitários - a escola, o posto de saúde, o esporte - que lhes possibilitem acessar o caminho de sua condição de sujeitos para construir seus processos de subjetivação e de identidade.

Percebemos que nos sujeitos por nós pesquisados na Vila Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela, os jovens não estavam totalmente impedidos de simbolizar, de construir imaginariamente suas histórias, de criar uma estrutura dialética "*desejante*" na relação com o outro - a sociedade e seus pares.

Eles de alguma forma conseguiram em meio ao caos , ingressar em condição de angústia, conforme mostraram os desenhos e suas falas.

O papel da angústia para a psicanálise é fundamental pois é ela que permite o movimento do sujeito que se lança à reflexão. Ela, no entanto deve ser mobilizadora de articulação do sentir- pensar e não chegar a um nível extremo que paralise o sujeito. Que provoque "*breaks*" (paradas, choques) que inibam qualquer tipo de manifestação reflexiva.

Para as relações com a sociologia do conflito, Michel Wieviorka nos diz em entrevista a Julian Ténédos em 2006 que a violência é a supressão do conflito. Na nossa interpretação a partir disto, o conflito é o que é capaz de promover reflexão - diálogo - ação argumentativa que retira os sujeitos do encarceramento da *tecnoesfera* para alçá-lo na possibilidade de algum nível de entendimento.

A violência surge, para Michel Wieviorka (2006), quando a tensão e o conflito são inexistentes. Então a violência, poderíamos considerá-la como processual e o limite mesmo daquilo que não pode ser nem imaginariamente interpretado nos difíceis canais de comunicação - linguagem - da vida social.

Da mesma forma, a angústia é processo de descoberta de si, de interpretação dialética entre "*eu*" - "*mundo*" e ela deve poder promover os desafios do sujeito em busca de si mesmo - sua identidade.

Fizemos estes comentários a fim de implicar a compreensão dos desenhos das garotas jovens negras da Brasilândia e Cidade Tiradentes. Não pretendemos uma análise formalmente psicanalítica. Intercalamos o entendimento geral sobre os processos e condições psico-emocionais identitários em que estes jovens constroem a noção de si - singular e plural - na

urbanidade da cidade desigual dos que habitam os territórios da exclusão - um *não existir* de fato na lógica não desejante do lugar que lhes confere a história, a qual estes necessitam interpretar as sinalizações e signos.

O *rap*, a música jovem negra, através do *hip-hop* é então um instrumento importante de significação, de elaboração de questionamento sobre a história e a sua participação social e histórica neste contexto.

No mesmo eixo, em algum nível se instala a ordem do desejo - do futuro, do espelhamento em si, do *vir a ser* - que o insere na capacidade de busca de compreensão do contexto.

Pensamos que os códigos e gramáticas lingüísticas inscritos no contexto, permitiu que os jovens negros da pesquisa, pudessem demonstrar a angústia, a tensão e o conflito, sendo capazes assim de elaborar identidades de projeto, e a função "*alfa*" - *pensamento* - sobre sua condição (*não condição*) de sujeitos.

O que os inserem na ordem dos sujeitos desejantes e portanto capazes de vislumbrar saídas para si mesmos.

A força da música também é possivelmente um caminho para esta condição.

Neste aspecto podemos utilizar um sentido estritamente psicanalítico:

"...trata-se de restituir a cadeia simbólica articulada sincronicamente em três dimensões: a história de uma vida vivida como história; a sujeição às leis da linguagem, responsável pela sobredeterminação; e o jogo intersubjetivo, por onde a verdade do desejo penetra no real, dimensão do sem sentido que intima o sujeito à articulação com o outro para que possa, nessa relação, existir" (Rosa, 2002:211)

Como dissemos, a psicanálise contribui para o entendimento sobre a psicologia do negro brasileiro e é possível articulá-la na dimensão sociológica e antropológica que tal questão se insere.

Por outro lado os aspectos da geografia urbana, também podem articular-se a esta consideração na medida em que ao reconhecer a necessidade do ser humano viver as dimensões do espaço social a partir da *psicoesfera* ela considera a dimensão do homem, na interpretação de seu contexto como prioritária para a produção e crescimento do próprio homem.

Na cidade, os jogos subjetivos se realizam a partir das relações concretas - os fixos - a objetividade da vida que ao mesmo tempo precisa ser interpretada.

Tal interpretação implica em conhecer a história, a datação e os movimentos das

paisagens que deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar esta dinâmica social é fundamental. As paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis (Santos, 1996:69).

Neste nível, a interpretação do sujeito sobre o cotidiano e a vida na periferia passa por questões simbólicas e imaginárias como nos ajuda a considerar o objeto a partir da psicanálise mas também o simbólico humano representado na paisagem geográfica; a qual muda com a ação dos sujeitos e deve ser revelada.

Assim a apropriação do espaço necessita da condição do jovem conhecer sua história de sujeito social negro, qual o seu lugar/território espacial na ordem da cultura e qual o desejo - significante - da ordem cultural hegemônica - americanocêntrica e eurocêntrica (conforme Gilroy, 2001:23)

Mas há também a condição de haverem-se consigo mesmo além de considerar a historicidade do espaço transnacional da diáspora.

Hoje, ela precisa ser pensada enquanto fluxos e fronteiras, hibridismos que procuram inserir-se e contrapor-se à ordem inversa do mundo.

Essas condições híbridas provocam o deslocamento das pessoas, migrações, busca por emprego, crenças em condições melhores de vida.

No imaginário da população negra e jovem há impressa a letra destes signos, desta história de busca incessante de caminhos para construir a identidade na reformulação de si mesmo.

Por isto os signos lingüísticos dos negros são freqüentes em todo o mundo do jazz ao hip-hop, da capoeira ao samba.

Os signos da cultura foi a transmissão significativa do jovem negro da periferia, que se constrói também pelos movimentos da diáspora. Ela transmite geracionalmente a história de vida destes povos no mundo e os fixos - os equipamentos sociais os quais incluem o trabalho do psicólogo, do professor, do agente de saúde, das ONGs - e principalmente da música negra jovem, da periferia em seu signo lingüístico de interpretação da cultura, ajudam a construção da história dos jovens negros, na reescritura de suas marcas a fim de que possa encontrar sua autonomia de identidade na participação do contexto.

Enquanto os desenhos aliam tais possibilidades - a de desprender os jovens de seus contextos, promover-lhes a fala, as representações que podem construir a partir do acesso às suas identidades, a música, a linguagem e estética da periferia e a literatura, também representam desenhos que promovem a formulação de projetos de identidade, capazes de fomentar recursos históricos importantes na conjugação do presente e do *vir a ser*.

A linguagem do *rap*, do *hip-hop* da periferia, ajuda a descobrir a história, a interpretá-la no passado, presente e projetar identidades para o futuro.

Jovens se articulam no desenho musical que permite unir histórias de uma coletividade, representada nas músicas que falam sobre a vida singular dos sujeitos nos territórios e espaços da diversidade, da dificuldade, da pobreza e da miséria, em que negros e povos de todas as cores, discriminados em sua alteridade, se inscrevem.

A música é também um desenho e encerra uma cartografia.

A linguagem poética é também uma forma de transfigurar os fluxos das paisagens. Como uma brincadeira que ensaia a comunicação-ação *no* e *com* o mundo, na relação com as pessoas, a sociedade. Escrevendo sua mensagem e o seu *dito* na construção da história social.

O *rap*, em sua linguagem, apropria sonhos, inscreve verdades que significam vida de sujeitos que expressam subjetividades elaborando identidades.

Sobre os desenhos, brincadeiras e palavras nos diz Rosa (2000:78):

"O importante de modo algum é o brincar ou o desenho, mas sim o que é dito deles (...) o sonho é o elemento de acesso à fantasia, ao desejo reprimido e precisa ser analisado".

O sonho para os jovens é primordial. É ele que os habilita permanecer fazendo parte da cena social e resistindo ao contexto. No filme *Antonia* vimos que as meninas do rap e hip hop sonhavam com um mundo diferente, e mesmo diante de angústias e amargores, foi possível permanecer com a esperança.

A sociedade necessita saber analisar esta mensagem. Escutar os apelos destes jovens, compreendê-los e significá-los na ordem de uma contra cultura.

Eles são os protagonistas de seus processos de construção subjetiva e de elaboração/construção de identidades híbridas, construídas na alteridade, interpretando o contexto e desenhando sua compreensão do mundo.

Os jovens negros da periferia dos bairros situados no Brasil puderam acessar seus sonhos, através dos desenhos, expressos pelas imagens do filme, na tela do cinema, e também na cartografia do sonho, das músicas, que elaboram significados de mundo, de produção e participação social no contexto histórico da cidade.

Em seus sonhos, confrontam-se com seus limites, suas ambições e restrições. Tentam compreender a lógica de si mesmos inseridos na cidade da desigualdade. Procuram pensar por si mesmos e pronunciarem alguma fala.

Neste ato desvendam seus contornos como jovens incluídos na cultural e política da

paisagem que inscrevem.

A partir desta conotação histórica e social procurou-se compreender os jovens negros habitantes da periferia, os quais, ao nosso ver, esboçaram uma condição de "descolagem" histórica e social do ideal do gozo da sociedade perversa, que suprime a existência dos sujeitos em função da lógica do capital. No caso, dos jovens negros, eles se inserem historicamente nesta lógica de manutenção deste gozo - o capital, a globalização perversa, a cidade espacialmente e racialmente segregada, a não cidadania, a exclusão, a necessidade do deslocamento, a perda ou ausência de um "*lugar*".

Mas tanto nos desenhos das jovens, como na imagem do cinema - *filme-sonho-realidade* - assim como na letra poética da música e da literatura eles buscam romper com esta determinação. Nos processos de construção de identidades destes jovens inicia-se a tentativa - *demanda, desejo* - de romper com este gozo e inserirem-se como sujeitos. Portanto identidades em construção em processos de metamorfoses que dialogam com o contexto, imprimindo suas histórias, sua letra e suas pretensões.



Periferia de Saint-Denis (Paris-França), 2007 – Acervo da autora



Periferia de Saint-Denis (Paris-França) Acervo da autora

5.5. O "Foyer" dos Imigrantes africanos: os jovens do Mali em Paris

"Foyer" significa lar, lugar onde habita a família. Usa -se a expressão "fonder un foyer" que é correspondente a fundar um lar.¹⁴⁴

Os "foyers" estão espalhados por toda a França mas prioritariamente em Paris, pois foi onde a necessidade de mão de obra para a construção civil e a prestação de serviços foi mais emergente no processo de desenvolvimento urbano da capital parisiense.

Como a França é um país que colonizou boa parte dos territórios e países africanos, os mesmos foram convocados como um contingente populacional para favorecer a escassez de mão-de-obra européia - francesa - e impulsionar a economia do país.

Quando foram escalados para participar do processo de emergência econômica francesa, o trânsito de populações africanas em França era totalmente livre. Não havia necessidade de vistos ou autorizações para ingressar da África no território francês. Os africanos eram "bem-vindos" como trabalhadores. Não se procurou organizar uma política de assimilação da mão de obra desta população como participante econômica e social do país. A França e os franceses foram vivendo com a presença africana porque lhes era extremamente importante e favorável aquele exército de mão-de-obra produtiva para o crescimento e bem estar do país.

Organiza-se aí uma "razão interesseira" em que a idéia é explorar as relações de produção em um mundo capitalista desconsiderando as relações humanas com os sujeitos.

Sob esta razão a República Francesa organizou os "foyers" africanos. Eles são prédios construídos pelo governo. São habitações coletivas com dormitórios, cozinha e banheiros.

Os foyers não são mistos. Eles são dividem-se em foyers para as mulheres - os quais são poucos se comparados aos construídos para os homens.

Eles foram construídos em áreas de grande movimento e crescimento. E foram projetados a partir de uma arquitetura que revela condições mínimas para a vida humana pois não há quartos privativos. Somente amplos dormitórios com camas e pequenos armários para quase nenhum pertence.

Não há espaços para festas e reuniões sendo que estes espaços, imprescindíveis para os modos de vida do africano e dos seres humanos - foram adaptados pelos habitantes dos foyers a partir do uso do refeitório e a cozinha.

É importante dizer que a cozinha do foyer não é uma cozinha coletiva, onde todos os habitantes podem organizar o preparo de seu alimento.

¹⁴⁴ Dicionário *Le Robert de poche - langue française*, Paris, 2006.

Elas são pequenas, comparadas ao número de habitantes. E há mulheres africanas que organizam a comida de todos. É na verdade um refeitório-restaurante em que todos precisam pagar pelo prato de comida ainda que um valor simbólico.

Não temos as formas históricas específicas de como os foyers foram organizando seu modo de vida ao longo dos anos com a retirada formal do Estado Francês da mínima gerência destes locais¹⁴⁵.

Mas hoje, no foyer que visitamos, não há espaços para a preparação de alimentos ao nível individual. Os homens organizam sua alimentação a partir da refeição fornecida pelo restaurante-refeitório e eventualmente tem em seus armários algum tipo de alimento como biscoito, pães, sucos, dentre outros.

A sala de TV aparenta ter entre oito e no máximo dez metros quadrados. Dimensão evidentemente minúscula para a população de um foyer de 100 pessoas. Quando adentramos à sala de TV para entregarmos a chave da sala de aula - pois é lá que a chave fica - observei que haviam muitos africanos jovens¹⁴⁶ e de meia idade, assistindo TV. As condições de ventilação da sala eram terríveis. Havia uma pequena janela ao fundo. Eles sentavam em cadeiras de madeira, como cadeiras de salas de aula para crianças e adolescentes de 7 a 15 anos.

Para ser um "lar" eu diria que esta condição de conforto é extremamente precária para sujeitos adultos e jovens a partir de dezoito anos, os quais são tratados como uma população provisória, evitando-se o vínculo com o país, inclusive em termos físicos da intimidade com o espaço e território habitado.

Realizamos cinco visitas ao foyer localizado na Rua Tolbiac, após dois quarteirões do metrô Bibliothèque Nationale François Mitterrand - linha 14 do metrô de Paris.

Nas visitas participamos das atividades de curso de francês para jovens africanos do Mali e outros países africanos das ex-colônias francesas, residentes ou não no foyer, organizados por voluntários da AAROUC, uma ong que tem por objetivo o combate ao analfabetismo.

Aliás, embora não seja divulgado na América Latina e possivelmente no mundo, o combate ao analfabetismo no território francês é medida de intervenção constante de muitas ongs, pois há muitas pessoas em França que não escrevem e não lêem o francês. Elas apenas

¹⁴⁵ Não foi objeto de nossos estudos o aprofundamento destas questões. Elas comportariam uma abordagem específica e minuciosa. Visto que há diferentes tipos destas habitações espalhadas por todo o território francês e não apenas em Paris; embora na capital elas sejam mais numerosas. A análise genérica da condição dos foyers foi a partir de conversas informais com africanos moradores dos foyers, ou jovens universitários de origem africana que possuem algum nível de relação com os habitantes deles. A conversa com uma voluntária de uma ONG que realiza trabalhos para os habitantes dos Foyers também foram considerados.

¹⁴⁶ os jovens negros africanos que habitam o *foyer* possuem idade entre 18 e 25 anos.

falam o francês. E esta situação vem se acentuando ao longo dos tempos.

Esta população iletrada não é inicialmente de origem francesa, são imigrantes africanos chegados a partir da década de trinta.

A população que conseguiu sair dos *foyers* edificou família. Alguns homens solteiros permaneceram sem suas famílias deixadas na África e hoje são senhores de sessenta a setenta anos que continuam a habitar o *foyer* juntamente com os jovens que chegam que possuem vínculos com parentes que vieram a duas gerações atrás. Eles habitam o *foyer* porque o custo das habitações em Paris é altíssimo e o transporte até a *banlieue* - periferia - também. Ao invés de residirem com parentes em localidades distantes, optam por habitarem no *foyer*.

No final da década de 20 e início da década de trinta os que saíram das habitações coletivas e conseguiram trazer a família - o governo não impedia a entrada da família, embora não fornecesse qualquer tipo de apoio a vinda da mesma - criaram seus filhos a partir de sua cultura de origem, os quais pouco absorveram formalmente os costumes e língua francesa; seus netos continuaram a compor um exército de jovens franceses que freqüentaram escolas nas ZPEs - Zonas de Educação Prioritária - regiões em geral distantes da metrópole parisiense nas periferias, nos bairros considerados difíceis e sensíveis - *quartiers difficiles* ou *quartiers sensibles*, os quais foram os territórios acessíveis para a moradia desta população.

As escolas das ZEPs recebem maiores recursos e investimentos financeiros do poder público, justamente por considerar que esta população francesa, pelo caráter de igualdade que a República Francesa prioriza, necessita ter acesso às mesmas condições de desenvolvimento que os demais jovens e crianças dos bairros - *quartiers* - ricos e burgueses das zonas um e dois de Paris (vide mapa A e B de Paris).

Esta é uma conquista e uma linha de gestão do governo de tradição de esquerda na França e isto foi garantido até o ano de 2007 antes do ingresso do presidente Nicolas Sarkozy que organiza uma série de reformas no regime de educação francesa incluindo a nova forma de considerar a gestão destes investimentos.

O que se veicula na imprensa falada e nos setores de oposição ao governo atual é que pretende-se extinguir estes investimentos e considerar que as Zonas de Educação Prioritária necessitam adequar-se as mesmas condições das escolas francesas em geral. Na visão da atual administração, maiores investimentos nestas localidades implica uma contradição para a República Francesa que deve tratar igualmente todos os seus cidadãos.

Implicamente há o seguinte posicionamento do governo: se a escola francesa produz excelentes níveis educacionais em outras regiões com "menos investimentos", porque deveria tratar diferentemente as populações das escolas das regiões periféricas?. Para o atual governo parece que é preciso mudar as concepções da escola e fazer uma reforma política e administrativa que não inclua investimentos financeiros adicionais nas escolas da periferia. Nesta visão considera-se necessário investir na maior produtividade dos professores, que para

ele são em número muito elevado em termos dos padrões da comunidade europeia, para o número de alunos, que segundo o noticiário televisivo da TV France 2, no mês de setembro de 2007, há um professor para cada cinco alunos na França; número contrastante com os dos países vizinhos (Alemanha, Espanha e Itália) em que os padrões operam-se em torno de um professor para cada 11 e alunos.

No jargão da campanha de Sarkozy : *Trabalhar mais para ganhar mais*, é a solução para elevar o poder de compra dos franceses incluindo o corte com gastos sociais considerados desnecessários para favorecer a economia do país.

O que parece é que o Estado francês apenas reitera o dismantelamento do já decaído estado de bem estar social na França e de boa parte dos países da Europa.

Conforme Singer (2005:31) mudanças econômicas e sociais profundas ensejaram a transferência de crescente volume de indústrias dos países adiantados, em que haviam sido erguidos Estados de bem-estar social, a países mais atrasados com custo do trabalho muito menor, por causa dos salários baixos e da ausência da maioria dos direitos sociais.

*"A desindustrialização e o abandono do compromisso com o pleno emprego por parte dos governos, ensejou a volta do desemprego em massa de longa duração em países desenvolvidos e semidesenvolvidos (...)
(...) Governos neoliberais foram eliminando gastos sociais e substituindo serviços públicos de amparo aos carentes, de educação de jovens e adultos, de pré-escola, de ajuda a idosos, crianças abandonadas ou em situação de risco, desempregados e excluídos sociais (...)"¹⁴⁷*

Sob este aspecto a linguagem do "mundo da vida" - que comporta a capacidade de garantir o bem estar e desenvolvimento humano através da organização institucional - transformou-se em "razão instrumental" ou "agir estratégico", ou seja: a noção de igualdade enquanto um dos pilares da República Francesa, é utilizada estrategicamente para eximir-se da obrigação de promover o acesso das populações discriminadas aos mais importantes bens e patrimônios sociais da República. A noção de igualdade é calibrada por baixo, desconsiderando a realidade histórica destas populações e dos territórios que habitam.

No último debate antes das eleições presidenciais de 2007 a candidata da esquerda Ségolène Royal atacou Nicolas Sarkozy por ter demitido quando ministro do interior um elevado número de auxiliares de educação as quais eram responsáveis pela inclusão de crianças deficientes - *handicapés* - no regime regular de educação francês. Ocasionalmente a

¹⁴⁷ Paul SINGER. *A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social*, in: *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. ABRAMO, H.W. e BRANCO, P. P. M. (Orgs.). São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005, pg.31-32

impossibilidade de frequência destas crianças à escola, desestabilizando famílias que obrigaram-se a procurar escolas que pudessem receber seus filhos em diferentes localidades, pois as vagas para crianças deficientes passaram a ser consideradas mediante o número de profissionais disponíveis para o atendimento. Com a redução do quadro ao nível nacional as vagas para deficientes em diferentes localidades também diminuíram.

No debate, Sarkozy não respondeu aos ataques da candidata da esquerda, mas disse que os deficientes seriam respeitados em seu governo.

Quando eleito em poucos meses de governo, o presidente suprimiu postos de trabalho de professores ocasionando greve nas escolas elementares de Paris por duas semanas com o apoio dos pais. Mesmo assim a decisão de supressão dos postos de trabalho foi mantida.

Em termos práticos, o corte de recursos parecem alegar que os grandes investimentos nestas áreas não serviu para aplacar o analfabetismo - *illettrisme* - dos jovens franceses filhos e descendentes de imigrantes africanos negros e não brancos da região do Magreb.

Neste contingente de jovens, os negros são o grupo mais discriminado no acesso à educação formal. Há ainda crescido ao contingente destes jovens negros e populações não brancas descendentes de não europeus, porém franceses e moradoras das periferias de Paris, jovens filhos de imigrantes africanos com europeus brancos pobres do leste, mestiços entre negros e brancos, os quais são para todos os efeitos, assim como os africanos nascidos em solo francês, cidadãos europeus.

Eles possuem a cidadania em termos jurídicos e civis, mas em termos de prática social são tratados no cotidiano como não franceses, como "*esses filhos de imigrantes da terceira geração*" como afirmou a ministra da educação francesa no episódio das revoltas juvenis das periferias de Paris no outono de 2005.¹⁴⁸

Um simples detalhe: eles não são filhos de imigrantes da terceira geração. Eles são netos de imigrantes e são franceses!

Esta fala retrata o sentido e significado de como a República Francesa se considera branca e incapaz de conceber a mudança de suas condições culturais. O quanto é negada a participação desta população aos símbolos máximos da República. Pois é uma República para os franceses: os que falam a língua nas construções gramaticais perfeitas, elegantes, com o sotaque parisiense¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Conforme artigo de Christiène Taubira - deputada do PRG - Partido da República da Guayana - no livro *Banlieue - l'endemain de révolte*. Paris: Ed. La dispute, 2006, organizado por Clémentine Autain et al.

¹⁴⁹ Como estrangeira, habitando Paris durante um ano, não desenvolvi capacidade em perceber algum tipo de "sotaque parisiense". Quando me refiro a isto estou considerando relações conhecidas entre nós brasileiros, quando percebemos que nordestinos foram, e em certos contextos ainda são, ridicularizados por paulistas em sua maneira peculiar de pronúncia da língua portuguesa brasileira. Isto é visível em programas humorísticos na TV. No contexto francês observei que franceses brancos originários da região de Marseille - local portuário de

A discussão entre educadores e ministério da educação nacional se dão a partir das condições do grande número de evasão escolar - absentéisme *ecolaire* - que impede que os recursos efetivem a elevação das condições de aprendizagem nas escolas da periferia.

A educação em França em todos os seus níveis é uma garantia, obrigação e responsabilidade do Estado. Não há escolas totalmente privadas para a educação dos franceses e as que existem recebem investimentos públicos.

Sob este aspecto François Dubet, nos diz que é preciso pensar os problemas escolares partir de aportes sociais. As desigualdades sociais se refletem na escola, pois o conceito de igualdade de oportunidades na França em relação aos investimentos com educação está mal colocado. Não basta apenas investimentos financeiros sem atentar-se para a verdadeira compreensão das diferenças, alteridades, sentimentos de injustiça que vivem .

Trouxemos esta questão sobre a educação de forma limitada porque os jovens negros moradores dos "foyers" são jovens trabalhadores. Jovens africanos cujos pais, tios, parentes, conhecidos, vieram antes em busca de trabalho. Eles migram não para ficar em França como pode se pensar. Eles pensam sempre em voltar. Eles "não sabem ler" e falam o francês dos africanos. Eles são jovens cujo percurso de vida está interceptado pela necessidade de sobrevivência. Eles não vem para ficar, para constituir riqueza, participar da França como o sonho de pertencer a ela como seu país. Eles vem porque na África, no Mali, há períodos de grandes secas, onde eles não conseguem obter recursos para se manterem. Os jovens acima de dezoito anos e menores de 30 são enviados para o trabalho e manter com o dinheiro francês - o euro - famílias inteiras. É o dinheiro do trabalho precário nos restaurantes como lavadores de pratos, de pedreiros, serviçais, faxineiros, que sustenta a família que vive na África. Eles usam as roupas africanas, alguns usam também a roupa do europeu, geralmente os mais velhos. Eles são simples e alegres e vivem bem com sua pele. Não há ao nível da observação direta indícios de que rejeitem a si mesmo. Ao contrário, nos casamentos, nas festas, no sábado principalmente, nas estações de Gare do Nord e Chatelêt eles são aos montes, eles e elas, jovens entre 18 e 25 anos, além de senhoras mais maduras e crianças pequenas. Eles se enfeitam com um colorido sem igual. Com tecidos inexistentes no comércio francês. Usam turbantes, panos floridos, maquiagem expressiva. As mulheres são sempre mais elegantes, enfeitadas, belas e chamativas que os homens, que restringem-se a uma bata lisa ou florida além do filá¹⁵⁰. As crianças às vezes estão vestidas como africanas, mas em geral colocam vestimenta francesa. E eles - jovens africanos e africanas negras - andam sempre em mais que

entrada dos negros africanos das então colônias francesas que vinham para a França para trabalhar e habitar os "foyers", quando em situações acadêmicas do universo cultural parisiense sentem-se inferiores em relação à forma de falar do francês parisiense. Eles receiam não serem compreendidos conforme relato de um deles durante uma conferência em que realizou no Colóquio Internacional Identité et Subjectivité: regards transnationaux sur la jeunesse - 23.11.2007 (organizado pelo GECP - Grupo de Estudos em Cultura e Psicanálise de São Paulo, em colaboração com a EHESS- Paris e Maison do Brésil - Ciup)

¹⁵⁰ Espécie de chapéu de pano que cobre parte da cabeça, usado por africanos islâmicos.

um.

No foyer as aulas de aprendizagem do francês, em meu entender, poderiam ser melhores.

Tivemos a impressão de que não há percepção das necessidades desta população jovem e negra africana que habita o contexto francês por questões puramente materiais. Eles parecem não se importar com a França, com a comunidade européia. Eles parecem querer apenas viver a vida com dignidade e alegria dentro de seus costumes. Eles movimentam um comércio rico de cartões de telefones para os países africanos. Eles falam com a África todos os finais de semana e todos os lugares de Paris onde há grande circulação de pessoas e cafés mais simples é possível encontrar tais cartões de diferentes empresas.

Como islâmicos eles vivem o Ramadã e durante um mês seguem rigorosamente as indicações do Corão, que inclui tipos de alimentação e horas de jejum e reserva do exercício de algumas atividades sociais as quais incluem trabalhar e estudar.

Penso que o método de ensino-aprendizagem do francês praticado por voluntários de língua francesa é precário. Embora existam alguns mínimos recursos eles não foram utilizados nas poucas vezes em que frequentei o foyer. Os jovens cansam-se das aulas. Eles chegam tarde e saem antes do término. O professor parece não determinar precisamente o tempo da aula e não há livro de registro de chamada ou de atividades. Um simples diário informa o que foi trabalhado anteriormente por outro professor.

No primeiro dia que assisti à aula no final fui questionada por um jovem africano de 19 anos sobre onde havia aprendido o francês. Penso que ele se interessou porque eu sou negra e não sou francesa branca, os voluntários das aulas. Eu disse que tinha uma noção em meu país. Mas que aprendi mesmo a fluência com meus amigos africanos estudantes universitários. Ele se impressionou e houve um certo impacto em minha fala porque percebi que a professora que gentilmente me forneceu a possibilidade de estar presente à atividade possui uma relação de poder direto com os africanos na relação de saber-poder.

Estabeleço esta crítica não no nível de trazer elementos de desprestígio ao francês branco disponível para o trabalho voluntário com populações negras africanas. Digo isto em função de considerar que em termos didáticos, possuímos melhores recursos utilizados por comunidades pobres no Brasil para alfabetizar a partir de Paulo Freire e outros instrumentos.

Pra mim foi incompreensível e desgastante participar de uma aula formal que desconsidera o saber daqueles jovens que habitaram todo o tempo no Mali, foram colonizados por franceses, aprenderam o francês nas escolas, quando lhes foi possível o acesso, e quando chegam em França, trabalham e são tratados por seus professores voluntários como se nada soubessem. Como se o único francês possível de ser falado é o francês perfeito do francês parisiense.

Mas afinal, eu compreendia melhor o francês dos africanos, mesmo o francês dos africanos dos baixos níveis sócio-econômicos que em geral eram os disponíveis para me explicar um caminho, um ônibus, um lugar, quando me desencontrava nas ruas e lugares de Paris.

A população africana jovem e negra em Paris não está nas ruas pedindo esmolas. Não está nas calçadas sujos e bêbados. Eles parecem saber exatamente o que fazem lá. Eles trabalham nos piores serviços, mas sempre trabalham, para ganhar muito pouco, que em África representam grandes fortunas. E aos sábado e domingos eles festejam! E não há como não ver a sua festa. No sorriso, na conversa no metrô que quando não possui africanos, ou crianças ou jovens nos vagões não se ouve ruído algum de vozes ou conversações.

A experiência de observar a vida no foyer foi breve. Não procurei conversar com os jovens por uma questão de distanciamento de gênero. Eu era além de estrangeira, do sexo feminino. Única, depois da professora branca, mulher.

Eles são respeitosos e próximos, de uma maneira de tratamento diferente do francês. Eles chegam formalmente e cumprimentam as pessoas pegando pelas mãos. Mulheres e homens. São formais, mas são também calorosos, sorridentes e alegres, depois de um dia de trabalho e de um "lar" daqueles!.

A aparência do foyer em termos de asseio e limpeza parece a de um cortiço em meio urbano. Há problemas generalizados com a conservação do prédio. Os móveis são velhos. Há torneiras vazando, piso faltando pedaços, camundongo na sala de aula. Todos podem entrar sem permissão. A porta fica aberta. É interessante este caráter. Como estrangeira, senti como se estivesse invadindo um espaço de intimidade que não me pertencia, mas a maneira como a voluntária entrou no local e eu estava acompanhada dela, obrigou-me a entrar também quase nos mesmos termos. Não havia campanha. E eles não estranham quando as pessoas entram. Não mudam sua postura em relação ao que estavam fazendo anteriormente, parecem que estão "acostumados" com estas formas de invasão ao seu restrito território e espaço, ou eles não sentem as pessoas estranhas como invasores? o que pensariam ou pensam sobre nós - *os outros* - que chegam sem pedir licença, entram na casa, dão suas aulas, verificam - no meu caso - as condições de vida deles como se fossem 'coisas a serem descobertas' e depois vão embora como se tivessem realizado um grande feito!.

Nas palavras de uma voluntária: "*Quando eu saio daqui eu tenho a sensação que realizei uma coisa maravilhosa. Eu acho que eles fazem mais bem pra mim do que eu pra eles porque eu saio com a alma tão leve...*"

Não estabelecerei comentário sobre esta fala, a qual poderia fornecer um tratado sobre os gozos, perversões e relações de poder.

Não houve espaço e nem tempo para abordar melhor considerações sobre as relações dos jovens negros com a ong, com suas vidas no contexto francês, sua percepção sobre

família, estudos, trabalho enfim. E procurou-se evitar qualquer nível de uso específico de seus universos. Francamente senti-me inibida por entrar e sair da "casa" sem estabelecer um 'mínimo' deferência, pois entrar em um lugar não comercial, só porque a porta está aberta não significa que se possa efetivamente entrar. Penso que os jovens também estabelecem suas fronteiras, eles percebem a diferença explícita entre o - *nós* e os *outros*.

São inteligentes o bastante para saber que estão em território francês e que dependem do dinheiro do trabalho para sustentar suas famílias. Talvez por isto 'aceitem' estas formas de entrada das pessoas. Mas a não freqüência ao curso é indicativa do limite que fornecem aos voluntários franceses.

Mas pode-se dizer que os jovens negros africanos habitantes da metrópole de Paris vivem como população provisória, sem eira nem beira ao nível material na sociedade industrializada e mercantil de países ocidentalizados como a Europa e no caso a França.

Eles parecem não ter a necessidade de participar do contexto francês de forma direta. Eles procuram namorar moças negras parecidas com as moças africanas. E tem muita saudade de casa, pois mostram fotos da família, dos amigos, e gravam no celular os ritmos africanos nas chamada de telefone e também para ouvir no metrô quando voltam pra casa.

Eles com certeza gostariam que tanto a África, no Mali, como a França, talvez em Paris, lhes possibilitasse o que para eles parece o mais caro: A convivência com a família em alegria e festejo.

Uma das questões interessantes de um momento da sala de aula um jovem negro após falar o francês "do francês" para a voluntária professora que o elogiou e perguntou onde havia aprendido ele disse: Na escola no Mali. Eu freqüentei um ano. Depois ele começou a falar o francês recusado pelos franceses - o francês dos africanos. E foi um momento de tensão na sala de aula porque este jovem já não era tão jovem, ele possuía em torno de uns 29 anos. E vivia em França já há alguns anos. Mas a professora sequer sabia a atividade que ele realizava, o que fazia, como vivia. O estranho é que eles são em torno de um, dois, três e no máximo quatro por turma pois eles vão uma única vez e depois não voltam. Este rapaz, era um dos alunos que voltava e percebi também que ele não usava as batatas africanas.

Penso que ele possivelmente estava tentando dizer à professora que podia falar o francês "do francês" se lhe fosse dada uma participação como pessoa igual, capaz de aprender e ensinar algo, qualquer coisa. Em nenhum momento a professora teve a curiosidade de perguntar como seriam algumas palavras no idioma dele, saber o que faziam, como compreendiam o francês "do francês", como era o seu francês, porque afinal, eles, de diferentes países e línguas, quando em contato com senegaleses, congoleses e outros africanos sempre se entendiam no "francês do africano".

Neste universo, o conceito de razão comunicativa de Habermas nos possibilita considerar que não há uma linguagem dialógica de produção de sentido no universo da

metrópole urbana e as populações discriminadas, ou indesejadas.

Mesmo havendo uma suposta "vontade de ajudar e integrar" esta população com o fornecimento das aulas de francês o sentido das ações ocorrem no nível meramente instrumental da razão interesseira.

Parece haver interesse que se esconde nas tramas institucionais que escapam a capacidade reflexiva totalizante da pessoa que determina uma organicidade de relacionamentos.

Em termos institucionais de poderes invisíveis é preciso evitar acusações de que se relega e discrimina alguns mortais. É preciso fornecer a aparência de civilidade e justificar as ações de voluntarismos em prol do desenvolvimento, da igualdade e da paz.

Por outro lado a ação que se realiza contradiz a expressão da boa vontade. Ela parece ser interesseira, talvez para evitar o massacre, do levante das populações rebeladas.

Não há um agir comunicativo, que possibilite movimentos de transformação na direção da construção do mundo da vida, na descolonização da existência.

Eles, no foyer, estão sujeitos a serem instrumentalizados inclusive em seus espaços e territórios "*emprestados*" de repouso.

As horas de descanso para retorno ao trabalho eles tem que conviver com o entra e sai dos - *outros* - que em suas maneiras de agir sob uma pretensa doação de si instrumentalizam e inibem qualquer mínima forma de criação, de afloramento de identidade originária capaz de participar do contexto em relação de reciprocidade.

Suas identidades no foyer estão inibidas. Isto não quer dizer que não a tenham em estado de construção e metamorfose. Eles não a projetam na relação com os franceses. Realizam a interpretação dialética da realidade. Constroem, feito formigas seu agir estratégico. E em África cada vez mais as revoluções prosseguem. Eles usam um sistema que sempre protagonizou a sua escravidão e colonização e hoje enviam todos os recursos que podem para seus próprios territórios de origem. Eles não se sentem pertencentes à França, eles investem seu sofrido e mínimo dinheiro em sua própria casa.

A noção de identidade se apresenta nesta relação com o morar e habitar. A casa, para os africanos é a África. São os irmãos africanos. Eles compreendem a língua - linguagem - do europeu que é distinta da dele, não na compreensão dos valores, os quais se quiserem, são capazes de assimilar e compreender. Mas eles, os jovens negros africanos do foyer em Paris não querem isto para suas identidades.

O tempo em que os valores europeus sobrepujam-se sem resistência aos negros africanos já se findou. Estes valores não exercem fascínio nestes jovens e nestes africanos.

A Europa não é um sonho de vida, não é uma expressão de bem estar. A Europa é uso,

abuso, desrespeito, território e espaço desencantado, egoísta, frio, monocromático. De apenas duas posições rígidas e não dialógicas.

No processo de construção de identidade deste jovem eles percebem este realismo e não se revoltam com isto. A revolta das periferias pertencem aos seus descendentes, que resolveram eleger a França como casa. Estes são negros também. Mas são franceses.

Em termos gerais ambos - o jovem negro africano do Mali - bem como o jovem francês negro da periferia de Paris - constroem suas identidades em territórios urbanos, no espaço da globalização perversa, da segregação e da não cidadania.

Mas estas formulações de identidade não estão subordinadas ao imobilismo e ao determinismo social. Elas extrapolam estes contextos.

Os jovens da periferia parisiense exigem o seu reconhecimento como sujeito francês. Eles ainda estão principiando, porque não viveram como no Brasil a dimensão da mestiçagem desde épocas da escravidão. Nós estamos adiantados em 120 anos. E eles estão cada vez mais questionando a maneira de ser dos franceses que também são. Transformando e exigindo a reflexão de todos sobre os seus contextos.

Eles estão em plena identidade-metamorfose por serem jovens, por serem negros e brancos, por serem africanos e franceses, por transformarem a cara da França e a exigir esta visibilidade.

Paris se torna mais colorida, não apenas pela diversidade de todos os povos presentes no território, mas pela presença de sua população negra-branca francesa. Eles não usam as estéticas de seus avós africanos. Eles usam jeans, roupas juvenis comuns a todos os jovens do mundo, mas usam o cabelo, a pintura da maquiagem, com um estilo marcante bem diferente do despojamento e discrição dos franceses "*não misturados*" das classes populares.

Os seus próximos - os jovens negros africanos do Mali - também não se subordinam ao contexto.

Eles, no Mali, sustentam seus irmãos, pais, primos e sobrinhos. Constroem suas casas com o dinheiro europeu. Em termos políticos eles participam das decisões importantes dos vilarejos de suas cidades como a construção de poços d'água para irrigar a colheita em épocas secas.

As jovens mulheres, desde as pequenas de 12 anos às mais senhoras experientes, são participantes ativas nas decisões sobre suas funções no gerenciamento da vida do cotidiano.

Jovens entre 16 e 24 anos participam de assembléias decisórias sobre a vida no habitar em casa. A partir de seus próprios valores, onde ainda não foram completamente despojados de seus encantamentos.

Quando em França eles sonham, com a transformação de suas vidas e das vidas dos

que lhes são próximos. Em uma identidade que se projeta em uma dimensão coletiva, que em certo sentido coloca em segundo plano a identidade individual. Ao mesmo tempo que isto pode parecer uma perda em nossa visão de mundo ocidentalizado, para eles, este afastamento de si e de seus próprios interesses figuram como pistas de que suas identidades não se constroem em perspectivas individualistas. Eles contrariam a ordem imperiosa do sistema que participam nas bordas e nas franjas com os restos desprezados com os quais edificam os alicerces de suas casas. O processo de emancipação de identidade talvez se dê ao nível de uma individuação transfigurada na convivência com a coletividade. Eles contam com o apoio dos irmãos, espalhados por todo o mundo, pois a vida entre os africanos comporta um valor alheio à das sociedades eurocêntricas: a solidariedade.

Então os jovens negros do foyer como os jovens negros e mestiços das periferias de Paris estão determinados sócio-materialmente, mas realizam a interpretação do social em suas vivências na cultura e na sociedade francesa. Enxergando estes breves lampejos destes jovens, enxergamos também a sociedade hegemônica. Suas contradições, seus alicerces que estão ruindo.

Eles - os alicerces das sociedades hegemônicas - se enfraquecem porque estes jovens estão transformando suas próprias realidades. Eles nos reservam um olhar de quem não oferece perigo, mas eles são cada vez mais numerosos em todo o mundo. E estão fazendo as revoluções silenciosas, na maioria dos casos, por onde passam. Assim, neste processo de hibridação de identidade eles transformam a realidade do social.

Eles encontram saídas criativas para o exercício da vida, em caráter de busca de autonomia. As coisas são difíceis. Nada é fácil. Mas quem disse que eles desistem?

Para compreender os processos emancipatórios do sujeito, quando se fala em identidade considerando a noção de metamorfose e *vir-a-ser*, eles significam e representam um grande momento de transição e movimento interno, no qual a pessoa ao ter a consciência.

cultural de sua inserção no mundo da sociedade, da cultura e de seu grupo social, lança-se a empreender novos caminhos de existência, enfrentando, passo a passo, as contradições, negações e as dialéticas de seu contexto mais amplo, de seu entorno e localização no mundo.

Esse movimento é transitório porque não há como inferir quais outros passos levarão o sujeito a avançar na vida, se terá condições de continuar a enfrentar o jogo dialético da existência apostando em saídas criativas de autonomia pessoal e social ainda que com grandes dificuldades, ou se sucumbirá às investidas da cultura e da sociedade no determinismo da história, comprometendo a expansão da existência autônoma do sujeito.

No caso dos jovens negros deste contexto globalizado - os africanos do foyer do Mali - nos parece que eles tem as saídas para a crise mundial e não apressam os seus passos. Cientes que nas revoltas são sempre eles os mais prejudicados.

Diferentes dos jovens negros franceses, que embora também africanos mas não mais só africanos, contestam o caráter mais difícil para um francês: a barbárie, o escândalo, o julgamento de sua não dignidade. Sua exposição ao público. Eles adoram passeatas, mas são sempre, mesmo quando geralmente mal humorados, amantes da boa impressão e elegância. Os jovens negros e mestiços e também franceses os pegam pelas veias, em seu calcanhar de Aquiles: explodem com raiva as instituições que representam o orgulho do Estado francês, proporcionando ao mundo o espanto, de que alguma coisa certa e implacável esta mudando a ordem dos sujeitos no mundo.

Um pouco acima dissemos que eles contam com o apoio dos irmãos, espalhados por todo o mundo, pois a vida entre os africanos comporta um valor alheio à das sociedades eurocêntricas: a solidariedade.

É preciso não esquecer este valor, que nos ensina a voz do jovem maliense Oudoce durante a aula de francês questionando a professora:

Quando vocês se encontram com pessoas de um mesmo lugar como vocês se tratam? Vocês usam o "*vous*", o "*tu*" ou "*frère*"?

A professora não compreendeu o refinamento filosófico da questão, que antes de querer uma resposta parecia dirigir para uma proposta-reflexão.

Ela respondeu simplesmente sem pensar muito:

Isto depende. Pode ser *vous* ou *tu*. Eu diria que em geral *vous*. Mas jamais "*frère*".

Por quê "*frère*"?

Oudoce: - Porque nós da África, quando em qualquer lugar do mundo nos encontramos nos tratamos por "*frère*".

Penso que o mundo ainda vai compreender. Embora a professora esteja distante de um agir comunicativo. Mas eu como sou negra brasileira da diáspora africana do Atlântico, percebi logo a sutileza de outros paradigmas de identidade político, social e individual para o mundo; de formas de agir, reagir e resistir ao contexto social difícil. Marchando, incansavelmente, geração após geração para a vitória. Lenta. Mas vitória.

E é por isto que resistimos a tantos ataques terroristas e de extermínio e genocídios friamente calculados.



Aula de Francês no Foyer para os africanos do Mali (Paris,2007) – Acervo da Autora

5.6. - Ateliê de Gennevilliers: Periferia de Paris¹⁵¹

Realizamos entrevista com profissional responsável pela coordenação de instituição pública da Prefeitura de Gennevilliers para jovens de 11 a 16 anos.

A finalidade da entrevista era conhecer os serviços disponíveis no plano institucional de políticas públicas para a cidade e sua população jovem, métodos de intervenção de apoio social, demanda familiar e características da população assistida bem como da localidade.

O acesso à coordenação da instituição deu-se através de contato com membros do Fórum de Educação e Escola de Pais na igreja católica Saint Albert le Grand, à rua de la Glacière, 122, 13^{ème}, em Paris.

O Fórum de Educação e Escola de pais visa debater questões pertinentes à formação do jovem e orientar a família para a educação dos filhos face ao meio social de hoje além de aproximar as relações e o contato entre pais, profissionais da saúde e educação e comunidade.

No Fórum que participei foi abordada a questão da educação e violência de jovens, ocasião em que pais, educadores, religiosos, entre outros, promoveram e assistiram conferência com o padre Jean-Marie Petitclerc, da ordem salesiana, diretor de dois centros sócio-educativos em Paris e autor de algumas obras sobre educação e violência como : *Vivre em banlieue, La violence et les jeunes, Tu peux changer le monde!, Pratiquer la médiation sociale: un nouveau métier de la ville au service du lien social, entre outros.*

Tendo uma atuação política religiosa através das ações educativas que desenvolve com jovens e adolescentes ele foi chamado pela Prefeitura de Chanteloup-les-Vignes (periferia urbana de Île de France)¹⁵² por ocasião das revoltas juvenis urbanas em 1991. Esta localidade corresponde a filmagem do filme de Mathieu Kassoviaz " *La Heine* " - *O ódio* - ícone sobre violência juvenil francesa e conflitos surgidos a partir da referida década, o qual demonstra as relações dos jovens franceses filhos de imigrantes - população não branca e negra - habitantes na periferia de Paris.

Jean Marie Petitclerc é o coordenador da França na Unesco para a cultura da paz e não

¹⁵¹ O ateliê não possui um nome. Ele representa somente a sua localização: no número 36-38 da avenida Lénine da cidade de Gennevilliers. A intenção é não fornecer contorno para o jovem a fim de que ele trace os contornos de representação simbólica imaginária que o lugar possa para ele se traduzir em sua singularidade e também em seu processo de participação coletiva - socialização. Busca-se o engajamento dos mesmos como sujeitos autores e participativos no contexto de elaboração do trabalho institucional. Esta foi a resposta que a coordenação me forneceu frente ao meu questionamento, se o nome - *não nome* - possui alguma relação com a intenção psicanalítica de autonomia dos sujeitos.

¹⁵² Chanteloup-les-Vignes é considerada uma comuna francesa que significa uma divisão administrativa, a circunscrição menor do território francês. Uma comuna corresponde geralmente ao território de uma cidade ou um vilarejo, e sua superfície e população podem variar consideravelmente. A maior comuna da França é Paris, e pertence a Administração de Île de France.

violência.

Atualmente, 2007, ele foi nomeado pela atual ministra da habitação e da cidade como assessor responsável pela coordenação das relações do ministério com os atores sociais locais.

Nesta conferência ouvimos considerações deste educador sobre as maneiras preventivas e modos de abordar e compreender a juventude habitante em bairros sensíveis onde a vulnerabilidade social é grande e que a partir da década de 1980 vem se agravando no país (França) e no mundo.

Entre outros aspectos abordados o de maior relevância para nós foi a menção do educador sobre a atuação da ordem salesiana nos países da América Latina; onde há vários exemplos bons de intervenção social na diminuição, prevenção e combate à violência juvenil a partir de ações específicas de apoio à família, à formação de educadores e discussões com os jovens no diálogo com a sociedade.

O salesiano atuou com educador de rua em França e mencionou que as experiências da ordem salesiana nos territórios da América Latina são importantes para a reflexão e busca de outras formas de organizar os laços sociais - *lien social* - entre jovens, família, escola e sociedade no contexto francês.

Ele apontou inclusive, os aspectos da Globalização e o empobrecimento mundial como um dos fatores a serem considerados nesta dinâmica, em que instabilidades sociais e vulnerabilidade das famílias é afetada; sendo o contexto francês, fortemente tradicionalista para lidar com situações novas, até então incomuns em sua realidade.

Neste Fórum encontramos Chrystelle Delhôme, coordenadora de um centro de educação e atividades para jovens na periferia de Gennevilliers (banlieue de Paris).

O local à época das revoltas do "Outono de 2005" e 2006 foi o segundo que apresentou maior número de explosão de carros e fogo - incêndios - iniciados por jovens.

As revoluções urbanas em Saint-Dennis tinham, conforme a coordenadora do Centro, um canal de comunicação direta com a periferia de Gennevilliers que apresenta semelhante configuração social.

Embora tivéssemos iniciado trabalho de observação de campo em Saint -Dennis - periferia e cenário urbano das revoltas de 2005 - não obtivemos acesso a conversas e diálogo com instituições e moradores do bairro.

Chegamos a estabelecer conversas com alguns jovens da Universidade Saint Dennis, mas em França, para nós, o acesso às pessoas e aos dados efetivos das condições do bairro não se fizeram presentes nesta localidade; razão pela qual, dada as possibilidades de acesso, optamos por conhecer algumas nuances da periferia de Gennevilliers a partir de entrevista com a referida coordenadora do centro juvenil, bem como visita ao bairro e a instituição.

O bairro

No século XIX Cézanne, Monet, Renoir e Van Gogh frequentaram o bairro por conta da sua bonita paisagem, inspiração para suas obras e tranquilidade campestre distante em apenas sete quilômetros de Paris.

A maior parte da população está na faixa dos 18 aos 30 anos e 50% está desempregada.

São em geral franceses, filhos de imigrantes do Magrebe (80%)¹⁵³

A dificuldade com a língua francesa é grande em razão dos pais falarem idioma distinto ao francês; fato que gera um grande obstáculo para a integração desta população jovem ao contexto.

A região é considerada uma ZEP - Zona de Educação Prioritária (as ZEPs recebem mais recursos para seus trabalhos) e mesmo com os investimentos as dificuldades gerais dos jovens e crianças, principalmente com a língua francesa, não vem sendo superadas.

Os equipamentos sociais são restritos e não há opções de lazer para a população jovem e outros em geral.

No âmbito da administração pública possui uma administração de esquerda (socialista comunista) que segundo a entrevistada expressa ambigüidades em sua gestão que investe em políticas públicas mas com interesse de instrumentalização das pessoas para fins eleitoreiros.

As atividades com os jovens de 12 a 16 anos são realizadas diariamente.

O ateliê é um espaço no qual eles podem ir antes ou depois da escola.

O ateliê oferece atividades de lazer e educação como projeção de filmes, atividades de desenho, culinária, jogos, pintura, conversas e palestras, laboratório de fotografia, oficina de jornal, computação, entre outros.

A finalidade de todas as atividades é desenvolver o senso de unidade coletiva, espírito de colaboração, respeito e solidariedade a partir de novos conhecimentos.

As relações das atividades do ateliê com as escola não são diretas. As atividades na instituição favorece o desenvolvimento escolar mas não há uma relação de interesse direto e

¹⁵³ Em Saint-Dennis a população é filha de imigrantes africanos negros. Poderíamos dizer que Saint-Dennis é um território negro enquanto Gennevilliers é um território de população não-branca incluindo também os negros., população negra da diáspora (Haiti) e asiáticos os quais totalizam média de 20%.

vinculo das atividades do ateliê ao contexto escolar formal.

Prima-se por um trabalho em que o jovem possa expressar seus canais de comunicação com a vida e ambiente social a partir das opções que ele mesmo possa elaborar.

Neste sentido as atividades são propostas em conjunto e em diálogo com os jovens, os quais participam de todo processo de formulação das atividades.

A religião é um aspecto importante pois 70% são muçulmanos e 30% hindus, budistas, sem religião e uma minoria católica.

O contexto religioso é a marca mais interessante do processo de adaptação cultural dos jovens; pois muitas das atividades, principalmente no âmbito alimentar são recusadas pelos jovens em função do aspeto religiosos em termos de significação de determinados tipos de alimentos.

As iniciativas de integração dos jovens se dão através da cultura muito forte de suas próprias expressões linguísticas, onde eles "*misturam*" a língua francesa e outros (seus) idiomas.

Neste aspecto os jovens apresentam uma comunicação específica, e mesmo sendo originários de países diferentes do mundo, eles se compreendem mutuamente.

Da mesma forma, a religiosidade fornece as marcas fortes da maneira de ser e de construção de identidade destes jovens.

Podemos considerar, que embora os jovens do Liceu Erick Satie tenham apresentado a religião como último aspecto a ser considerado importante em suas vidas, a coordenadora aponta que este fator é decisivo na forma de expressão e comportamento do jovem da periferia de Gennevilliers.

Podemos aventar que talvez as jovens do liceu ao elegerem a saúde, a família, o amor e o trabalho como os elementos mais importantes para a vida humana expressem o sentido que os aspectos religiosos trazem para suas vidas.

Em observação e conversas informais com jovens próximos de minha faixa etária, de meios universitários sobre os principais eixos da vida muçulmana eles informaram que o casamento e a família são as coisas mais importantes; que a família é o núcleo central de desenvolvimento de todos que se ajudam mutuamente entre tios, primos, avós. Em todos os níveis há grande apoio mútuo.

Não entramos na peculiaridade deste importante aspecto na tese, mas sabemos que para os povos da diáspora a construção da identidade possui forte ligação com a ancestralidade africana, inscrita nos mitos de sua religiosidade.

Contudo, este forte aspecto de integração da diáspora no mundo, não se expressa na fala específica dos sujeitos negros. O caráter religioso está diluído e expresso em todos os

aspectos da vida do descendente africano negro através da música, dos ritmos, da alimentação, do comportamento.

Na Bahia por exemplo, o acarajé, o abará, xinxim de galinha, caruru, mugunza - a canjica paulista - são retratos da culinária baiana mas que originalmente representam aspectos religiosos intrínsecos a sua formação identitária, pois as comidas citadas são originalmente oferendas para os orixás na religiosidade africana - o candomblé.

Por outro lado, a valorização religiosa não expressa nas falas das jovens do liceu podem nos encaminhar a pensar nos modos de formulação das identidades jovens - coletivas - no sentido de participarem da cena social do contexto francês - urbano/industrial - de acesso ao mercado de trabalho.

Como jovens em faixa etária mais elevada que os jovens do Ateliê de Gennevilliers (elas estão entre 16 e 22 anos, enquanto eles estão entre 12 e 16 anos), o trabalho, a inserção social, profissional e vontade de ser sujeito efetivo participante do contexto exterior à família, são os elementos importantes norteadores que moldam, na perspectiva urbana da metrópole, a formulação de suas identidades, de seu *vir a ser*.

As bases de construção de identidade já foram lançadas na infância. E percebemos, através dos atores sociais noticiados por Chrystelle (a coordenadora da instituição) o quanto o aspecto religioso é um efetivo importante. Percebemos que há uma alteração significativa nos modos de construir as noções exteriores e comportamentais de identidade quando o jovem atinge idade cronológica mais elevada e lhe é exigida, e também desejada por ele, a participação no contexto efetivo no conjunto social coletivo.

Percebemos esta alteração identitária entre jovens mais novos e jovens mais velhos cujo o padrão de resposta em relação a religiosidade são completamente opostos ou divergentes.

Seria importante observar qual o nível de ruptura real de desvinculação com os aspectos religiosos na formação de identidade do sujeito negro e não-branco habitante da periferia, e como ele realiza a síntese pessoal e coletiva na participação do contexto da cidade - metrópole urbana e industrial.

Esta foi uma lacuna não explorada neste estudo e acreditamos ser um fator relevante de consideração para ampliar as noções de formação de identidade dos povos da diáspora e populações não brancas nos contextos do capitalismo ocidental - revelações da cidade.

De maneira geral acabamos por considerar que o jovem mais velho tem necessidade de realizar o processo de "afastamento do mundo familiar" para o ambiente francamente social que o mundo do trabalho, a família - através do casamento/união com outro par. Esta necessidade representa, força o jovem de maneira geral mas principalmente dos contextos periféricos a buscarem a integração com o contexto segundo os princípios formais de acesso

às oportunidades.

No caso, a religião no contexto francês é de tradição laica - embora isto não signifique a ausência de alguma recusa informal a outras expressões religiosas na vida social francesa.

No contexto mundial, a que o jovem francês negro e não-branco tem acesso, a religião islâmica é também alvo de xenofobias, discriminações e protestos.

Sob esta ótica podemos considerar que a formação de identidade destes jovens inscreve-se a partir da criatividade singular em não abdicar de suas formações iniciais ao nível subjetivo, mas também igualmente capaz de conjugar-se a uma síntese das exigências de participação - adaptação ao contexto. Uma interpretação criativa tal como vemos alegremente na Bahia de todos os povos e de todos os santos; como uma Roma negra.

As relações entre jovens do bairro e os agentes policiais são problemáticas em Gennevilliers. A polícia - *estado* - é vista como inimiga. A população e principalmente os jovens preferem resolver suas questões, quando há desentendimentos e "*acertos de contas*", a partir de "*gangues*" compostas por seus irmãos, primos, amigos, familiares em geral.

Não há acionamento do poder público para resoluções dos assuntos da comunidade; o respeito se estabelece pelas ligações pessoais - parentes - que transmitem poder e força a seus elementos.

A polícia igualmente mantém certa distância e hostilidade para com estes jovens, os quais são tratados sempre como marginais ou bandidos.

Há grande incidência no bairro de usuários e traficantes de drogas, os quais dominam e comandam as atividades e os passos da população do bairro. Eles são "oniprestentes" e parecem saber de todas as coisas que acontecem ao nível interno do distrito. Eles respeitam as atividades e profissionais do Ateliê e preservam o local e os espaços e as pessoas que se dirigem ao bairro para realizar atividade na instituição.

A coordenadora informou sobre o perigo de transitar a sós pelo bairro e utilizar câmera fotográfica. Ela se dispôs a percorrer alguns arredores com a pesquisadora pois, segundo ela, seria preservada minha condição física em não ser abordada pelas pessoas e não "retirariam" minha máquina. Ela informa que isto seria possível pois poderia ser relacionada a um agente da polícia.

Este mesmo aspecto se apresentou no meu ingresso na Vila Brasilândia na favela do Icaraí. O representante da associação dos moradores informou que há alguns anos atrás ninguém poderia subir na favela sem ser questionado e autorizado pelos traficantes da favela.

Os territórios da periferia são territórios do abandono, da ausência do estado que não prevê políticas de desenvolvimento para a localidade.

A mesma condição da produção social do perto e do longe apontada por Villaça

(1986) se dá também na periferia de Paris.

Como ele diz:

"A inserção da casa na cidade torna-se uma questão cada vez mais vital e ao pensarmos em cidade é preciso pensar como se dá o processo da distribuição interna de seus componentes, seus centros de emprego, seus bairros, seus sistemas de transporte" (Villaça, 1986:86).

A coordenadora refere que o bairro é um antigo bairro operário onde foram construídas habitações para os trabalhadores. É um antigo bairro operário que serviu como dormitório à população que trabalhava nas indústrias. Hoje, com a decadência do setor industrial na região, os prédios são habitados por populações carentes, imigrantes e desempregados. Embora a aparência e a estrutura seja diferente dos conjuntos habitacionais brasileiros, poderíamos dizer que a arquitetura local guarda uma lembrança de padrões habitacionais para as classes populares sem se preocupar em construir no bairro um centro de equipamentos importantes que pudessem gerir a vida do cotidiano de seus habitantes.

Ela refere que não há comércio local, rede de supermercados e prestação de serviços, restaurantes, centros de lazer e alimentação. Absolutamente tudo o que a população necessita ela precisa deslocar-se até Paris.

"A disputa que se trava em torno da produção do "longe" e "perto" é mais vital do que aquela que se trava em torno do acesso à rede de água, de esgoto ou de iluminação pública. (...) Nos países ricos, eles existem em todos os locais das cidades (...). Ao contrário, o tempo dispendido em transporte, nunca poderá ser equitativamente repartido entre todos os habitantes de uma cidade. A classe dominante, então, luta para produzir o "perto" para si e o "longe" para os outros " (Villaça, 1986:88)

Sob este aspecto o espaço urbano e as classes sociais segregadas vão se aproximando uns dos outros e passam a ocupar uma mesma e única região da cidade; é o que ocorre com Gennevilliers que estando em outra borda da periferia de Paris, aproxima-se territorialmente e também com as características da periferia de Saint Dennis. local efervescente das revoltas que repercutiram em toda Paris e que teve em Gennevilliers sua comunicação de ação mais próxima.

Por sua característica de ex-bairro operário, hoje com a crise do emprego, a população jovem está vulnerável à violência do tráfico de drogas, da falta de opção para a vida.

Parece que a ausência do Estado se dá em Paris não propriamente pela ausência dos equipamentos sociais essenciais como a escola e os postos de saúde e bibliotecas. Mas no afastamento da população ao acesso ao desenvolvimento da cidade: a circulação fácil, o acesso aos museus, ao teatro, ao cinema, aos parques, à igualdade de reconhecimento do acesso a todas as universidades¹⁵⁴ - de modo que as populações juvenis possam reconhecer-se como representantes de um mesmo país, com as mesmas condições de acesso ao desenvolvimento da cidade e não ser isolada nas áreas longínquas.

As relações do estado com a produção do espaço urbano se alia às transformações comandadas pela classe dominante.

Ele faz investimentos em infra-estrutura urbana, principalmente no sistema viário para que se torne muito melhor nos redutos das elites que no restante da cidade.

A qualidade dos ônibus, a rapidez no transporte, o conforto das linhas do metrô são mais visíveis e presentes nas regiões da riqueza como a linha amarela - linha 1 - e a linha roxa - linha quatorze. Esta última, aparentemente mais curta, transita no coração nobre de Paris.

Seus trens são modernos, automáticos (mais que os outros), limpos e com ar condicionado. As estações são igualmente belas com acabamentos em piso de mármore e portas de vidro.

O mesmo acontece se observarmos os padrões de construção da linha verde do metrô de São Paulo, principalmente nos perímetros da Avenida Paulista.

O estado apresenta suas obras públicas para melhorar a região onde se instala a burguesia com a face do centro da cidade para ela voltada; ao transferir suas próprias instalações para a mesma direção de crescimento da classe dominante, ele mostra claramente, através do espaço urbano, seu grau de captura por essa classe (Villaça, 1986:101).

"O palácio do governo no Estado de São Paulo era inicialmente no Pátio do Colégio, coração da cidade. Transferiu-se para o Campos Elíseos e depois para o Morumbi " (Villaça, 1986:101).

No mesmo sentido, em Paris, o local da Grande Ópera, o Teatro Odeon, os grandes

¹⁵⁴ A universidade de Vincennes foi um reduto de grandes intelectuais e pensadores franceses: Deleuze, Foucault, Lacan, Sartre, dentre outros. A força do regime socialista garantiu o acesso dos trabalhadores a este grande centro de desenvolvimento e pensamento da vida cultural francesa. Posteriormente, o governo socialista gradativamente enfraquecido com a crise da desindustrialização, transfere da localização privilegiada dos arredores de Paris, a Universidade de Vincennes para a periferia de Saint-Dennis; a qual é onde estudam hoje a grande maioria de negra, mestiça e não branca. População bem diferente socialmente do público branco e elitizado da Science Po, Sorbonne Pantheon e EHESS - École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, as quais figuram nos arredores mais valorizados da metrópole parisiense.

museus como o Louvre e Orsay, a Sorbonne Pantheon, a École (EHESS) e a Science Po, a Casa do Governo - Élysées - a bolsa de valores, a Prefeitura - Hôtel de Ville - estão nos perímetros mais ricos da metrópole européia.

Não estamos com isto fazendo uma comparação precisa entre os cenários urbanos de Paris e São Paulo.

Apenas observamos que o uso do espaço e do território é dimensionado conforme os interesses que são regulados pelo poder do capital e este caráter é produtor de formação de identidades.

As classes segregadas são necessariamente as populações híbridas, mestiças, negros, estrangeiros na metrópole que sustentam sua força e seu império. Eles são usados como instrumentos que geram riquezas e apartados do convívio e acesso desta produção.

Eis o que parece ser o que os jovens negros, não brancos, nos espaços segregados das periferias reclamam: a partilha dos bens que seus pais e eles também construíram. A partir da necessidade de construir uma cidade mais justa e acessível em termos de desenvolvimento geral - sem o peso do estigma e da (in)diferença - à toda sua população.

Sob este aspecto a afirmação da identidade do jovem negro habitante da periferia está sob estas condições de formulação. Ele representa no corpo e na carne o local de sua consideração no conjunto - corpo coletivo da cidade.

E a identidade destes jovens é banhada assim na segregação que é espacial e territorial mas também racial.

Não por acaso, as classes subalternas - os negros e não brancos - estão mais longe e assim necessitam ficar na ordem perversa do acúmulo do capital - dos aparelhos do estado.

Parece ser esta uma das razões para os jovens queimarem, nas revoltas juvenis das periferias - os aparelhos que precariamente representam o estado. As escolas que não lhes servem e não os legitimam como cidadãos pertencentes ao universo da urbe, da metrópole desenvolvida; os ônibus que os transportam, com a lentidão que inscreve a tortura no corpo, para o cansaço físico que não os habilitam a sonhar em viver em uma melhor cidade, em melhor condição de ser cidadão.

As relações com a polícia, informada pela coordenadora, representam a vigília a que esta população está encarcerada. Como "*classe perigosa*", a presença do estado que mais se mantém é a polícia; vigiando os passos dos jovens que marcham e aspiram um novo dia. A polícia, zelando pelos sonos dos "*injustos*", acredita que suas cercas devem ser erguidas e permanecerem intransponíveis.

O muro de Berlim foi derrubado, as senzalas abolidas, a globalização fornece o aspecto de liberdade, de eliminação de fronteiras, mas a sofisticação dos limites impostos aos

"outros", aos "diferentes" são os mesmos visíveis e mais intensos. As barreiras físicas e simbólicas permanecem.

Pensar a segregação urbana e observar indícios fortes de segregação racial é discutir com o apoio da geografia, a visão espacial, processos subjetivos de construção das identidades urbanas nas metrópoles, incidindo em considerações sobre violência, psiquismo, direitos, saúde, igualdade.

A questão parece ser mais do que a condição de investimento disponível, visto que no contexto francês há investimentos para estas zonas segregadas. No mesmo sentido há dinheiro em São Paulo, para se investir em melhor equidade no espaço público da cidade.

Recentemente, março de 2008, São Paulo viveu três dias de crise nos transportes com motins populacionais no extremo sul da cidade (Estrada do M'Boi Mirim - estrada que dá acesso ao Jardim Ângela).

A reação da administração municipal foi fortalecer a frota policial para combater os "motins" dos trabalhadores que no telejornal noturno uma mulher referia entre choro e raiva:

"Eu acordo quatro horas da manhã para chegar ao trabalho às 9 horas isso é vida? Isso é vida? (Jornal da Globo, 05.03.2008).

Posteriormente em 20 de março de 2008 a prefeitura da cidade em parceria com o governo do estado anunciaram obras que até 2010 melhorarão as condições do tráfego na cidade de São Paulo.

No entanto, nenhuma das medidas anunciadas faziam referência à ampliação da rede de transporte à população do extremo sul. Todas as medidas anunciadas no dia do telejornal previa a ampliação da rede rodoviária do perímetro central da cidade, como as marginais Tietê e Rodoanel; caminhos de fluxo dos automóveis da classe média e elite paulista.

Como dissemos, as questões implicadas nas políticas de administração das metrópoles não são apenas de ordem financeira, mas é do nível do "olhar" destinado à população marginalizada.

O "olhar" que se dirige às populações periféricas é o olhar do desprezo, da invisibilidade e do escárnio.

É possivelmente por isto que eles, jovens negros, mestiços e não brancos dos espaços segregados ao sentirem o olhar frio e a ausência do diálogo - conflito - reagem muitas vezes com grande violência; exigindo resposta a esta "desejada" invisibilidade pelos "donos" da metrópole.

Estes circuitos marcam processos de construção de identidade destas populações que se constroem sob o olhar do estigma.

Mas eles reagem com liberdade e exigem um espaço próprio - o espaço público da palavra e ação.

Interpretando as palavras de Arendt em "*A condição Humana*", ela nos diz que o poder nasce da ação conjunta entre os homens, pela capacidade dos membros de uma comunidade política concordarem com um curso comum de ação.

Isto significa dizer: "*sem um povo ou um grupo não há poder*" (Arendt, 1998:351)

Habermas, em obra organizada por Florestan Fernandes dirá sobre o conceito do poder em Hannah Arendt:

"Os movimentos emancipatórios são caracterizados pelo poder da desobediência popular frente as instituições que perderam sua força legitimatória, a confrontação do poder pela união livre dos indivíduos e a necessidade de garantir institucionalmente a gestação comunicativa de um novo começo, um novo poder" (Fernandes, 1976:108).

Eis o que a juventude negra das metrópoles de São Paulo e Paris comunicam nos territórios da segregação, na identidade que se confronta com o estigma do não lugar. Eles se inscrevem para ser, para pertencer às cidades e demarcar o seu lugar na ordem da metrópole.

A coordenadora do ateliê nos aponta que a melhoria das condições de bem estar dos jovens e melhor amadurecimento emocional frente ao estigma a que estão expostos deve-se à atuação conjunta da equipe de trabalho do Ateliê com os profissionais - psicólogos, enfermeiros, médicos, dentistas, nutricionistas - do *Espace Santé Jeune* (Espaço Saúde Jovem).

O acesso dos jovens da periferia a estes serviços sob forma de palestras, atendimentos individuais favoreceram a relação destes jovens consigo mesmos, com seu grupo social - a escola, família, amigos - e o entorno (espaço público).

Um dos aspectos levantados pela coordenadora refere-se à condição das melhorias públicas implementadas no bairro como espaço de jardinagem, locais com pequenas praças, arborização. Segundo ela, este aspecto melhorou a condição de bem estar dos jovens que após possuírem um entorno mais "*bonito*" e agradável são menos freqüentes as brigas de rua e desentendimentos entre eles.

Ela finaliza nossa entrevista informando as dificuldades de seu trabalho; pois acredita que as pessoas que estão a frente do trabalho com os jovens não possuem qualificação. Ela diz que seria necessário pessoas que se implicassem com a causa destes

jovens.

A profissionalização dos educadores seria um caminho, mas as relações com a universidade é muitas vezes essencialista. Segundo ela; os jovens universitários em geral querem "aplicar" suas teorias no campo do trabalho com os jovens, instrumentalizando-os - tornando-os sujeitos mecanizados. Por outro lado a não formação profissional específica para os educadores, traz conseqüências de um não compromisso com a emancipação e autonomia destes jovens, os quais podem ser tratados de acordo com a reprodução social do estigma que a sociedade dirige à eles.

Ela diz que é uma situação difícil do trabalho em equipe, as dificuldades de realizar um bom trabalho com um certo desamparo social geral, mas que para ela a profissionalização em perspectiva que se evite a instrumentalização dos jovens é o melhor caminho possível em seu entendimento.

No caso do trabalho com os jovens da Favela do Icaraí, é necessário, ao nosso ver, o maior acesso dos jovens principalmente aos serviços médicos e psicológicos, os quais poderão contribuir eficazmente na melhoria das condições de vida desta população. Quando em atividades no contexto de São Paulo, uma das maiores queixas dos pais, avós e pessoas da comunidade, era a dificuldade de acesso a estes serviços os quais, conforme eles, traziam melhor "tranqüilidade" para suas vidas e desenvolvimentos.

As políticas de identidade jovem em meio urbano devem servir também para isto: para comprometer os saberes e ações (no caso, a psicologia e os campos interdisciplinares envolvidos), nos avanços significativos dos anseios sociais.

Compreender identidades jovens, negras, mestiças e híbridas nos espaços segregados das metrópoles urbanas é contribuir para a saúde humana em todos os seus contextos.

Trabalho também para todos os comprometidos com uma nova sociedade para todos os sujeitos humanos.

Detalhes observacionais:

O entrosamento da equipe parece ser sensível - delicado (no sentido de '*difícil*'). Mas eles se esforçam por uma construção de unidade. Isto se tornou visível na ocasião em que solicitei uma foto da equipe. Eles pareceram estranharem-se, meio incomodados por não saberem como se organizar fisicamente para a foto e estabelecer proximidade física uns dos outros para o "quadro" solicitado. Os rapazes, observando a dificuldade para "*posar*" para a foto, começaram a brincar - construir uma linguagem de entrosamento e crescimento. Como se a tentar romper barreiras simbólicas implícitas nas relações entre eles.

O interessante dos membros da equipe de trabalho é que são respectivamente: branca, negro e não-branco (árabe da região do Magrebe).

Atores sociais que transmitem, por suas origens e através de seu trabalho, um diferencial importante no papel da construção de identidades dos jovens do Ateliê 36-38, de Gennevilliers e também no cenário social do distrito.

Fator que contribui com a noção de que *multiculturalismo* e *ação afirmativa* promovem desenvolvimento humano qualitativo nas sociedades modernas do século XXI, as quais são pautadas no desenvolvimento das sociedades urbanas. Desafios para o nosso tempo.



Equipe de trabalho do Ateliê de Gennevilliers, Periferia de Paris, 2007
Acervo da autora

EPÍLOGO

No mercado popular de Montreuil

O marido diz: Olhe! Veja que lindo! Compre!

A mulher: Sim! É lindo, muito lindo!

Qual você prefere: O vermelho ou o verde?

O marido: O vermelho! Ah...é muito bonito!

A mulher branca francesa para a vendedora africana muçulmana: Quanto custa o vestido?

A vendedora: Dez euros.

A francesa: O vermelho por favor.

A amiga que os acompanha questiona: Mas...é para usar em casa não?

A francesa responde impressionada: Sim! É claro! Para ficar em casa!

E as duas mulheres francesas se olham e sorriem entusiasmadas...

E o marido paga o vestido satisfeito.

(Diário de campo - Paris, 10.04.2007)

Esta cena se passou no mercado popular de Montreuil. Esta região fica no extremo leste de Paris, periferia. É um local onde as populações migrantes, africanos e magrebins habitam e realizam suas atividades comerciais.

Aos finais de semana um grande mercado se monta na grande calçada ao lado do supermercado Carrefour.

São africanos, espanhóis, italianos, magrebins, árabes, indianos, asiáticos, povos de todas as cores e lugares pechinham suas mercadorias: C'est bon marché! ne pas chère!

Como as feiras brasileiras: olha que barato, é pra levar, venha ver freguesia...E o dia é em geral alegre entre comidas típicas, lenços e túnicas africanas, lençois, colchas, sapatos, roupas e chapéus usados, franceses e europeus vendem também seus produtos: perfumes, shampoos, sabonetes...

É a festa do povo!

Alguns franceses de classe média vão pra lá para garimpar coisas boas. Foi o caso do casal acima descrito e sua amiga.

O entusiasmo com o qual o marido mostrou o vestido e a reciprocidade da esposa demonstram que na cena urbana há a valorização cultural de atributos de outros povos. O fascínio pela singularidade e diferença, a necessidade de usar uma vestimenta confortável e sofisticada como a dos povos africanos.

O vestido era uma bonita túnica vermelha de um tecido acetinado. Havia detalhes bordados nos punhos, região do peito com um sutil decote e bainhas. Era longo e de um vermelho maravilha. Era realmente muito lindo e poderia ser utilizado no contexto ocidental em uma ocasião sofisticada e de festa, ou para, como era a pretensão da francesa, um chique robe para ficar bonita em casa em dias frios de inverno.

Quase que comprei um pra mim, mas pensei na pouca bagagem que deveria levar em meu retorno.

Esta cena para mim representa que as sociedades classicamente ocidentais, em termos de sua população no cotidiano já aderiram as condições culturais da diáspora africana.

Assim como o jazz, o blues e o samba são hoje expressões musicais de todas as classes sociais e principalmente as classes ricas e intelectualizadas, os hábitos de vida, culinária, maneiras de gerir a vida, são apropriados pela burguesia.

A própria capoeira hoje, no Brasil, não é mais uma prática de negros e mestiços. Mas a classe branca rica e média, aderiu à prática assim como as vestimentas; o cabelo trançado também são formas que os meninos e meninas das classes médias e universitários gostam de usar.

Isto representa que a resistência da diáspora mantém a transformação e a continuação de participação do mundo social e coletivo, e que as relações sociais efetivas em termos políticos e sociais deverão ser decorrências precisas desta ordem de coisas.

Não basta apenas agregar os hábitos e formas de vida ao cotidiano informal como a francesa que usará o vestido - robe - em casa. Estes comportamentos sociais tenderão a ganhar consistência e a sociedade deverá amadurecer as relações de igualdade humana em todos os cenários sociais.

No Brasil, nós vivemos há muitos anos com a idéia do mito da democracia racial, o qual é ainda hoje idéia corrente em muitos espaços sociais apesar de vir perdendo sua força.

No cenário francês, o mito da república - a igualdade entre todos - impede que a sociedade francesa avance nas contradições de seu contexto e deixe de dialogar de maneira mais consistente e válida para todos os seus cidadãos: franceses brancos, negros, mestiços e não brancos.

As discussões no Brasil avançam a partir da década de cinquenta como relatamos no início de nossos trabalhos.

Na França o debate apenas se inicia. Eles buscam soluções para as questões a partir de referências inglesas e americanas que possuem tradição na questão em seus territórios urbanos.

Neste sentido, trazemos para a conversação o tema das ações afirmativas; como esta pode se relacionar com nossa discussão - a identidade de jovens nos espaços urbanos segregados.

Nos Estados Unidos as políticas de ações afirmativas foram implantadas a partir dos anos 60 com o fim de acabar ou pelo menos reduzir as desigualdades raciais e o racismo a partir do estopim intelectual dos Movimentos dos Direitos Civis.

Edward Telles (1996), brasileiro e sociólogo na Universidade da Califórnia, informa que o racismo é um dos problemas não resolvidos da democracia no Brasil em meio a muitos outros. E que a agenda de prioridades nacionais são consideradas junto com a questão do racismo.

Os cenários são diferentes mas segundo ele a desigualdade racial no Brasil é muito grande e o racismo crescente conforme vem reconhecendo a sociedade branca do país.

Enquanto no Brasil há um sistema *continuum* de categorias raciais, nos Estados Unidos há um sistema binário. No Brasil há a ausência de intervenção legal no cenário frente à questão enquanto nos Estados Unidos a presença do estado é ativa na luta contra o racismo.

No Brasil há uma interação racial, ao menos entre os pobres. Já nos Estados Unidos apresenta-se um nível quase inexistente de interação racial na classe média americana.

Partindo de sua análise, a desigualdade racial é maior no Brasil que nos Estados Unidos, graças, em grande parte, segundo ele, às políticas de ação afirmativa dos últimos 30 anos.

Hoje, em nosso cenário, a crença numa democracia racial no Brasil perde terreno e a recente implementação de cotas para mulheres nas direções de partidos políticos e sindicatos tem levado à compreensão de que as ações afirmativas voltadas para o combate às desigualdades raciais podem ser bem vindas (Telles, 1996:195).

Mas Telles alerta que o modelo americano deve ser alterado para a realidade brasileira pois:

- a) é muito mais indefinida no Brasil a identificação dos não-brancos;
- b) a estrutura da sociedade brasileira revela que o acesso à universidade ou à classe média é muito mais fechado, e não apenas para os negros, sendo possível para uma parte muito reduzida da população¹⁵⁵;

¹⁵⁵ Mesmo o texto tendo sido escrito há mais de dez anos, isto é ainda verdade inclusive a partir da década de 2000, no que se refere ao sistema de ensino público universitário.

c) muitos setores da sociedade brasileira não acreditam que o racismo exista ou seja verdadeiramente importante: isso se explica pela velha crença na ideologia da democracia racial, pela ausência de segregação legal e por uma elevada interação racial no nível das relações pessoais (Telles, 1996:195).

Um outro fator importante em termos de ações afirmativas nos Estados Unidos, são a contratação e promoção de negros no mercado de trabalho e pelos "contratos públicos" junto a uma minoria de empresários negros.

No Brasil, quando se fala em ações afirmativas foca-se mais a situação pela via da universidade e neste sentido Telles nos ajuda a considerar que nos EUA ao contrário do que possa parecer, elas também são questionadas e combatidas. Há divergências quanto a sua validade e manutenção, embora as desigualdades raciais e étnicas permaneçam elevadas.

No texto de Telles que estamos considerando, *Ações afirmativas: início no Brasil e fim nos EUA?*, ele traça um retrato pormenorizado da questão ao nível da universidade, principalmente da universidade a que esta vinculado como professor. Seus nuances e particularidades em relação à questão e os posicionamentos político-administrativos da reitoria que administra a universidade da Califórnia e seus dois principais campus - UCLA e Berkeley.

Após 30 anos de programas de ações afirmativas, a Universidade da Califórnia modificou os programas com vistas a aperfeiçoá-los, abolindo alguns critérios importantes de cor e raça para o ingresso na universidade.

Ainda assim, houve a conclusão unânime de que : *"os programas de ações afirmativas tornaram a Universidade uma instituição melhor por terem-na tornado mais diversificada e que este trabalho ainda não foi concluído. A Universidade deve continuar atuando de forma afirmativa para aumentar a participação de indivíduos pertencentes a grupos sub-representados , avaliando e aprimorando os programas de modo a fortalecê-los. (...) A diversidade estimula a vida intelectual e o desenvolvimento, engendra novos desafios, e empurra todos os membros da comunidade acadêmica para níveis mais elevados de excelência e sucesso . Essa diversidade também contribui para que a Universidade da Califórnia e outras universidades estaduais possam alcançar seus objetivos enquanto universidades de pesquisa pública"* (Telles, 1996:200).

Com as novas mudanças nas regras de admissão de estudantes não brancos, a exclusão será um fator visível e incontornável. Ainda assim o conselho de reitores expressou *"o sentimento de que a universidade precisa conhecer os riscos de exclusão e estabelecer os níveis de participação, pois desconsiderar a raça e a etnia por ocasião das admissões é alienar os grupos mais freqüentemente excluídos"* (Telles, 1996:2001).

As novas regras colocam em prejuízo a participação de negros no contexto principalmente da pós-graduação da Universidade da Califórnia e já é possível observar a

queda brutal da participação dos afro-americanos na universidade. *"Eles já são poucos numericamente e estão se tornando ainda mais sub-representados com as novas regras. Em nível nacional, seus testes escolares apresentam médias abaixo daquelas obtidas pelos brancos, desempenho que não se limita aos grupos afro-americanos com dificuldades financeiras ou oriundos de bairros populares desfavorecidos. Logo, selecionar estudantes apenas com base em desvantagens econômicas pode significar forte redução do número de afro-americanos na UC"* (Telles, 1996:2001).

Vemos que o impacto do racismo é profundo e permanente inclusive em sociedades que historicamente avançaram na condição política formal em considerar a questão.

Quando abordamos as dimensões territoriais do espaço urbano da metrópole e a população jovem e negra estamos atentando para fatores onde a pobreza e desigualdade é presente pela ordem do capitalismo segregacionista que exclui inúmeras pessoas do acesso à participação social do desenvolvimento da vida - representado pelas conquistas da cidade.

Pretendemos dimensionar as condições destes sujeitos observando que são negros, são pobres, são mestiços e não brancos.

No Brasil, a pobreza é considerada o fator maior de exclusão de acesso a todos os bens da metrópole. Características do país inserido no contexto da globalização.

Mas ao abordar o território, observá-lo pela ótica da cidade, do espaço que os jovens transitam e se abrigam, podemos ver a sua identidade. A identidade da negação de sua existência, de sua peculiaridade e singularidade expressa em sua alteridade.

São negros e mestiços. São também não brancos. E a história marcada do território, das pedras da construção e alicerce da cidade demonstram, que a pobreza é fator conjugado à raça, à etnia. Eles são pobres porque são negros e sendo negros são impedidos do acesso à participação da cidade.

A identidade é marcada por este grau forte de impacto, de segregação, de racismo, dos muros desenhados e falados pelas moças da Brasilândia.

Se há maior interação no Brasil entre brancos e negros nas relações pessoais, diferentemente dos Estados Unidos, é preciso atentar para a manutenção destes *status*. Na medida em que a consciência avança, corre-se o risco da lucidez perceber a trama da falsidade e negar frontalmente o mito freyriano de democracia racial.

Estamos longe, creio eu e assim espero que sim, de uma divisão binária como nos Estados Unidos.

Na França, as pressões sociais, o desemprego, e as exigências dos jovens em forma de *"motins"* começam a ser expressas como uma quebra de interação entre brancos e populações não brancas e negras.

A interação social entre os *diferentes* em França, não chega a ser tão expressiva como no Brasil, mas parece-nos ser mais presente que nos estudos apresentados por pesquisadores sobre o contexto de interação racial norte americano.

Ainda que tenhamos o melhor cenário sobre as relações entre negro, branco e mestiço, a negação reiterada da identidade negra brasileira pode por em colapso ao longo do tempo esta verdadeira condição de interação social.

Sob esta análise é preciso que nos apressemos em trazer as respostas para a dificuldade de nossos contextos. Para a dificuldade de reconhecer nos jovens pobres dos contextos urbanos, visto que o campo cada vez mais urbaniza-se nos moldes sociais da metrópole, que eles são negros, mestiços, não brancos. Que fazem parte da identidade negada deste país. E que necessitam visibilidade e respeito frente às suas necessidades de participação no conjunto da sociedade brasileira.

Habermas ao considerar a identidade do *Eu* informa que o sujeito deve ser capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências.

Ele diz:

"A identidade do Eu depende naturalmente de determinadas premissas cognoscitivas, mas não é uma determinação do Eu epistêmico, consistindo antes numa competência que se forma em interações sociais. A identidade é gerada pela socialização, ou seja, vai-se processando à medida que o sujeito - apropriando-se dos universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social, ao passo que mais tarde, ela é garantida pela individualização, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais" (Habermas, 1983:54).

Podemos considerar que os jovens negros das periferias das metrópoles urbanas estão aptos a dizer o que querem, o que demandam. Eles apresentam a capacidade de cognição - interpretação - do contexto e estabelecem interação social a fim de que sejam inseridos no sistema social.

Suas vozes e dizeres, expressam esta crescente identificação que requer a participação no conjunto social.

No âmbito do fazer científico é importante ser capaz de ouvir e interpretar as suas vozes a fim de colaborar, com sua função emérita, com o desenvolvimento da humanidade.

No que diz respeito à psicologia, a capacidade de escutar tal linguagem é favorecer processos de individualização que comportem solidariedades pois estaria moldada no princípio da interação social a partir da correspondência do *"olhar do outro"*.

A tarefa da total autonomia e emancipação dos sujeitos comporta um ordenamento

social, cujo desenvolvimento diz respeito a evolução de toda a sociedade.

Nesta perspectiva Mary Garcia Castro, pesquisadora da Unesco sobre juventude, nos diz que políticas públicas por identidade necessitam de maior investimento teórico-político com leitura mais reflexiva de um enfoque "geracional" que no mundo apenas se esboça e no Brasil vem se ampliando nos últimos anos.

Ela informa que os grupos identitários, tanto o movimento feminista como o movimento negro, trilharam caminhos de debates e que continuam a requerer representação junto à máquina político-administrativa no plano do executivo do governo. Eles dialogam na necessidade de legitimar enfoques de gênero e de cunho anti-racista a fim de reconhecer singulares perspectivas étnico-raciais nas políticas de cunho universal.

Nos movimentos sociais por direitos humanos e cidadania bem como por políticas de ações afirmativas e de identidades reconhece-se que as desigualdades sociais se multiplicam em certos sistemas político-culturais e há alguns que sofrem outras exclusões que contribuem para a negatividade maior em seu ser e estar no mundo.

Mulheres se posicionam em pior situação que os homens por indicadores subjetivos e objetivos enquanto os afro-descendentes, mais que os de pele clara, se concentram mais em indicadores negativos, bem como os jovens que não por acaso também se destacam negativamente nas estatísticas de vítimas de homicídios e entre os desempregados. Ou seja, mesmo entre os pobres há gradações, hierarquias e formas de viver a classe, com sentidos próprios, a depender do gênero, da raça e do momento no ciclo vital (Castro, 2004:277).

" Marx já ponderava que são várias as populações para o capital, e que no capitalismo se recorre a diferenças tidas como naturais para acirrar competições, diversidades que ajudam a que mais se explorem alguns e ao mesmo tempo todos das classes dos sem propriedades" (Castro, 2004:278).

O debate sobre cidadania e ação afirmativa vem lembrar que além da economia, vários são os sistemas de explorações e discriminações que pedem a intervenção do Estado e que diversos sistemas identitários, incluindo os jovens, tem linguagens próprias, inclusive de rebeliões, que pedem formatos próprios de ação e intervenção.

Neste sentido, políticas de identidade não pedem apenas cotas. Estas são o limite mínimo de consideração de seu papel e traduz de forma equivocada políticas de ações afirmativas.

As políticas de ações afirmativas contribuem para remodelar um sistema de relações sociais, desconstruir orientações históricas e mexer em alicerces que reproduzem

desigualdades. É encaminhar-se para uma referência redistributiva na qual não só negros, mulheres, jovens ou velhos, seriam os beneficiários por políticas compensatórias. É exigir que o Estado vá além da declaração de boas intenções e de programas pontuais para esta ou aquela identidade, que vá além das cotas.

A exigência é que se mexa em toda estrutura orçamentária do Estados e ao mesmo tempo remetam à igualdade que possibilita a expressão de diferenças identitárias e linguagens próprias e o direito à diversidade cultural. No caso do jovem negro: *"subjetividades projetadas que conferem formas de ser do povo negro. Busca-se mais que o direito de ser igual, sem contestar os parâmetros de referência para tal igualdade"* (Castro, 2003:280).

A intenção de trazer o debate para este trabalho é o de considerar que para a juventude negra é importante pensar um caminho para seus sonhos e expressão de vida. E o caminho precisa ser tanto na construção teórica, como no campo político.

Castro (2003) nos possibilita pensar a polêmica questão a partir da consideração de combinação de enfoques antidiscriminatórios e por combinação de linguagens identitárias. De maneira radical que avancem em enfoques políticos de tonalidade pontual e universal.

Para ela é importante ultrapassar as divisões negro, branco, homem, mulher, velho, jovem e explorar o que cada movimento identitário pode contribuir para transformar o mundo.

Neste sentido o movimento negro vem

"resgatando a polifonia erótica dos orixás e sendo a expressão musical e corporal mais do que superestrutura, e sim linguagem de comunicação que ressalta o valor do lúdico e apresenta, como em algumas expressões do hip hop, textos de protesto social ou de crônicas do cotidiano. Então é pensar pequeno brigar só por igualdade entre negros e brancos. E a contribuição singular do Atlântico Negro (Gilroy, 2001)? Da cultura afro brasileira? O direito do negro a expressões culturais próprias é mais que o direito de alguns, é também questionar a cultura branca ocidental monocromática e a hegemonia judaico-cristã" (Castro, 2003:289).

Isto tem validade porque falamos de juventudes. E juventude negra, sendo que a juventude em geral tem pouco espaço nas ações e programas de governo. É irrisório ou inexistente a possibilidade dos jovens serem sujeitos-atores de seus direitos. Neste sentido, eles, na pesquisa, demonstram requerer seus espaços negados, desconsiderados nas políticas identitárias do país.

A pesquisa, para nós, parece revelar a necessidade da ciência - construção teórica e política - favorecer o debate para a inserção melhor destes sujeitos.

Por si mesmos eles já iniciaram a revolução, mas cabe-nos como agentes

colaboradores para o desenvolvimento social, esclarecermos pontualmente suas ações e contribuirmos com a validação destes campos do conhecimento. Registrando o saber que se inicia e se engendra nas vozes destes jovens.

Sob esta perspectiva, as ações afirmativas seriam um caminho que pode fortalecer a busca de uma nova dimensão de mundo.

Não como resolução pragmática única e isolada às populações negras, através do binarismo cômodo e restrito da hegemonia ocidental. Mas inserindo no debate novas perspectivas de conceber o mundo, a partir de um universalismo que congregue as necessidades de todos.

Sendo assim, ao considerar identidades, as ações afirmativas devem ser defendidas no limite focal. Sem nos contentarmos com este campo mínimo de seus enfrentamentos e lutas. Ela deve, no atacado, afirmar ações em prol de *juventudes*. Sem deixar de ser capaz de considerar aquelas com mais alto grau de vulnerabilidade no sistema de classe; fato que pede a combinação e preocupação simultânea de *políticas focais* e *universais* em um Brasil que seja de todos nós (Castro, 2003).

Trouxemos o debate para o interior do texto no sentido de que consideramos que identidades são construídas. E a elaboração de uma identidade empresta seus materiais da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais, dos aparelhos de poder, das revelações religiosas e das categorias culturais (Munanga, 2004).

Os jovens que acompanhamos o percurso são portadores de processos de construção de identidades. Que se realizam em consonância com seu tempo, sua história.

Eles constroem suas histórias, ao mesmo tempo que intermedeiam o contato com a sociedade já construída, já posta, já determinada. Mas suas ações, pensamentos e reações ao sistema acabam por alterar a posição social já emoldurada.

Sob este aspecto não poderíamos deixar de trazer o debate no cenário brasileiro e internacional sobre as ações afirmativas como representantes do contexto de luta que mudaram as perspectivas sociais e humanas entre negros, mulheres e crianças nos Estados Unidos e Inglaterra. Considerando inclusive o Canadá, através das políticas multiculturalistas.

Percebemos que os jovens, no Brasil e na França, esboçam identidades-projeto, pois constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e conseqüentemente se propõem a transformar o conjunto da estrutura social.

Eles em seus anseios parecem questionar o fundamento das sociedades historicamente construídas no hoje, e começam a suscitar um projeto que na evolução histórica possa legitimar-se no contexto da vida social. Eles questionam: Como será a democracia do século XXI com este tipo de globalização? (Munanga, 2004).

Sob estes questionamentos, nós também tentamos pensar na construção destas respostas, aliando a consideração sobre a geografia humana que aprofunda a concepção sobre as relações do homem com o meio, em particular o meio urbano - a metrópole.

A psicologia se insere na conversação com as disciplinas já apresentadas como a psicanálise, que agrega a condição de pensar a trama identitária e processos subjetivos dos sujeitos, assim como a sociologia que inaugura os campos de discussão sobre a condição social do "*ser negro*".

Foi neste limite que pareceu-nos propício abordar a temática das ações afirmativas no epílogo da tese, demonstrando que a ciência deve alçar um compromisso com os assuntos que emergem e ajuda a discutir.

Antonio Sérgio Guimarães em 1990 apresentava posição contrária as ações afirmativas nas universidades. Após mais de uma década, ele afirma : "*...dado o modo como transcorreram o debate, a reação às ações afirmativas e o jogo de pressões, nacional e internacional, elas se tornaram inevitáveis. Eu mesmo passei a defendê-las*" (Guimarães, 2005:7)

Sob este aspecto reflito: Quanto mais séculos teremos que passar para que as populações historicamente rejeitadas enquanto contribuintes para o processo de desenvolvimento social do mundo como um todo possam ter validado e legitimado sua condição humana a partir de uma identidade na qual sejam respeitadas?

A legislação não é o caminho definitivo e melhor para as mudanças estruturais no cerne da cultura humana. Ela é, ao contrário, a evidência, de que a condição do desenvolvimento da solidariedade e da elevação afetiva-cognitiva humana que implica o processo de evolução civilizatória, está longe de se pronunciar.

A legislação evidencia o ambiente da *barbárie* e da *intempérie* a qual precisa ser combatida e evitada. A *precarização da vida*. O limite do *inumano*.

Sob este aspecto, ela é, a infeliz salvaguarda do genocídio daqueles que são negados do pertencimento à ordem social universal.

Sem considerá-la como uma curvatura as chamadas "*vitimizações*", como alguns gostam de afirmar, ela é a mínima escuta das expressões e vozes que - em nossos recortes tivemos a oportunidade de apresentar - estes jovens alertam.

Ela é o mínimo que a vida encerra. Mas é em alguns momentos da história, o mínimo vital.

“É preciso que não só o francês pague o vestido satisfeito, com o valor legítimo da beleza do vestido, assim como é importante que a mulher possa usar o vestido não só no interior da maison, na verdadeira contemplação de seu sorriso. O qual é no fundo,

a contemplação da identidade de todos nós: iguais e diferentes, unidos no espaço social”.



Mercado Popular de Montreuil (Paris, 2007) – Acervo da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A força dos fracos é seu tempo lento (Santos, 1998),
ou como diria minha mãe Maria de Lourdes:
o que menos corre, voa! "*

A psicologia social brasileira reconhece através da noção de *identidade-metamorfose-emancipação* de Antonio da Costa Ciampa um importante marco de transformação das formas de conceber identidade nos contextos acadêmicos da psicologia assim como sua transposição para inúmeros campos do conhecimento.

A questão da identidade foi colocada a partir do final da década de oitenta, como central para pensar a sociedade e a psicologia.

Na França, a partir dos estudos sociológicos de Alain Torraine, construiu-se uma sociologia que se vinculou a intervenção social a partir de percepções fornecidas pelos próprios sujeitos. O método revolucionou as formas de conceber pesquisa em ciências sociais e colocou no sujeito o foco do olhar sociológico e não mais apenas a análise prioritariamente social.

Michel Wieviorka e François Dubet dirigem na atualidade o Centro de Análise e Intervenção Sociológica em Paris, fundado por Torraine, local em que se desenvolvem os trabalhos a partir do método de intervenção sociológica, sendo um dos mais respeitados centros de pesquisa sociológica no contexto internacional.

O Laboratório de Psicologia Social fundado por Serge Moscovici, hoje dirigido por Elisabeth Lage, nos disponibiliza informes sobre a importância de considerar os processos afetivos e cognitivos na compreensão social das formações pessoais e singulares dos sujeitos, o que para nós equivale a dizer, da formação ou construção de suas identidades.

As produções destas duas localidades forneceram importantes influências para a transformação das pesquisas brasileiras em sociologia e em psicologia, pois a própria casa que recebe este trabalho esteve presente através da Professora e filósofa Silvia Lane, em pesquisa e atividades naquele Laboratório. Atuação que referendou outros caminhos para a psicologia brasileira valentemente iniciados por "*Silvia*"; a querida mestra de meu mestre e de todos nós, da psicologia.

A "*escola psicológica de São Paulo*" forneceu novas concepções para pensar a psicologia brasileira com repercussões em toda América de língua hispânica e também no mundo europeu, a partir da França, que ajudou a fornecer os primeiros passos para a

transformação da psicologia com herança explicitamente norte americana para uma psicologia válida para os contextos comprometidos com a transformação da realidade social.

A questão da identidade foi colocada como a referência central não só para a psicologia mas para grande parte das ciências e estudos que procuram compreender a ordem dos contextos no mundo globalizado e nas economias urbanas.

Por esta vertente, presente durante todo o texto, seja através do diálogo que se estabeleceu com Habermas - pois foi o pensador de frente com quem Ciampa conversou constantemente para compor suas perspectivas de identidade - seja através de breves análises que mesclam a historicidade dos sujeitos com a sociologia sobre o negro e a psicologia social, é que procuramos compor a trama de parte do trabalho em refletir sobre a identidade dos jovens negros inseridos neste contexto - a metrópole, a globalização, a trama do capitalismo, a periferia.

E se no Brasil, a psicologia, através do conceito de *identidade-metamorfose-emancipação*, elegeu o conceito como nodal para pensar a sociedade; hoje, no século 21, a questão é ainda mais efervescente em todas as ciências sociais e humanas, além dos contextos da vida do cotidiano social.

Partindo do conceito de *identidade-metamorfose-emancipação* incluiu-se outras conexões para pensar a questão da identidade de jovens negros nas periferias urbanas.

Não partimos de uma análise detida e minuciosa do conceito de identidade em Ciampa, visto que a importância da noção ganhou, por assim dizer, certa fecundidade *a priori*, no sentido de instá-lo como geralmente compreensível em suas linhas gerais.

Esboçamos, no interior do texto, os sentidos específicos sobre identidade-metamorfose correlacionando-o com demais formas de entendimentos sobre a cidade, o urbano, alteridade e diferença para pensar a dimensão do jovem negro na sociedade brasileira e nos contextos das metrópoles internacionais, no caso, São Paulo e de passagem, Paris.

Não estabelecemos comparações fixas. A intenção foi de percorrer os universos das grandes metrópoles, compreender os movimentos juvenis que se espalham pelo mundo, e nos mostram que os hibridismos, os fluxos, a noção de fronteiras, diáspora, transnacionalismo e identidade são cada vez mais presentes na ordem do mundo. Torna-se importante focar o sujeito da diferença, da desigualdade, banhado nos conflitos de etnia e racialização que o mundo inteiro assiste.

Trouxemos, para pensar estas noções, a psicologia social do negro. Considerando a partir dos caminhos pioneiros da sociologia, as formas clássicas de abordagem da questão.

Não partimos de arranque, de uma psicologia social do negro. Resgatamos os elementos principais classicamente importantes em qualquer estudo brasileiro que fale sobre o negro brasileiro.

Obrigamo-nos a isto pelo fato de percebermos, na psicologia social, certa ausência de conhecimento sobre os pilares que referendam os estudos sobre a temática.

Embora em outros campos disciplinares seja mais ou menos consenso conhecer as literaturas mestras das ciências sociais que inauguram os estudos sobre o negro no Brasil, como a história, a geografia, a educação vem fazendo; a psicologia, ao menos na pouca literatura existente, não conecta a dimensão de seus estudos diretamente do campo social já validado formalmente.

Isto gera, para a psicologia, em nosso entender, uma certa incapacidade de efetivamente participar das produções temáticas existentes no mesmo nível de arguição dos intelectuais que cada vez mais vivamente, produzem sobre a questão.

Não dizemos com isto que devemos à sociologia uma certa subordinação aos seus conceitos, mas como produtores de conhecimento em psicologia social, estamos obrigados a compreender as incursões históricas sobre as considerações do conceito - o negro brasileiro - em seu percurso sócio-político- cultural.

Feito isto de maneira breve, ingressamos na discussão sobre o papel da psicologia social e as produções pioneiras sobre identidade negra.

Escolhemos as primeiras quatro obras publicadas no final do século XX e início deste século, as quais são realmente as primeiras obras que tratam da psicologia social e a identidade negra no contexto do estado de São Paulo. Este estado, como sabemos, ainda representa a maior visibilidade nacional em termos de produção acadêmica científica, sendo portanto um indicativo relevante da precariedade de publicações sobre o assunto na área neste estado. Muito embora este dado esteja muito aquém em termos cronológicos e numéricos do que se produziu, ao menos no Núcleo de Estudos sobre Identidade Humana.

Assim considerado, discorreremos sobre as obras a fim de situar por onde vão formalmente os caminhos objetivos das noções já construídas no campo formal sobre a temática.

A partir disto, passamos a discorrer em linguagem própria, as contribuições e importância dos desenvolvimentos da psicanálise no contexto brasileiro - São Paulo e Rio de Janeiro - a partir da crítica aos autores na mesma iniciativa de agregar valores e reposicionamentos das questões relativas ao psiquismo negro, processos subjetivos e formação de identidade.

Os pontos de apoio específicos do trabalho foram brevemente apresentados em linguagem direta e enxuta de maiores reproduções e explicações minuciosas de conceitos.

Procurou-se, desta forma, informar genericamente as formas de construções epistemológicas que transitam no interior da tese, e arriscamo-nos manter tal perspectiva ao invés de subordinarmos diretamente a análise do trabalho de campo aos pontos de apoio

especificados na capítulo *Cidade e produções subjetivas: retratos da juventude na periferia de São Paulo*.

A partir disto, o que se segue é tentativa de transmitir com simplicidade de compreensão a estrutura emocional e vivência dos jovens; intercalando as observações sobre tais experiências com algumas análises psico-sociais a partir de literaturas diversas incluindo a geografia, a qual pela temática, está inserida no conjunto dialógico do trabalho.

Não sabemos se este arranjo resultou na compreensão de nossas intenções, que foi a de proporcionar caminhos para se melhor conhecer os processos de formação de identidade juvenil em populações marginalizadas, o retorno das "*classes perigosas*", com prioridade para o olhar étnico-racial das populações jovens negras habitantes da periferia.

Procurou-se enfatizar nesta seqüência, a produção social do espaço e as repercussões e influências desta configuração emocional, psíquica e identitária destes jovens.

É possível que esta forma de ligação com os dados tenha produzido o excesso de considerações gerais e contextualizadas por inúmeros e diferentes autores, sem levar-nos a uma condição de análise linear e bem planejada.

Contudo, tal possibilidade fornece o caminho de poder transitar por espaços epistemológicos que nos propiciem à reflexão sobre as emergentes e complexas questões que se dão não apenas no Brasil e na França, contextos de elaboração da pesquisa, mas também em todo o mundo atual: identidades, fronteiras, globalização, alteridades.

Sob esta ótica entendemos que não traímos nossos pontos de apoios que coadunam-se com a tese pois, o sentido do materialismo histórico em Habermas, quando fala em *mundo da vida, razão instrumental e agir comunicativo*, está diretamente relacionado a condição de produção de sentido na sociedade moderna ou pós-moderna.

Este sentido em sua plenitude referenda os aspectos que a psicanálise proporcionou na capacidade de produzir a ampliação dos significados lingüísticos a sua metapsicologia.

Isto para nós é especialmente importante pois nossas ligações com Habermas tem ao fundo a construção social da noção de identidade como acima referendamos.

A priorização pelo elemento do sentido e do significado é que costuram os dois últimos capítulos do trabalho e por tal razão não há preocupação em conjugar diretamente ou parcialmente as ligações com os pontos de apoios referendados.

Primou-se por exaurir o não limite do sentido que em sua plenitude não aliena-se a algum mínimo contorno específico; mesmo porque se acredita que os contornos, na própria escolha do objeto e apoios mencionados, já foram minimamente circundados. Ao nosso ver, contorno mais não é preciso.

Há nesta opção o risco em alienação pacífica que não compreende a ordem das

instâncias e necessidades científicas de justaposições e reiteradas justificações elegíveis de um único caminho, ou ao menos, caminhos plenamente reconhecíveis.

Nossos caminhos divergem, entrecruzam-se, encontram veredas inusitadas, paisagens, precipitam-se em rios que nos exigem pontes, calçadas de barro, que se desfazem com a chuva, da cidade negra desconhecida, de seus rostos e corpos fulgurantes de belezas.

Sim, este é o grande risco do trabalho de organização do texto, de assumir a gramática que se esboçou, pois como nos apresenta Miriam Debieux na epígrafe inicial de seu livro *Histórias que não se contam - o não dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*, nas palavras de Heidegger em *A experiência do pensar: "Jamais e em nenhuma língua o pronunciado é o dito"*.

É possível que tenhamos definhado, como todos, a partir dos determinismos da psicanálise, a esta interjeição.

A condição de análise dos sujeitos, na condição de pouca distância destes jovens, pode ter inibido maior lucidez e afastamento para melhor discernimentos. É possível.

As críticas de Habermas à metapsicologia freudiana não nos abala, pois foi justamente esta qualidade metapsicológica, não totalmente expressa, mas presente no texto, que nos possibilitou a utilização da psicanálise como método; eis que a condição da pesquisa psicológica - os jovens negros das periferias urbanas - ecoam ressonâncias no fazer da pesquisa da cientista. Lógica impossível de retroceder.

Assim o não dito, caso ele nem ao menos tenha se esboçado, foi antes um acerto de resultados das variantes do trabalho, do que propriamente um limite do método.

Foi a linguagem método-psicanalítico, embutido na forma interior da gramática do texto, que nós pensamos ter nos permitido este "jogo" de duplos caminhos. De recusar vias de "mão única", de nos atarmos por perspectivas opostas a negação de um racionalismo fluente.

E na mesma "contra-mão" pretendemos nos inserir no discurso e na análise de uma confluência dialética.

Quando Habermas traz a questão do sentido como prioritária para a sociedade, ele o faz considerando a linguagem enquanto função hermenêutica, intérprete do mundo. Neste sentido, a linguagem, dessacraliza para a psicologia, as formas de concepção dos processos cognitivos e de aprendizagens; cria-se assim uma nova estética.

Nas palavras de Habermas (1990:16): *'símbolos lingüísticos inseridos num evento poético originário'*.

Ele tratará a psicanálise como fonte importante neste processo, mas sua consideração deste campo do conhecimento psíquico termina na afirmação de que a mesma deve residir

apenas na dimensão terapêutica de sua proposição. No mais, diz ele, os atributos da mesma podem ser reduzidos a simples psicologismos (Habermas,1996).

O filósofo não realiza a síntese entre a filosofia e a psicanálise. Aliás, sabemos que não é esta sua função, nem intenção.

Nós também não pretendemos algum nível de aproximação que encerrasse posição de acerto entre os discursos - *tentativas de eventos poéticos originários* - presentes no trabalho.

Mas não concordamos que a psicanálise restrinja-se unicamente a elemento terapêutico que para Habermas a emancipa.

É possível que alguns analistas, mais que a psicanálise, procurem ser tão supremos em suas explicações sobre o indivíduo e a sociedade.

Mas alheia a esta fatalidade passível de ser observada em qualquer contexto, ela - a psicanálise - nos proporciona visões importantes para conceber melhor a noção de estruturação afetivo-emocional e formação de identidade de jovens negros. Não chegamos a discorrer especificamente sobre tal contorno, mas esboço genérico foi traçado.

A dimensão espacial e geográfica empresta à psicologia a condição de elaborar discernimentos que nos coloquem na ordem de significações sobre as sociedades urbanas. Sobre este complexo sistema que se transmuta velozmente na medida em que o mundo avança. E tal avanço promove encaminhamentos na psique e conduta - *identidade-metamorfose* - do ser humano.

A análise sócio-geográfica acrescenta à uma psicologia irremediavelmente atada à história, a fundação de bases para inseri-la na discussão sobre o urbano, o território, as fronteiras, o híbrido e o secular do homem na metrópole.

Santos (1998:32) ao falar de *tecnoesfera* nos traz a mensagem de que esta representa o resultado crescente da artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo.

Em direção antagônica, mas componente da mesma rede social do espaço social habitado, ele nos traz a noção de *psicoesfera* que é o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo.

Foi neste sentido que relacionamos seus estudos geográficos e a noções de Habermas sobre *mundo da vida*, *razão instrumental* e *agir comunicativo*.

Psicoesfera estaria para *mundo da vida* enquanto *tecnoesfera* para *razão instrumental* e *agir comunicativo* - linguagem, gramáticas - poderia ser concebido como as cartografias do espaço - em suas peculiares dimensões territoriais de formação de paisagens.

Não se pretendeu uma comparação direta. Sabemos que são pensadores de estéticas

diferentes, de campos disciplinares distintos, mas que para nós convergem na possibilidade de melhor compreender a noção de identidade em espaços urbanos, identidades racializadas, identidades jovens no contexto das metrópoles e as significações dos movimentos e choques sociais que temos observado no cenário nacional e internacional.

Habermas e Santos são grandes pensadores. Um localizado na respeitabilidade do mundo hegemônico, do contexto americano e europeu, o último filósofo vivo da atualidade.

Santos, está localizado também como um dos maiores pensadores brasileiros. Mas se inscreve também em respeitabilidade nos contextos mundiais. Seus estudos transcendem a ordem da disciplina geografia, para colocá-la a serviço de inúmeras outras formas de pensar o homem na relação com a sociedade.

Ele recebeu o prêmio máximo da geografia, comparado ao nobel da literatura mundial, o prêmio internacional de Geografia Vautrin Lud em 1994.

Com honrarias por todo o mundo e cidadão *honoris causa* na Europa, em diferentes países, na África, Ásia, América e América do Norte, ele pode contribuir com o desenvolvimento de muitos campos do saber nestes diferentes continentes e é uma pena que campos como a psicologia no Brasil sejam *restritos* em não estabelecer conexões mais aprofundadas da noção psicológica social e as dimensões dos seres humanos e a organização da cidade.

Enquanto para a área da saúde e a medicina se esforçam para construir noções de territorialidade, como aspectos importantes que possibilitam dimensionar as estratégias de ação e políticas públicas para o SUS, a partir de um modelo de saúde universal proposto em convenção internacional pela Organização Mundial de Saúde, muitos, na psicologia, sequer ouviram falar de Milton Santos e estranham a dimensão de análise que comporte considerações da geografia.

O trabalho não aprofunda esta importante faceta. Ele apenas abre a discussão com o fim de introduzir a forma de conceber-compreender as identidades negras e jovens dos contextos das metrópoles no cotidiano de agora, às portas do século XXI na sociedade altamente globalizada de maneira perversa.

Por estas duas linhas - filosofia e geografia - os contornos sobre identidade puderam ser ampliados.

E neste sentido optamos pela transcrição simples da vivência dos jovens, as quais nos permitem perceber as configurações que eles desenham em seus retratos. Antagonismos explícitos de suas vidas nos contextos da cidade e nos contextos singulares de si mesmos.

Razões e sentidos que comunicam-se em uma gramática de signos específicos. Suas próprias falas.

Este foi o único compromisso que procurou seguir-se na realização do contexto do trabalho.

Talvez o produto que se apresenta não retrate fielmente a vinculação a este compromisso.

Mas o que procurou-se efetivamente produzir foram caminhos abertos, capazes de levar a outras construções lingüísticas as quais os leitores poderão por si ou em contextos coletivos acrescentar. Procurou-se perceber a *psicoesfera* dos espaços da metrópole que é elemento de configuração e construção da identidade das pessoas no contexto geográfico - cidade.

Isto justifica o início deste texto conclusivo ao retorno dos nomes que figuram no primeiro capítulo da tese como norteadores dos leques possíveis de ampliação do trabalho.

Tais nomenclaturas são apenas marcas de sentidos, que também não significam os únicos prioritários possíveis.

Não se fecha o círculo. Ele é uma espiral que evolui na construção de novos sentidos.

Habermas agradece à guinada lingüística da modernidade os novos eixos para pensar o horizonte da modernidade (1990:17). Ele é ciente e sábio, como a maioria dos filósofos, em não abdicar ou sempre reeleger a dimensão metafísica da filosofia, a qual se transfigura e modifica - *metamorfose* que se encerra - mas não se supera.

Sendo assim, a prima-irmã da filosofia também não nega sua vocação para não encerrar-se perfeita na letra lógica da ciência. Na letra fria dos caminhos certos.

Finalmente, mesmo sendo a sociologia uma ciência mais alinhada que a psicologia, ela parece começar a romper com a sua perfeita consciência.

E enquanto psicólogos sociais da '*escola paulista*', atados ao exercício de uma razão reflexiva e dialógica - caráter filosófico - bem como às dimensões históricas do aporte sociológico, encerramos com o reconhecimento por parte dos sociólogos, da mutação desta lógica apresentada por François Dubet no artigo intitulado *Sentimentos de injustiça, movimentos sociais e "sociedade"*:

"Quando nós os olhamos de perto, os atores sociais fazem em realidade como os sociólogos, eles produzem julgamentos autônomos e plenamente sociais, eles tentam desprender-se com grande esforço de todas as determinações participando das construções de representações de uma sociedade. É neste sentido que eles são os sujeitos e isto se dá porque é aí que eles realizam este trabalho. E é por esta razão que o estudo de sua experiência social não totalmente socialmente socializada é a maneira mais simples e a mais desprovida do perigo de ingressar no coração da vida social" (Dubet, 2007:569)

Isto significa olhar para o sujeito, singularizá-lo para apreendê-lo em sua totalidade, que é também histórica e social.

Se o intento atingiu êxito; isto não sabemos.

O que sabemos, é que a juventude negra e mestiça na geografia do contexto urbano é capaz de iniciar a interpretação histórica entre passado, presente e futuro.

Isto permite possíveis ações de transformação e confrontação gradual deste contexto. Transformação que os jovens vão organizando a partir de uma linguagem singular.

As mensagens que podemos ouvir dos jovens trazidos na pesquisa são: a juventude se esforça para compreender a dialética do contexto vivido; e, neste esforço, acaba por construir sua própria direção, que no interior de si mesma reorganiza sua própria lógica, sua própria crítica. Sua síntese e sua dialética.

Eles caminham para a reflexão.

Eles estão refletindo...

Eles andam em seu próprio tempo e dão pistas de focos esparsos em todo o mundo, mas coesos no contexto.

Eles começam a emergir embora ainda não possuam as respostas.

Eles elaboram o *gesto criativo* de Winnicott.

Ou a *ação comunicativa* de Habermas.

Ou a *superação do Édipo no ingresso do social* de Freud.

Ou ainda a *metamorfose-processo-emancipação* em Ciampa.

Ou como disse o geógrafo Santos, sobre o papel dos pobres na produção do presente e do futuro: *A herança do passado é temperada pelo sentimento de urgência, essa consciência do novo que é, também, um motor do conhecimento. (...) falta-lhes o próprio sistema do mundo, do país e do lugar. Mas a semente de entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia.*

Eles ainda não efetivaram a direção. Mas eles sabem das identidades que iniciam em sua cuidadosa e crescente valorização.

Eles vigiam e observam sua transformação em metamorfose, eles estão um pouco mais próximos de uma efetiva decisão.

Eles ainda esperam, em seu tempo lento, a garantia dos alicerces de seu poder-ação.

Os jovens, também os negros, das periferias das metrópoles, não têm ainda as

determinações específicas dos caminhos, eles os constroem a partir da linguagem, guinada lingüística de Habermas, e a necessidade do exercício da *palavra* - que confere autonomia - em psicanálise. É aí que no trabalho a mesma se inseriu como método. Aparentemente invisível. E talvez, num certo sentido, desqualificado.

Mas resolvemos simplesmente escutar a palavra - linguagem em elaboração de sentido e entendimento de si e do mundo, a palavra sem "clichê"(Marcuse1966:95) - dos jovens. Sem interferir com minuciosas análises de discursos. Forjando algum tipo de '*verdades*'. Incursões na fala. Apagando o *gesto criativo* ou a *gramática originária* dos sujeitos.

Que eles falem por si.

Neste sentido, o método psicanalítico talvez *invisível* no conjunto do trabalho prestou-se a cartografar as geografias psíquicas e identitárias dos sujeitos em seus contextos: a periferia na perversidade da metrópole, que engendra respostas singulares e sociais de sentidos.

Enquanto método procurou inferir nas análises que exigem a participação do intelectual-pesquisador na construção da história dos sujeitos que eles não podem reescrever sozinhos¹⁵⁶, conexões que lhes escapam na decifração do mundo. Mas tais conexões não implicam o prazer de violar os sentidos dos sujeitos. Dando-lhes significados específicos e aparentemente coerente e bem formulados. Dar espaço para o pronunciamento da fala, sempre interdita dos sujeitos '*desiguais*'. Recusando a eficiência das interpretações, como eficientes profetas ou habilidosos letrados '*cientistas*'.

Sob esta condição do método para desvendar cartografias de identidades no contorno da periferia em nosso trabalho, foi preciso escutar os caminhos do geógrafo:

"O terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é este um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou encontrando a verdade, não a dizem. Nesse caso, não se podem encontrar com o futuro, renegando a função principal da intelectualidade, isto é, o casamento permanente com o porvir, por meio da busca incansada da verdade" (Santos, 2001:74).

A psicanálise, assim como a filosofia se compromete com o sujeito. Compromete-se com a transformação da vida humana.

¹⁵⁶ Esta é uma referência de Miriam Debieux a partir das palavras de Piera Aulagnier (1979): Tais análises exigem nossa participação numa construção da história do sujeito que ele não pode reescrever sozinho, in: *Histórias que não se contam - o não dito e a psicanálise com crianças*. São Paulo:Ed. Cabral, 2000, pg.78.

Na perspectiva utópica que isto alicia.

No caráter utópico de acreditar na esperança que os próprios jovens negros das periferias escrevam o futuro por suas próprias vozes.

Por isto escutá-los, foi o que nos cabia. Servindo apenas de suporte para a manifestação de suas vozes.

Esta aparente passividade da pesquisadora, em não interpretar diretamente as respostas dos jovens, não é norteadora de inércia. A postura é a tentativa de oferecer o espaço negado do ambiente construído que pôde traduzir-se em palavra. Palavra surgida apenas no encontro humano que fornece à fala um ouvido.

Sair do silêncio da ausência. Historicamente reservados às classes segregadas, aos não 'benvindos'. Enxergar esses retratos que se esboçam, no território fragmentado da cidade urbana metrópole globalizada.

E como já havíamos iniciado dizendo: ainda não há determinações específicas, eles esboçam lampejos, em todo o mundo, de suas expressões de linguagens, inconformidades, identidades, gramáticas construídas em processos antagônicos diacrônicos com o urbano. Um carretel na linha¹⁵⁷. Um futuro de mutação em franca gestação.

"Slam"

*(...)On s'est armé de nos stylos pour écrire nous-mêmes la suite de toute cette histoire.
(...) nous ne sommes pas bons élèves mais l'envie nous enivre. Alors à ton tour ouvre les yeux, approche-toi et observe avec curiosité. Le souffle et l'enthousiasme d'une brigade de poètes sortis tout droit de l'obscurité.
Ne prends pas ça por de l'arrogance mais on sent que c'est notre heure et ça fait du bien
(...) notre futur est incertain, c'est vrai que ces deux mots là vont toujours de paire. Mais notre jour s'est bien levé, dorénavant il sera difficile de nous faire taire".*

Le jour se lève (Grand Corp Malade - Midi20)

¹⁵⁷ O bebê de Sofia, filha preferida de Freud, brinca com um carretel de linha na mão. Ele começa a brincar quando sua mãe sai por algum tempo, deixando-o sozinho - sem a sua presença. Freud observa o neto e vai assim elaborar a teoria do *fordá*, que em noção muito estreita é a elaboração da angústia de solidão e autonomia do sujeito. O bebê angustia-se com a ausência da mãe e tenta elaborar condição para suportar esta ausência. Em termos de uma psicanálise winnicottiana podemos considerar que o bebê ensaia movimentos de autonomia. Fica angustiado por perceber-se sujeito separado da mãe e que precisa dirigir-se para o encontro com o outro social. O ir e vir do carretel *na linha* é um ensaiar a construção de si no cerne do sujeito nos primórdios da relação de diálogo com a sociedade. A relação de *mim* para com *o outro*. A dialética do sujeito, que para a juventude é o retorno singular da definição deste contexto estruturante. Os dados históricos sobre o bebê da teoria do *fordá* de Freud foram extraídos de sua biografia escrita por Peter Gay em *Freud: uma vida para o nosso tempo*, 1989.

"Slam"¹⁵⁸

*"(...) Nós nos armamos de nossas canetas para escrever por nós mesmos o porvir de toda esta história,
(...) nós não somos bons alunos mas a mensagem é a exaltação sublime de nossas vidas.
Então, ao seu redor, abra os olhos, aproxime-se e observe com curiosidade. A inspiração e o entusiasmo de
uma brigada de poetas saídos diretamente da obscuridade.
Não tome isto como arrogância, mais é chegada a nossa hora, a aurora de nossos dias, e não podemos mais
esperar
(...) nosso futuro é incerto, e é verdade que estas duas palavras hão de caminhar lado a lado. Mas nosso dia
foi bem despertado, de agora em diante será difícil nos fazer calar".*

*O dia se levanta (ou "A aurora de um novo tempo),
Grand Corp Malade - CD Midi 20*

¹⁵⁸ Grand Corp Malade é um grupo musical de "slam" que canta a vida dos jovens negros e população não branca que habitam as periferias de Paris. O slam é um estilo musical original do hibridismo das populações segregadas nos bairros periféricos - *quartiers difficiles e sensíveis* - da diáspora negra e população do Magrebe que lá habitam. O termo 'slam' podemos considerá-lo como uma referência ao islamismo, que é a religião predominante entre as populações negras e não brancas francesas. A França enquanto República dos Direitos do Homem tem por valor irredutível a manutenção de uma sociedade laica. Mas ela é por história de sua população um país forte em termos de tradição católica. A presença do islamismo, dá outras configurações, hibridismos crescentes da população e alterações nas maneiras de vida do país. Poeticamente poderíamos entender o termo 'slam' como uma prece, oração, um mantra, um ponto de candomblé, um jongo, que improvisa a vida, na condição de habitar os territórios segregados e provocar as fronteiras e limites impostos à diáspora. No cenário brasileiro a forma semiótica do estilo musical pode também ser semelhante ao 'repente' nordestino. Hoje eles são um famoso grupo musical, originário desta população, e boa parte da juventude negra, mestiça, não branca e um crescente número de jovens brancos das classes médias decadentes gostam de ouvir. Eles poderiam ser comparados no cenário brasileiro ao rap dos "Racionais MC", com suas peculiaridades, é claro pois que são contextos totalmente diferentes. Mas também são maltratados pela polícia e considerados marginais como demonstrado no filme *La heine - O ódio*, 1995 - que retrata as já emergentes crises de ausência de cidadania em espaço urbano francês, a partir de 1990. David Harvey, em *Espaços de esperança*, 2004, no capítulo "A diferença que faz uma geração", fornece interessante leitura deste filme, além de conectar a noção de cidade e urbano em vários outros filmes que interpreta também sobre a mesma realidade em cidades americanas e inglesas. Esta música neste álbum musical refere-se aos movimentos de revolta denominado "Outono de 2005" na periferia de Saint Dennis. É uma referência direta aos apelos da juventude desprezada e a relação com o Estado francês. Esta música foi impressa como o convite tema de abertura das atividades do Colóquio que apresentou parte da temática desta tese em Paris, *Identité et subjectivité: regards transnationaux sur la jeunesse*, em 23.11.2007. Procuramos realizar uma tradução do sentido do contexto da música, a qual acima representa um pequeno fragmento da extensa letra. Não há correspondência literal de palavras, as quais se assim traduzidas reduziríamos o teor da mensagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena E BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira - análises de uma pesquisa nacional, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- APPARDURAI, Arjun. *Après l'ê colonialismo - Les conséquences culturelles de la globalisation*, Paris, 2005.
- APPARDURAI, Arjun. *Géographie de la colère - La violence à l'âge de la globalisation*, Paris, Payot, 2007.
- AZEVEDO, Elciene. Orfeu de Carapinha - A trajetória de Luiz gama na imperial cidade de São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp, 1999.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Sygmunt. *Comunidade - A busca por segurança no mundo atual*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- BERNADES, Teresinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketo*. Rio de Janeiro: Educ/Pallas, 2003.
- BERNARDES, Terezinha. *Memória em branco e preto. Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Cortez/Educ, 2000.
- BHABHA, Homi. *O local da Cultura*, Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa.. *O tempo vivo da memória - ensaios de psicologia social*. São Paulo Arte Editoria, 2.edição, 2004.
- BOUTANG, Yann Moulier . *La révolte des banlieues ou les habits nus de la république*. Paris: Éditions Amsterdam, 2005.
- CARIGNATO, Taeco Toma, ROSA, Miriam Débitos e FILHO, Raul Pacheco. *Psicanálise, cultura e Migração*, São Paulo, YM Editora, 2002.
- Carnet d'exposition - qu'est-ce qu'un corps? Musée du quai Branly. Paris, 2007.
- CARONE, Yrai e BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Psicologia Social do Racismo -*

- Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil, Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- CARONE, Yrai e BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia Social do Racismo - Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro:Ed. Vozes, 2002.
- CARRIL, Lourdes. *Quilombo, favela e periferia - a longa busca da cidadania*. São Paulo:Annablume, 2006.
- CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia - A longa busca da cidadania*, São Paulo, Annablume, 2006.
- CASTRO, Mary Garcia, ABRAMOVAY, Miriam e SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*, Brasília, Unesco, 2004.
- CESAIRE, Aimé. *Nègre Je suis, Nègre Je resterai - Entretiens avec Françoise Vergès*, Paris, Abiln Michel, 2005.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*.São Paulo:Brasiliense, 2005.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *A Estória do Severino e a História da Severina - Um ensaio de Psicologia Social*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *Identidade Humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*, Revista Interfaces, número 6, São Paulo, 1998.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *Políticas de identidade e Identidades políticas*, in: *Uma psicologia que se interroga – ensaios – São Paulo:Edicom, 2002.*
- _____. *Políticas de identidade e identidades políticas*. in: *Uma psicologia que se interroga*. Dunker, C.I.L. São Paulo:Edicon, 2002.
- _____. *A identidade social como metamorfose humana em busca da emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico*. São Paulo, 2003, in *mimeo*.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro:Ed. Graal, 1986.
- ENDO, Paulo Cesar. *A violencia no coração da cidade - um estudo psicanalítico*. São

Paulo:Fapesp/Escuta.

FANON, Franz. *Peau noire masques blancs*, Paris, Éditions Du Seuil, 1952.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente - Identidade em Construção*, São Paulo, Educ/Pallas, 2004.

FÉRREZ. *Capão Pecado*, São Paulo, Labortexto, 2000.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas Completas*, São Paulo, Imago, 1976.

FREUD, Sigmund.. *Obras psicológicas completas. Volumes. 5, 6 e 10*. Rio de Janeiro:Ed.Delta, 1959.

Georges VIGARELLO. *Histoire du corps: les mutations du regard. Le XXe siècle*. Paris, 2006.

GILROY, Paul.. *O Atlântico negro*. São Paulo:Ed. 34, 2001.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz - Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra*, Belo Horizonte, 2006.

GUATARI, Félix e ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Rio de Janeiro:Vozes, 4. Edição, 1996.

GUATARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo:Ed.34, 1992.

GUATTARI, Félix. *Causeuse - um novo paradigma estético*, São Paulo, Editora 34, 1992.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*, São Paulo, Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito e Discriminação*, São Paulo, Editora 34, 2004.

HABERMANS, Jurgen. *A nova intransparência - A crise do Estado de Bem-estar Social e o esgotamento das energias utópicas*, Revista Novos Estudos Cebrap, número 18, São Paulo, 1987.

HABERMANS, Jurgen. *Entrevista com Habermans - Um perfil Filosófico Político*, número 18, Revista Novos Estudos Cebrap, São Paulo, 1987.

HABERMANS, Jurgen. *La Psicologia Social de Alexander Mitscherlich*, in: *Textos y*

- contextos, Barcelona, Editorial Ariel, 1996.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora - Identidades e Mediações Culturais*, Belo Horizonte, Humanitas, 2003.
- HANOTEAU, Clothilde. *Administration et Gestion: dès Métiers essentiels*, in: *Connexions*, Paris, 2007.
- HARVEY, David. *Espaços da Esperança*, São Paulo, Loyola, 2004.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo:Scipione, 2002.
- IANNI, Octavio. *Pensamento Social no Brasil*, São Paulo, EDUSC/AMPOCS, 2004.
- IANNI, Octávio. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo:Brasiliense, 2004.
- JERUSALINSKY, Alfredo e MEZAN, Renato. *Longe da ortodoxia e do ecletismo*. Debate 33 - Revista Percurso: São Paulo, s/d.
- JOAQUIM, Maria Salete. *O papel da Liderança Religiosa na Construção da Identidade Negra*, São Paulo, EDUC, 2001.
- KING, Martin Luther. *Os melhores discursos de Martin Luther King - Um apelo à Consciência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.
- LAGE, Elisabeth. *Lycéens et pratiques scientifiques - Comment les sciences deviennent une passion*, Paris, L'Harmattan, 1993.
- MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro:Fiocruz, 1996.
- MALIK, Abd al (colaboração Albin Michel) *Qu'allah bénisse la France!* Paris:Espaces libres, 2007.
- metáfora da violência*. Tese de Doutorado em Sociologia - Universidade de São Paulo, 2004.
- MIRANDA, Maria Aparecida . *A beleza negra na subjetividade das meninas: um caminho para as Mariazinhas - considerações psicanalíticas*. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo - Inst. de Psicologia Clínica, 2004.
- MORGAN, Kathryn L. *Filhos de Estranhos - As histórias de uma família negra*, São Paulo,

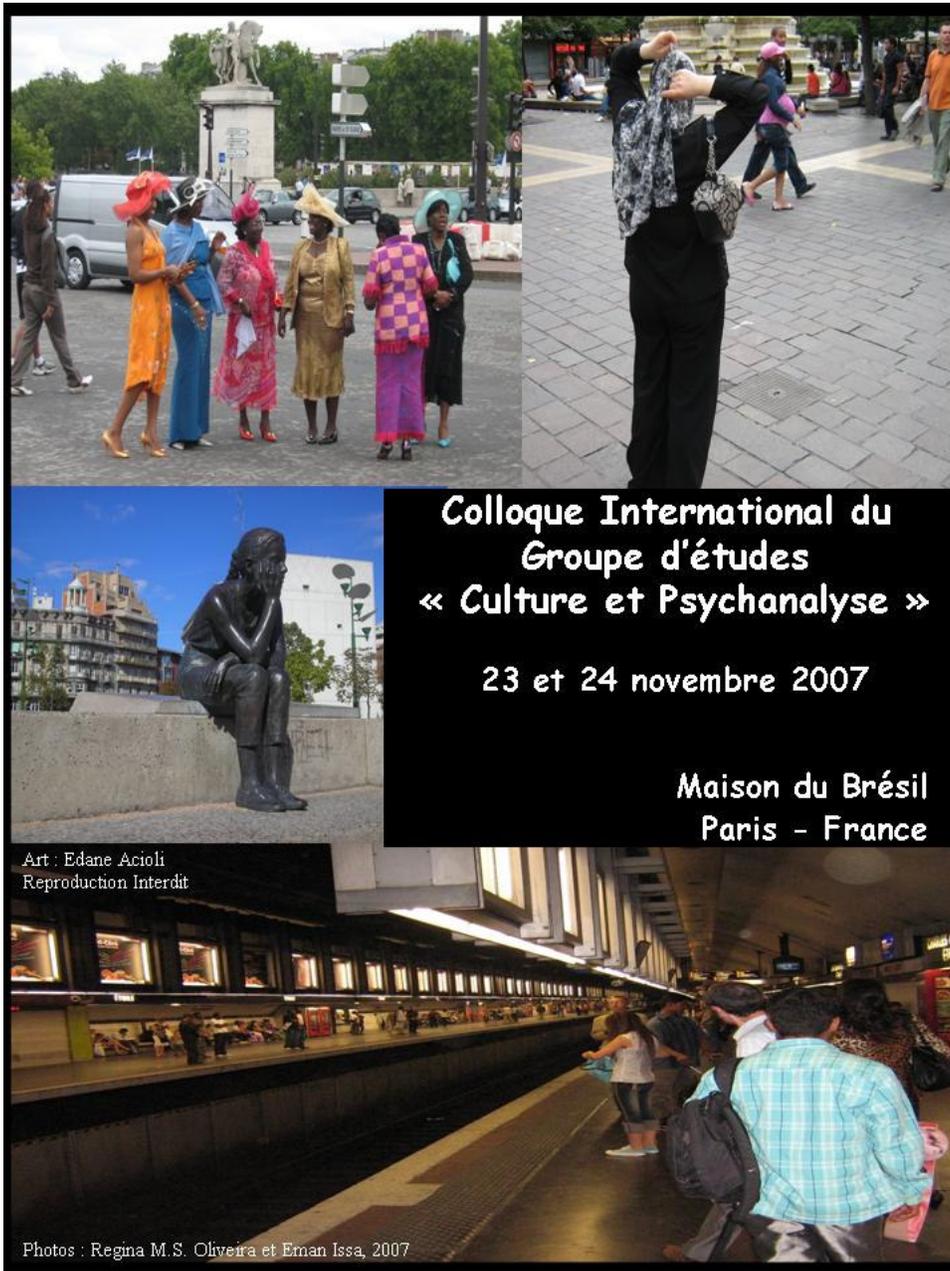
- Terceira Margem, 2002.
- MORTAIGNE, Véronique. La colère civique des rappers, in: Le Monde, Paris, 2007.
- NDIAYE, Pap . *Questions de couleur. Histoire, idéologie et pratiques du colorisme. in: De la question sociale à la question raciale? Représenter la société française.* Fassin et Fassin. Paris:Ed. La Découverte, 2006.
- NETO, João Cabral de Melo . *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta.* Rio de janeiro: José Olympio, 1974.
- NOGUEIRA, Izildinha Batista . *Significações do corpo negro.* Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo.
- NOVAES, Regina e VANNUCHI. Juventude e Sociedade - Trabalho, Educação, cultura e Participação, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. *A presença do negro na cidade: memória e território da Casa Verde em São Paulo.* Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da PUC/SP, 2002.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. Casos de Segregação no Contexto Internacional, mimeo, Paris, São Paulo, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. Os princípios do destino: história da mitologia afro-brasileira, São Paulo, CosacNaify, 2001.
- REIS, Alcides Manoel dos. Candomblé: a panela do segredo, São Paulo, Mandarim, 2000.
- ROLNIK, Raquel. O que é cidade, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- ROSA, Miriam Debieux. Histórias que não se contam - O não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes, São Paulo, Cabral Editora Universitária, 2000.
- SALES, Mione Apolinário. *(In) Visibilidade perversa: adolescentes infratores como*
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, São Paulo, Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização, São Paulo, Record, 2001.
- SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional, São Paulo, Hicitec, 1998.

- SENNET, Richard. Carne e Pedra - O corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2006.
- SÉRON, Thomas. Abd Al Malik - lê rap façon Socrate, in: Conexions, Paris, 2007.
- SILVEIRA, Maria Lúcia da. *Políticas públicas de gênero: impasses e desafios para fortalecer a agenda política na perspectiva da igualdade*. Revista Presença da Mulher, n.45, outubro, 2003.
- SOFOCLES. *Antígona*. São Paulo: Martins Claret, 2002.
- SOFOCLES. *Édipo rei*. São Paulo: Martins Claret, 2002.
- SOUILAMAS, Nacira Guénif. Des Beurettes, Paris, Hachette Littératures, 2000.
- SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.
- SOUZA, Regina Marques de. *Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: contribuições da psicologia social e da psicanálise*. Dissertação de Mestrado em psicologia social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- TÉNÉDOS, Julien. *Entretien avec Michel Wieviorka. Vol. I*. Paris: Odisséia Ed. Aux Lieux d'Être, 2006.
- Todorov, Tzvetan. Les Abus de la Mémoire, Paris, Arlea, 2004.
- ULTRAMARI, Clovis e MOURA, Rosa. O que é Periferia Urbana? São Paulo, Brasiliense, 1996.
- VIGARELLO, Georges. Le propre et le sale - L'hygiène du corps depuis Le Moyen Âge, Paris, Éditions du Seuil, 2005.
- VILLAÇA, Flávio. O que todo cidadão precisa saber sobre Habitação, São Paulo, Global, 1986.
- WACOTT, Derek. La Lumière du Monde, Paris, Circé, 1987.
- WIEVIOKA, Michel. La Violence, Paris, Hachette Littératures, 2005.
- WIEVIORKA, Michel (org.). Les Sciences Sociales en Mutation, Paris, Sciences Humaines, 2007.

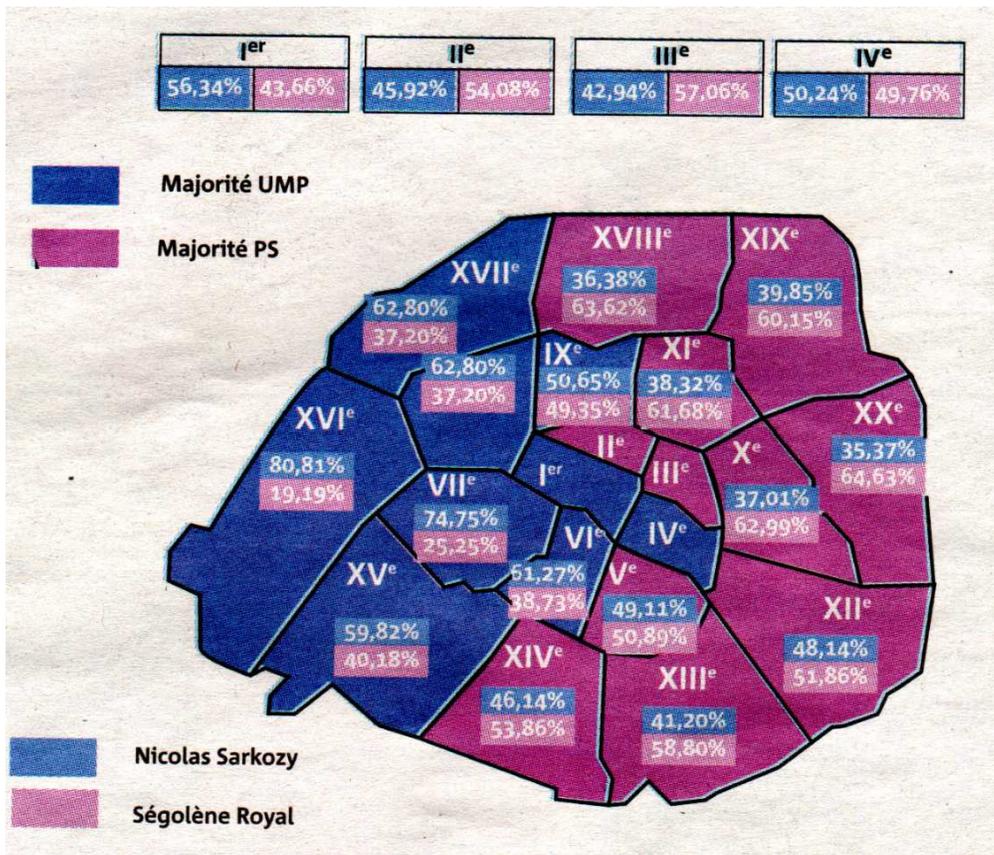
WINICOTT, Donald W. *Privação e Delinquência*, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro:Zahar, 1997.

ANEXOS



Mapa da Eleição para Presidente – França Grande Paris



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)